MAIS DE **6 MILHÕES** DE EXEMPLARES VENDIDOS



O novo fenômeno da literatura internacional

"Uma mistura de **Stieg Larsson**, e **Agatha Christie**"

Daily Mirror

1222

UMA OBRA DE ARTE DO SUSPENSE,
REALMENTE NÃO DÁ PARA PARAR DE LER.

Skånska Dagbladet
Jornal Diário da Suécia

ANNE HOLT

FUNDAMENTO

TÍTULO

ANNE HOLT

1222

(1222 - 2007)

Inspetora Hanne Wilhelmsen #08

Este livro tem uma parte séria,
e muito de diversão, Iohanne.
Por isso é o meu primeiro livro para você.

* * *

ÍNDICE

Capa
Título
Índice
A Autora
Série
Resumo
- *Calma*
- *Aragem*
- *Brisa Leve*
- *Brisa Fraca*
- *Brisa Moderada*
- *Brisa Forte*
- *Vento Fresco*
- *Vento Forte*
- *Ventania*
- *Ventania Forte*
- *Tempestade*
- *Tempestade Violenta*
- *Furacão*

Considerações Finais

* * *

A AUTORA

ANNE HOLT é uma escritora norueguesa de política e novelas policiais. Nasceu em Larvik, em 16 de novembro de 1958. Cresceu em Lillestrøm e em Tromsø, e se mudou para Oslo em 1978 onde reside atualmente com seu par Anne Christine Kjær e sua filha Iohanne. Formou-se em direito pela Universidade de Bergen em 1986, e trabalhou para a Corporação de Radiodifusão Norueguesa (NRK) no período 1984-1988. Depois no Departamento de Polícia de Oslo durante dois anos. Em 1990 trabalhou como jornalista e editora-chefe de telejornais em um canal de televisão norueguês. Abriu seu próprio escritório em 1994, e foi Ministra da Justiça no governo de Thorbjørn Jagland durante alguns meses (Novembro/1996-Fevereiro/1997). Demitiu-se por problemas de saúde.

Fez a sua estreia como novelista em 1993 com a novela **BLIND GUDINNE (A DEUSA CEGA)**, cuja protagonista era a detetive de polícia lésbica Hanne Wilhelmsen, e sobre a qual já se publicaram oito títulos. Duas de suas novelas, **LØVENS GAP** e **UTEN EKKO** foram escritas com a colaboração de Berit Reiss-Andersen. Com **DET SOM ER MITT EM (CASTIGO)**, iniciou uma nova série, protagonizada pela profiler Inger Johanne Vik e o comissário Yngvar Stubø. Suas novelas, publicadas em mais de 25 países, converteram-na em uma das referências da atual novela escandinava.

* * *

LIVROS DA SÉRIE INSPETORA HANNE WILHELMSEN

1. *1993; Blind Gudinne; Blind Goddess*
2. *1994; Salige er de Som Tørster; Blessed Are Those Who Thirst*
3. *1995; Demonens Død; Death of the Demon*
4. *1997; Løvens Gap; The Lion's Mouth*
5. *1999; Død Joker; Dead Joker*
6. *2000; Uten Ekko; Without Echo*
7. *2003; Sannheten Bortenfor; The Truth Beyond*
8. *2007; 1222; 1222*

* * *

RESUMO

A 1222 METROS sobre o nível do mar, duzentos viajantes de um trem preso na neve se preparam para passar a noite em um velhíssimo hotel de montanha enquanto cai sobre eles a pior tormenta de neve da história da Noruega. Mas não é a tormenta o maior perigo da noite. Quase em seguida um dos passageiros aparece morto, assassinado. Presos como estão, a inspetora de polícia aposentada Hanne Wilhelmsen se esforçará em encontrar o culpado antes que este volte a atacar. Mas Hanne também terá que vencer os seus próprios demônios. Sua particular busca da verdade já lhe custou o amor de sua vida, sua carreira no Departamento do Ministério da Justiça assim como um tiro nas costelas…

Será prudente continuar investigando por conta própria? Ou seria melhor esperar que cheguem reforços? Enquanto isso crescem os rumores de que o trem transportava una carga secreta. Por que o último vagão está fechado? E por que está selada a entrada do último andar do hotel? E, sobretudo, o assassino voltará a agir?

* * *

Calmo

NA ESCALA DE BEAUFORT - CALMO

Velocidade do vento: 0,0 – 0,2 m/s.
Os flocos de neve caem mais ou menos na vertical, normalmente em um movimento pendular.

COMO O MAQUINISTA foi o único que morreu, não se pode falar de catástrofe. Quando devido a um fenômeno meteorológico que contínuo sem entender totalmente, o trem descarrilou e não entrou como devia no túnel de Finsenut, havia 269 pessoas a bordo. Um maquinista morto constitui só uns 0,37 por cento do número total do grupo. Levando em conta as circunstâncias, fomos muito afortunados. Ainda que no choque houvesse muitos feridos, na maioria foram ferimentos leves: pernas ou braços quebrados, traumatismos, arranhões, machucados diversos e pequenos cortes; apenas uma pessoa no trem não ficou fisicamente marcada pelo choque, foi como eu já falei, a única vítima mortal. Mas, pelos gritos que atravessaram o trem nos minutos seguintes ao acidente, parecia que acontecera uma grande catástrofe.

Permaneci muito tempo sem falar com ninguém. Estava convencida de que era uma dos poucos sobreviventes, e, além disso, tinha nos braços um bebê desconhecido. Chegou-me pelo ar vindo de trás quando acontecera o choque, me roçou o ombro e bateu contra a parede que havia bem na frente da minha cadeira de rodas, antes de aterrissar sobre os meus joelhos com um suave golpe. Em um ato reflexo abracei o vulto, que não parava de chorar. Voltei a respirar e notei o seco

aroma a neve. A temperatura caiu em um espaço de tempo assustadoramente breve, passando de um desagradável calor estático a um frio desses que causam danos por congelamento. O trem se inclinou. Não muito, mas o bastante para que começasse a me doer um ombro. Estava sentada na parte esquerda do compartimento, e era a única usuária de cadeira de rodas de todo o trem. Uma parede de um branco acinzentado fazia pressão contra a janelinha do meu lado. De repente compreendi que nos salvaram as enormes quantidades de neve; sem elas, o trem teria virado.

O frio era paralisante. Em Hønefoss, a cinquenta quilômetros de Oslo, havia retirado o casacão. Agora usava só um casaco e blusa e apertava contra o meu peito o bebê, enquanto constatava que estava nevando dentro do compartimento. Tinha a pele desnuda dos braços tão fria porque os flocos que caíam pousavam nela num gelado segundo, antes de se derreter. Todas as janelinhas do lado direito do vagão haviam se quebrado.

O vento devia ter aumentado nos escassos minutos transcorridos desde que o trem havia se detido na estação de Finse para que os passageiros subissem e descessem. Só haviam descido dois. Certo é que havia prestado atenção em como se encolhiam contra o temporal quando percorriam a plataforma em direção à entrada do hotel, mas não parecia pior que o mal tempo habitual na alta montanha. Ali sentada, com o meu casaco envolvendo o bebê, e incapaz de alcançar o meu casacão, temia que o vento ficasse tão forte e a neve tão fria que pudéssemos morrer congelados em pouco tempo. Inclinei-me o melhor que pude sobre o bebê. Agora, ao voltar os olhos para trás, não saberia dizer quanto tempo permaneci ali sentada, sem me dirigir a alguém, sem dizer nada, com os gritos dos outros passageiros como fragmentos desconexos de som no compacto rugido do vendaval. Talvez se tivessem se passado dez minutos. Provavelmente só alguns segundos.

— Sara!

Uma mulher nos olhou colérica, a mim e ao bebê, que era todo rosa, desde a camisola até as minúsculas calças. Também os pequenos punhos que eu tentava proteger com as mãos e o rostinho furibundo que não parava de chorar tinham uma delicada cor rosada. O rosto da mãe, em troca, estava vermelho com o sangue. Um profundo corte em sua testa sangrava copiosamente. Isso não a impediu, não obstante, de me arrancar a criança. O meu casaco caiu no chão. A mulher envolveu o bebê em uma manta com tanta habilidade e rapidez que não poderia se tratar de seu primeiro filho. Cobriu a cabecinha com a manta, apertou-a contra o peito e me gritou em tom acusador:

— Eu caí! Estava na parte dianteira do vagão, e nesse momento eu caí.

— Está tudo bem, disse eu, depressa; tinha os lábios tão rígidos que me era difícil falar. — Sua filha, pelo que parece, está ilesa.

— Eu caí, soluçou a mãe, tentando dar chutes sem me alcançar. — Sara também caiu!

Liberada do pesado bebê, eu apanhei o casaco e o vesti. Ainda que estivesse a caminho de Bergen, onde me esperavam uma chuva torrencial e dois graus de temperatura, havia trazido apenas um leve casaco. Sem um gorro, colocara um grande lenço ao redor da cabeça. Não trouxera luvas.

— Relaxe, disse colocando as mãos nas mangas do casaco. — Sara está chorando. É um bom sinal, creio. Pior é que...

Fiz um gesto em direção a sua testa. Ela ainda não tinha notado. A criança continuava chorando, e não se deixava tranquilizar, apesar de que a mãe tentava protegê-la do frio com o seu casacão de pele demasiado estreito. O sangue continuava escorrendo da testa e me atreveria a jurar que congelava antes de chegar ao chão inclinado, que já estava escorregadio de neve, sangue e gelo. Alguém havia pisado numa caixinha de suco de laranja. Um pedaço de gelo amarelo jazia como uma enorme gema de ovo no meio da brancura.

No meu corpo não entrava calor. Ao contrário, era como se a roupa piorasse a situação. É certo que o intumescimento estava desaparecendo pouco a pouco, mas era substituído por uma aguda dor. Tremia tanto que tive que apertar os dentes para não machucar a língua. Sobretudo queria virar a cadeira de rodas, para ver de onde vinham os gritos, o choro de uma mulher que devia estar bem atrás de mim e a cascata de maldições e blasfêmias vindas de uma voz que soava como se pertencesse a um adolescente. Queria descobrir se haviam mortos, da magnitude das lesões dos sobreviventes, e de se seria possível tapar as janelas nos lugares por onde estava entrando o vento.

Queria me virar, mas era incapaz de retirar as mãos das mangas do casaco. Queria olhar o relógio, mas não suportava a ideia do frio na pele. O tempo estava totalmente confuso como os torvelinhos de neve fora do vagão, um caos cinzento com raios azuis vindos dos tubos das lâmpadas fluorescentes do compartimento, que já haviam começado a piscar. Não entendia como podia fazer tanto frio. Devia ter se passado mais tempo desde o choque do que eu pensava. Devia fazer mais frio do que o maquinista havia informado pelos alto-falantes ao entrar na estação de Finse. Havia advertido aos fumantes que estávamos a vinte graus abaixo de zero e não era momento de aproveitar os dois minutos da parada para fumar na plataforma. O homem devia de ter se equivocado. Já estivera muitas vezes à vinte graus abaixo de zero. E nunca o sentira como desta vez. Fazia um frio mortal, e meus braços se negaram a obedecer quando por fim decidi olhar o relógio.

— Olá!

Um homem acabava de forçar as portas automáticas de vidro que ficavam junto às prateleiras para a bagagem. Estava com as pernas separadas no chão inclinado, usava traje de moto de neve, um enorme gorro de pele e um par de óculos alpinos amarelos.

— Vim resgatá-los! Gritou no dialeto do lugar, descendo os óculos até o pescoço. — Mantenham a calma! O hotel é aqui ao lado!

Não conseguia pensar o que podia fazer um só homem em um compartimento cheio de gente gemendo. Mas, foi como se a sua mera presença tivesse um efeito tranquilizador em todos nós. Até o bebê de rosa parou de chorar. O jovem que proferia maldições sem parar desde o choque gritou a última:

— Merda, já era hora de vir alguém! Cago na mãe que o pariu! E com isso se calou.

Pode ser eu que tivesse adormecido. Talvez estivesse a ponto de morrer congelada. Ao menos o frio já não me irritava tanto. Tinha lido sobre isso. Ainda que não queira dizer que notara esse calor agradável e sonolento que segundo dizem inicia a morte por congelamento, o certo é que não os dentes já não tocavam castanholas. Era como se meu corpo tivesse decidido mudar de estratégia. Já não queria lutar e tremer. Notava como um músculo após outro cedia e relaxava. Ao menos na parte do corpo onde ainda tenho mobilidade. Não sei com certeza se adormeci. Mas existe algo que não lembro. Nosso salvador deve ter ajudado muitos feridos antes que eu despertasse sobressaltada.

— Que diabos...

Estava inclinado sobre mim. Sua respiração me queimava a face, e acho que sorri. No mesmo instante se pôs de joelhos e observou detidamente os meus joelhos. Ou na realidade foi a minha perna que olhou.

— É paralítica? Tem as pernas paralisadas? De antes, quero dizer. Não tive vontade de lhe responder. — Johan! Gritou de repente, sem se levantar. Johan! Venha aqui!

Isso significava que já não estava sozinho. Ouvi o motor de um carro através da ventania, e com as lufadas do vento vindo de fora entrou um suave aroma de gases de tubo de escape. O ruído ia e vinha, se ouvia cada vez mais forte, para em seguida desaparecer, o que me fez pensar que havia muitas motos de neve chegando. O tal Johan se

colocou de joelhos e coçou a barba ao ver o que o seu companheiro apontava.

— Tem a perna atravessada por um bastão de esquiador, disse por fim.

— O quê?

— Tem um bastão de esquiador lhe atravessando a perna. Balançou a cabeça fascinado. — A rodinha se quebrou com o golpe e pressiona as pernas, mas é o próprio bastão... De repente não era capaz de lhe ver a cabeça. — Está saindo uns vinte centímetros do outro lado! Gritou. — Sangrou. Na realidade sangrou muito. Tem frio? Quero dizer... Tem mais frio que o normal...? Parece que o bastão está algo torcido, de modo que...

— Não podemos arrancá-lo, disse o homem dos óculos alpinos em uma voz tão baixa que apenas podia ouvi-la. — Se fizermos isso ela morrerá, pois perderá sangue demais. Que idiota colocou aqui dentro um par de bastões?

Olhou ao seu ao redor com gesto de reprovação.

— Teremos que levá-la em seguida, Johan. Mas o quê faremos com o bastão? Não me lembro de mais nada.

Das 269 pessoas que estavam no trem número 601 que vinha de Oslo e se destinava a Bergen, na quarta-feira 14 de fevereiro de 2007, só morreu uma. Era o maquinista que conduzia o trem, e seguramente não teve tempo de se dar conta do que estava acontecendo antes de morrer. Não chocamos contra a montanha em si. Ao pé da montanha de Finsenut, um tubo de concreto perfura a rocha, como se alguém tivesse pensado que o túnel de mais de dez quilômetros não fosse suficientemente longo e precisasse que adicionassem uns metros de feio cimento na bonita paisagem do lago de Finse. A investigação posterior mostraria que o descarrilamento aconteceu a uns dez metros da abertura do túnel. A causa foi uma extensa formação de gelo nas vias. Muitos tentaram me explicar como pôde acontecer algo assim. No transcurso da hora prévia ao acidente passaram dois trens cargueiros na direção

contrária. Se eu entendi bem, haviam levado o ar mais quente do túnel ao de fora cada vez mais frio, mais ou menos como na bomba de uma bicicleta. Como o ar frio tem menos capacidade que o ar quente de conservar a umidade, a água condensada dentro se convertera em gotas que caíram no chão em forma de gelo. E mais gelo. Tanto gelo que nem sequer o peso de um trem consegue quebrá-lo a tempo. A posteriori, pensei que o tubo de concreto, cuja finalidade então fui incapaz de entender, fora colocado ali para assegurar um esfriamento gradual do ar dentro do túnel. Até agora ninguém conseguiu me dizer se tenho razão ou não.

Não entendo como um fenômeno meteorológico que é conhecido desde tempos imemoriais pode ocasionar o descarrilamento de um trem em uma via férrea que está funcionando desde 1909. Vivo em um país de incontáveis túneis. Os noruegueses deveriam ser doutores em assuntos de neve, gelo e ventanias na montanha. Mas neste milênio de alta tecnologia, com aviões e submarinos atômicos, colocação de veículos em Marte, clonagem de animais e cirurgia a laser de precisão nanométrica, algo tão simples e natural como o ar de um túnel unido a uma ventania invernal na montanha pode fazer descarrilar um trem e jogá-lo contra um enorme tubo de concreto. Não entendo.

Mais tarde o acidente recebeu o nome de Catástrofe de Finse. Como de fato não se tratou de uma catástrofe, mas sim de um acidente importante, cheguei à conclusão de que essa denominação se deve a tudo o que aconteceu em e ao redor da estação ferroviária, a 1.222 metros sobre o nível do mar durante as horas e dias seguintes ao choque, enquanto o vendaval se convertia no pior de sua espécie em mais de cem anos.

Quando voltei a mim jazia no chão de uma deteriorada recepção de hotel. Um desagradável e intenso aroma de lã úmida e ensopado de carne me entrava pelo nariz. Bem em cima do meu rosto, uma rena dissecada olhava para o vazio com olhos de vidro. Sem ver, intuí que a sala estava cheia de gente; gente chorando, gente muda ou falando com agitação. Tentei me levantar lentamente.

— Não faça isso, disse uma voz que reconheci do trem.
— Tenho que ir embora, disse ofuscada para a rena.

O homem do traje azul de moto entrou de repente em meu campo visual. Pela maneira como se inclinava, com a cabeça entre o meu corpo e o animal, parecia ter chifres.

— Ficará aqui um tempo, disse com um sorriso. — Como todos os demais. Meu nome é Geir Rugholmen. E o seu? Não respondi.

Não tinha intenção alguma de fazer novas amizades nessa viagem. Certamente, Finse não estava ligada por estrada com o mundo exterior. A histórica estrada de Rallar está fechada ao tráfico normal de automóveis inclusive no verão. No inverno é, no melhor dos casos e em dias de bom tempo, uma pista para as motos de neve. Ainda com os restos de um trem no meio da via de Bergen, e um vendaval que parecia que arrefecia, eu continuava pensando que era só uma questão de tempo que chegassem as enormes máquinas de tirar neve do Ferrocarril Nacional Norueguês vindas de Haugastrl ou Ustaoset, ao este da região. Eu não chegaria a Bergen no momento, mas tampouco ficaríamos muito tempo em Finse. Talvez umas horas. Nenhuma razão para fazer novos amigos.

Entre os passageiros do trem acidentado, oito eram ser médicos, uma feliz super-representação dessa profissão devido a que sete deles iam participar de um congresso sobre tratamento de queimaduras no Hospital Universitário de Haukeland. Também eu me dirigia para lá quando o trem descarrilou. Não para participar do congresso de queimaduras, claro, mas para consultar um especialista norte-americano em sequelas de fraturas da coluna. Desde que em uma noite de Natal de 2002 levei um tiro nas costas que me deixou paralítica da cintura para baixo, o resto do corpo começou também a apresentar problemas. Demorei algum tempo em me dar conta de que não ouvia tão bem como antes. Quando o tiro me alcançou, caí no chão e bati a cabeça, e os médicos concluíram que com essa caída danifiquei o nervo auditivo.

Não tem importância. Não dependo em absoluto de um aparelho de audição. Sobretudo porque raramente falo com outras pessoas e porque os televisores têm um botão com o qual se pode subir ou abaixar o volume.

Mas às vezes me custa respirar. De vez em quando noto uma pontada espasmódica na região lombar. Coisas assim. Pequenas, em minha opinião, mas me deixei convencer. Diziam que esse americano era fabuloso. Assim então, sete dos oito médicos do trem eram especialistas em um tipo de machucado que não nenhum de nós sofria. O oitavo, ou a oitava, uma mulher de sessenta e tantos anos, era ginecologista.

A mim me tratou o anão. Não devia medir mais de um metro e quarenta de altura. Por outro lado, media tanto de largura quanto de altura, tinha uma cabeça demasiado grande para o corpo, e os braços mais curtos que jamais vi, inclusive em um anão. Tentei não olhá-lo fixamente.

Quase nunca saio de casa. Deve-se a muitas coisas, uma delas é que não suporto que as pessoas me olhem. Levando em conta que sou uma mulher de mediana idade e de aspecto normal numa cadeira de rodas, e que por tanto não deveria ser especialmente interessante a alguém, não me custava muito imaginar como devia passar esse homem. Pensei isso quando o homem veio até mim. Alguém havia me colocado uma almofada debaixo da cabeça e já não estava mais obrigada a ficar vendo o focinho da rena, onde a pele havia desaparecido e umas rudimentares costuras revelavam o trabalho pouco profissional do taxidermista. Quando o médico de curta estatura atravessou a habitação com um curioso balançar ao caminhar, se abriu um sulco como quando Moisés dividiu o Mar Vermelho. Todas as conversas silenciaram, inclusive os gemidos e os gritos de dor foram se apagando à sua passagem. Todos o olharam boquiabertos. Fechei os olhos.

— Mmm, disse se ajoelhando junto a mim. — O que temos aqui?

Sua voz era surpreendente grave. Dado que seria sumamente descortês não olhar ao médico quando ele estava falando comigo, e, com os olhos fechados poderia indicar, além disso, que me sentia pior do que estava, os abri.

— Magnus Streng, disse, apertando a minha relutante mão direita com uma mão grande e redonda.

Murmurei seu nome, e não pude evitar de pensar que os pais do médico deviam ter um sentido de humor algo peculiar. Magnus. O grande. Olhou-me um instante com os olhos entornados e levantou o dedo indicador. Em seguida seu rosto se dissolveu em um amplo sorriso.

— A mulher policial, disse com grande entusiasmo. — Você é a que levou um tiro em Nordmarka há alguns anos, não é? Por aquele...

De novo seu rosto mostrou uma expressão caricaturesca e pensativa. Desta vez colocou o dedo sobre a testa antes de sorrir ainda mais:

— Por aquele chefe de policia corrupto, não é? Algo houve de...
— Isso já faz muito tempo, interrompi. — Tem boa memória.

Refreou o sorriso e se concentrou em minha perna. Até esse momento não havia notado que o onipresente Geir Rugholmen havia se sentado ao lado do doutor. Já não usava o traje de moto. Seu casaco de lã devia de datar da guerra. Os cotovelos desnudos sobressaíam pelas mangas. A calça bombacha teria sido azul em outros tempos, mas estava tão gasta que tinha uma cor acinzentada escura. O homem cheirava a fumaça de fogueira.

— Onde está a minha cadeira? Perguntei.
— O bastão saiu por si só, explicou Geir Rugholmen ao médico, enquanto ajeitava bem o fumo que mascava com a língua. — Não queríamos tirá-lo, mas tivemos que cortá-lo ao longo da ferida antes de

transportá-la até aqui. Então simplesmente... Simplesmente saiu por sua conta. Mas já não sangra muito.

— Onde está a minha cadeira? Voltei a perguntar.

— Sei que o bastão deveria ter ficado lá dentro, mas... Prosseguiu Rugholmen.

— Onde está a cadeira dela? Perguntou o doutor Streng sem tirar o olho da ferida.

Havia me rasgado a perna da calça e tive a sensação de que suas mãos eram rápidas e precisas, apesar do tamanho e da forma.

— A cadeira? A cadeira de rodas? No trem.

— Quero a minha cadeira, insisti.

— Mas como vamos voltar lá e...?

O doutor levantou os olhos. Apanhou do bolso do peito uns óculos enormes com armação de concha, os colocou e disse em voz baixa:

— Agradeceria que alguém fosse apanhar a cadeira de rodas desta senhora. O quanto antes melhor.

— Mas sabe o tempo que faz lá fora? Sabe que...?

O dedo indicador, já não tão cômico, empurrou os óculos sobre o nariz antes que o doutor cravasse o seu olhar em nosso salvador.

— Apanhe a cadeira. Agora mesmo. Creio que você também se sentiria muito incômodo se as suas pernas tivessem ficado no compartimento de um trem, enquanto era transportado para fora dali sem poder fazer nada. Já que vi você e os seus estupendos colegas trabalhar no vendaval, suponho que será relativamente fácil trazer aqui algo tão importante para nossa amiga.

De novo aquele amplo sorriso. Tive a sensação de que o homem o usava conscientemente. Quando no transcurso da conversa começava a esquecer dessa figura de circo, ele se ocupava em seguida de voltar a me

recordar. Sua boca nem sequer precisava da tradicional pintura vermelha, pois os seus lábios eram muito grossos. Tudo era muito confuso. Geir Rugholmen se levantou de má vontade, murmurou algo e foi até o cabide, onde havia deixado a sua roupa de neve.

— Um homem da montanha, disse o doutor Streng alegremente seguindo-o com o olhar. — E esta ferida tem um aspecto fabuloso. Teve sorte. Com uma boa dose de antibióticos, para maior segurança, tudo terminará muito bem.

Ergui-me. Não demorei mais que uns segundos em ver a minha perna.

— Tivemos muita sorte, disse em voz baixa, colocando de novo os óculos no bolso. — Isto poderia ter acabado muito pior.

Não sabia bem se ele se referia à minha ferida ou ao acidente em si. Sacudiu as mãos como se eu estivesse cheia de pó. Em seguida foi se contorcendo até o paciente seguinte, um assustado garoto de uns oito anos, com o braço colocado numa tipoia provisória. Enquanto tentava ir até o mostrador da recepção com o fim de apoiar as costas, um homem se colocou com as pernas separadas no meio da grande sala. Vacilou uns instantes, antes de tomar impulso sobre uma cadeira e dar um salto até a mesa rústica, de uns cinco ou seis metros de comprimento, colocada sob as janelas que davam para o sudoeste. Devido ao seu considerável sobrepeso, esteve a ponto de cair. Quando recuperou o equilíbrio, vi quem era. Levava ao pescoço um lenço vermelho e branco do clube de futebol Brann.

— Queridos amigos, disse com uma voz que parecia estar acostumada a falar em público, — Todos nós acabamos de passar por uma experiência traumática!

Parecia realmente entusiasmado.

— Claro, pensemos principalmente na família de Einar Holter. Einar Holter conduzia hoje nosso trem. Eu não o conhecia pessoalmente, mas chegou ao meus ouvidos que era um homem familiar, um homem querido...

— Sua família ainda não foi informada de seu falecimento, interrompeu uma mulher em voz muito alta no outro lado da sala. De meu lugar não podia vê-la, mas já gostava dela. — Não é muito apropriado fazer um discurso comemorativo nestas condições, prosseguiu a mulher. — Parece-me...

— Está bem, disse o homem que havia subido à mesa levantando as mãos para a gente, em um exagerado gesto de bendição. — Simplesmente pensei que seria bom, agora que nos encontramos a salvo e não há ninguém ferido com gravidade, que...

— O Brann é uma merda! Gritou alguém, e reconheci em seguida ao descarado rapaz do meu compartimento.

O homem que subira à mesa sorriu e abriu a boca para dizer algo.

— O Brann é uma merda, repetiu o jovem, e se colocou a entonar o hino de seu time futebolístico, o Vålerenga.

— Ótimo, disse o homem do lenço do Brann com um gesto de satisfação. — Alegro-me em ver a juventude. No geral, parece que aqui dentro tudo está se ajeitando, e lá fora também, por certo. Apontou vagamente para a entrada. — Eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo lá fora.

O tipo quase me dava pena. A gente se ria entre dentes. Alguns assoviavam baixo, como se não se atrevessem de todo a se dar a conhecer, mas quisessem mostrar o seu desprezo. É provável que o homem se deixasse influir por eles. Ao menos quando tentou concluir suas palavras havia abandonado o tom alegre de aleluia.

— ... Para os que quiserem assistir, terá lugar um pequeno culto de um quarto de hora no salão da lareira. Se alguém precisar ajuda para descer as escadas, é só pedir. Não acho que seja o único...

— Cale-se!

O menino não desistia. Havia se levantado. Encontrava-se a só um par de metros de onde eu estava sentada, e havia colocado as mãos diante da boca em forma de megafone.

— Escute, eu disse em tom severo. Escute!

O jovem se virou para mim. Não devia de ter mais de quatorze anos. Seu olhar me foi dolorosamente familiar. Talvez já saibam. Talvez por isso sempre tentem esconder os olhos, sob a franja ou entornando as pálpebras. Aquele menino cobria demasiado a testa com o gorro.

— Escute, eu disse novamente, lhe fazendo um sinal com a mão para que se aproximasse. — Venha cá. Cale-se e venha cá. Ele não se moveu. — Quer que conte a todos os presentes por que está aqui, ou vai se aproximar mais? Para que possamos manter certa... Discrição?

Deu um passo vacilante até mim e parou.

— Venha aqui, disse em um tom um pouco mais amável desta vez. Um passo mais. Outro. — Sente-se.

O menino apoiou as costas contra o mostrador da recepção, se deixando cair lentamente sobre o traseiro. Abraçou os joelhos e não me olhou.

— Está fugindo, constatei em voz baixa, em lugar de perguntar. — Vive em uma instituição de proteção de menores. Já esteve em várias famílias de acolhimento, mas sempre jogou tudo à merda.

— Besteiras, ele murmurou.

— Na realidade, não pretendo discutir com um adolescente como você, que viaja só. Ou acaso faz parte de uma encantadora família que está dando uma volta pelo vendaval? Pode me apontar com quem viaja?

— Não tenho catorze.

— Treze, então.

— Tenho quinze, merda, disse, e bufou.

— Talvez dentro de um ou dois anos.
— Em janeiro! Há um mês! Quer uma prova?

Sacou furibundo a sua carteira de uns jeans demasiado grandes. Era de náilon imitando camuflagem e a usava presa ao cinto com uma corrente. Quando apanhou um cartão de banco vi que mordia as unhas até sangrar.

— Vamos, disse sem olhá-lo. — Cartão de banco e tudo. Então digamos quinze. Agora me escute. Como se chama?

O jovem tinha tão pouco interesse em fazer amigos de inverno quanto eu.

— Como se chama? Repeti antes de ver o nome que estava no cartão, no momento em que voltou a colocá-lo na carteira.

Olhava em silêncio e distraído desde debaixo da viseira de seu gorro. Ao seu ao redor flutuava um cheiro estranho, como se tivessem lavado a roupa sem se preocupar em secá-la bem antes de colocá-la no armário.

— Adrian, disse desalentada. — Agora lhe direi uma coisa.

O jovem estremeceu, passou a mão pelo gorro e me olhou fixamente durante três longos segundos. Adrian tinha quinze anos. Eu não sabia nada dele, e ao mesmo tempo sabia tudo. Não era capaz de lutar contra ninguém; sob essa roupa demasiado grande não devia pesar mais de cinquenta quilos. Um ladrãozinho com certeza, e eu estava convencida de que se encontrava já nos inicios de um autodestrutivo consumo de drogas. Um pequeno e miserável delinquente de quinze anos que ainda não havia aprendido a ocultar o olhar.

— Você é vidente? Como pôde...?
— Sim, sou vidente. E agora vai ficar calado. Está ferido? Apenas moveu a cabeça. Interpretei como um não.

— Aqui está a sua cadeira!

Geir Rugholmen trazia consigo um sopro gelado. Nesse momento me dei conta, por fim, que a recepção estava ficando vazia.

— Precisaremos encontrar um quarto para você também, disse enquanto montava a cadeira de rodas com assombrosa perícia. — A maior parte já conseguiu uma cama no hotel. Também usamos os apartamentos particulares. Fez um gesto indeterminado em direção à escadaria, antes de montar a última roda da cadeira. — Por sorte, o hotel se encontrava quase vazio quando aconteceu o acidente. Não estamos precisamente na alta temporada. Ainda falta um pouco para as férias de inverno. Isso teria sido pior! Os mais jovens e os idosos em melhor estado foram levados para as casas mais próximas à estação. E agora teremos que encontrar um lugar para...

Interrompeu-se a si mesmo e olhou para Adrian com os olhos entornados.

— Viajam juntos? Perguntou algo cético.
— De certo modo sim, respondi. — No momento.
— Creio que tenho lugar para você em um dos quartos mais próximos. Já tem duas pessoas ali, mas com um colchão no chão, essa criança também pode...
— Então comecemos! Gritou o homem do lenço do Brann, tentando chamar a atenção de uns jovens que estavam sentados junto à mesa de jantar, degustando algo parecido a um ensopado de carne, mas que em seguida me explicariam que se chamava sopa de vagabundo. — Nos reuniremos aqui em baixo, amigos! Também podemos oferecer café e sanduíches!

Era óbvio que a resposta do público não estava sendo a esperada. O pastor agarrou pelo braço a uma mulher que passava por ali, mas a soltou imediatamente ao se dar conta de que o que ele havia tomado por um casaco com capuz era na realidade um hiyab. Os jovens continuavam comendo em silêncio. Não tinham pressa. Ou melhor,

bem ao contrário; sem olhar sequer em direção ao pastor, se serviram lentamente de mais sopa. Alguns começaram a cantar uma enervante e engraçada música infantil. Uma jovem riu entre dentes.

— Alguém pode dar um tiro na testa desse fodido cura? Murmurou Adrian antes de levantar a voz. — Eu não vou dividir quarto com ninguém! Ouviu? Nem de brincadeira.

Acercou-se com arrogância à mesa e se deixou cair sobre uma cadeira a mais afastada possível das demais. Geir Rugholmen coçou a sua barba de três dias, fechada e de um negro azulado.

— Um tipo duro, esse seu pequeno amigo. Fez um gesto de mão para ajudar a me levantar.

— Não, disse. — Consigo sozinha. O garoto não é meu amigo.

— Melhor para você.

— Ignore-o.

— Vou fazer o que puder. Não quer que...?

— Não!

Minha voz se tornou mais brusca do que o necessário. O que me acontece às vezes. O que me acontece sempre, para dizer a verdade.

— Calma! Deus meu, eu só queria...

— Tampouco não me faz falta nenhuma cama, disse me ajeitando na cadeira de rodas. — Prefiro ficar aqui sentada.

— Toda a noite? Pretende passar toda a noite sentada nesta cadeira? Aqui?

— Para quando se espera a ajuda de fora?

Geir Rugholmen levantou as costas. Colocou as mãos nos quadris como se fosse um jarro e desceu o olhar me apontando com o nariz. O típico olhar dos que estão de pé, dos erguidos, dos que funcionam bem.

Na realidade não me parece tão ruim assim estar impedida. Desejo ficar imóvel, assim é como escolhi viver. A cadeira de rodas não me

impede de fazer quase nada diariamente. Posso passar semanas sem sair de minha casa. Os problemas surgem quando me obrigam a sair. As pessoas querem me ajudar a todo custo. Levantar, empurrar, levar. Por essa razão escolhi o trem. Preciso admitir que viajar de avião para mim é um pesadelo. Com o trem tudo é mais simples. Menos toques. Menos mãos desconhecidas. Ao fim e ao cabo o trem oferece certo grau de autonomia. Exceto quando descarrila e bate. Não suporto esses olhares dos sãos e ágeis, essas olhadas de cima a baixo. Razão porque tampouco queria me encontrar com o olhar desse homem. Optei por fechar os olhos e fiz como se me acomodasse para dormir.

— Creio que não entendeu de todo a situação, disse Geir Rugholmen. — Estamos isolados e presos por causa das condições meteorológicas.

— Ok. Estamos fodidos, isolados e presos. Neste momento o temporal tem jeito de furacão. Furacão em Finse! Na realidade não é muito comum, pois estamos ao abrigo de... E a única coisa que me interessa é: quando virão nos retirar daqui?

Fez-se o silêncio. Mas podia sentir que o homem continuava ali. O aroma a fumo e lã velha continuava sendo igualmente forte.

— Fiz uma pergunta, disse em voz baixa e com os olhos fechados. — Vi que não sabe o que responder. Vou dormir um pouco.

— É, como um avestruz.

— Como?

— Acha que ninguém a verá se fechar os olhos.

— O avestruz esconde a cabeça, se não me engano. Mas creio que só é um mito. Deixei escapar um longo bocejo, ainda com os olhos fechados.

— Que ninguém diga que não tentei, disse Geir Rugholmen desgostoso. — Se quiser continuar aqui sentada... Vá à merda.

As botas de esqui chutaram o chão e desapareceram. Este tipo de coisas se me fazem muito bem. Adormeci num momento.

* * *

Aragem

NA ESCALA DE BEAUFORT - ARAGEM

Velocidade do vento: 0,3 – 1,5 m/s.
Apenas perceptível. Vê-se claramente que o vento move os flocos de neve.

DIZIA-SE QUE a princesa herdeira viajava no trem. Mas ninguém sabia o que acontecera com ela. Se eu insistira em que me trouxessem a cadeira de rodas do lugar do acidente, não foi só porque me sentia inválida sem ela. Para a minha mobilidade não fazia muita diferença. De qualquer maneira teria que ficar na recepção. É que os lavabos se encontravam no mesmo andar, bem ao lado da escadaria principal, algo que, graças a Deus, me permitiria esvaziar as... Bolsas de um modo discreto, mas fora disso não podia ir a nenhum lugar sem ajuda.

O mais importante da cadeira de rodas é a distância que cria. Não me refiro a uma distância física, claro; como já disse, as pessoas me olham e tentam me obrigar a receber a sua ajuda constantemente. Refiro-me a uma distância psíquica. A cadeira me faz diferente. Define-me como algo completamente diferente de todos os demais, e com certa frequência as pessoas me acham idiota. Ou surda. Falam por cima de minha cabeça, literalmente, e basta que me recline e feche os olhos para que fosse como se não existisse. Dessa maneira se sabe de muitas coisas.

Minha relação com as demais pessoas é, como dizer? De um carácter mais acadêmico. Prefiro não tratar com ninguém, algo que facilmente se interpreta como falta de interesse. Não é assim. As pessoas me interessam. Por isso vejo muita televisão. Leio livros. Tenho uma coleção de DVDs que muitos invejariam. Em meus tempos fui uma boa investigadora policial. Entre as melhores, diria eu. Isso teria sido impossível se não sentisse curiosidade pelo destino dos demais, pelas vidas dos demais.

O que me irrita é ter as pessoas muito próximas. As pessoas me interessam, mas não quero que as pessoas se interessem por mim. É um exercício muito cansativo. Pelo menos quando se está rodeada de amigos e colegas, ou, como acontece na polícia, obrigada a trabalhar em equipe. Sentia-me bem, ali sentada na recepção, completamente só. As pessoas ainda me olhavam, eu notava, mas era como se eu não existisse. Falavam de tudo sem cuidados. Ainda que muitos houvessem se retirado quando distribuíram os quartos, era muito cedo para se deitar. A maioria voltava pouco a pouco à recepção. O susto após o acidente diminuíra. Ouviam-se mais risadas. A situação já não era ameaçadora, ainda que o vendaval fosse o mais violento que qualquer de nós havia visto.

O que acontecera era que o sólido edifício exercia um efeito tranquilizador sobre todos. Essa forma arquitetônica curva e de madeira escura havia suportado ventanias durante quase cem anos, e tampouco nessa noite iria decepcionar. Os médicos já haviam atendido à fila de necessitados de atenção médica. Alguns jovens estavam jogando cartas. Eu havia colocado a minha cadeira a uma prudente distância da longa mesa de madeira, e podia escutá-los, a eles e a as pessoas que voltavam de seus quartos para saber das últimas notícias, comparar feridas e lesões e olhar pelos grandes janelões como a ventania tentava em vão abrir passagem até onde nós estávamos. Escutava o que diziam todos. Mas eles acreditavam que eu adormecera. E quando todo o mundo recebeu comida e cuidados, quando já não restou nada para contar sobre onde estava cada um no trem no momento do acidente, e os copos e taças começaram a se encher de cerveja e vinho, o que passou a interessar à maioria dos presentes era onde demônios havia se metido Mette Marit.

Os rumores haviam corrido no trem. Duas senhoras de meia idade sentadas bem atrás de mim no vagão, não falavam de outra coisa. Havia um vagão especial, sussurravam com voz apenas audível. O último vagão era muito diferente do restante dos vagões, e não se parecia em nada com habitual trem da manhã entre Oslo e Bergen. Além disso, haviam fechado a passagem em um extremo do vagão. Devia de ser o vagão real. Certamente não tinha um aspecto muito real, mas ninguém sabia como estava decorado por dentro, e também ninguém ignorava o medo de avião de Mette Marit. Poderia ser a Rainha Sonia, claro, era uma grande aficionada à montanha, isso todo mundo sabia, mas por outro lado não era normal que saísse de viagem justo antes do aniversário de setenta anos do Rei. Quando as senhoras desceram em Hønefoss respirei aliviada. Precipitei-me.

Os rumores haviam aumentado e estavam a ponto de se converter em verdades. Estranhos conversavam. O trem era cada vez menos norueguês conforme ascendia até a alta montanha. As pessoas dividiam comida e se oferecia café. Alguns afirmaram saber algo que haviam ouvido dizer uns conhecidos, e uma jovem de uns vinte e tantos anos deu uma informação fidedigna, alegando que havia se encontrado com alguém que trabalhava na Guarda do Palácio, e que, de fato, ela iria a Bergen nessa semana. Quando partimos de Oslo, havia certamente um vagão a mais no trem.

Ao nos aproximarmos de Finse, o vagão havia se transformado em um vagão real e todo o mundo sabia que no trem viajavam Mette Marit e seus guardas de segurança e com certeza também o pequeno príncipe Sverre. Este ainda era pequeno, precisava de mamãe, o pobre. Um senhor idoso muito entusiasmado disse ter visto uma menina por uma janela antes que a polícia ordenasse que se afastasse dali, de maneira que a princesinha Ingrid Alexandra também estava a bordo. Mas o que acontecera com todos esses membros da família real?

Algumas vezes escuto com mais clareza que de costume, mas prefiro não ter nada a ver com as pessoas.

Sua voz era característica, raiando o caricaturesco. Diz-se que as opiniões em si não são perigosas. Não estou tão certa. Não sei o que mais me assusta em Kari Thue, se as suas opiniões ou o seu zelo de missionária. Em todo caso, é perigosamente capaz. Com a sua lógica absurda, sua visão distorcida dos fatos e sua impressionante fé na própria mensagem, poderia ser a protagonista de uma obra de Holberg. Além disso, está em todos os lugares: na televisão, no rádio, nos jornais. Kari Thue assusta tanto as pessoas que elas se tornam agressivas e persuade a homens inteligentes para que façam bobagens. A mulher com uma voz tão aguda como o risco de seu cabelo ralo, já havia iniciado uma discussão. Nessa tarde havia dois muçulmanos em Finse. Um homem e uma mulher. Kari Thue é um cão de caça de categoria, e havia sentido o cheiro há tempos.

— Não estou falando com você, disse quase aos gritos, e não tive outra solução a não ser abrir um pouco os olhos. — Estou falando com ela!

Um homem de baixa estatura e com um enorme bigode tentava se colocar entre Kari Thue e uma mulher com quem parecia ser casado. Ela usava roupa escura e larga, e, além disso, um hiyab; fora ela a quem o pastor futebolista, em sua confusão, havia tentado recrutar para a oração no salão da lareira. Imaginei que eram curdos. Também podiam ser iranianos, claro, iraquianos ou inclusive muçulmanos italianos, mas decidi que eram curdos. Depois de conhecer Nefis, que é curda, aprendi a prestar atenção em detalhes que não sei explicar, mas que impedem que eu erre. A mulher começou a chorar e cobriu o rosto com as mãos.

— Entendeu? Gritou Kari Thue. Eu...

O pastor com a bandeira do clube de futebol Brann, conhecido dos meios de comunicação como a própria Thue, atravessou a sala.

— Vamos nos acalmar, disse colocando uma mão tranquilizadora sobre o ombro agitado do curdo. — Chamo-me Cato Hammer. Tentemos nos dar bem e nos respeitarmos em uma situação...

Com a outra mão acariciou as costas de Kari Thue. Ela reagiu como se o homem a tivesse untado de ácido sulfúrico, e se virou tão depressa que faltou pouco para que caísse a pequena mochila que levava pendurada no ombro.

— Afaste-se! Bufou. — Não me toque! Ele retirou bruscamente a mão.

— Creio que deve se acalmar um pouco, disse em tom paternal.

— Você não manda nada aqui, disse ela. — Estou tentando falar com esta mulher!

Kari Thue se distraiu tanto discutindo com o jovial pastor que o curdo aproveitou a ocasião para desaparecer. Agarrou fortemente a mulher pelo braço e, se afastando a toda pressa do mostrador da recepção, desapareceu em direção à escadaria, onde um cartaz gravado em madeira sob o teto, informava de que se entrava na Taberna de Saint Paul.

Não gosto de pastores nem de padres. Também não gosto dos imãs, ainda que, para dizer a verdade, destes últimos não conheci muitos. Uma vez conheci um rabino muito agradável, mas isso foi em Nova York. Sinto muito pouca atração pelas religiões em geral e pelos administradores da superstição em particular. Os que menos gosto é dos pastores. Naturalmente estes também são aos que mais estou acostumada. E os que mais me aborrecem são os pastores tipo Cato Hammer. Pregam a teologia da tolerância ali onde os limites entre o bem e o mal se tornam tão vagos que não vejo sentido de aderir a uma religião. Sorriem com piedade e abarcam tudo. Não julgam ninguém. Amam a todo o mundo. Às vezes suspeito que os pastores como Cato Hammer não creem em absoluto em Deus, mas que estão enamorados dos tópicos relacionados com Jesus Cristo; o homem bom com sandálias, olhar piedoso e braços estendidos: "Que venham a mim as

criancinhas". Não suporto. Não quero que me abracem. Quero sermões apocalípticos e ameaças de purgatório. Quero pastores e padres com as costas erguidas e olhares fogosos. Quero intransigência, condenação e promessas de castigo eterno. Quero uma Igreja que leve os seus fiéis pela senda estreita, e que deixe muito claro ao resto do mundo que nos espera a perdição. Dessa maneira ao menos será fácil distinguirmos. Assim não terei que me sentir envolvida, já que jamais pedi que me envolvam. Ou seja, não gostava do tipo.

Sem me antecipar aos acontecimentos, quero dizer que a primeira coisa que pensei umas horas mais tarde, ao saber de que Cato Hammer havia morrido, foi que talvez não tivesse sido tão má pessoa assim.

— Não se excite tanto, disse à encolerizada mulher. — Veja a diferença entre os seres humanos, Kari Thue. Os muçulmanos não são o mesmo que os islamistas. O mundo não é assim. Você nos divide em...

— Idiota, bufou ela. — Nunca disse nem insinuei nada semelhante. Deixou-se enganar por essa política norueguesa tão ingênua que permite que este país seja invadido por... Fechei os ouvidos.

Ainda que em minha opinião as religiões sejam no fundo um flagelo para a humanidade, não encontro nenhuma lógica, para não dizer decência, em classificar os crentes. As religiões são tanto tirania como civilização, expulsão e adesão, amor e opressão. E não entendo por que o islã deve ser considerado pior que outro tipo de superstição. Mas Kari Thue achava isso. Lidera um movimento que afirma defender mulheres, gays, crianças e qualquer outra coisa que faça parte dos valores noruegueses. Sou alérgica à palavra "valores". Em combinação com o conceito "norueguês" se converte em algo repugnante. Em seu ardor fanático para combater a ameaça islâmica mundial, Kari Thue e suas cada vez mais numerosas e influentes companheiras de luta, tornam impossível a vida dos muçulmanos noruegueses tradicionais e bem adaptados.

O outro sentimento que me sacudiu quando umas horas mais tarde eu soube da morte de Cato Hammer foi uma profunda irritação,

de que a pessoa que jazia congelada em uma geleira não fosse Kari Thue. Mas suponho que estas coisas não se podem dizer.

— Está dormindo?

— Não, respondi tentando me levantar na cadeira. — Agora não.

Começava a me sentir entumecida. Ainda que não sentisse a ferida da perna, cada vez via mais claro que o resto do corpo também havia recebido uma boa surra. Doíam-me as costas, tinha pontadas em um ombro e a boca seca. O doutor Streng havia aproximado uma cadeira à minha. Ofereceu-me vinho tinto.

— Não obrigado. Mas gostaria de um copo d'água.

Só demorou um par de minutos em me trazer.

— Obrigado, disse bebendo-a de um gole.

— Bem, disse o doutor Streng. — É importante que o corpo tenha líquido.

— Sempre, disse com um sorriso rígido.

— Um tempo horrível, ele disse alegremente.

Não respondo a frases desse tipo.

— Tentei sair há pouco tempo, prosseguiu impertérrito. — Para saborear o frio, por dizer assim. Impossível! Além do furacão, a nevasca é a pior que as pessoas daqui se lembram. A neve se amontoa junto às paredes, bloqueia janelas e... A temperatura caiu para vinte e seis abaixo de zero, e com este vento o frio é... Pensou um pouco.

— Gelado, sugeri. Deixei o copo no chão. Soltei o freio da cadeira, e fiz ao médico um breve gesto com a cabeça, antes de começar a me mover lentamente. Ele não se deu por achado.

— Podemos nos sentar aqui, sugeriu, se contorcendo atrás de mim com duas taças de vinho tinto nas mãos, com a esperança de que eu mudasse de ideia. — Assim poderemos acompanhar a ventania! Dei-me por vencida e estacionei junto à janela, tal como ele havia sugerido.

— Não tem muito para ver, disse. — Gelo, neve.
— E vento, disse Magnus Streng. Muito vento!

Nisso tinha razão. Certamente o bramido de fora era tão forte que todo o mundo se via obrigado a elevar a voz para se fazer ouvir, mas o mais chamativo era o vento, esse vento que fazia vibrar as janelas, como se a ventania estivesse viva, com coração e pulso. A vista carecia de pontos de referência. Nem árvores, nem objetos; nada, tudo desaparecera em caóticos redemoinhos de neve, não havia onde fixar o olhar.

— Não se preocupem, disse uma voz atrás de mim. — Estas janelas aguentam. Tem três lâminas de vidro. Se quebrar uma, continuará sobrando duas. Era óbvio que Geir Rugholmen não era um homem rancoroso. Sentou-se na borda da mesa e levantou um copo para brindar. Parecia cheio de Coca-Cola.
— Claro, respondi.
— Fascinante, disse o médico em tom alegre. — Estas janelas não são tão grandes, mas no Salão Azul pode se ver que o vidro realmente é um material elástico. Rugholmen pode nos dizer se existe algo de verdade nos rumores sobre membros da família real entre nós?

Pareceu-me notar uma mudança na expressão no homem de Bergen. Um ar vigilante, uma minúscula vacilação no olhar antes se esconder atrás do copo que segurava.

— Não são mais que fofocas, disse. — Não se pode acreditar em tudo o que se escuta.
— Mas aquele vagão, protestou Magnus Streng. — Se não estou errado, havia um vagão a mais...
— Como está? Perguntou Rugholmen me olhando com um sorrisinho como se quisesse acabar de uma vez por todas com nossa disputa anterior.

Primero fiz um gesto afirmativo com a cabeça, e em seguida um negativo quando Magnus Streng tentou me dar a taça de vinho de novo.

— Creio que todo o mundo já tem o seu aposento para esta noite, disse Rugholmen. — E menos mal que conseguimos levar a tempo as pessoas que vão dormir nas outras casas. Neste momento não se pode sair. O vento é tão forte que pode nos levar, e a neve se junta no chão.

— Quando virão nos resgatar? Perguntei.

Geir Rugholmen começou a rir. Era uma risada alegre e melodiosa, como a de uma mulher. Apanhou uma caixa de rapé.

— Não se dá por vencida, constatou.

— Quanto tempo durará o vendaval? Perguntei.

— Muito.

— Quanto é muito?

— É difícil dizer.

— Mas está em contato com o Instituto de Meteorologia, apontei. Nesse momento já não tentava ocultar a minha irritação.

O homem colocou um pouco de rapé abaixo do lábio e colocou a caixa no bolso.

— Não tem boa pinta, constatou. — Mas pode ficar tranquila. Aqui temos suficiente comida, suficiente calor e muita bebida. Relaxe.

— Pelo que aconteceu, interveio Magnus Streng. — Foi uma sorte que nos encontrássemos a só uns cem metros da estação. Imagino que a velocidade não era excessiva precisamente por essa razão. Abaixo de setenta quilômetros por hora, segundo dizem. Podemos realmente chamar de sorte, dadas às circunstancias. E em seguida este hotel. Que lugar! Que pessoal! Todo sorrisos e amabilidades. Comportam-se como se estivessem acostumados a receber vítimas de acidentes todos...

— Quem é o responsável aqui? Interrompi olhando para Geir Rugholmen.

— Responsável? Pelo hotel? Suspirei. — Pelo acidente? Perguntou com sarcasmo abrindo os braços. Pelo vendaval?

— Por nós, eu intervi. — Quem é o responsável pelo trabalho de resgate? Por nos tirar daqui? Se não estou errada, a responsabilidade

operativa é da polícia local. Onde estão eles? Na delegacia rural de Ulvik? Há algum representante local? A Central de Salvamento de Sola está...?

— Que quantidade de perguntas, interrompeu Geir Rugholmen em uma voz tão alta, que os que estavam sentados mais próximos olharam em nossa direção. — Mas eu não tenho a obrigação de responder a essas perguntas!

— Achei que pertencesse ao grupo de salvamento. A Cruz Vermelha?

— Está completamente errada. Largou o copo na mesa com raiva. — Sou advogado, declarou iracundo. — E moro em Bergen. Tenho um apartamento aqui, e havia tirado uma semana livre para arrumar a cozinha antes das férias de inverno. Quando ouvi o barulho, não precisei de muita imaginação para entender o que havia acontecido. Tenho uma moto de neve. Ajudei você e a muitos outros, e não espero que ninguém me agradeça. Mas ao menos poderia tentar ser um pouco amável, não é?

Seu rosto estava tão próximo do meu que notei uma fina chuva de saliva quando prosseguiu:

— Se não pode se mostrar agradecida, pelo menos poderia ser um pouco amável com um tipo que em lugar de pintar armários de cozinha se enfiou no meio deste fodido vendaval para salvar você e essa sua maldita cadeira.

Estou acostumada a que as pessoas se afastem. É o que pretendo. Trata-se de encontrar o equilíbrio entre a má educação e a circunspecção. Muitos têm vontade de se intrometer na vida gente, como era o caso de Magnus Streng, que havia decidido me conhecer mais de perto. Mas desta vez havia me inclinado muito para o primeiro.

— Lamento, disse tentando parecer sincera. — Claro que estou agradecida por me ajudar. E principalmente por ter ido apanhar a minha cadeira quando o vendaval havia piorado. Obrigado. Muito obrigado.

Consegui o meu propósito. Geir Rugholmen me olhou uns segundos com rosto inexpressivo, antes de encolher os ombros e esboçar um sorriso irônico.

— Certo, disse. — E eu posso dizer que teremos uma reunião informativa dentro de... Deu um olhar ao relógio de pulso de plástico negro, — Meia hora. Vai ser realizada aqui. Em consideração a você, de fato. Foi minha ideia. E direi de uma vez por todas: demorarão em nos resgatar. É impossível saber quando chegarão. Postes caíram bem a oeste de Haugastøl. O vendaval é tão forte que nem sequer as máquinas tira-neves com motor diesel conseguem avançar. Não podemos nem sonhar com helicópteros. Simplesmente, estamos isolados do resto do mundo. Enquanto isso deveria tentar relaxar um pouco, certo?

Sem esperar a resposta, bebeu o resto da Coca-Cola e foi embora.

Adrian havia encontrado alguém.

Deixou-me espantada. O havia visto um pouco antes; cruzara o velho e gasto chão de tábuas de madeira arrastando os pés com uma jovem pisando em seus calcanhares. A garota devia ter uns dezoito anos, ainda que fosse difícil determiná-lo. Parecia uma versão de Nemi, a personagem dos quadrinhos. Excessivamente magra, usava roupa escura, tinha o cabelo negríssimo e um piercing prateado no lábio inferior que quebrava a monotonia do negro. Estava tão maquiada que tanto poderia ter quinze ou vinte e cinco anos. Os dois jovens estavam sentados no chão, apoiados contra a parede e abraçando as pernas, muito próximos da porta da cozinha. Dei-me conta de que não conversavam. Simplesmente estavam ali sentados, como dois indivíduos miseráveis e mudos entre um grupo de gente que no transcurso da noite havia relaxado bastante.

— Está certa de que não quer um pouco? Magnus Streng me ofereceu novamente a taça de vinho tinto.

Ante de mais nada gostaria de lhe recordar que ele era um médico. Que eu acabara de sofrer um acidente de bastante envergadura, e que um bastão de esqui havia me atravessado a perna com a consequente perda de sangue. Fique com vontade de lhe perguntar se ele achava que o álcool era o remédio mais adequado para uma senhora inválida de meia idade, com um estado geral debilitado.

— Não obrigado! Mas não sorri, o que foi igualmente eficaz. Depositou a taça com muito cuidado.

— Certo, disse se levantando. — Tenha uma boa noite. Eu tentarei averiguar algo do mistério da família real.

O meu celular tocou. Quer dizer, se iluminou sem emitir nenhum som. Sempre o mantenho em silêncio. Até então estivera no bolso de meu casaco de plumas. Mas havia caído no chão enquanto apanhava um pedaço de chocolate. Descobri quinze ligações sem responder. Com certeza os meios de comunicação haviam falado sobre o acidente. Como as antenas parabólicas caíram com o vento ou haviam ficado enterradas pela neve, não existia nenhum televisor que funcionasse nem no hotel, nem nos apartamentos particulares. Alguns haviam escutado o rádio durante a tarde e a noite. Ninguém sabia nada de novo sobre a ação de salvamento em si. Tinha a impressão de que o assunto simplesmente se encontrava em ponto morto; tampouco podia se dizer que nos encontrássemos em perigo. Até eu tive que admitir que fosse absurdo arriscar vidas para salvar a uns sobreviventes que se encontravam sãos e salvos, bem alojados em um hotel encantador. E o maquinista morto tampouco teria muita pressa em descer da montanha. Já ao que respeita ao misterioso vagão, parecia evidente que seus passageiros estariam sãos e salvos, provavelmente no apartamento mais elegante.

Tudo estava mais ou menos sob controle. Exceto pelo fato de que havia me esquecido por completo de algo importante. Tenho pessoas muito próximas de mim; uma mulher e uma criança. Havia me esquecido de ligar para casa. Ainda que me preocupasse ter que falar com Nefis e tentei achar uma estratégia antes de apanhar o celular, não

consegui me esquecer da reação de Geir Rugholmen à minha pergunta sobre o vagão misterioso. Era altamente improvável que Mette Marit estivesse no trem. Mas havia um vagão a mais. E havia guardas junto à parte do vagão na estação central de Oslo.

— Estou viva, me apressei a dizer antes que Nefis tivesse tempo de abrir a boca. — Não me aconteceu nada e estou mais ou menos bem. O suspiro durou tanto que parei de escutar.

Se não havia membros da família real no último vagão, então quem o ocupava?

— Perdoe-me, disse em voz tão baixa que se fez silêncio ao outro lado. — Lamento de verdade. Deveria ter ligado imediatamente.

Fossem quem fossem os que viajavam no último e totalmente distinto vagão do trem entre Oslo e Bergen, era incompreensível que ninguém os tivesse visto depois do acidente. Alguém precisava tê-los ajudado. Alguém da equipe de salvamento precisava tê-los acompanhado no trajeto desde o túnel até o hotel. Como os rumores haviam aumentado, a única explicação que encontrei, era de que as pessoas do último vagão haviam sido as primeiras em receber ajuda, e que por isso já estavam alojadas no apartamento do último andar antes que algum de nós chegasse a Finse 1222.

— Sinto muito, repeti. — De verdade. Nefis estava chorando no outro lado da linha.

* * *

Brisa Leve

NA ESCALA DE BEAUFORT - BRISA LEVE

Velocidade do vento: 1,6 – 3,3 m/s.
O vento se sente no rosto. Os flocos de neve se movem mais na horizontal do que na vertical.

ENCONTRAVA-ME SOZINHA na recepção. Esse grande local era uma sala de estar para os hóspedes do hotel, com uma longa mesa de madeira junto às janelas orientadas ao sudoeste, um par de rústicas poltronas de vime ao lado da escadaria, e um desgastado sofá que poderia se chamar, com boa vontade, o bar do outro lado. Alguém havia apagado quase todas as luzes. Na penumbra, eu me mudei com a cadeira para um rincão atrás de uma poderosa viga mestra quadrada, onde havia uma garrafa térmica de café e uma pequena máquina que, aparentemente, dispensava chocolate quente. Em cima da barra do bar estava pendurado outro desses toscos cartazes: "Milibar". Estive a ponto de sorrir. Por um instante pensei na possibilidade de me sentar em uma das pequenas poltronas e passar ali a noite. Sem dúvida seria mais cômodo. Mas não fiz isso.

Era uma e quinze da madrugada, e estava completamente só. A reunião informativa havia sido muito pouco informativa. Disseram-nos que estava nevando muito mais do que alguém poderia se lembrar. Que fazia muito vento e que o frio era extremo. Que o trem destruído bloqueava a via para o oeste, e que no momento tampouco havia alguma esperança de receber ajuda pelo este. O resgate por ar era

totalmente impossível, claro. Além disso, nos tranquilizaram dizendo que havia comida e bebida suficiente para vários dias, e que tampouco teríamos problemas com o fornecimento de luz elétrica. Contavam com um gerador se a situação se complicasse. Esta última informação era a única coisa que disseram que eu não sabia de antemão. Uma reunião chata. Porém, mais adiante me alegraria de ter estado presente.

O número total de pessoas que se encontrava no hotel e nos apartamentos havia caído para 196, sem contar com os passageiros do vagão secreto. Esta cifra incluía os sete empregados do hotel, e a quatro homens e uma mulher do Corpo Auxiliar da Cruz Vermelha que, por sorte, estavam em Finse para ultimar os preparativos das férias de inverno. Os únicos hóspedes normais eram três turistas alemães. Dois deles haviam chegado no mesmo trem que nós: eram os que eu havia visto cruzar laboriosamente a plataforma antes que o trem seguisse o seu caminho. Pareciam se divertir com o furacão e haviam bebido enormes quantidades de cerveja antes de irem dormir. Os demais passageiros do trem estavam alojados nas casas ao redor. Disseram-nos que essas casas se achavam a uma distância entre cem e trezentos metros do hotel. Mas que com esse tempo não teriam possibilidade alguma de vir participar da reunião.

Claro que 196 pessoas não constituem um número válido para retirar conclusões estatísticas. Por exemplo, havia demasiados homens para que pudéssemos comparar com uma população normal. E me pareceu que havia muito poucas pessoas maiores de sessenta anos. Além disso, não contei mais de quatro crianças menores de dez anos, fora o bebê de rosa que de fato não havia visto desde o acidente. Também ignorava a profissão das pessoas, ainda que pouco a pouco estivesse ficando claro que o número de pastores e colaboradores eclesiásticos era espantosamente alto. Uma nutrida representação dessa gente estava indo assistir uma reunião sobre Igrejas em Bergen. Entre esse grupo se encontrava o não muito popular pastor futebolístico. Ainda que precise dizer que; após a confrontação com Kari Thue, eu havia começado a olhar o homem com outros olhos. Durante a reunião informativa havia se sentado só, atrás de uma coluna junto ao bar, o que o impedia de ver

à mulher que de modo tranquilo e em tom muito baixo, nos pedia que tivéssemos paciência, que o resgate ainda levaria algum tempo. Antes que desaparecesse de meu campo visual, reparei que o homem parecia inusualmente sério. Kari Thue era capaz de espantar ao próprio diabo.

Apesar do limitado número de pessoas, entre as quais se encontravam em desmedida desproporção, os servos de Deus e a profissão médica, eu tinha a impressão de estar observando um grupo bastante representativo de noruegueses. Ali sentada, apoiada na parede junto à escadaria que descia ao salão do porão e subia ao velho vagão suspenso no ar que fazia de ponte entre o hotel e os apartamentos, olhava para um conjunto de indivíduos brancos em sua maioria. Fora os dois curdos e os três alemães, havia uma só pessoa de origem não norueguesa: um homem de pele escura de uns cinquenta anos que, a julgar por seu acento, vinha da África do Sul.

Também não podia descartar a possibilidade de que entre nós se escondesse algum sueco ou dinamarquês. Já que o número de estrangeiros que vive na Noruega representa ao redor do nove por cento da população, nos encontrávamos bem distanciados da realidade. Mas por outro lado estava representada a maioria dos meus compatriotas. Jovens arrogantes com roupa escandalosamente cara que não trocavam uma só palavra com a escória, como Adrian e sua infeliz amiga. Estressados homens de negócios com computadores portáteis ultracaros e que tentavam desesperadamente se conectar na internet. Crianças choronas e senhoras de meia idade. Uma equipe de handebol formado por moças de uns quatorze anos, completamente incapazes de entender o conceito de tratar com consideração aos demais. Andavam por todo o hotel discutindo em voz muito alta quem ia dividir o quarto com quem. Alguns adultos se esforçavam para se mostrarem muito pouco interessados pelo que estava acontecendo, outros conversavam sobre qualquer assunto, desde a divisão dos quartos, a comida surpreendente boa, até o campeonato de bridge que se realizava no salão do sótão.

O que todos nós tínhamos em comum, e que nos diferenciava dos curdos, dos alemães e do homem sul-africano, era que ninguém estava

realmente preocupado. Enquanto que os dois muçulmanos dirigiam olhares inquietos para as janelas e estremeciam tanto ao ver Kari Thue quanto ao ouvir o barulho da tormenta, os demais pareciam estar passando mais ou menos um fim de semana na montanha. O certo é que os alemães estavam encantados de poder adicionar um furacão na sua coleção de vivências, se bem que depois de beber mais de seis cervejas de um litro cada um, não conseguiam ocultar o respeito pela tormenta e o medo das consequências. O sul-africano parecia fascinado pelo aspecto científico da situação. Aproximava-se constantemente da janela onde, ladeando a cabeça e colocando a mão no vidro, olhava com os olhos entornados os torvelinhos de neve como se procurasse algo. Um par de vezes apoiou a testa contra o frio vidro, ensimesmado.

Os demais nos convertemos em um pedacinho da Noruega. O que, rapidamente pensei, tarde ou cedo levaria a um crime. Após um rápido cálculo mental concluí que aconteceria em torno de cinco dias, visto de um ponto de vista estatístico, na média e sem considerar as circunstâncias especiais. Mas eu achava que ao fim de cinco dias me encontraria muito longe de Finse. Como todos, aliás.

Também preciso mencionar os cachorros. Havia quatro no trem quando aconteceu o acidente, e todos se salvaram. Um poodle, um setter escocês, e outro que em seguida soube que era um cão de água português. O quarto e último cão assustava a todos nós até que obrigaram o seu dono a prendê-lo e mantê-lo longe das crianças e outras almas sensíveis.

Tinha adormecido. Por sorte senti quando Geir Rugholmen me deu uma pancadinha no ombro. Voltei rapidamente o rosto e limpei a boca com a manga. Babo uma barbaridade quando durmo.

— É verdade o que disse o médico? Falava em voz baixa, em um sussurro forçado.

— Como? Ajeitei-me na cadeira e levantei os braços. O homem havia se aproximado muito.

— É policial?

— Fui. Há algum tempo atrás. Dê-me um pouco mais de espaço. Joguei irritada a cabeça para trás, e mostrar o que sentia. Olhei o relógio; faltavam vinte e cinco para as seis. Da manhã.

— Que tipo de policial? Insistiu o homem sem se mover.

— Norueguesa. Era uma policial norueguesa normal e comum.

— Não se faça de difícil. Em que tipo de casos trabalhava?

— Estive na polícia de Oslo durante vinte anos. Trabalhei em muitos casos.

— Que posto ocupava?

— Por que está fazendo estas perguntas? Geir Rugholmen se sentou pesadamente em um dos sofás.

— Chega, disse em tom abatido. — Não entendo por que precisa se fazer de difícil. Temos um cadáver na plataforma. Congeladíssimo.

Cobriu o rosto com as mãos e apoiou os cotovelos nos joelhos. Surpreendi-me pensando que gostava do seu cheiro. Cheirava a montanha e a homem, a vida ao ar livre. Não gosto muito das montanhas, nem dos homens, nem da vida ao ar livre. Ou, melhor dito, não é que sinta aversão a nada disso, mas são coisas que não desempenham nenhum papel na minha vida. Porém, o cheiro de sua roupa me recordava de algo que não conseguia identificar, a algo seguro e quente que havia me esforçado para esquecer.

— É uma estupidez sair com este frio, disse. — Com este tempo. É um verdadeiro suicídio. Deve ter morrido congelado, quero dizer.

— Não morreu por congelamento.

Tentei fingir que aquilo pouco me interessava. Geir Rugholmen se levantou. Negou com a cabeça, deu um sorriso torcido e apontou para uma das janelas pelas quais em dias claros se via o lago de Finse e, atrás, o imponente pico de Hardanger.

— Esse seu amigo não se importa muito com a comodidade.

De maneira que depois de tudo não ficara só. Adrian se achava dormindo deitado no largo parapeito de uma das janelas, no meio de uma gelada corrente de ar, com um casaco sob a cabeça e coberto com uma manta de onde apareciam as pontas de seus gastos sapatos; Ainda usava o gorro tapando os olhos. Respirava tranquilamente.

— Que aconteceu? Perguntei a Geir Rugholmen, que se preparava para ir embora.

— Já não aguento mais.

— Disse que o cadáver está congeladíssimo. E que não morreu de frio. O que aconteceu? Parou mas não se virou.

— É verdade que está disposta a ajudar?

Eu não queria ajudar. A única coisa que desejava era que me resgatassem da montanha e depois esquecer toda essa gente, da ventania e da maldita neve, que cada vez fazia mais difícil ver o exterior. Quando tentava fixar o olhar nesse caos onde não havia nada em que fixar o olhar, enjoava. Não respondi, mas ele não se moveu.

— Dispararam a curta distância, prosseguiu, — Segundo constatei.

— Dispararam? Repeti a palavra para ter certeza de que ouvira bem.

— Sim. Na cabeça.

Virou-se lentamente. Deu um par de passos para atrás, parou de novo e limpou o rapé da boca com o polegar e o indicador, antes de respirar fundo para dizer algo.

— Chamo-me Hanne Wilhelmsen, disse me antecipando. — Muita gente me considera um tanto difícil. Geir Rugholmen apertou a mão que estendi, mas não sorriu.

— E elas têm razão. Eu sou Geir. Imagino que já terá esquecido.

— Não, não havia esquecido. Quem é que está lá fora? Não me largou a mão.

— Cato, disse após vacilar um instante. O pastor futebolístico. Cato Hammer.

Por alguma razão não me surpreendeu, e isso sim me surpreendeu. A fim de não revelar os meus pensamentos, dei uma olhada em Adrian. Tentei encontrar uma explicação para o fato de ter pensado em Cato Hammer mesmo antes de Geir Rugholmen me responder. Poderia ser, é claro, à antipatia que sentia por esse homem, mas me dei conta de que teria preferido muito mais ver Kari Thue morta. Fora de que eu não desejava a morte de ninguém. E menos ainda assassinada. A única coisa que desejava era ir para casa. Adrian roncou um pouco, e se remexeu no parapeito. Em seguida se encolheu ao mesmo tempo em que a sua respiração voltava a ficar tranquila e regular. Recordava-me um cachorro vira-lata que tivessem maltratado.

— Tiramos fotos de todos os ângulos do jeito que pudemos, no meio da tormenta, disse Geir Rugholmen gemendo sob o peso do que até muito pouco havia sido Cato Hammer, pastor da igreja de Ris, de Oslo, nascido em Trondheim, criado em Kristiansand, e com uma inexplicável vinculação ao clube de futebol Brann. A mulher de voz baixa que havia falado na reunião informativa olhava perplexa ao seu ao redor. Alguém a havia apresentado como diretora gerente. Ela preferia um título menos pretencioso.

— Berit Tverre, disse com rosto sério. Sou a diretora de Finse 1222.

Tinha a mão gelada e a pele rugosa. Usava calça esporte azul, meias de lã caqui, e uma enorme camisa bege. Tinha o cabelo ruivo, usava-o preso em um rabo de cavalo e os seus olhos eram azuis como os de um cartaz publicitário da Alemanha nazista. Uma diretora de hotel desenvolta e bonita, de apenas trinta e cinco anos.

— Fui eu quem o encontrou, disse cobrindo a boca com ambas as mãos para soprar. — Espero que saia alguma foto.

Deu-me uma câmara digital como se de repente tivessem me escolhido para dirigir a investigação sem o meu consentimento. Não a apanhei. Berit Tverre vacilou e a deixou sobre um enorme forno de fazer pão. Tive a esperança de que estivesse há bastante tempo sem ser usado.

— Não estou certa de que a cozinha seja o melhor lugar para um cadáver, disse. — Mas suponho que prefeitura não fará uma inspeção com semelhante vendaval.

Geir depositara o corpo sobre um balcão que havia no meio da cozinha. O balcão era constituído por um bujão de gás, um amplo fogão e um antiquado forno com placas de ferro. Nenhum dos elementos tinha a mesma altura. Berit havia colocado uma proteção sobre o enorme fogão. Suspensa em cima de tudo havia um extrator de fumaça, um retângulo de vários metros de vidro opaco com acessórios de alumínio. Por um instante me pareceu que era um ataúde que ia descer sobre o cadáver.

Cato Hammer parecia muito incômodo. Tinha os olhos e a boca abertos de par em par, e a língua levantada até o céu-da-boca. A bala havia entrado pela face esquerda, bem abaixo do olho, e não precisaria ter muita experiência policial para deduzir que havia sido um tiro à queima-roupa. Diria inclusive que o cano fora encostado na pele. Ao redor do orifício havia um círculo azulado. Quando Geir entrara arrastando o cadáver, notara que o orifício de saída da bala era enorme. Não senti nenhuma necessidade de observá-lo mais de perto.

— Não deveríamos... Começou Geir a dizer quase sem alento. —... Não deveríamos retirar a temperatura a fim de saber a quanto tempo está morto?

— Se quiser enfiar um termômetro de forno no fígado dele, adiante. Rocei o rosto do morto com a mão e prossegui: — Poderia usar o cérebro. Ou algum órgão interno. Mas se fosse você não me preocuparia. Não se pode retirar muita coisa de medições, se não se tem os instrumentos adequados.

— Mas... Mas disse que...

— Em um passado remoto fui investigadora tática, expliquei. — Como advogado deveria saber que isso é algo muito diferente do que aparece nas séries policiais da TV.

— Eu me dedico a temas imobiliários, disse Geir. — Como policial deveria saber que isso é muito diferente do direito penal. E não perco o meu tempo vendo séries televisivas. O que faremos agora?

Lentamente rodeei com a cadeira o local onde jazia o cadáver. Havia pouco espaço, e fiquei presa uns instantes junto à janela. Parecia que Cato Hammer havia fraturado o braço. Inclinei-me até ele sem tocá-lo. Havia algo estranho no ângulo de seu antebraço. A palma da mão tinha algo antinatural, como se o polegar se encontrasse no lugar errado.

— Acho que é minha culpa, disse Geir. — Não vi que tivesse algo quebrado quando o apanhei. Ele... Ele caiu ao chão. Sinto muito. Como disse temos fotos de antes. O que faremos agora?

Tanto o orifício de entrada como o de saída mostrava que Cato Hammer havia sido assassinado com uma arma de grande calibre. Um revólver, a meu ver.

— Teria provocado um forte estalido, eu disse.

— Como?

— Onde o encontraram exatamente?

— A dois ou três metros da porta, contestou Berit Tverre. E por pura sorte.

— Como?

— Por pouco não desapareceu na neve. Vi a mão, e parte da perna esquerda. Havia saído um momento para colocar um novo termômetro.

— Tome nota disso.

— Do que?

— Anote quanta parte do corpo era visível, disse sem afastar a vista do morto.

Ainda que o cadáver tivesse uma expressão de espanto, ao olhá-lo mais de perto se via certa expressão de confiança. Parecia como se primeiro tivesse se assombrado muito, para em seguida constatar que se tratava de uma surpresa positiva. Talvez houvesse avistado o seu Deus à tempo ou havia entendido que a coisa tampouco era tão grave.

— Por que demônios ele saiu? Perguntou Geir. — Com este tempo! Ou acha que primeiro lhe deram um tiro e em seguida o arrastaram para fora...?

— Essa, eu interrompi, — É uma questão chave. Quando soubermos o que levou Cato Hammer a sair com semelhante ventania em plena noite, teremos o assassino. Infelizmente, não é muito fácil obter uma resposta do pobre Cato.

— Era um homem bastante acostumado à montanha, disse Berit olhando o cadáver com uma expressão mais próxima da melancolia do que do drama. — Devia saber como era perigoso sair com este tempo. Não o entendo. Conhecia... Conhecia a montanha.

— Como sabe disso? Perguntei.

— Já estivera aqui. No hotel, quero dizer. Várias vezes. A maior parte dos que afirmam conhecer a montanha mentem. Mas ele...

Pareceu-me que se ruborizava levemente. Por outro lado, era uma pessoa com as faces bastante rosadas.

— Além disso, era muito prudente, prosseguiu Geir olhando com ceticismo ao morto.

— Conhecia-o bem?

— Conhecer... Ou que se diz conhecer... Faço parte da diretoria do clube de futebol Brann. Portanto era impossível que não topasse com esse homem.

— O que quer dizer com “era prudente”? Geir encolheu os ombros.

— Procurava não provocar ninguém. Tentava ser amável com todo o mundo. Um pouco assim... Sem se definir. Franziu o nariz e colocou bem o rapé.

— Minha impressão é contrária, eu disse. — Não tenho dúvida de que podia se chamar de controvertido, não acha?

Geir não respondeu.

— Tem uma dessas bonecas que são usadas para ensinar primeiros socorros? Perguntei.

— Uma o quê?

— Uma dessas... Uma Anne, não se chama assim? As bonecas com as quais se aprende a fazer o boca a boca.

— Não, respondeu Berit Tverre.

— É um pouco tarde para fazer boca a boca em Hammer!

Geir riu. Dadas as circunstancias, essa risada aguda, como de mulher, fazia-o parecer cada vez mais inseguro.

— Qualquer tipo de boneca então, prossegui. — De tamanho natural. Tem algo parecido? Se não, talvez se possa fabricar uma. Com cobertores, por exemplo.

— E para que a queremos?

É realmente chocante como às vezes as pessoas são lentas. Inclusive gente com formação e que conhece a montanha. Olhei expectante para Berit Tverre.

— Ah, disse por fim. — Colocamos a boneca no mesmo lugar e verificamos quanto tempo demorará em ficar coberta da mesma maneira.

— Isso nos daria certa informação sobre a hora do assassinato, disse concordando com a cabeça... — Sempre e quando, claro, as condições meteorológicas forem igualmente extremas. Também seria útil aos que em seguida investiguem o caso. O que, por certo, será uma tarefa sumamente simples.

Já havia visto mais que de sobra. E Cato Hammer seguramente também. Passei a mão por seus olhos mortos e abertos de par em par. Já

havia começado a se descongelar, e as pálpebras se fecharam sem problema. Havia cruzado já meia sala com a cadeira quando Geir por fim conseguiu se recompor.

— O que fazemos com o cadáver?

— Coloque-o no congelador, sugeri. — Ou lá fora outra vez. Procure um lugar protegido do vento, e cubra-o com uma lona ou algo parecido. Use a imaginação. Deve existir um em fim de lugares gelados por aqui. Onde está o maquinista? Sem esperar resposta, continuei avançando e adicionei: — Deixe que os mortos se ocupem dos mortos.

— Mas espere um pouco! Detive-me, e inclusive consegui não suspirar.

— O que faremos? Insistiu Geir. — Temos um assassino à solta aí fora e, que eu saiba, você é a única pessoa com alguma experiência policial, e...

— Ouça, disse girando a cadeira.

Quando quero, não sou de todo incapaz de parecer amável.

— O tal vagão real, disse desenhando umas aspas no ar, — Segundo me contaram, os passageiros desse vagão se alojam no apartamento do último andar. Não tenho a mínima ideia de quem ia a bordo. Imagino que não seria a família real. Nossa casa real não se comporta dessa maneira, assim simples. Mas já que na plataforma de Oslo fecharam a passagem, e como tudo isto está rodeado de muito mistério, não posso senão concluir que existem policiais entre eles. Guarda-costas, talvez, ainda que não do palácio. E já que estamos ante um caso para a polícia, seria uma boa ideia ir encontrá-los e explicar a situação.

Com esse repentino torrente de palavras ficou claro uma segunda intenção. Mantive o olhar fixo nos olhos de Geir enquanto falava. De novo vi essa vacilação que não soube interpretar. Lambeu a comissura dos lábios, como se quisesse desviar a atenção de seu constante piscar.

— Creio que nós dois sabemos quem está lá em cima, disse com um grande sorriso.

Ninguém respondeu, mas tampouco cruzaram o olhar. Berit Tverre olhou para o chão de rabo de olho, mas não pude ver o que olhava. No silêncio que se fez entre nós descobri que tinha medo do furacão pela primeira vez desde que despertara no chão da recepção após ter sido resgatada do trem acidentado. As rajadas de vento eram tão fortes que os copos tilintavam e as latas faziam barulho. A intervalos breves e desiguais se ouviam tremendos golpes contra as paredes exteriores, como se os deuses começassem a crer que por fim, depois de tantos tormentosos invernos na alta montanha, que seria possível fazer em pedaços o edifício.

— Creio que sabem, repeti, avançando com a cadeira até a porta que dava à recepção. — Mas claro, não é de minha incumbência. Nada de tudo isso é, por sorte. E claro...

Um violento golpe de vento contra a parede me fez parar em seco.

— E claro vou dar a vocês um conselho, prossegui quando a repentina e inesperada sensação de medo desapareceu. — Vão buscar um médico. Aqui temos muitos. Ninguém pode ajudar Hammer, mas seria bom que alguém fizesse um exame provisório. E quanto ao próprio assassinato, terá de esperar. Seria inútil iniciar aqui e agora uma investigação. Esperem que o tempo mude. Esperem a polícia. Quando chegar, solucionará isto rapidamente.

Já que me encontrava junto à porta, empurrei-a e saí do aposento. Ninguém tentou me deter. Como era de esperar, não pude dormir. Havia ido até a mesa longa sem saber se o que queria era me aproximar de Adrian ou me afastar da cozinha. Geir e Berit haviam entrado e passado pelo meu lado sem dizer palavra. Eu não tinha ideia do que haviam feito com o cadáver da cozinha. Com o barulho da tormenta era impossível saber se haviam conseguido colocar Cato Hammer na câmara

de congelamento, ou se ainda jazia na mesa de metal; esse pensamento me lembrou de que estava com fome.

Adrian continuava deitado no parapeito e de costas para a tormenta. A manta havia descido um pouco. Estava bastante próxima dele para notar o aroma de roupa mal lavada e suor de pés, mas suficientemente longe para que ele não notasse quando girei a cadeira para olhá-lo mais de perto. Estava imóvel. Há tempos atrás eu também era capaz de dormir dessa forma. O rapaz era bonito. Quando não apertava a boca com uma expressão desconfiada e estudada, pude ver que tinha lábios grossos, ainda que ressecados, com pedaços visíveis de pele solta e uma ferida no lábio inferior. Sua boca meio aberta revelava como era jovem. Tinha os dentes brancos e retos, e por trás aparecia a língua rosa e lisa, como a de um cachorro. Uma pequena espinha junto ao nariz era o único defeito nessa pele imberbe, e parecia um lunar diminuto. Senti-me tentada à retirar com cuidado o gorro dos olhos. Não me deu tempo. O rapaz se levantou de uma sacudida, usando a mão para proteger a cabeça.

— Sou eu, disse em voz baixa. — Não prefere se deitar nesse sofá?
— Merda, murmurou. — Tive um pesadelo.

Antes não havia visto como usava a camisa. Estava um pouco apertada, inclusive para o seu esquálido corpo. Havia deixado o enorme casaco com capuz debaixo da camisa de lã; que lhe sobressaía pelo pescoço e pelos braços, como se o rapaz estivesse preso em um casulo e do qual tentava sair.

— Não devia dormir com roupa tão apertada.
— Estou com frio, respondeu com um bocejo.
— Tente se vestir ao contrário, disse. — Coloque primeiro a camisa de lã e em seguida o casaco com capuz.
— Me pica muito.
— Prefere que o frio o pique? O rapaz não respondeu e fez uma careta ao voltar a cabeça. — Posso lhe emprestar o meu casacão de

plumas para que se cubra, ofereci apontando-o. De qualquer maneira, eu não conseguiria dormir mais essa noite.

— Veronica me emprestou, murmurou se referindo à camisa de lã. — Foi ela mesma que fez.

— Então ele se chama Veronica. Deu um sorriso e levantou a vista.

— Olhe isto...

Subiu ligeiramente a camisa. Na parte inferior dianteira tinha bordado o logotipo do clube de futebol Vålerenga, com umas toscas letras apenas legíveis. Adrian riu um pouco, uma risada seca e esquisita.

— Na realidade é um pouco bobo usar o logo embaixo.

— Não tenho nenhuma aflição por futebol, disse. — Não deveria dormir um pouco mais?

Em lugar de responder, Adrian se sentou e apoiou os pés no chão. Bocejou longamente. Tinha mal alento, cheirava a álcool rançoso.

— Quem lhe deu álcool? Perguntei.

— Alguém.

— Na realidade é injusto, ouvi Adrian murmurar. — Para alguns permitiram trazer as malas do trem. A mim não. E você?

— Estava inconsciente, disse enquanto tentava retirar chocolate quente da máquina do bar. — De modo que a resposta é não.

— Meu iPod ficou lá. E a roupa. Nem sequer tenho escova de dentes.

— Pode comprar uma nova.

A máquina estava desconectada, porque não havia nenhuma luz acesa. Manobrei para dar a volta ao mostrador procurando o interruptor, quando tive uma ideia.

— Você estava consciente durante o resgate, afirmei em tom indiferente. — Notou se a maioria pôde trazer os seus pertences?

— Não... Adrian duvidava. — Essa senhora com o bebê de roupa rosa gritava como uma louca porque não queriam trazer o carrinho. E

em seguida havia um tio que queria trazer uma mala enorme. Não deixaram. Eu na realidade não pensei muito na minha bolsa. Ao menos naquele momento. Só queria sair dali...

— Foi resgatado rápido?

— Rápido?

— Sim, foi dos primeiros que chegaram ao hotel? Havia desistido de ligar a máquina de chocolate quente, e olhei para Adrian. Ele se ruborizou.

— Tenho apenas quinze anos, sabe? Não param de me dizer que sou uma criança, uma criança. Pôs uma voz que pretendia se parecer à de uma funcionaria de meia idade da proteção de menores. — ... Assim tenho o direito a ser salvo primeiro!

— Certo. O que significa que estava aqui quando isso começou a se encher de gente. Lembra-se de alguma coisa mais sobre o tema das malas?

Adrian se levantou e se aproximou. Examinou a máquina pela frente e por trás com movimentos rápidos. Em seguida se ajoelhou, olhou um ponto específico e lhe deu uma pancada que não pude ver.

— Agora vai funcionar, disse.

— Sim, obrigado.

— Na realidade havia poucas malas, disse pensativo. — As pessoas entravam aos tropeções, congelados e fodidos. Mas alguns homens, esses tipos de negócios de terno e tudo isso, se aferravam a seus portáteis mais ou menos como a mulher do vagão se aferrava a sua criança. E em seguida havia uma velha com uma bolsa onde trazia seu trabalho de tricô. Ao menos isso foi o que disse. E Veronica trazia a sua bolsa negra. E em seguida...

— Poderia anotar tudo isso, Adrian?

— O quê?

— Poderia me fazer o favor de anotar o que se lembra das malas? De quem trazia o quê.

— Anotar? Não vejo por aqui nenhum computador. Você tem um?

— À mão, Adrian. Pode escrever à mão. De repente o rapaz estava ocupado em encher uma xícara de chocolate quente. — Não importa se

tiver uma letra ruim, disse.

— Não tenho vontade, murmurou. Por que iria fazer isso?

— Porque eu estou pedindo humildemente. E porque seria importante para mim. E porque creio que no fundo, muito no fundo, é um rapaz muito bom e muito bonito...

Ao menos tinha idade suficiente para captar a ironia. Começou a sorrir. O chocolate saiu queimando do dispensador.

— Muito bom e muito bonito, repetiu. — Está certo. Queimou-se com a bebida quente. — Papel, disse abrindo a boca.

— Encontrará algo ali, disse apontando para a recepção. — E caneta também.

Encolheu os ombros e arrastou os pés pela sala com a xícara na mão. Ainda usava a camisa de lã que marcava o delgado torso e que dava um efeito um pouco absurdo por cima dos enormes jeans, largos e muito compridos. Ouviram-se passos na escadaria. No principio pensei que o ruído vinha de fora.

— Por quê veio agora? Disse Adrian mal-humorado. — Não sabe que horas são? Mas Magnus Streng cumprimentou amavelmente o rapaz com um gesto enquanto se aproximava de mim.

— Me disseram que você já está informada, sussurrou. — Faria-me um grande favor se viesse comigo à cozinha... Com o fim de... De repassar tudo.

— Eu já repassei o que merece a pena ser repassado, respondi em voz baixa sem tirar o olho de Adrian, que perambulava pela recepção. — Adrian, pedi que fosse apanhar papel! Não procurar outras coisas!

— Faça-me o favor.

O doutor Streng insistiu. Vacilei um instante, girei a cadeira e fiz um gesto imperioso em direção à porta da cozinha, onde estava pendurado cartaz de metal que dizia: “É perigoso tocar os interruptores com vara de pescar”. Adrian ficou sozinho.

Quando voltei, o rapaz havia escrito uma lista valiosa. Em primeiro lugar era muito rica em detalhes. Certamente, não havia observado todos os passageiros no momento da chegada ao hotel, mas o documento continha uma precisa descrição de mais de cinquenta passageiros e do que estes haviam trazido do trem. Só dava nome a seis deles, o que era lógico, pois antes do descarrilamento do trem não conhecia ninguém. Os demais estavam descritos de um modo tão detalhado que logo eu soube a quem se referia. O rapaz era um observador fora de série, sobretudo levando em conta que sempre usava um gorro que tapava os olhos. Parecia que também tinha a capacidade de trabalhar depressa, pois eu não devia de me ter ausentado mais de quarenta minutos.

Ainda assim, o mais espetacular era o aspecto da lista. Sua letra era bonita e regular como de máquina, e esse tipo de caligrafia não se ensina nos colégios noruegueses desde antes da guerra. Ainda que fosse uma folha de papel em branco e sem linhas, era como se Adrian tivesse empregado uma régua. Viam-se pontos e fora das margens retas, finos laços e bonitas maiúsculas, como se retirado de um livro de caligrafia. Além disso, em todo esse escrito de seis páginas não encontrei uma só erro de ortografia.

Mas quando segui o doutor Streng e Geir Rugholmen até a cozinha, não sabia nada de tudo isso. Antes que a porta se fechasse atrás de mim, a única coisa que pensei ao dar uma olhada no rapaz foi que gostaria de saber a que horas ele teria se deitado no parapeito. Era pouco provável que eu fosse à única que ouviu o seu comentário, quando Cato Hammer fez o que seria o seu último discurso ante um grupo de pessoas em cima da mesa. A única coisa que queria era que ninguém tivesse se dado conta do desaforo de Adrian. Ninguém mais além de mim, quero dizer.

— Na realidade creio que era um bom homem, comentou o doutor Streng bamboleando lentamente ao redor do cadáver de Cato

Hammer. — Apesar de que fez muitas bobagens. Incentivava as lutas internas. Às vezes tinha muitos problemas. Tanto com seu Deus quanto com esse senhor diabólico dali debaixo.

— Você fala como se o tivesse conhecido, intervi.

O médico não respondeu. Limitou-se a fazer um gesto afirmativo e eloquente com a cabeça, enquanto examinava detalhes do corpo morto. O nariz tinha uma estranha cor entre azulado e amarelado. Os olhos, espantosamente abertos, ainda que eu me lembrasse de tê-los fechado antes. Deteve-se no braço quebrado e se inclinou para frente com um olhar escrutador. Geir Rugholmen se apressou a explicar o pequeno acidente durante o transporte do cadáver. O doutor Streng fez um gesto tranquilizador com a mão direita, e continuou dando a volta ao redor do morto.

— Prendo-me ao segredo profissional, declarou por fim, sem afastar o olhar do cadáver. — Mas dadas às circunstancias, posso dizer que Cato Hammer foi meu paciente um dia. De fato, já faz uns anos. Fora da universidade, eu tinha um pequeno consultório particular. Como as necessidades médicas de Cato Hammer se encontravam algo, por não dizer bastante, afastadas de minhas competências, após duas ou três visitas o enviei a outro médico.

Deteve-se, levou as mãos às costas e mexeu os dedos dos pés. Parecia um pinguim de guarda.

— Mmm, murmurou várias vezes, sem que eu fosse capaz de entender que queria dizer.

— O quê?

— Como? Perguntou Streng surpreso.

— O que acontecia?

— Sofria da incurável solidão da alma.

— Não dava exatamente a impressão de ser solitário, murmurou Geir.

— Falo da alma, meu bom homem. Dos conflitos do espírito. Sobre a eterna luta entre o bem e o mal. Ou, no caso de Cato Hammer,

entre Deus e Satanás. Não são assuntos fáceis. De maneira alguma.

"Essa é boa", pensei, mas por sorte consegui ficar calada.

— Enviei-o a um psiquiatra, disse Streng após uma profunda inspiração. — Ainda que na minha opinião seria melhor que falasse com um teólogo sábio e experiente. Eu disse a ele, mas não serviu de nada. Creio simplesmente que não se atrevia.

Na cozinha se fez o silêncio, como se o fato de sabermos de que o famoso fanfarrão da televisão Cato Hammer havia necessitado ajuda psiquiátrica nos incomodasse.

— Seria desejável, disse o doutor Streng tão repentinamente que me sobressaltei. E se deteve. Olhou com os olhos entornados o orifício da bala. Tinha a cabeça quase à altura do cadáver, mas não procurou nada para subir. — Seria desejável... Repetiu, —... Que alguém tivesse se preocupado de tirar a temperatura do corpo quando foi encontrado. Geir captou o meu olhar. O único sinal de que se divertia com a situação foi um leve movimento na comissura dos lábios. E não me traiu. Limitou-se a encolher os ombros como se lamentasse e disse:

— Neste hotel só existe termômetros eletrônicos. Para uso médico, quero dizer. E não nos pareceu muito útil tirar a temperatura de um cadáver na orelha.

— Está bem, disse Streng. — Mas o melhor teria sido o fígado. Um termômetro de forno serviria. Vocês tem um, não? Porque o cérebro está, como direi, um pouco... Machucado... Levantou com cuidado a cabeça de Hammer para examinar o brutal orifício de saída. —... De maneira que o método mais simples teria sido colocar o termômetro por aqui... Explicou, apontando as fossas nasais do pastor, — Até dentro do cérebro. Mas não nos teria dito grande coisa. A que hora o trouxeram para o hotel? Geir olhou o relógio.

— Há cerca de uma hora.

— É um cálculo simples, disse Magnus Streng. — No princípio leva vinte e quatro horas para reduzir à metade a diferença de temperatura entre o corpo e o exterior. Em outras palavras: se está vinte

e cinco graus abaixo de zero lá fora, e imaginemos que Hammer era um homem são e ágil, com uma temperatura corporal de trinta e sete graus, a diferença...

— Sessenta e dois graus, eu calculei. O médico sorriu e concordou com a cabeça. — Vinte e quatro horas na neve daria a nosso homem uma temperatura basal de seis graus, adicionei. — Trinta e sete menos a metade de sessenta e dois, que dá trinta e um. Seis graus. Mas o homem não ficou lá muito tempo. Além disso, já está há algum tempo aqui dentro, e parcialmente coberto pela neve, o que deve tê-lo conservado. E também o fortíssimo vento constitui um fator de insegurança à hora de determinar a sua temperatura real. Além disso... Streng virou a sorrir, levantando as mãos rechonchudas.

— Já faz tempo que sei o que quer me dizer.

Berit Tverre entrou na cozinha. Vinha sem alento, e ainda não havia tido tempo de retirar toda a roupa pesada. Sua voz quase deixou de se ouvir quando passou por trás da meia parede da cozinha forcejando para retirar o grande anoraque.

— Não serviu de nada. Fiz a experiência três vezes. Na primeira vez a neve cobriu o senhor Col em quatro minutos e meio. Na seguinte vez demorou quase um quarto de hora. Por último, a neve o cobriu com tanta rapidez que nem sequer pude medir o tempo corretamente.

— O que significa... Eu disse, — Que neste caso teremos e confiar neste procedimento em vez de na velha conduta.

— A qual, segundo o que disseste, será fácil. Olhei surpresa para Geir. — Disseste isso quando esteve aqui, explicou. — Disseste que esta investigação seria extraordinariamente fácil. Ou algo pelo estilo. É o que pensa? Concordei levemente com a cabeça.

— Temos um número muito limitado de suspeitos, e todos estão presos neste lugar. A área geográfica a investigar é muito limitada. Creio que o assassinato será resolvido em um par de dias. Depois de que a polícia se encarregue do caso, claro. Primero ela tem que começar.

— E enquanto isso? Perguntou Berit Tverre em tom indeciso.

— Enquanto isso pode fazer o que eu disse: procurar um dos policiais que, suponho, se encontram de serviço no apartamento do

último andar, e depois o que recomendou a todos os demais: relaxar e esperar tranquilamente. Em algum momento este furacão terminará.

"Enquanto isso", eu pensei, um assassino com uma arma de grande calibre andará solto entre nós. Ainda assim, podíamos ter a esperança de que essa pessoa tivesse uma razão para matar Cato Hammer, e nenhuma intenção de machucar algum de nós. "Enquanto esperamos a polícia", pensei, mas não disse, podemos rezar aos deuses em que cada qual acredite para que o autor do crime seja uma pessoa racional, com um objetivo claro, e que não desconfie que algum de nós saiba quem é ele ou ela. E que ele ou ela tampouco encontre alguma razão para suspeitar que alguém quer investigar o caso aqui e agora.

— Fiquem tranquilos, disse com um sorriso. — Tudo terminará bem.

* * *

Brisa Fraca

NA ESCALA DE BEAUFORT - BRISA FRACA

Velocidade do vento: 3,4 – 5,4 m/s.
O vento é considerável e pode chegar a machucar.
A neve que cai parece se mover muito mais depressa horizontal que verticalmente.

SEM DÚVIDA ESTAVA ficando velha. Quando Adrian me entregou a lista que havia feito, fiquei impressionada. O único problema era que já não tinha ideia do que fazer com ela. Talvez quando pedi que a fizesse, tinha a esperança de que fosse completa. O fato de ter pensado algo semelhante, me fez entender que me encontrava mais longe do distrito policial de Oslo do que havia me sentido em anos. O documento serviria, se tivesse uma lista completa de todos os passageiros, e do que cada um havia trazido do trem. Uma lista dessas características pressuponha que alguém tivesse se dedicado a fazê-la antes que as pessoas começassem a chegar ao hotel. Um exaustivo registro, como numa cadeia. Os papeis que o rapaz me deu com gesto tímido apenas mostravam o óbvio. Impressionaram-me, sobretudo pelo seu aspecto artístico, e me mostraram coisas sobre Adrian.

— Obrigado, disse com sinceridade.
— Ok.

Quando tinha lido o suficiente, levantei a vista e o olhei. Enrolei os papéis antes de colocá-los em um bolso da cadeira de rodas. Ele

continuava de pé diante de mim, desconcertado e cabisbaixo.

— Apesar de tudo, teve algum ponto de referência em sua infância, disse. — Eu também. Para mim eram as casinhas nas árvores.

— O quê?

— Para mim eram as casinhas nas árvores. Quando criança tinha um vizinho que era carpinteiro. Também era nosso porteiro. Para dizer verdade, creio que só tinha a ele. Os demais adultos do meu entorno não gastavam muita energia na minha existência. Gosto muito de casas construídas nas árvores. Adrian olhou com ceticismo a cadeira de rodas. — Gostava, corrigi a mim mesma.

— Para que vai usar a lista?

— Poderia me ser útil. A quem você tinha? Quem ensinou-o esta incrível caligrafia?

— Aconteceu alguma coisa? Perguntou, esfregando com a ponta do sapato o gasto chão de madeira.

— Sim.

— O quê?

Não precisei inventar uma resposta. Geir Rugholmen chegou correndo. Sem dizer nada, segurou a minha cadeira e me levou para a cozinha. Adrian nos seguiu uns passos atrás, mas se deteve quando Geir o repreendeu.

— Não gosto que me empurrem, disse ao se fechar a porta atrás de nós.

O cadáver já não estava mais lá. Como não conseguiriam retirá-lo pela recepção sem que eu os tivesse visto, imaginei que o haviam colocado na câmara de congelamento. Por outro lado, não estava de todo certa de que não tivesse outra saída da cozinha. Ao pensar na câmara de congelamento, me lembre de que tinha fome, e levei uma mão ao estômago.

— Escute, disse Geir se colocando diante de mim. — Agora me escute. Sua voz era mais alta do que costume. Fiz o que me disse.

Tossiu e se agachou, de modo que a sua cabeça ficou mais baixa que a minha. Não saberia dizer se era melhor olhá-lo para baixo.

— Fui ao apartamento do último andar. De fato, são três apartamentos, os números 17, 18 e 19. Dividem um corredor, onde tem um guarda. Como se não acreditasse que eu estava escutando, esperou que eu reagisse antes de prosseguir.

— Certo, disse encolhendo de ombros. — Um guarda de segurança. Mas com tanto mistério não deveria surpreendê-lo. Claro que precisariam de um guarda.

— Um guarda armado.

Algumas pessoas me conhecem de verdade. Não muitas, claro, e até que fiz vinte anos de idade só o carpinteiro da casa vizinha fez alguma vez uma tentativa sincera para ver quem era eu. Desde então são muitos os que tentaram. Demasiados, um número insuportável, mas fui forte para impedir que conseguissem na maioria dos casos. Quando começaram a me faltar as forças, deixei de permitir que tentassem.

Mas ainda restam alguns. Todos acabam dizendo o mesmo, se queijando e me acusando: Hanne se fecha em si mesma. Qualquer conversa, desde a mais escandalosa até a mais simples, mais cedo ou mais tarde chego a um ponto em que não tenho mais nada para dividir. Mais cedo, dizem. Muito cedo, diz todo o mundo. Mas eu sempre penso melhor quando estou só.

— Olá! Geir me sacudiu um braço.

— Ouviu o que eu disse? Tem um guarda armado no corredor que leva aos três apartamentos de cima!

— Que tipo de arma? Joguei a pergunta no ar, só para dizer algo.

— Como vou saber! Um fuzil automático. Ou uma pistola, quem sabe, ou uma mistura dos dois.

— Fez o serviço militar?

— Fiz o serviço civil. Levava velhos em cadeiras de rodas para casa.

— Não pratica a caça?

— Não, merda! Não sei nada de armas, mas até meu filho de cinco anos saberia que o que esse tipo segura é uma arma.

— Era norueguês?

— Como?

— Era norueguês o homem da arma?

— Claro que era norueguês! Não creio que tenha vindo até Finse um maldito esquadrão estrangeiro!

— Existem esquadrões na aviação e na armada, disse. No exército não. Além disso, não creio que se trate de algo militar. Como sabe que é norueguês? Geir se levantou com um ostensível suspiro.

— Falava norueguês. Tinha um cara de norueguês. Em outras palavras: era totalmente norueguês.

— Do que falaram? A coisa começava a se parecer com uma conversa e Geir se tranquilizou. Procurou com o olhar um lugar onde se sentar.

— Eu lhe disse olá, respondeu e deu um salto para se sentar onde há pouco haviam repousado os restos mortais de Cato Hammer. — E me apresentei. Não me deixou dizer nada mais.

Esperou em vão a minha reação.

— Limitou-se a dizer que me afastasse, prosseguiu com impaciência.

— Apontou a arma para você?

— Se...? Não. Ordenou-me com bastante firmeza que saísse. Não havia entrado e parei na porta antes de tentar dizer algo mais. Interrompeu-me e repetiu a ordem. Saia daqui. Isso foi o que disse. Várias vezes.

Essa era a prova definitiva de que os membros da família real não se encontravam em Finse nessa tormentosa noite de fevereiro. Não precisariam nem desejariam uma proteção desse tipo. Então, quem eram? A resposta que me veio à mente era assustadora.

Um enorme barulho me fez retroceder tão depressa que a cadeira esteve a ponto de virar. Um frio gelado entrou pela janela quebrada e em

um par de segundos vários metros do chão do aposento ficaram cobertos de neve. Com os redemoinhos de neve e o bramido do vento, o ar se tornou de um branco acinzentado, e me custava respirar. Berit Tverre entrou correndo. Pelo aposento voavam papéis e vidros; me inclinei para frente na cadeira, com as mãos entrelaçadas sobre a nuca, como se estivesse num avião a ponto de cair e só pudesse esperar que tudo acabasse bem. Antes havia notado que de uns ganchos que havia sob o extrator de fumaça estavam penduradas umas dez colheres de distintos tamanhos. Agora elas estavam voando pela cozinha e uma me alcançou sem força na cabeça.

Em outros tempos eu me dava muito bem em calcular o tempo. Era capaz de adivinhar a hora com grande precisão, sem a ajuda de um relógio. Era muito útil. Essa faculdade, ou talvez se tratasse de intuição, desaparecera. Confundo-me. Duvido, vacilo. Naquele momento não tinha ideia de quanto tempo havia se passado até que se fez repentinamente o silêncio. É certo que o vendaval continuava rugindo, mas ao menos era do outro lado da parede. Em comparação com o inferno que surgira ao quebrar a janela, aquilo era um silêncio sepulcral. Parei de cobrir a nuca, e levantei a cabeça. Berit e Geir estavam sob a janela menor na parte da cozinha, tapando-a com uma grande tábua de madeira. Na cozinha continuava fazendo um frio gélido, mas a neve do chão estava a ponto de se derreter.

— Obrigado, disse quase sem querer. Os dos começaram a rir. Ficaram sem ar de tanto rir.

— Beleza! Disse uma voz. — Outras janelas podem se abrir? Adrian havia entrado na cozinha sem que tivéssemos dado conta. Deu uns passos titubeantes desde o fogão, separado por uma meia parede da cozinha em si.

— Tem mais gente aí fora? Perguntei.

— Não. As pessoas estão dormindo. Berit se levantou e estendeu a mão a Geir para ajudá-lo a se levantar.

— Não, respondeu com veemência. Esta janela daqui está há muito tempo em mal estado. Deveria tê-la preso no começo do vendaval.

Adrian riu entre dentes, como se tivesse pouca fé no que a diretora do hotel acabava de dizer. Parecia esperar o barulho que estava por chegar. Eu sacudi a neve da camisa e da cadeira. A repentina entrada do vendaval no hotel havia interrompido uma conversa da que eu queria me safar.

— Venha, disse a Adrian avançando com a cadeira em direção à recepção. — Deixemos a esta gente a tarefa de limpar tudo.

O metal das rodas da cadeira estava tão frio que ao se fechar a porta atrás de mim me queimavam as mãos. Estava muito preocupada, mas Infelizmente a minha inquietação não tinha nada que ver com a situação meteorológica.

* * *

— O que está acontecendo aqui?

Adrian havia se sentado no parapeito, de costas para a janela e com as pernas sobre a mesa. Tinha os braços cruzados eloquentemente sobre o peito. Optei por ignorá-lo. Então se levantou. Não havia maneira de manter em segredo o assassinato de Cato Hammer. Soube disso imediatamente ao ver o seu cadáver. O pastor era uma das figuras mais conhecidas no trem, e não havia passado precisamente inadvertido na noite anterior. Ainda que um bom número de passageiros tivesse dado mostras de ceticismo e desaprovação, outros claramente gostavam dele. Pelo que havia ouvido dizer, de fato havia se realizado uma espécie de cerimônia religiosa no salão. Bastante concorrida, segundo comentara uma idosa que pensou que eu estava adormecida. Cato Hammer poderia ter planejado algum ato também para a manhã; além disso, o homem fazia parte de um numeroso grupo. Tarde ou cedo alguém faria perguntas sobre o desaparecimento do pastor futebolístico. A questão era se enquanto isso devia mentir para Adrian.

— Acaso tem problemas de audição? O que está acontecendo? Por que está sempre enfiada na cozinha? Olhei para o rapaz fixamente.

Na teoria havia cento e noventa e quatro suspeitos neste caso, já que com toda certeza só podia descartar o bebê de rosa e a mim mesma. Se fosse fisicamente possível se mover de um lado a outro na cidade de Finse com semelhante vendaval, teria que ampliar o grupo de possíveis assassinos. Além dos passageiros do trem alojados fora do hotel, imaginava que havia mais gente por aí, como o estranho proprietário da cabana e quatro carpinteiros poloneses que estavam restaurando um dos apartamentos do Edifício Electro. Um número indeterminado, mas limitado, de possíveis assassinos. Adrian era um deles.

— Está completamente surda, ou o quê Hanne! Olá, Olá!

Era a primeira vez que o rapaz me chamava por meu nome. Não tenho ideia de como soubera. Deveria ter escutado a conversa entre o doutor Streng e eu quando o médico me examinou a ferida. Adrian havia se mostrado muito agressivo no dia anterior. Porém, estava convencida de que o seu ataque ao pastor havia sido expressão de um desprezo geral pelos adultos. E em especial pelas autoridades. E muito em particular por todos os times de futebol que não fossem o Vålerenga.

— Olhe-me, disse por fim.

— O quê? Cobriu mais o rosto com o gorro. Eu me inclinei para frente.

— Olhe-me, repeti. — O que você tem contra Cato Hammer?

— Cato Hammer? Esse idiota do Brann?

Não vi sombra de vergonha ou medo. Ao contrário, entornou os olhos com ar de desprezo, e quando afastou os olhos dos meus foi como se olhasse ao seu ao redor com a esperança de ver ao pastor e dar outra reprimenda.

— Com o futebol não se brinca, bufou. — O Brann não é de nada. E o tio não fala o dialeto de Bergen! Nem sequer morou lá! Não

é...

— Muito poucos torcedores do Vålerenga nasceram e cresceram na parte este de Oslo, interrompi. — Onde você cresceu?

Uma pergunta boba, pois provavelmente Adrian teria se criado aos trancos e barrancos em todas as partes e em nenhuma em especial. Não respondeu.

— Cato Hammer morreu, disse.

Ficou admirado durante uns segundos, até que me olhou com os olhos entornados, incrédulo. Quando por fim abriu a boca para dizer algo, me pareceu ver uma sombra de medo em seu rosto. Justo nesse instante se ouviu uma algaravia nas escadarias. Voltei-me por ato reflexo. Uma família de quatro membros descia ruidosamente para a recepção, com o cachorro português preso. Latiu ao me ver.

— São sete horas, disse o pai com entusiasmo. — Um novo dia, novas possibilidades!

— O que ia dizer? Perguntei a Adrian em voz baixa, tentando captar de novo o seu olhar. Pareceu-me que estava a ponto de dizer algo. Mas era demasiado tarde. Limitou-se a encolher os ombros e puxar o condenado gorro.

— Nada.

— Nada?

— Que lamento, talvez. Ou, ai, que pena. Refere-se a algo assim? O que quiser.

— É estranho que não pergunte do que morreu. Adrian suspirou.

— Do que morreu? Perguntou.

— Assassinado.

— O quê?

— Deram-lhe um tiro.

— Quando? A pergunta me surpreendeu. Estava mais concentrada em interpretar a expressão de seu rosto que em escutar o que estava dizendo.

— Na noite passada, respondi brevemente.

— Onde está agora?

— Faz umas perguntas muito estranhas, comentei.

— Como você, respondeu antes de se levantar e apontar com a cabeça a máquina de café. — Quer alguma coisa? Adrian era uma criança em muitos sentidos, e ainda que às vezes me deixasse enganar por adultos, ainda me falta conhecer uma criança capaz de fazer tanto teatro.

— Não diga isso a ninguém, pedi. — No momento. Olhou-me um instante boquiaberto, antes de fazer um movimento negativo com a cabeça.

— Manter em segredo algo assim, murmurou. — É difícil. Quer algo ou não?

Adrian voltara a ser o de antes. O irritante do caso era que me sentia incapaz de decifrar o que havia visto em seu rosto quando a ruidosa família com o cachorro me interrompeu. Poderia ser algo parecido com angústia, e não entendia por que não gostei disso.

* * *

Não tinha maneira de descobrir se fora Adrian quem dera com a língua nos dentes. Provavelmente não havia sido ele. Aparte de mim o rapaz não era capaz de se comunicar com as pessoas com mais de mal-humorados monossílabos. Exceto, eu supunha, com Veronica, ainda que só os visse em calada cumplicidade. Além disso, a jovem ainda não havia descido para tomar o café-da-manhã. Em troca, quase todos os demais já o haviam feito. Kari Thue se queixava ruidosamente de como havia dormido bem.

— É escandaloso, dizia com uma voz aguda que chegava até mim. — Não se pode deixar as pessoas dormirem tão profundamente e tanto tempo nestas circunstâncias. Muitos de nós poderíamos ter sofrido uma comoção cerebral no acidente sem saber. Nesses casos é preciso despertar as pessoas em intervalos regulares!

A recepção havia se convertido em um corredor de trânsito, e entre as pessoas que iam e vinham corriam os rumores. Todos pareciam estar de caminho a alguma parte, e só paravam o tempo suficiente para ouvir os rumores, como acontecera no trem antes do acidente. Sentada na cadeira, escutei fascinada histórias cada qual mais fantástica. Os rocambolescos relatos só tinham um ponto de verdade em comum: Cato Hammer havia desaparecido.

O restaurante se encontrava na ala que dava para o lago Finse, e se chegava até ele pela a Taberna de Saint Paul. Pelo visto, o pessoal também havia preparado uma sala de reuniões que havia mais ao fundo, contígua ao Salão Azul. Uma mulher se sabe lá por quê, sorria sem parar me serviu a comida em uma bandeja. Havia-a notado na noite anterior. Aparentemente era uma empregada do hotel e me tratava com uma familiaridade que eu não entendia. Ainda que eu tivesse participado nas peripécias da noite, e, além disso, me encontrava em uma situação especial por não poder abandonar a recepção, nada justificava que me tratassem como se fosse membro de uma espécie de clube de Finse. Imaginei que essa mulher conhecia o destino de Cato Hammer. Seria muito difícil manejar o cadáver, com os respetivos problemas práticos relacionados ao assassinato, sem que os empregados estivessem informados. Agora a mulher andava por aí como uma espécie de Polyana montanheira, distribuindo sorrisos e risadas por todo o lado. O que na realidade era bastante chamativo. O ambiente entre os que iam e vinham do restaurante, alguns com pratos e xícaras de café nas mãos, era cada vez mais tenso conforme choviam as perguntas e não havia ninguém capaz de respondê-las.

— Todo o mundo será informado, disse a mulher com um sorriso, em uma vã tentativa de tranquilizar as massas. — Às nove e meia se realizará aqui uma reunião. Então todo o mundo saberá de tudo! Não gostei da mulher, mas a comida era boa.

— É verdade?

Uma das jovens da equipe de handebol me olhou fixamente. Era magra e nariguda e quase não tinha peito. Usava um lenço vermelho e

uns tênis novos ao que, por alguma razão, havia retirado os cordões.

— É verdade? Repetiu, desta vez com um sorriso. Seus dentes estavam presos em uma sólida rede de aço. Devolvi o sorriso.

— O que? Perguntei.

— Que esse tipo morreu. O pastor.

— Por que pergunta a mim?

— Porque você está sentada sem se mover, disse olhando ao seu ao redor antes de se sentar sobre a mesa com as pernas penduradas. — Todos os demais só fazem correr de um lugar para outro.

Os jovens que estiveram jogando pôquer toda a noite e que zombavam do pastor sem nenhum pudor inventaram que Cato Hammer havia tentado partir para Haugastøl em uma moto de neve roubada. Como vários dos presentes disseram ter ouvido o ruído do motor durante a noite e Kari Thue estava bastante certa de que o tempo havia melhorado um pouco ao redor das três da madrugada, a história sobre a enlouquecida viagem de Cato Hammer pela montanha foi se espalhando. Alguém afirmava que havia ouvido gritos e vozes, e, por certo, onde estavam as pessoas da Cruz Vermelha? Houvera uma briga? Uma senhora muito alterada, que em seguida resultou ser a origem de todo o alvoroço, dizia uma e outra vez que tinha uma reunião com Hammer às oito, quer dizer, há mais de uma hora, e que ele jamais deixaria de vir. Ao ponto de começar a chorar declarou conhecê-lo muito bem. Um homem como Cato Hammer nunca na vida os abandonaria a sua sorte nesse lugar deixado da mão de Deus. Como não estava em seu quarto e ninguém, absolutamente ninguém, o havia visto desde as onze e meia da noite anterior, seria verdade que estava morto ou gravemente ferido. Talvez jazesse indefeso na neve, por Deus, não podia sair alguém e procurá-lo?

— Este lugar não está exatamente deixado da mão de Deus, acho, disse a jovem com uma risada que fez brilhar seu aparelho dental. — É um hotel muito bonito, não acha?

Havia um homem de jeans imóvel no meio da sala, a só uns metros de mim. Parecia algo perdido, e era como uma boia que todos rodeavam. Havia reparado nele no dia anterior. Fazia parte da nutrida delegação eclesiástica. Quando Cato Hammer tentou reunir as pessoas para rezar uma breve oração, aquele homem pareceu se sentir incomodado. Tentou um par de vezes puxar a manga de Hammer, como se quisesse tranquilizar ao enlouquecido pastor. Agora se limitava a alisar nervosamente o cabelo ralo.

— É verdade? Insistiu a jovem da equipe de handebol. — Está morto ou foi embora? E por que iria embora? Pode-se sair daqui com este vendaval? Sabem de algo?

— Olá, disse cumprimentando com a cabeça o homem, que já se estava aproximando da jovem de vermelho. — Posso ajudá-lo em algo? Ameaçou um leve sorriso, se aproximou de vez e me estendeu a mão.

— Roar Hanson, se apresentou, um tanto inseguro de se devia cumprimentar também à jovem.

— Hanne Wilhelmsen, eu me apresentei. — Dá a impressão de querer perguntar algo.

— Todos nós queremos perguntar algo, me parece, disse o homem aproximando uma cadeira. — Preciso admitir que estou um tanto preocupado.

— Conhece Cato Hammer? Perguntei. Ou... Dei uma risada. — Conhece-o bem? Eu os vi conversando ontem em várias ocasiões, e...

— Somos amigos, respondeu Roar Hanson muito sério, vacilando. — Não muito íntimos, é claro, mas fomos companheiros de estudos, e... Não entendo... Calou-se.

Tentei seguir o seu olhar. A ruidosa família do cachorro de água tentava encontrar um lugar para se sentar à mesa. Adrian se mostrava muito pouco disposto a lhes ceder um lugar. Em troca cedeu um assento para Veronica, que continuava tão maquiada quanto no dia anterior. A jovem se sentou a seu lado sem dizer palavra. Usava umas meias vermelhas de lã que havia visto com Adrian na noite anterior. Pensava que o de se intercambiar a roupa era próprio de jovens menores que eles. Talvez fosse algo romântico. O que saberei eu dessas coisas! O cachorro

latiu, e seu amabilíssimo dono jogou ovos mexidos no chão, antes de agitar no ar um pedaço de bacon para fazer o cachorro saltar. As crianças aplaudiram. Roar Hanson franziu o cenho.

— Neste hotel são muito liberais com os cachorros, opinou com uma expressão mais triste que irritada.

— De maneira que você também é pastor, observei.

— Sim. Quer dizer, fui ordenado, mas no momento trabalho como secretário da comissão da Igreja estatal. Vamos a... Íamos a...

Por uma razão ou outra era incapaz de afastar o olhar da família do cachorro. O animal estava devorando uma enorme porção de cereais Cornflakes com marmelada. Salpicava leite por todos os lados. Adrian se divertia jogando pedacinhos de presunto na doce mistura. Veronica continuava igualmente inexpressiva.

— Ia para Bergen, eu disse. — Todos nós íamos para Bergen. Como...?

— Está morto? Murmurou Roar Hanson. Os seus lábios tremiam.

Comecei a me perguntar se tinha o carimbo de policial estampado no meu corpo. A única coisa que me distingue dos demais é que estou sentada em uma cadeira de rodas. E que possivelmente seja um tanto mais negativa que a maioria. Ambas as coisas tem o mesmo efeito: as pessoas se afastam. Mas nesse momento parecia possuir uma espécie de magnetismo empático. As pessoas se aproximavam para perguntar. Era como se a minha constante presença em um local pela qual todos os demais se limitavam a ir e vir me convertera em uma autoridade onisciente, posição à que jamais havia aspirado.

— Por que pergunta isso para mim? Quis saber ao ver que o homem não me tirava o olho.

— Cato está morto? Repetiu. — Está... Alguém matou o Cato? Nós dois havíamos nos esquecido da jovem da equipe de handebol. Nesse momento se inclinou para nós, boquiaberta. Cheirava a menta e exibia um sorriso de excitação.

— É verdade? Sussurrou. Um assassinato de verdade?

— Sim, respondeu Roar Hanson, passando uma mão pelos olhos. — Acho que é verdade, e não posso acreditar.

Eu de minha parte não sabia o que dizer. Ainda faltava um quarto de hora para a reunião, e continuava sem ter ideia do que se trataria nela. Só que penso que o melhor é contar a verdade. Mas ao olhar para o rosto expectante da jovem ou para os olhos chorosos do pastor, já não estava tão certa. Com certeza o melhor seria inventar alguma excelente mentira. Mas não precisei inventar nada. Salvou-me um barulho que por um instante me fez temer que outra janela tivesse cedido ante o vendaval. Por sorte estava errada. O ruído vinha da escadaria, na qual desciam dois homens jovens com botas de esqui nos pés. Berravam tanto que no principio era impossível entender o que tentavam dizer.

O bom ambiente em Finse 1222 não havia aguentado uma noite. Depois da traumática experiência no trem, a sensação de segurança por conseguir chegar a um lugar acolhedor, onde havia comida e abundante bebida, companhia, boas camas e jogos de cartas, unira a todos. Como nenhum passageiro havia conhecido o condutor do trem, sua dramática morte não havia colocado freio a nossa sensação de jovial gratidão. Ao contrário, o lamentável falecimento de Einar Holter se convertera em uma espécie de condimento, uma lembrança da boa sorte que, ao fim e ao cabo, tiveram os demais.

A manhã havia começado com uma tensa e crescente impaciência. Era certo que a família do cachorro negro continuava com esse fodido sorriso na cara, mas quando às oito e meia começaram a se encher as áreas comuns do hotel, em seguida me dei conta da mudança de ambiente. Em primeiro lugar, o vendaval começava a nos crispar os nervos, e os ânimos pioravam a cada minuto, sem que ninguém fosse capaz de entender como podia ser possível. Antes houvera um forte temporal que em muitos momentos se transformara em furacão, e agora o anemômetro situado na coluna que dividia em dois a recepção quase marcava o ponto máximo. Berit Tverre se aproximava constantemente

para verificar. Às vezes dava breves olhares para os janelões, e no nariz aparecia um vinco que eu não havia detectado antes.

O caso do desaparecimento de Cato Hammer era ainda pior. No principio eu havia pensado que as pessoas não se importariam muito. Quero dizer, se soubessem da crua realidade de como havia morrido claro que reagiriam, mas só sabiam do fato os empregados, o doutor Streng, Geir Rugholmen, Adrian e eu. De modo que o fato das pessoas comparecessem cedo ao café-da-manhã era no mínimo surpreendente. Ao fim e ao cabo Finse 1222 é um casarão com um sem-fim de ângulos, um monte de locais escondidos, de corredores estreitos e esquecidos. Portanto a maior parte dos presentes já estava com os ânimos no chão quando os dois homens desceram ruidosamente pela escadaria, gritando ao mesmo tempo:

— Um homem está atirando! Estão dando tiros lá em cima! No último apartamento de cima! Tem armas!

Ao pé da escadaria havia seis ou sete pessoas, entre elas duas jovens da equipe de handebol. Colocaram-se a gritar como se um rapaz as tivesse surpreendido no banho. Da minha posição do outro lado da sala, com a longa mesa em diagonal entre a escadaria e eu, vi um idoso se estremecer tanto que jogou no ar a xícara de café que segurava na mão. Esta deu várias voltas antes de cair ao chão. O velho perdeu o equilíbrio. O café ardente alcançou o focinho do alegre cachorro, que começou a correr entre as pessoas latindo e ganindo em busca dos seus. No instante em que o velho caiu ao chão, as jovens taparam o rosto com as mãos, soltando um único grito atonal. Alguns começaram a gritar pedindo um médico. O dono do cachorro soltou umas imaginativas maldições contra todos nós, antes de conseguir segurar o animal e estreitá-lo contra o peito, para em seguida abrir passagem apressadamente até o lavabo dos cavalheiros.

Roar Hanson, que por alguma razão se encontrava atrás do balcão do Milibar, onde só se permitia ficar os empregados, se atirou ao chão, desaparecendo de minha vista. Notei que Veronica, a amiga vestida de

preto de Adrian, se encontrava no mesmo lado do bar. Começou a rir, uma estranha risada, rouca, que não encaixava com a sua figura frágil. Também o curdo se atirou ao chão, mas ao contrário do pastor não pensou nele somente. Colocou-se em cima de sua mulher, protegendo-a com seu corpo. O movimento foi tão rápido que parecia já tê-lo ensaiado. Uma mulher que na noite anterior estivera sentada sozinha, fazendo tricô, começou a chorar ruidosamente. O bebê rosa, que eu não havia visto desde o acidente, despertou e gritou nos braços de sua mãe. O nível de ruído da recepção estava a ponto de superar ao do furacão.

Na escadaria, as pessoas continuavam falando de tiros e armas. Um dos homens de negócios, do qual eu parecia ter visto uma foto no jornal econômico Dagens Næringsliv, ainda que não fosse capaz de recordar o nome, fechou velozmente o seu notebook, desceu do parapeito e começou a correr para a Taberna de Saint Paul com o computador debaixo o braço.

— Estão atirando! Vociferou alguém de novo. Estão vindo para cá!

O homem apertou o passo. Vários o seguiram. Antes de começar a correr, uma mulher entrada em anos atirou ao chão um garoto de uns cinco ou seis anos, que estava com a boca cheia de comida e meio pãozinho em cada mão. Tentei apanhá-lo, mas apenas me deu tempo de soltar o freio da roda antes que Geir Rugholmen saísse disparado da cozinha. Pegou a criança, deu quatro passos até mim e colocou o pequeno sobre as minhas pernas com um só movimento, antes de pular de um salto para mesa, levantar os braços sobre a cabeça e gritar:

— Parem! Parem! Calem-se todos!!!

Foi como tivesse apagado a luz. Não só se fez silêncio, mas também toda aquela gente alterada que corria e gesticulava ficou congelada como no jogo das cadeiras quando se para a música. Posteriormente pensei nesse momento como um ponto de inflexão. É certo que o ambiente havia mudado há tempos, mas ainda não havia sentido verdadeiro medo

até então. Mas não era medo do vendaval. Tampouco do assassino que andava entre nós.

— Agora escutem! Geir já não gritava mais. Não precisava.

— Está morrendo! Gritou uma frágil voz na área da escadaria, no extremo oeste da recepção. — Elias está morrendo! Que alguém o ajude!

Geir passeou o olhar pela sala, todos os rostos estavam voltados para ele. Antes que lhe desse tempo de encontrar quem estava procurando, o doutor Streng e a ginecologista abriram passagem a toda velocidade fazendo barulho entre as pessoas imóveis. A médica chegou primeiro ao homem deitado no chão. Agachou-se, e já não pude mais vê-la, nem ela nem a seu baixinho colega de profissão. O garotinho sentado sobre os meus joelhos chorava sem fazer ruído.

— Fiquem exatamente onde estão, falou Geir Rugholmen. — Não tem ninguém dando tiros. Estão ouvindo? Ninguém atirou, nem atirará. Entenderam?

Não obteve resposta. Ouvi que alguém contava ritmicamente do outro lado da recepção, e imaginei que o cansado coração de Elias havia tido que suportar bastantes experiências esgotadoras em menos de vinte e quatro horas. Ouvi uns passos prudentes atrás de mim. Voltei-me. Era a mulher que havia atirado a criança no chão e não havia parado. Ficou de pé na pequena escadaria entre a Taberna de Saint Paul e a recepção, ao lado do homem de negócios, que, envergonhado e com as faces coradas, havia voltado. Também se aproximaram lentamente outras pessoas que haviam tentado fugir do imaginário tiroteio. A mulher me olhou com uns olhos que me recordaram por que havia me assustado tanto. Uma grande inquietação se estendeu pela sala. Olhei para Geir, que, de onde se encontrava, com certeza podia ver o que acontecia. Passou uma mão pelos olhos.

— Sinto muito, ouvi que dizia a médica, muito longe.

A única coisa que podia se ouvir através do vendaval eram os gemidos da criança sobre os meus joelhos e o choro da recente viúva. A catástrofe de Finse já havia produzido a sua terceira vítima. A mulher que tinha atrás de mim se aproximou da cadeira, estendeu uma delgada mão e disse:

— Perdoe-me!

Não a olhei, mas me encontrei com os olhos de Geir Rugholmen, que continuava de pé sobre a mesa, forte e robusto, mas com as costas encurvadas pelo desânimo. Nós dois estávamos pensando exatamente a mesma coisa. As pessoas isoladas pela neve em Finse 1222 haviam começado a perder a dignidade. E só se haviam transcorrido dezoito horas desde o acidente.

* * *

Após o inoportuno infarto de Elias Grav era como se as pessoas tentassem se recompor. Os dois jovens que haviam gritado sobre os tiros pareciam envergonhados. Geir insistiu até que admitiram em voz alta que talvez não se tratassem exatamente de tiros. Mas que haviam visto armas! Havia um homem, ou talvez dois, com uma metralhadora nas mãos no corredor dos apartamentos de cima. Disso não se retrataram, ainda que admitissem que talvez tivessem tomado por disparos os golpes e ruídos do vendaval. Podiam ter se enganado. Não tinham intenção de assustar ninguém, disseram em uma tentativa de se defender, mas como haviam ouvido rumores em relação com os guardas colocados no andar superior, haviam se sentido com direito a investigar. Geir repetiu a sua inequívoca ordem de respeitar o cordão que havia colocado ante a porta do estreito corredor de cima; em seguida Berit Tverre tomou a palavra para informar brevemente aos presentes que, Infelizmente, Cato Hammer havia falecido na noite anterior. Perto das três da madrugada havia descido um momento até recepção quando caiu morto. Provavelmente se tratava de uma forte hemorragia cerebral. Magnus Streng confirmou tudo, muito sério e com as mãos entrelaçadas, como em sinal de respeito pela profissão do falecido. "Depois de tudo não se

afastou muito da verdade", pensei. Realmente morreu de uma fortíssima hemorragia cerebral. Ninguém esboçou nem um sorriso.

* * *

Encontrávamo-nos na cozinha Berit Tverre, Geir, o doutor Streng e eu. Não nos chegava som algum da recepção, mas só por causa do barulho vindo de fora. Presenciar o infarto do ancião havia sido uma experiência terrível para todos. A falta de autocontrole da viúva não havia melhorado a situação. As pessoas foram se retirando em um incômodo silêncio, quando souberam do desaparecimento de Cato Hammer. Alguns se retiraram para seus quartos, outros optaram por ficar nas áreas comuns, sem saber muito bem que fazer. O torneio de bridge da noite anterior havia sido transferido sine die. Pelo visto, não se considerava muito decoroso jogar cartas em uma situação como essa. Não foi um impedimento, em troca, para os jovens jogadores de pôquer, mas ao menos tiveram a decência suficiente de se retirar para o afastado Salão Azul. No geral, parecia que as pessoas haviam engolido a mentira de Berit. Agora, o que constituía razão para se preocupar era de como teria reagido à mentira o próprio assassino. Enquanto Berit realizava o seu breve discurso havia me esforçado para observar as expressões e, mas me foi impossível ler algo nas poucas pessoas às que podia ver da minha posição. Se o assassino havia estado presente na recepção no momento em que se confirmou a morte de Cato Hammer, só se podia esperar que aceitasse a falsa causa da morte como uma declaração de paz por parte da direção do hotel. O importante era que as pessoas ficassem tranquilas. E o assassino também.

— Quem está no último andar? Perguntei, olhando primeiro para Berit Tverre e em seguida para Geir Rugholmen. Não responderam.

— É difícil preparar a comida para quase duzentas pessoas, quando a cozinha se converte em uma sala de reuniões, nos interrompeu o cozinheiro, irritado.

Era surpreendente jovem e usava um bigode ralo e a cabeça raspada. Apesar da fria corrente de ar que entrava pela janela quebrada,

somente usava uma camiseta sem mangas sobre o longo e avental de cozinheiro. Branquíssimo e recém-passado. Mastigava um palito. Atrás dele havia dois ajudantes, os dois jovens como ele, uma mulher e um homem.

— Não poderiam ir mais para adiante? Para lá?

— Ficaria muito apertado, disse Berit encolhendo os ombros como para pedir desculpas. — Mas poderíamos...

Arrastou dois dos banquinhos de bar que haviam aparecido pela manhã em uma porta que eu nunca havia aberto. Fui até ali com a cadeira. Geir e Magnus Streng me seguiram. Encontramo-nos em um corredor intermediário, com três grandes portas à direita: congelador, refrigerador e outro refrigerador.

— Aqui é a recepção de mercancias, disse Berit colocando a mão direita sobre uma dupla porta de metal. — É muito pouco isolada, como podem ver. Temos um escritório próximo da entrada, sem escadas. Fez um gesto para mim. — Mas ali eu coloquei três homens que tentam manter contato com o mundo exterior. Neste andar este é o único lugar onde podemos ficar relativamente tranquilos. Esqueçam-se do pessoal da cozinha. Eles se concentram no que precisam fazer.

— Eu de minha parte estou bem sentada, disse.

Tampouco desta vez minha piada teve algum êxito. Magnus Streng conseguiu subir no tamborete com surpreendente agilidade. Berit ocupou o outro. Geir Rugholmen se apoiou contra a parede cruzando os braços sobre o peito.

— Bom, disse. — Na realidade sabemos muito pouco, disse Geir coçando a incipiente barba.

Esperei em vão que prosseguisse. Berit e Geir se olharam inquisitivamente, como se não tivessem decidido ainda quem ia falar.

— No momento da colisão, começou a dizer Berit de um modo vacilante, e se deteve para respirar fundo antes de continuar, — Quando o trem descarrilou e bateu, ouvimos o barulho. Ainda que o vendaval já fosse muito desagradável. As pessoas da Cruz Vermelha acudiram no mesmo instante.

Lembrei-me de que alguém havia falado da Cruz Vermelha; um anexo parede com parede do edifício de apartamentos, do outro lado do hotel.

— Mas o curioso é... Disse Berit, — O curioso é que recebemos uma ligação. Não haviam se passado mais de dois ou três minutos desde o barulho quando soou o telefone. Primero pensei em não atender, convencida de que algo muito grave havia acontecido no trem e que o que mais urgia era colocar em marcha a operação de resgate. Mas então aconteceu algo... Sacudiu a cabeça, como se tentasse encontrar uma explicação para o seu próprio comportamento. — Atendi ao telefone.

Da cozinha chegou um tilintar e um som estridente que supus que seria uma serra de cortar carne. A corrente de ar que entrava pela porta da recepção de mercancias era muito forte. Estremeci.

— Quem era? Perguntei quando não deu sinais de continuar.

— Na realidade não sei.

— Certo. O que essa pessoa queria?

— Era... Era um homem. Mencionou um nome, mas não entendi. Apenas entendi que o homem era do Serviço de Segurança da Polícia. Do SSP. Sua voz era... Insistente, diria eu. Como se me desse uma ordem. Como se estivesse acostumado a dá-las. Tudo aconteceu muito rápido.

— Mas o que disse? Perguntou Magnus Streng, impaciente. — O que queria esse homem cujo nome não sabe, e o que você fez?

— Disse que em primeiro lugar precisaríamos esvaziar o último vagão. Traziam a sua própria moto de neve, disse, — Mas precisariam de mais.

— Sua própria moto de neve? Uma moto de neve? No trem? Magnus Streng me recordou outra vez um palhaço, justo quando quase havia me esquecido de como era estranho.

— Sim, e era verdade. Não das maiores, mas suficientemente grande para que um condutor e um passageiro chegassem aqui muito antes do que o resto. Talvez vinte minutos ou algo assim. Mas o mais curioso foi que ele sabia aonde iam.

— Quem? Perguntei. O do telefone ou o homem que levava a moto?

— Na realidade, os dois. Mas me referia ao que ligou. "Acomode-os no apartamento de Trygve Norman", disse. Magnus Streng ficou boquiaberto. Tampouco eu devia de ter uma expressão muito mais inteligente. Olhamo-nos um para o outro, e fechamos a boca ao mesmo tempo.

— Sim. Berit levantou as mãos em um gesto que expressava uma mistura de abatimento e entusiasmo.

— Disse exatamente isso! Além disso, o apartamento de Trygve é o que fica mais ao oeste. É o melhor de 1222, excetuando a moradia do diretor, claro, que é... Fez um gesto negativo com a cabeça e se interrompeu. — Não é nenhum segredo que Trygve é o proprietário desse apartamento, e é uma das pessoas mais comprometidas com a conservação deste lugar e... Parou de novo. Tossiu e continuou: — Mas me sentia tão confusa com toda a situação que simplesmente respondia com monossílabos. E então ele... Ele me deu um número de telefone. Mas até que tivesse desligado, eu... Rapidamente encheu os olhos de lágrimas. Apertou os dentes e pude ver como contraía os músculos das mandíbulas. Respirou profundamente pelo nariz.

— Está tudo bem, disse o doutor, colocando a sua enorme mão sobre a dela. Ela se limitou a fazer um gesto com a cabeça. Engoliu saliva uma vez mais e continuou:

— Nós estamos em uma situação perigosa.

— Esse homem do telefone, recordei. — Primero fez algo, ou disse algo. Em seguida lhe deu um número de telefone.

— Sim. Primero disse que era sumamente importante que eu fizesse o que me dizia. Que acomodássemos as pessoas do último vagão antes que a todos os demais. De fato, usou a palavra sumamente. Em

seguida adicionou que era por... Procurou as palavras, — Um assunto de segurança nacional. Não é assim que se diz?

— Sim, respondi. — Diz-se assim. Se é que foi isso o que quis dizer. E que aconteceu com o número?

— Tive o tempo justo de anotá-lo. Disse que podia ligar para esse número se não acreditasse nele. Mas que nesse caso que me apressasse.

De repente a mulher começou a rebuscar nos bolsos da calça. Não encontrou o que procurava no direito, mas apanhou uma nota dobrada do bolso esquerdo.

— Decidi acreditar no homem. Pareceu-me que não tinha outra escolha. De modo que não liguei para esse número. Me assegurei de que acomodassem essa gente no apartamento assim que chegassem. Os dois primeiros, quero dizer. Um deles falava norueguês. Era educado e cortês, mas parecia nervoso. Ou... Irascível. O outro não dizia nada. Trazia tanta roupa que nem sequer sei se era um homem ou uma mulher. Ainda que ache que fosse um homem. Era... Grande. Fornido, acho. Mas isso poderia se dever à roupa. Gorro, capuz, anoraque, óculos para a neve... Estiquei a mão para que me desse a nota. Ela obedeceu.

— Quando esse homem ligou apareceu algum número na tela? Perguntei, dando uma olhada nos oito números do papel. Não havia nenhum prefixo estrangeiro.

— Não. Estava "número desconhecido". Mas ele me deu este número.

— Algum de vocês tem este tipo de telefone? Perguntei sem afastar a vista do papel. — Com número oculto, quero dizer.

— Este, respondeu Magnus Streng me dando o dele. — Tenho dois celulares. Um é do trabalho, e o outro é para a família e outras pessoas importantes. Tem o número oculto. Às vezes é bom não estar accessível para todo o mundo. Deu um amplo sorriso e adicionou: — Imagino que acontece a todos.

Não respondi e disquei o número do papel. Soou duas vezes antes que alguém atendesse. Ouviu-se a voz de um homem. Eu já não ouvia nem o vendaval nem os ruídos dos três cozinheiros na cozinha. Já não

notava a irritante corrente. Ao contrário, sentia como o calor invadia o meu corpo e como me subia à cabeça. Fiquei sem pensamentos. Mais adiante me arrependeria de ter desligado, de não ter pronunciado nem uma só palavra e de ter cortado a ligação quando o homem me perguntou pela segunda vez quem ligava. Quando mais tarde, nesse mesmo dia tentei ligar de novo, uma voz mecânica me respondeu: "Este telefone mudou de número. Este telefone mudou de número Este telefone mudou de número.". O robô não dava o novo número.

Deveria ter dito algo quando tive oportunidade. Porque o homem do outro lado da linha era fácil de reconhecer. Havia atendido ao telefone ele mesmo, e havia se apresentado com seu nome completo, sem intermediários, sem secretario de Estado, conselheiros ou o famoso "espere um momento, por favor, e colocá-lo-ei com o ministro". O número que um desconhecido havia dado para Berit Tverre um par de minutos antes de o trem descarrilar era o do telefone celular pessoal do ministro norueguês de Assuntos Exteriores. Ou de um fantástico imitador. Fosse como fosse, eu não entendia absolutamente nada.

— Quem era?

— Ninguém.

— Ninguém? Mas se ouvi alguém responder!

— Não era ninguém, repeti procurando nas ligações recebidas de Magnus Streng.

Com um par de toques o número que acabara de discar, foi apagado da memória do telefone celular. Devolvi ao doutor o elegante aparelho. Ele o apanhou e o olhou de modo inquisitivo, como se esperasse que o dispositivo se pusesse a falar por sua conta. Coloquei o papel no bolso da calça.

— Isto foi completamente irrelevante para a situação em que nos encontramos, disse. — Continuemos.

— Continuar?

— Geir, disse com um intenso suspiro. — Tem uma feia tendência de repetir as minhas palavras.

— E você tem uma feia tendência a não responder o que pergunto.
— Vamos, disse. — Vamos, Vamos.

Geir abriu a boca, e posso apostar que estava a ponto de repetir de novo as minhas palavras, com uma enorme interrogação atrás da palavra vamos.

— Acho que devemos deixar que a louca no sótão se arrume sozinha, disse com um sorriso. — Ou o louco. Seja como for, precisamos voltar ao nosso. Deixemos as pessoas do andar de cima em paz. Não tem nada a ver com o assassinato de Cato Hammer. E muito menos com o vendaval. Por certo...

Era evidente que Geir teve que se conter para não começar uma nova avalanche de perguntas. Sorri para Berit, e apontei a recepção com um gesto da cabeça.

— Estou admirada da mentira que contou lá dentro. Foi muito sensato de sua parte. De fato, as pessoas acreditaram. Talvez devido ao infarto do idoso. Lembrou a todos nossa vulnerabilidade. A rapidez com que podem acontecer as coisas. Como a vida é frágil... No geral, não sou a favor de contar mentiras, mas neste caso...
— É a favor de se calar, disse Geir.
— Bom, sim, continuei, encolhendo os ombros. — Neste caso foi muito bom contar uma mentira. Provavelmente. A julgar pela histeria que se desatou ao chegarem esses garotos correndo, Deus sabe o que poderia acontecer se as pessoas soubessem que havia se perpetrado uma execução pura e simples. Agora, como podia estar tão certo de que não eram tiros? Pelo que pude ver, você saiu correndo da cozinha, não da escadaria.
— Pura conjetura, respondeu Geir. — Imaginei que estavam errados. É evidente que as pessoas de cima são profissionais. E não é muito profissional começar a dar tiros em dois jovens aos que se poderia afugentar com um par de gritos. No geral, não é muito profissional dar tiros em duas pessoas desarmadas. Além disso... Coçou a nuca e fez um gesto com a boca que não fui capaz de interpretar... — Se realmente

tivessem ouvido tiros, era muito importante fazer crer que estavam errados.

— Devo voltar lá para dentro, disse Magnus Streng após uma pausa que foi embaraçosa a todos. — Ver os meus pacientes. Preciso trocar ataduras, examinar pernas. Ali sou muito mais útil que aqui. Se me permitirem a imodéstia. Adeus, damas e cavalheiros.

Ri um pouco e dei adeus com a mão. Magnus Streng era um homem que se diz adeus com a mão. Magnus Streng era, em suma, uma pessoa à que seria impossível desprezar, apesar de todos os meus esforços nessa direção. Ao ver a sua estranha figura se aproximar da porta da cozinha, decidi parar de tentar. A amabilidade e a arcaica linguagem do doutor Streng estavam totalmente desfasadas. Ao mesmo tempo tinha um ar de cavalheiro às antigas; às vezes muito insistente e outras um pouco ridículo, e, não obstante, Magnus Streng era um homem amável. Não topo, a miúdo, com homens assim. Não permito topar com esse tipo de homem a miúdo. Não quero.

— Olá! Estremeci quando Geir agitou uma mão ante meus olhos.

— Onde está Berit? Murmurei.

— Às vezes parece ficar em transe, disse Geir. Não pude determinar se estava irritado ou preocupado. — Já foi. Não se deu conta?

Não respondi, mas o olhei fixamente, como se não o tivesse visto na vida. Seus olhos eram de uma cor indefinível, entre cinzas e marrons. Tinha a tez mais escura do que se poderia esperar pela estação do ano. Debaixo da incipiente barba negra se desenhava uma parte cinza-clara de pele seca. Devia de ser mais jovem que eu; o sol, o vento e o frio haviam causado profundas rugas ao redor dos olhos e na testa. Não a idade. Imaginei que teria uns quarenta anos. Havia notado em que sempre mastigava rapé, mas nesse momento apanhou do bolso um maço de cigarros. Ofereceu-me um. O fato de que aceitasse surpreendeu aos dois. Coloquei o cigarro na boca e me inclinei para frente para que o acendesse. Nós dois demos as costas ao ruído de caçarolas da cozinha. A

primeira tragada. Nunca se esquece do bem que cai. Todos os cigarros deveriam se apagar após a primeira tragada.

— Faz muito bem, não? Geir sorriu e acendeu um para ele.

— Muitos anos. Tenho uma criança.

— Eu também. Três. Porém fumo. Por regra geral às escondidas. Continuou a rir ruidosamente; essa risada alegre, como de jovem.

Geir continuava cheirando bem. O aroma a algo em o que eu não queria pensar, mas que nesse momento era tão forte que não podia deixar de pensar nele. Houve uma época em que tive alguém chamado Billy T. Era o meu melhor amigo, e por isso tive que rechaçá-lo. Em minha vida apenas cabe Nefis. O fato de que nos seja possível ter uma convivência às vezes boa e segura se deve a que ela é a única pessoa do mundo que domina a arte de estar próxima e completamente ausente ao mesmo tempo. E em seguida vem Ida. Ela tem os olhos azuis-claros e me olha com um amor que nunca acreditei que existisse. Ida continua acreditando que sou uma boa pessoa. Mas ainda não fez quatro anos. Em nossa pequena família temos, além disso, uma espécie de ama-de-leite, um velho pardal com a asa ferida que veio para ficar, ainda que na realidade ninguém o convidasse. Mas eu não gosto de Marry. Simplesmente existe, como um móvel humano com quem aprendi a conviver. Para mim é mais que suficiente: Nefis, Ida e uma cansada prostituta que parou de beber e que nos faz a comida. Já não penso em Billy T.

Talvez fosse o cheiro de Geir Rugholmen. Talvez fosse o ruído ininterrupto das forças da natureza que golpeavam Finse 1222 , e às vezes nos agrupava, nos convertendo em algo mais que cento noventa e seis indivíduos. Melhor dito, cento noventa e quatro, pois Cato Hammer e Elias Grav já haviam abandonado o censo. Talvez fosse por isso. Duas dramáticas mortes em menos de vinte e quatro horas era demasiado, inclusive para mim. Alguma vez no passado vadeei entre cadáveres. Em um par de ocasiões literalmente. A verdade era que havia perdido o costume. De trabalhar na polícia assim como de todo o demais. Havia me custado muito deixar que as pessoas se aproximassem,

de maneira que deixei de tentá-lo. Agora, depois de tantos anos de isolamento auto imposto, comecei a entender como era cansativo manter as pessoas a distância. E pensei em Billy T. pela primeira vez em muito tempo.

— Já está fazendo isso outra vez, disse Geir apagando o cigarro no chão com o bota.

— O que?

— Desconectar.

— Não devia jogar a guimba aqui, disse. — Ao fim e ao cabo nos encontramos em uma espécie de cozinha.

Esticou a mão para apanhar a minha guimba, deixou-a cair ao chão e pisou-a, antes de recolher as duas.

— O que pensa daqueles lá de cima? Perguntei lentamente. Franziu o cenho.

— Há um momento disse que nos esquecêssemos deles!

— Sim. Mas agora estamos sozinhos. O que acha?

— Tudo e nada. Realmente não posso imaginar de quem se trata.

— Então não estudou muito de perto os fatos.

— Quais são?

De repente o cozinheiro apareceu na grande abertura que dava para a cozinha. Com as mãos na cintura na cintura e cara de irritado.

— Tem alguém fumando aqui?

— Não, respondemos Geir e eu ao mesmo tempo. Geir colocou as guimbas discretamente no bolso. Descobri-me rezando para que tivessem se apagado totalmente.

— Isto empesteia, disse o cozinheiro franzindo o nariz. — Se voltar a acontecer, ficará absolutamente proibido utilizar esta área para reuniões. Entendido? Nós dois murmuramos sinceras promessas.

O homem voltou ao trabalho. Eu poderia ter soltado os freios da cadeira e agradecer pelo cigarro. Poderia ter voltado à recepção a esperar

com impaciência o almoço. Tinha muitas maneiras de colocar Geir de mau humor. Mas optei por afirmar:

— São noruegueses. Tem algo que por alguma razão requerem uma vigilância extrema. Um objeto ou uma pessoa.

— Uma pessoa, disse Geir decidido, sentando no banquinho que Berit havia deixado. — Não puderam trazer nada do trem. Toda essa vigilância dali de cima não teria nenhum sentido se o objeto vigiado tivesse ficado entre os restos de um trem vazio.

— Poderia se tratar de um objeto pequeno.

— Se fosse um objeto pequeno, teriam conseguido vigiá-lo aqui em baixo, sem necessidade de se entrincheirar em um apartamento.

— Exato.

— Mas acaba de dizer... Eu pensava...

— Apenas menciono a possibilidade. Mas estou de acordo consigo. Lá em cima existe uma pessoa que precisa de vigilância. De quem se trata?

— Como?

— Quem precisa de uma estreita vigilância?

— Os políticos, a casa real, os superfamosos...

— Estamos na Noruega, interrompi. — Nenhum político ou pessoa real precisa desse tipo de vigilância. Apenas restam os superfamosos. Além disso, inclusive Madonna e Robbie Williams teriam recusado este papelão. Teriam preferido...

— Um preso, interrompeu.

— Exato. Um preso. Já que o Ferrocarril Nacional Norueguês não colaboraria com as autoridades oficiais em algo tão irregular como acoplar um vagão extra ao trem normal, podemos deduzir que se trata de um transporte de presos.

A corrente de ar que entrava pela porta estava começando a me incomodar. Doíam-me os músculos e me arrependi de ter deixado o casacão de plumas na recepção.

— Um preso que foi preciso transferir, concluí. — Como se transfere um preso?

— Como se transferem os presos? Esbocei um leve sorriso. Antes de ter tempo de assinalar que de novo caía em seu mau costume, ele prosseguiu: — De avião. De carro. Mas... De trem?

— É muito pouco prático, respondi. — Tem razão. De fato, jamais ouvi falar de algo assim. O trem é limitado pelas vias. Outros o conduzem. Anda e para segundo um horário fixo. Também acontece algo parecido com os aviões, claro, mas ao menos vão mais depressa.

— Talvez o preso tenha medo de voar.

— Então se vai de carro. Ainda que cruzar a montanha no inverno não seja precisamente uma viagem de prazer, viajar de carro seria muito mais simples que acoplar um vagão extra a um trem cheio de civis. Para dizer a verdade...

Olhei fixamente, talvez com esperança, o maço de cigarros no bolso de seu peito. Apanhou-o e me deu um.

— Não. Não quero que o cozinheiro brigue comigo.

— Ia dizer a verdade.

— Sim. Já concluímos que deve ser um preso. E com tanto alvoroço, podemos deduzir que se trata de um preso de alto risco. Então...

O frio realmente incomodava. Joguei a respiração às mãos para esquentá-las. O calor me fez estremecer.

— Ninguém, disse com ênfase, — Nenhum representante da lei deste planeta transportaria voluntariamente um preso de alto risco em um trem de passageiros, e muito menos no trem de Bergen no inverno. Pelo que parece, conheciam os perigos que implicam os vendavais e a neve, já que traziam a sua própria moto. Impressionante. E este detalhe nos diz mais que muitas outras coisas. Uma viagem planejada durante muito tempo. Uma viagem que o imponderável os assustou.

— Então, por que a realizaram? E de quem está falando? A polícia? O exército? As autoridades penitenciárias? Por que não podiam simplesmente...? De repente parou ao me ver sorrir abertamente pela primeira vez. Talvez o meu sorriso o assustasse.

— Não tiveram escolha, declarei, e comecei a andar com a cadeira até a porta.

— Alguma escolha eles teriam.

— Não neste caso. Não só estamos falando de um preso perigoso. Também estamos falando de um preso capaz de impor condições. A única explicação de por que foi escolhido o trem é que o próprio preso assim o exigisse, por alguma razão que desconhecemos.

A última era uma bruta mentira. A razão pela qual um preso iria preferir ir para Bergen em um trem de passageiros em lugar de em avião ou carro, era mais que óbvio. Mas o que ia compartilhar com Geir Rugholmen tinha um limite. Ao menos no momento.

— E não tem nada mais perigoso do que um prisioneiro que consegue que a polícia faça algo tão estúpido como isto, prossegui. — De modo que repito a minha recomendação de antes: Deixemos as pessoas do sótão em paz. Estou convencida de que não tem nada a ver com o assassinato de Cato Hammer. O problema de que haja um assassino andando solto entre nós é muito mais grave que o de ter um grupo de nervosos guardas no sótão.

Saí pela porta, deixando-o para trás. Um incipiente dor de cabeça me recordou de como cansada estava. Ainda que a conversa com Geir Rugholmen tivesse sido interessante, não havia deixado de meditar um momento sobre o número de telefone que um funcionário dos Serviços de Segurança da Policia havia dado para Berit Tverre só uns minutos depois de acontecido o acidente.

A cozinha cheirava a sopa de frango, e o cozinheiro já não estava irritado. Pelo contrário. Ofereceu-me uma pequena porção em uma xícara. Um aperitivo, disse com um sorriso. Para abrir o apetite. Chamou-a de sopa Mulligatawny. Não o corregi, ainda que nessa sopa grossa e rica, onde o azeite brilhava sobre um caldo dourado, não houvesse nem pedaços de maçã nem arroz. Nunca em mi vida havia provado algo tão delicioso. Os americanos a chamam de sopa de conforto.

Fora uma boa ideia.

* * *

Brisa Moderada

NA ESCALA DE BEAUFORT - BRISA MODERADA

Velocidade do vento: 5,5 – 7,9 m/s.
É desagradável em tempo frio e apresenta uma resistência notável.
Os flocos de neve dão voltas no vento.
Os turbilhões de neve no rosto são irritantes.

O TEMPO TRANSCORRIA notavelmente depressa. Talvez porque eu estava faminta todo o tempo. Apenas havíamos acabado de comer um substancioso almoço, quando de novo notava um vazio no estômago que me fazia olhar ao redor em busca de algo para levar à boca. Ao não encontrar nada, me inclinei até Adrian e coloquei uma nota de cem coroas em sua mão.

— Por favor, vá à loja e me compre alguma coisa. Batatas fritas ou amendoins. E uma Coca-Cola de meio litro.

— Não sou um mensageiro, merda. E está comendo uma barbaridade. Não pode ser normal. Acabará parecendo...

Não estava certo do que acabaria parecendo. Isso me é compreensível. Tenho certo conhecimento do meu aspecto. Pareço mais jovem do que sou, e peso sessenta e quatro quilos, um pouco menos do que deveria pesar, levando em conta que meço um metro e setenta e dois, quando estou esticada no chão, o que não acontece nunca, claro. Mas anotaram a minha altura em meu passaporte na época que ainda ficava de pé. Não tenho nenhum problema de obesidade, mas sinto

fome a miúdo. Quase sempre. Um psicólogo que me enviaram contra a minha vontade há muito tempo deu muita importância a este tema.

— É um bom rapaz ou não é? Quando sorria Adrian era bonito de verdade.

— Um pequeno menino, respondeu sorrindo.

Perguntei-me por que teria usado a palavra pequeno. Em geral me perguntava muitas coisas referentes a Adrian Posepilt. Quando colocou a nota de cem no bolso e saiu, Veronica se levantou e foi atrás ele. Eu ainda não a havia ouvido dizer uma só palavra. Movia-se de um modo especialmente silencioso. Como já não havia neve a água pelo chão, a maioria das pessoas havia retirado os sapatos. As meias de lã que Adrian havia lhe dado causavam uma estranha impressão, combinados com a sua roupa de inspiração gótica. Parecia um gato negro andando com patas em vermelho vivo. E, por certo, com um evidente dom de atrair os cachorros; sempre se aproximavam dela movendo o rabo, inclusive quando num instante antes pareciam estar profundamente adormecidos.

No transcurso da manhã haviam aparecido rachaduras nos vidros das janelas que davam para o lago Finse. Certamente só na capa exterior, e Berit Tverre não dera importância dizendo que se devia ao desgaste natural; um clarão silencioso de vidro quebrado. Quando aconteceu o mesmo ao resto das janelas, ela encolheu os ombros e nos lembrou de que ainda havia outras duas capas de vidro. Nenhum perigo. Absolutamente nenhum. O curioso foi que as pessoas acreditaram.

Os dramáticos acontecimentos da manhã haviam alterado uma vez mais o ambiente, que na noite anterior havia se distendido. O novo dia havia começado com um tenso nervosismo, mas agora era como se a maioria tivesse sucumbido a uma silenciosa resignação. As pessoas simplesmente esperavam. Esperavam como melhor podiam que a tormenta amainasse, e que chegasse ajuda. Esperavam poder voltar para casa. Entretanto, não havia muito o que fazer. Já que todos éramos viajantes, havia muita leitura para trocar. Alguém havia deixado sobre a longa mesa um monte de livros de bolso meio amassados por ter

passado por muitas mãos. Aparentemente, no salão da lareira havia uma estante com vários livros. Várias pessoas haviam aproveitado a oportunidade para comprar livros no hotel, ainda que o sortimento fosse muito reduzido. Um falava do explorador Roald Amundsen e outro sobre a história de Finse. Além disso, se podia optar por uma luxuosa edição não muito tentadora da estrada de ferro de Bergen. Isso era tudo.

O grupo do pôquer havia abandonado as cartas, mas não com o fim de se entregar à leitura. Estavam sentados na mesa mais comprida da Taberna de Saint Paul, todos com fones de ouvido e um mp3 que traziam presos em uma fita ao redor do pescoço. Alguns cantarolavam baixinho, mal-humorados. Senti uma crescente aversão pelo chefe do grupo: um jovem de vinte anos de costas largas, com uma bandana rosa na cabeça. Os demais o chamavam de Mikkel. Seu cabelo devia ser ruivo, mas estava escuro de gordura ou brilhantina. Tinha os olhos azuis e um nariz poderoso. Seria bonito se não fosse por causa da boca, que fechava com uma careta de descontentamento de menino mimado. O resto do grupo se comportava como cachorros ao redor dele. Até então não havia visto Mikkel ir apanhar cerveja nem uma só vez. Além disso, havia tirado dos demais uma fortuna jogando pôquer. Eu apostaria a mesma fortuna que roubava no jogo, e que os demais sabiam, sem fazer nada para colocá-lo no seu lugar. Afastei o olhar dele.

Atrás dos vidros rachados das janelas o ar estava adquirindo uma cor estranha. De alguma forma havia muita luz. Até então o branco havia sido mais bem cinzento. A luz diurna se filtrava através de pesadas nuvens e enormes massas de furiosa neve. Finse 1222 estava rodeada por uma luz tênue, na penumbra. Algo havia mudado. Por cima do ciclone e da forte nevasca a capa de nuvens se tornara acinzentada. Ao menos eu era incapaz de encontrar outra explicação para essa brancura cegadora que dificultava ainda mais a visão do exterior. Talvez isso fosse um bom sinal. Ou melhor, o tempo estava a ponto de mudar. Descartei esse pensamento otimista ao ouvir uma série de golpes e estalos na parede este, que fizeram com que as pessoas levantassem preocupadas os olhos

dos livros e jornais velhos. Roar Hanson se aproximou lentamente. Vacilou e esteve a ponto de dar a volta quando dei um sorriso alentador.

— Atrapalho? Perguntou com voz suave.

— De maneira nenhuma, respondi apontando um sofá livre. — Talvez até possa me ajudar a resolver uma dúvida que tenho.

— Qual? Perguntou sem me devolver o sorriso.

Dava a impressão de estar tão desesperado como antes. Não parava de tocar no ombro que havia deslocado no acidente; parecia doer muito. Os olhos estavam humedecidos, ainda que não estivesse chorando. Tinha uma secreção branca na comissura dos lábios e desejei que a retirasse com a língua. O cabelo, ralo e penteado para o lado para tapar a calvície, estava sujo, e quando se sentou, notei um forte aroma a suor que nada tinha a ver com a atividade física.

— Está estressado? Perguntei, me arrependendo em seguida de minhas palavras.

— O que queria saber? Murmurou ele.

— Esses cachorros... Apontei para o setter que estava adormecido no chão, junto ao seu dono, sentado no Milibar com uma xícara de chocolate quente. O cachorro português não havíamos voltado a ver desde que caíra café fervendo em seu focinho. — Onde fazem as suas necessidades? Não podem sair, e suponho que tenham de mijar de vez em quando, não?

— Preparamos uma latrina no porão. Berit Tverre me colocou uma mão no ombro. Não a tinha ouvido chegar. Sorriu e prosseguiu: — Neste hotel teremos muitos quartos vagos, e um deles está agora forrado de velhos jornais. De fato, se trata de um dos quartos do pessoal. Esvaziamos e o limpamos quatro vezes por dia.

— Isto sim é que é um bom serviço! Disse.

Roar Hanson estava a ponto de se levantar. Dei uma olhada para Berit Tverre, com a esperança de que já me conhecesse o bastante para interpretá-la bem.

— Nos veremos, disse ela com um rápido sorriso, e continuou sua ronda apressadamente.

— Fique mais um pouco, pedi amavelmente para Roar Hanson. Acomodou-se um pouco mais no sofá. Aproximei um pouco mais a minha cadeira dele e me inclinei para frente.

— Cato Hammer... Disse em voz baixa. — Compreendo que esteja alterado. Era seu amigo pelo entendi. E...

— Não acredito em hemorragia cerebral, sussurrou. Tentei atrair seu olhar, mas ele desviou a vista. Observava constantemente o ombro machucado, como se tivesse medo de que alguém o tocasse.

— Por que não?

— Acho que o mataram.

— Por que acha isso?

— Tenho razão?

— Por que acha que Cato Hammer foi assassinado?

— Porque ninguém pode escapar de seus pecados. Não eternamente. Meu Deus! Engoli saliva e tentei que a minha voz soasse o mais neutra possível.

— Todos nós somos pecadores, não? Aventurei.

— Aos olhos de Deus somos.

— E agora Deus veio e levou Cato para a Sua Casa.

Sou um desastre neste tipo de assunto. Talvez até tenha enrubescido. Não coloqueiu os pés em uma igreja desde que me obrigaram a assistir a um batizado, há quase dez anos. Mas precisava me esforçar para fazer esse homem falar, e, sobretudo, precisava procurar não rir. Roar Hanson reunia todos os sintomas de uma iminente crise nervosa.

— Bobagem, disse, me olhando pela primeira vez nos olhos. — Que frase mais ridícula! Deus não vem levar ninguém. Senti que nesse momento enrubesci. Tive que buscar apoio em algo que dominasse melhor que aquilo.

— E de que pecado Cato era culpado? Algum tipo de crime?

— Avareza e traição. “Como quase todos nós”, eu pensei. Mas desta vez me calei. — E o pior de tudo é a traição, afirmou Roar

Hanson. — A avareza tem solução. Para a traição não existe perdão. E eu que pensava que existia o perdão para tudo! Isso demostra como uma pessoa pode estar errada!

— Aqui tem as suas batatas fritas, disse Adrian largando o pacote sobre os meus joelhos. — E o refrigerante. Veronica e eu vamos ver como está a mesa de ping-pong. A jovem o estava esperando a um par de metros de distância. Apanhei a garrafa de Coca-Cola.

Mais adiante tentaria recriar o que acontecera em seguida. Estava tão preocupada para que o pacote não caísse no chão, além de irritada porque o rapaz me trouxera batatas com pimenta, que demorei muito em levantar os olhos e ver o que estava acontecendo.

— Fique longe da garrafa, é perigosa, disse Roar Hanson. Sempre falava tão baixo que precisava olhá-lo para entender o que dizia. Mas a resposta de Adrian foi um estouro que não pude deixar de ouvir.

— Que se fodam! O rapaz deu meia volta e desapareceu.

— Que aconteceu? Perguntei.

— Não sei, respondeu Roar Hanson se levantando. — Tenho de ir.

— Aonde vai? Perguntei em uma tentativa de continuar a conversa.

Não se virou. Suas costas pareciam mais estreitas ao se aproximar da escadaria e desaparecer de minhas vistas.

Não entendia esse tipo. Por um lado desejava se relacionar, por outro se comunicava com frases crípticas, e quando dissera um par delas me abandonava. Parecia-me incompreensível que se preocupasse pelos maus hábitos de Adrian. Eu teria preferido mandar passear esse homenzinho da Igreja; tinha um aspecto repugnante e era óbvio que estava desequilibrado. O que era um grave problema.

Parecia-me que esse grupo de pessoas não suportaria se um de nós perdesse o controle. Depois do episódio que havia aterrorizado à maioria, e que demasiadas pessoas tivessem se mostrado incapazes de aguentar uma crise, tanto Geir como Berit e eu havíamos entendido que o melhor que podíamos fazer nas horas seguintes seria manter o

ambiente o mais relaxado possível. Não se sabia o que poderia acontecer se Roar Hanson desmoronasse e começasse a lançar aos quatro ventos acusações de assassinato.

* * *

— Adrian, disse com voz aguda e fazendo sinais com a mão para que se aproximasse.

Estava sentado na escadaria que descia para a ala anexa e tinha a perna direita das calças arregaçada. O curativo de seu joelho estava empapado de sangue. Não sabia que o rapaz ficara ferido no descarrilamento. Usava as calças tão rasgadas que eu pensava que o rasgão que tinha em cima do joelho fora feita de propósito.

— Creio que preciso trocar o curativo, se lamentou com um gesto de drama. — Hoje está doendo mais do que ontem, sabia? Acha que posso ter gangrena?

— Não, respondi. — Venha aqui um momento. Levantou-se de má vontade e deu uns passos até mim coxeando ostensivamente.

— Ai! Merda.

— Não está doendo tanto assim, tentei convencê-lo. — Por que quando perguntei ontem se estava ferido não me disse nada? Tome isso. Apanhei dois paracetamol de um frasco que guardava no bolso lateral da cadeira de rodas. — O que aconteceu consigo e Roar Hanson?

— Esse porco? Com essa merda branca nos lábios? Adrian colocou dois comprimidos na boca. E os engoliu com Coca-Cola.

— Roar Hanson, repeti.

— É um velho safado. Tentou conversar com Veronica ontem à noite. Duas vezes.

— Quem lhe disse? Perguntei.

— Veronica! Quem seria? Além disso, eu vi. Acossou-a. Filho da mãe!

— Pode ser que só quisesse conversar. Mostrar-se agradável. Ao fim e ao cabo é um sacerdote, e Veronica não dá a impressão de ser a jovem mais popular...

— Não diga bobagens! Veronica conhece um monte de gente. Gente famosa, quero dizer. Anda com muitos com os quais você só pode sonhar. Além disso, é faixa preta, segundo Dan de tae-kwon-do. Nem imagina as pessoas à que ensina.

— Certo. Mas por que ficou irritado ainda agorinha?

— Isso não importa a você.

— Adrian...

— Merda. E eu que pensava que você era diferente.

— Obrigado, disse. Cobriu ainda mais o rosto com o gorro.

— Obrigado por quê?

— Por não ter dito nada a ninguém. Do que falamos nesta manhã. De... Já sabe. Optei por confiar em você, e fique satisfeita ao saber que não errei.

O rapaz vacilou. Eu havia empregado um truque simples, mas nunca alguém tinha dado importância a Adrian... Abriu e fechou a boca um par de vezes antes de começar:

— Disse... Esse safado disse que...

Algo estava acontecendo na recepção.

— Atiraram nele! Gritou uma voz de jovem. — O pastor não teve uma hemorragia cerebral. Deram-lhe um tiro na cabeça!

Adrian se virou para a voz. Eu tentei levantar o corpo da cadeira, me apoiando com força nos braços. Mas não consegui ver quem gritava. A primeira coisa que notei foi que estava presenciando uma reação contrária ao repentino pânico da manhã, que havia sido como uma explosão. Isso mais parecia uma implosão. As pessoas se fechavam em si mesmas. Ninguém dizia nada. Tentei abrir passagem e ir até lá.

— É verdade, disse a mesma voz chorosa. — Eu estava dando uma volta, nada mais. Só... O homem tem um enorme buraco na cabeça, e... Era a jovem da equipe de handebol que usava o agasalho vermelho.

— Calma... Uma voz de homem tentava tranquilizá-la.

— É verdade? Mentiram para nós?

A voz de Kari Thue era inconfundível. Mudei de ideia, e voltei ao lugar onde estava. As pessoas que até esse momento se encontravam no edifício anexo estavam se aproximando. Moviam-se com lentidão, vacilantes, como se não quisessem acreditar na história que passava de boca em boca. Mikkel, o jovem da bandana rosa, estava abrindo caminho até a recepção. Com o rabo do olho vi Adrian. Subira em cima da mesa onde estavam as cafeteiras que haviam sido enchidas pela quarta vez depois do café-da-manhã. Por alguma razão o rapaz havia retirado o gorro, mas voltou a colocá-lo rapidamente.

— Mentirosos! Gritou Kari Thue. Eu não podia ver a quem se dirigia, mas imaginei que era para Berit Tverre, que se encontrava no olho do furacão. — Temos o direito de saber que estamos fechados com um... Assassino!

Foi como se alguém tivesse subido ao máximo o volume de um botão gigante. Muitos se aproximaram, vindo tanto da escadaria quanto do edifício anexo, onde o pessoal havia começado a preparar as mesas para o almoço. As pessoas se amontoavam, falavam e iam se acercando do mesmo ponto: uma aterrada jovem de uns quatorze anos vestida de vermelho que por curiosidade juvenil havia encontrado os restos mortais de Cato Hammer.

Geir Rugholmen entrou como um furacão vindo da cozinha. Parou, respirou fundo, e pareceu procurar a alguém com o olhar. Procurava-me. Olhou-me fixamente durante vários segundos, antes de formular as seguintes palavras mudas:

— O que faremos agora?

"Podiam ter escondido o cadáver um pouco melhor", pensei. De repente me dei conta que eu não sabia onde se encontrava. Não perguntara. Mais adiante saberia que haviam colocado o pastor na recepção de mercadorias, junto à cozinha e à porta sem isolamento que

continha o vendaval. Ali a temperatura era de dez graus abaixo de zero, de maneira que do ponto de vista de conservação era um bom lugar. Mas se pretendiam manter em segredo o assassinato, deveriam ter procurado um lugar melhor. Tampouco imaginava o que o cozinheiro acharia de ter um cadáver onde diariamente recebia os produtos frescos. Com certeza não sabia de nada.

— O que faremos agora? Perguntou Geir de novo movendo os lábios em silêncio. Era incapaz de dar uma resposta.

— A única coisa sensata a fazer é nos dividir! Gritou Kari Thue. — Tenho direito a decidir em quem quero confiar. Com quem escolho ficar fechada. Ao menos devemos formar dos grupos separados.

Custava a acreditar em meus ouvidos. E aos meus olhos. Devia de ter cara de boba ali sentada, no rincão junto à cozinha, com uma xícara de café colocada sobre um antigo armário pintado, incrédula e boquiaberta, enquanto cada vez mais gente ia se reunindo em torno de Kari Thue no outro extremo da sala. Já ninguém se lembrava da jovem de vermelho. Ela havia jogado seu grãozinho de areia, e desaparecera das minhas vistas. Oxalá algum adulto a tivesse acompanhado ao seu quarto. Por sorte, ninguém olhava em minha direção. Pela primeira vez desde o acidente, pensei na possibilidade de pedir a Geir que me ajudasse a sair dali. Para um quarto só para mim. Com uma chave na fechadura que me separasse dos demais até que terminasse o vendaval e pudesse regressar para a minha casa da Rua Kruse sem ter que trocar uma só palavra com alguém. Inclusive valeria a pena a humilhação de ser carregada nos braços. Mas Geir estava ocupado com algo muito diferente.

Após o acidente do trem a mesa longa havia se convertido em uma espécie de plataforma. Agora Kari Thue havia subido ao grosso tabuleiro de madeira e falava muito alto e muito depressa, sem parar de gesticular, enquanto Berit Tverre tentava em vão fazê-la descer. Geir estava abrindo passagem entre as pessoas para acudir a diretora.

— Já que temos acesso aos dois edifícios, gritou Kari Thue, — Sugiro que um grupo leve a comida e bebida que precise, e que vá para o edifício de apartamentos, enquanto o outro grupo fica aqui. Podemos bloquear os extremos do vagão de trem que une os dois edifícios. Também será necessário colocar guardas, claro. Eu me presto voluntariamente a fazer parte de um comitê de seleção, que deve constar de... Três membros. Você... Levantou um delgado dedo indicador para apontar à mulher que estava tecendo, e que se aferrava ao seu trabalho com aspecto de fazer o possível para não participar. — E você... O dedo em forma de gancho apontou para homem de negócios que me era familiar, mas que continuava sem ser capaz de identificar. — Sugiro que durante uma hora nós três façamos uma divisão de tal maneira que a maioria se sentirá satisfeita. De acordo com...

Neste ponto a voz silenciou. Berit havia conseguido agarrá-la pelo braço e tentava descê-la da mesa. Kari Thue se soltou bruscamente; Berit perdeu o equilíbrio e só as pessoas que estavam do outro lado da mesa impediram que se esborrachasse no chão.

— Desça! Gritou Berit. Agora mesmo! Aqui sou eu quem...

O resto da frase desapareceu em meio da confusão, e deixei de ver à mulher. Na recepção haviam se congregado umas cinquenta pessoas. Ainda havia três vezes esse número repartidas entre os dois grandes edifícios. Mikkel, o jovem da bandana na cabeça da Taberna de Saint Paul, havia colocado a sua turma atrás da multidão, onde se entretinham dando empurrões à direta e à esquerda. Pareciam totalmente indiferentes a o que acabava de acontecer, exceto como uma boa oportunidade para se divertir. Algumas pessoas se puseram a gritar que estavam de acordo com Kari Thue, outras tentavam ajudar Berit. O sul-africano havia subido ao parapeito e com um pé na mesa pedia insistentemente a Kari Thue que se acalmasse. Eu só captava alguma que outra palavra em um norueguês algo macarrônico, mas me bastou para entender que o homem estava seriamente preocupado. Além disso, com seu terno cinzento com riscas estreitas, uma camisa ainda limpa e uma gravata de seda com o nó bem feito, era o único entre os presentes que parecia tão

corretamente vestido como no momento que acontecera o acidente. Serviu-lhe de pouco. Kari Thue levantou a mão para golpeá-lo, mas não acertou. Continuava falando sem parar:

— Trata-se de um assassinato! Estaremos muito mais seguros se nos dividimos! Tenho todo o direito a escolher...

Geir havia subido de um salto no outro extremo da mesa. Apressou-se até ela, agachou a cabeça ao passar por debaixo das lâmpadas penduradas do teto, e sem dizer palavra, imobilizou à magra mulher. A eterna e minúscula mochila de Kari Thue ficou enganchada entre a barriga dele e as costas dela, mas, pelo que pude ver, não colocou nenhum obstáculo a ação dele.

— Precisa se acalmar. E cale a boca! Para acentuar a gravidade de suas palavras, apertou-a com força e a levantou da mesa. — Entendeu? Gritou antes de sussurrar algo ao seu ouvido.

Não sei o que disse, mas surtiu efeito. Kari Thue desmoronou como uma boneca de trapo em seus braços. Geir deixou que os pés da mulher tocassem a superfície da mesa antes de soltá-la lentamente. Kari Thue não bateu nele. Não gritou. Tampouco alguém mais o fez. Inclusive o grupo de jovens retrocedeu, como se de repente tivessem se dado conta de que poderiam ter machucado alguém.

— Desça da mesa, eu disse em voz alta. — Desça da mesa, e decidiremos o que vamos fazer.

De repente estava olhando para uns cinquenta rostos que pareciam mais surpresas de que eu tivesse dito algo do que se tivesse me levantado e andado. Para dizer a verdade, eu mesma estava surpresa.

— Em primeiro lugar, a responsável por este lugar é Berit Tverre, afirmei. — E em segundo lugar, a ideia de nos dividir em dois grupos é totalmente inaceitável.

Já que por fim abria a boca, deveria ter dito algo menos evidente. Minha voz soava estranha. Há muito tempo que não tinha necessidade de falar tão alto. Por outro lado, me parecia que o mais importante não era o que se dizia, mas como se dizia. Kari Thue começou a descer da mesa. Geir já havia descido. As pessoas começaram a se aproximar lentamente. Eu levantei as palmas das mãos e eles pararam como cachorros obedientes. Só Kari Thue, Geir e Berit abriram passagem entre o muro de gente que se encontrava a quatro metros de mim. O sul-africano era a única pessoa que não queria fazer parte de tudo aquilo. Dirigiu-se com passos rápidos para a escadaria e desapareceu. Também olhei para o curdo, que estava na periferia do grupo, um pouco afastado dos demais. Era o único que havia deixado de me olhar e, em troca, contemplava um corvo numa vitrina junto à recepção. O homem tinha a vista cravada nos olhos resplandecentes do pássaro, e aparentemente não tinha nenhum interesse por nada mais na sala. A mulher do hiyab, que eu pensava que era sua esposa, estava ao seu lado. Ao me encontrar com o seu olhar vi algo que não entendi no momento. Até então havia parecido extremadamente reservada, um ser tímido que evitava qualquer tentativa de aproximação por parte dos demais. Agora me olhava diretamente. Seus olhos eram grandes e verdes, com manchas marrons. Dei-me conta de que não a havia olhado de perto até então. O hiyab atraía toda a atenção. O que sem dúvida era o que se pretendia. Seu rosto era largo sem ser masculino; forte e surpreendente franco, com feições simétricas e uma expressão que eu era incapaz de interpretar.

— Continue, sussurrou Geir; não havia notado de que tinham se aproximado.

— E quem disse que você vai decidir alguma coisa?

Era Mikkel quem tinha falado. Parecia descontente inclusive quando sorria. Estava ao lado de Kari Thue com os braços cruzados sobre o peito e a cabeça jogada para atrás para sublinhar o meu status de inválida.

— Eu não decido, disse. — Quem decide é Berit Tverre.

— E isso quem decidiu isso?

Preciso admitir que tenho um monte de defeitos. Antigamente achava que valia a pena tentar combatê-los. Mas nos últimos anos não me atrapalharam mais. Rendi-me, por assim dizer. Como quase sempre fico em casa, não vejo sentido em gastar energias para tentar ser uma pessoa melhor. Além disso, provavelmente é muito tarde. Estou me aproximando dos cinquenta à toda velocidade. Dentro de três anos ultrapassarei o meio século, e prefiro me dedicar a outras coisas mais importantes que mostrar compreensão com crianças mimadas. Mikkel teria quinze anos a menos que Kari Thue, mas se deixava devorar desinibidamente pelo olhar dessa mulher que parecia se controlar para não se atracar ao garoto.

— Eu o decidi, respondi. — Com o consentimento de todos os que conservam a cabeça no lugar. Somos hóspedes de Berit Tverre. Comece você também a se comportar como tal.

— Vivemos em uma democracia, disse Kari Thue em voz alta. — Em uma democracia que não deixa de existir só porque estamos isolados. Se a maioria está de acordo comigo o melhor seria...

— Não saberá nunca, disse Berit dando uns passos para frente. — Porque não vamos fazer nenhuma votação. Hanne Wilhelmsen tem toda a razão. São meus hóspedes. Eu decido. E agora decido que...

O estouro que a interrompeu pareceu vir de outro mundo.

Com o passar das horas, todos nós havíamos nos acostumado com o ruído da tormenta: os seus golpes nas paredes e ao intenso bramido do vento pelas quinas e saliências do hotel e seus edifícios anexos. O estrondo do vendaval havia se convertido em uma espécie de ruído de fundo que reconhecíamos, como o embate das ondas na costa ou o constante bramido da cascata de um velho moinho. Mas Isso foi algo muito diferente.

Primero achei que se tratava de uma forte explosão. Ressoou em meus ouvidos e fez tremer as paredes. As fortes vibrações no chão sacudiram a cadeira de rodas. Ouviu-se o tilintar de copos e xícaras

procedente do Milibar. O setter, que nesse momento era o único cachorro que eu podia ver, se levantou com um latido, antes de se jogar sobre as grossas tábuas do chão. Como se pensasse que o teto fosse lhe cair em cima. Não era o único. As pessoas se refugiavam debaixo da mesa longa. Outros corriam para o edifício anexo, o que não parecia má ideia, pois o tremendo ruído viera do outro lado da recepção. Geir e Berit correram contra a corrente e se encontraram junto à escadaria. Os perdi de vista quando Mikkel e sua turma passaram a toda velocidade para ir para a Taberna de Saint Paul. Somente Kari Thue havia ficado imóvel. Soluçava, tapando o rosto com as mãos. Seus ombros eram estreitos e tão delgados que pareciam cortar o fino tecido de sua blusa. Estava esperando a morte, e em uma situação diferente é provável que tivesse me dado pena.

Nesse momento não tinha nem tempo nem possibilidade de cultivar tais sentimentos.

O ruído continuava. Ao primeiro estouro se seguiu um som estridente, misturado com breves explosões e golpes muito piores que os que nos havia proporcionado o vendaval durante quase vinte e quatro horas. Inclusive a gritaria das pessoas procurando refúgio desaparecia no som daquilo que decididamente não podia ser uma explosão. As explosões são curtas. Passam. Aquilo durava. E a temperatura descia.

Não notei em seguida. Só quando consegui certo controle da situação, e pude prestar atenção em quem corriam e onde tentava se esconder as pessoas, me dei conta do frio que fazia ali dentro. Cada vez ficava mais frio, e acontecia muito depressa. Esse som que não podia ser uma explosão ia se apagando. Em troca o ruído do vendaval parecia ter entrado dentro do edifício. Um vento gelado varria o chão, levantou um papel de chocolate e lhe imprimiu uma dança desenfreada em direção à cozinha. De repente descobri Adrian ante mim. Segurava a mão de Veronica, que parecia uma irmã mais velha arrastando o seu irmãozinho. Tinha o rosto inexpressivo e pálido, mas soltou lentamente a mão de Adrian para passar o braço pelos ombros ao choroso rapaz. Ele perguntou entre soluços:

— Vamos morrer agora, Hanne?

Oxalá tivesse podido lhe responder. Mas não tinha ideia do que havia acontecido ou do que nos esperava. Apesar do ruído, podia escutar as batidas de meu coração; estava aterrorizada. Mas algo estava a ponto de acontecer. A adrenalina que meu corpo segregava com cada estouro e lufada de vento me havia postrado em lugar de me paralisar. Via tudo. Havia visto tudo. Quando agora, vários meses mais tarde, fecho os olhos com o fim de recriar os acontecimentos desses segundos e minutos em Finse 1222, é como ver um filme em câmara lenta. Sou capaz de dar parte de cada detalhe. Mas naquele momento, ali e então, enquanto meus dentes chacoalhavam de medo e frio, houve um só detalhe no qual realmente mereceu a pena eu fixar.

Em meio do estrondo e do caos, o curdo abriu o casaco de tons marrons para apanhar uma arma que levava em uma cartucheira pendurada do ombro. Protegido pela coluna contigua à recepção, se colocou velozmente em posição de tiro; um joelho no chão e o outro pé para frente. Mas a maior surpresa, que fui incapaz de compreender seguramente por causa de meus defeitos, foi que a mulher curda fez o mesmo que ele. Ao contrário de seu marido, sacou a arma da cartucheira e teve tempo suficiente para apontar para um inimigo imaginário junto à escadaria. Seu vestido informe e folgado fora sem dúvida feito para a ocasião, e não a impediu de sacar a arma nem se mover muito depressa. Por fim, quando o frio da escadaria a alcançou sem que aparentemente acontecessem mais ameaças, devolveu o revólver ao seu lugar.

No transcurso dos minutos seguintes me dei conta de que ninguém além de mim havia notado esse estranho episódio. No principio me pareceu muito estranho. Em seguida, pensando melhor, me pareceu lógico; todo o mundo havia se movido ou havia procurado refúgio por instinto com o rosto tapado. Os dois curdos, que não haviam me visto, voltaram a desempenhar os papéis do imigrante protetor com a sua chorosa e apavorada esposa. Decidi deixar as coisas assim no momento. Talvez não fossem curdos.

E talvez nem sequer fossem casados.

* * *

Brisa Forte

NA ESCALA DE BEAUFORT - BRISA FORTE

Velocidade do vento: 8,0 – 10,7 m/s.
É difícil esquiar em direção contrária ao vento. A ventania que move a neve pelo chão levanta-a tão alto que cria torvelinhos e se perde visibilidade. A neve açoita o rosto.

POR ALGUMA razão pensei em Cato Hammer.

Na realidade, o assassinato do controvertido pastor era nosso problema menos grave. Sentada em minha cadeira junto à porta da cozinha me converti na testemunha mais ou menos impotente de um excesso de acontecimentos transcorridos em uma escassa meia hora. A tentativa de motim de Kari Thue fora muito ameaçadora. Que dois representantes, aparentemente típicos, de nossas novas classes baixas tivessem se comportado como agentes tampouco fora fácil de digerir. Porém, o tremendo barulho vindo de algum ponto da parede oeste foi o pior. Enquanto para afugentar o medo tentava ordenar as ideias sobre o assassinato de Cato Hammer que havia concebido durante as últimas horas, albergava sérias dúvidas de que a parede oeste continuasse em pé. A temperatura no hotel caía a uma velocidade inquietante. Durante as últimas vinte e quatro horas havíamos vivido imersos em um aroma de café, comida, suor e cachorro. Todos os aromas haviam se dissipado. O sentido do olfato só percebia um frio seco e ameaçador. Lá fora, a temperatura ainda era de trinta graus abaixo de zero, algo que eu não havia assimilado de todo. Havia colocado o casacão de plumas e

envolvera minhas pernas em uma manta de lã. Ao fazê-lo, havia descoberto que havia reaberto a ferida da perna. No branquíssimo curativo brotava uma flor vermelha que começava a se espalhar até os pedaços da perna cortada da calça. Procurei outra manta com o olhar.

E continuei pensando em Cato Hammer.

Era muito curioso que tanta gente o conhecesse. Não me refiro a que tivessem ouvido falar dele, pois esse era o caso da maioria de nós. Enquanto tentava combater o medo do que devia ter causado a brusca caída da temperatura no hotel, reparei em que quase todas as pessoas com que havia tratado após o acidente do trem haviam admitido de bom grau algum tipo de relação com esse homem. Cato Hammer havia sido paciente do doutor Streng. Geir o conhecia da junta diretora do clube de futebol Brann. Havia me parecido que Berit Tverre se ruborizara ao falar das anteriores visitas do pastor ao hotel. Que Roar Hanson conhecesse Hammer não era, claro está, nada estranho, pois eram companheiros de profissão e haviam trabalhado juntos. Adrian havia se limitado a se mostrar chateado com ele. Chateado e irritado. Seu tratamento a Cato Hammer havia sido muito diferente ao que dava aos demais ocupantes do trem.

— O vagão do trem! Geir apareceu ante mim. Ao principio só o reconheci pelos óculos de esqui amarelos, que lhe cobriam quase todo o rosto; retirou-os com violência e se apoiou sem respiração em minha cadeira. — O vagão caiu!

O vagão.

Reparara nesse vagão quando paramos na estação, claro, sem saber que só uns minutos depois estaríamos sentados sobre os restos do trem descarrilado. O velho vagão unia o hotel e o edifício de apartamentos, que ao se acharem muito próximos da via pareciam fazer parte da estação. Estava suspenso a uns três ou quatro metros acima do chão, e preso entre os dois edifícios. Parecia um enorme trem de brinquedo, uma enferrujada recordação de que Finse era a única cidade ferroviária

de verdade em todo o país, pois só se podia chegar ali de trem. O vagão nem sequer destoava da arquitetura. Todo o complexo era em si um grande mosaico, e o vagão suspenso constituía uma divertida contribuição do povo de Finse ao Ferrocarril Nacional Norueguês. Pelas conversas que havia escutado nas últimas horas, compreendi que o vagão estava se enchendo de neve. A construção era muito antiga, e na parede do edifício de apartamentos podiam se ver rachaduras. Não muito grandes, mas o suficiente para que já pela manhã tivessem despertado certa preocupação. Uma preocupação justificada.

— Entre os edifícios se amontoaram enormes quantidades de neve, disse Geir sem ar. Na realidade, o vagão não caiu muitos metros. Agora está inclinado obliquamente sobre a neve. No outro extremo continua unido à parede, e pode ser que a porta do vagão continue fixada a ela. Do nosso lado arrancou um pedaço inteiro de parede, com porta e tudo. Por sorte não havia ninguém no vagão quando caiu!

— Sim, respondi, — A verdade é que estamos tendo uma sorte incrível nesta viagem. Ele me olhou:

— Você está bem? Assenti com um gesto da cabeça, e adicionei:

— Mas o doutor Streng precisa ver a minha perna. Está sangrando de novo. Não acho que seja algo grave. E você como vai?

Um pouco assustado, franziu a testa e endireitou as costas. Sorriu e levou tempo para responder:

— Para você, isso está vindo muito bem!

— Que farão com o buraco? Perguntei.

— Johan irá atrás dos poloneses. Temos material de sobra no sótão. Estou certo de que...

— Os poloneses? Os carpinteiros? Com este vendaval? Irá buscá-los para...?

Geir me ajeitou melhor a manta. Sua respiração se converteu em um vapor transparente que me acariciou o rosto em cálidas rajadas, esfriando-o ainda mais. Segundo entendi, esses carpinteiros estavam nas casas que se achavam a várias centenas de metros.

— Johan é capaz de dirigir uma moto de neve no pólo sul no inverno, disse Geir. — Sabe que ali é inverno quando...

— Já sei, interrompi-o. — Quando aqui é verão. Mas tenho a clara impressão de que ninguém consegue escapar deste lugar. De que ninguém pode ficar fora!

— Johan sim. Não o faria se não fosse necessário. Mas pode. Quando é necessário. Começou a me levantar os pés, com o fim de abrigá-los melhor, e lhe dei um empurrão para que se afastasse.

— Quem é esse Johan?

— Nasceu aqui. Um dos poucos. A lenda conta que nasceu ao ar livre durante uma tormenta de inverno, e que se criou em uma cova de neve próxima de Klemsbu. Mas tudo isso são histórias, claro. Seu pai era o chefe de estação e moravam em uma bela casa. Por outro lado, é verdade que aprendeu a dirigir uma moto de neve antes de fazer cinco anos. Seu irmão mais velho adaptou uma para que fosse fisicamente possível para um garoto tão pequeno alcançar o guidom, o acelerador e o freio. Atualmente Johan vive em Ustaoset, onde dirige um centro de atividades na natureza. Atrai americanos com dinheiro e em seguida lhes dá um susto após outro na alta montanha. Essas coisas agora dão dinheiro. Mas vem a miúdo para aqui. Por sorte, estava aqui no momento da explosão. Há restrições muito severas quanto ao uso das motos de neve, assim ficou sócio da Cruz Vermelha para poder montar a miúdo. Por certo, você o conheceu. Não se lembra? Foi ele quem a trouxe para cá.

— Mas... Com este tempo!

— Como já disse, Johan é, com certeza, o único homem da Noruega, até do mundo inteiro que eu saiba, que domina toda tipo de condições climatológicas. Se a moto aguenta, Johan aguenta. Tem as pernas mais tortas que um vaqueiro, sabe? A única diferença é que seu cavalo se chama Yamaha.

Havia neve no ar. A porta com estreitos painéis de vidro, que separava a escadaria do enorme buraco na parede, estava aberta e destruída pelo vento. Ainda que eu continuasse sentada junto à porta da cozinha, e me separavam do grande buraco a recepção, uma escadaria e

meio andar, via e notava flocos de neve bailando no ar. No momento continuavam se derretendo ao alcançar o chão.

— Deveria se apressar, disse pensando de novo em Cato Hammer. — Tenho a sensação de que começa a ser urgente. Geir dava palmadas com as manoplas. Em seguida se inclinou uma vez mais sobre mim, com uma mão em cada roda. Por sorte, estavam freadas.

— Pode ser que dê essa impressão, disse levantando as sobrancelhas. Mas temos tudo sob controle. Isso eu posso garantir. Enquanto as pessoas permanecerem dentro...

A sensação de estar dentro não era especialmente boa.

— ... Ninguém morrerá de frio em Finse 1222. Dou a minha palavra.

Estive a ponto de acreditar no homem.

* * *

Ao final resultou que havia feito bem em acreditar. Eram quatro e meia. Continuava fazendo muito frio aqui dentro, mas ao menos havia parado de nevar na recepção. Fiz um cálculo rápido e concluí que já estávamos há mais de vinte e quatro horas em Finse. Quase não podia acreditar. Estou há muitos anos vivendo em uma longa e aborrecida rotina na que me encontro a gosto. Não acontece e nem acontecerá nada. Tudo é previsível e tudo segue seu curso. Tenho tempo de sobra, e o uso como quero. As últimas vinte e cinco horas, em troca, haviam sido tão intensas que durante muito tempo havia me esquecido de como estava cansada.

— Está adormecida? Perguntou Geir surpreso.

Havia retirado a parte de cima do traje de neve. Agora estava pendurado em seus quadris. Recordava-me de Ida quando volta da escola e sem retirar a roupa de todo corre até mim e sobe em meus

joelhos para me dar beijinhos e em seguida passeia a cadeira pelo andar. De novo havia me esquecido de ligar para casa.

— Não, não, respondi algo aturdida, piscando. Precisava ligar para casa já. Sem falta.

— Taparam o buraco, disse Geir levantando o punho em sinal de vitória. — Com madeira, placas metálicas e tudo o que encontramos. No final, enrolamos a instalação inteira com edredons. Fazia um frio do cacete lá em cima, e a corrente de ar impossibilitava de nos aproximarmos da parede destruída. Além disso, o corredor está cheio de neve. E com certeza... Amarrou na cintura as mangas do traje. — Sobreviveremos. Isto esquentará de novo. Dentro de uma hora ou duas, ao menos será suportável.

Já era hora. Tinha os lábios entumecidos, e me doíam as mandíbulas de tanto apertar os dentes para não morder a língua.

— E que tal do outro lado? Perguntei. — Também ali conseguiram tapar os buracos?

— Sim. Um par de homens do trem ajudou a dois dos rapazes da Cruz Vermelha e a um dos carpinteiros. Acabou sendo mais fácil por esse lado. Acabaram antes de nós. Apalpou o bolso do peito. — Dá gosto a Telenor. A cobertura do celular foi ótima, estivemos em comunicação constante com o edifício de apartamentos.

Inspirei fundo e tentei descer os ombros. De novo se apoderou de mim o frio e me doeram todos os músculos do corpo. Olhei ao meu redor em busca de Magnus Streng. A ferida continuava sangrando na frente da perna. Nem me atrevia a olhar atrás. O médico não se via em nenhuma parte.

— Venha aqui, disse Geir me fazendo gestos para que o seguisse.
— O que quer?
— Venha aqui.

Era evidente que o frio me incomodava mais do que aos demais. Sangrava, e além disso, estava há muito tempo sentada sem me mover. É provável que inclusive tivesse adormecido. Talvez não fosse nenhum absurdo seguir Geir. O homem se dirigiu até a entrada e abriu a porta de um pequeno corredor, para em seguida me ajudar a continuar até o alpendre da entrada. A loja, que ficava à esquerda descendo por uma pequena escada, não teria mais de vinte e cinco metros quadrados, e estava lotada de gente que não sabia muito bem o que comprar. Pensei que aquela cena era um curioso símbolo da cultura ocidental; todos havíamos tido a morte a um passo, e de imediato buscávamos conforto em encontrar algo para comprar. Uma jovem ruiva e de aspecto muito norueguês estava sentada atrás da caixa, sorrindo. Era, pelo que pude ver, a única pessoa presente que encontrava alguma razão para estar de bom humor. No demais, reinava o silêncio, um silêncio opressivo, angustioso e tenso, exatamente como o que reinava entre as pessoas que pouco a pouco haviam se sentado na recepção ao saber de que o dano da parede oeste fora reparado.

Adrian e Veronica olhavam óculos de sol em um expositor. O rapaz tinha cara de ter chorado, e quando levantou a cabeça e me viu, escolheu rapidamente um par de óculos escuros e os colocou. Roar Hanson estava muito próximo dele, manuseando um par de meias esportivas de cor laranja, e nem sequer levantou a cabeça quando tentei cumprimentá-lo.

— Atrás desta porta... Disse Geir, golpeando a porta exterior, — Deixaremos que a neve tape o acesso. Inclusive Johan disse que não vale a pena gastar esforços em mantê-la limpa. Custa muito. Como ele é o único capaz de ir lá fora com estas temperaturas, deixaremos que a neve o cubra.

— Incêndio, disse.

— Incêndio?

— Que faremos em caso de incêndio?

— Saltaremos de uma janela mais acima. Retiraremos o isolamento que colocamos onde estava o vagão. Algo assim. Mas não haverá

nenhum incêndio. Os riscos aos que estamos expostos tem um limite. Deu um débil sorriso.

— Contou, perguntei quando ele, sem que eu pedisse, me ajudou a colocar a cadeira na recepção, — Quantos somos agora?

— Cada vez menos, respondeu Geir tentando se fazer de engraçado. Empurrou-me dentro da sala. — Quando o vagão caiu, havia setenta e nove pessoas no edifício de apartamentos. Em todo o complexo éramos cento e noventa e seis, suponho.

— Cento noventa e quatro, corrigi. Precisa retirar Elias Grav e Cato Hammer.

— Correto. E adicionar quatro carpinteiros. Um deles no outro edifício. Três aqui. Então no total somos...

— Cento e dezoito, recalculei. Somos cento e dezoito pessoas no hotel.

Kari Thue havia reunido uma pequena plateia ao seu redor em um extremo da mesa. A conversa parou repentinamente quando Geir e eu nos aproximamos. Nesse momento desejei que essa mulher tivesse visto cumprido seu desejo. Que tivesse levado seus súditos para o edifício de apartamentos e tivesse ficado lá. Vinte e quatro horas atrás éramos duzentas e sessenta e nove pessoas em um trem. Em seguida nos convertemos em cento e noventa e seis. Faleceram dois homens e restavam cento e noventa e quatro. E agora só cento e dezoito.

De repente me lembrei dos *Dez negrinhos.* Tentei me livrar a toda pressa desse pensamento. *Dez negrinhos* é uma história que não acaba muito bem.

* * *

— Com certeza foi o susto... Disse Magnus Streng com cara de satisfação enquanto devorava um grande pedaço de salmão, — O que o fez sangrar de novo. Talvez tenha batido contra algum... Em todo caso... Levantou a faca, que pareceu um sinal de exclamação em cima do prato. — Não aconteceu nada! Está muito bem!

Eram oito e meia da noite, e eu não me sentia nada bem. Tinha tanto sono que era difícil me concentrar em algo que não fosse comida. O aroma do meu próprio corpo havia começado a me incomodar. Meu único consolo era que havia outros que cheiravam igual. O que era mais condenável neste caso que no meu, pois tinham acesso às duchas e a água quente. Por outro lado, havia outras coisas em que pensar do que na higiene pessoal.

— Preciso dizer... Adicionou Magnus Streng molhando um pedaço de pão no molho, — Que o nível da cozinha aqui é muito bom. Este peixe precisa ser descongelado, e com certeza está delicioso. Sabem que enquanto acontecia essa coisa terrível com o vagão, nosso amigo o cozinheiro e seus fiéis companheiros da cozinha ficaram fazendo pão? Fazendo pão! A isso eu chamo de profissional.

Riu e colocou na boca o último pedaço de pão, antes de esvaziar o copo de vinho tinto de um só gole.

A temperatura havia voltado a ser suportável. Com certeza não estava a mais de quinze graus, mas em comparação com o frio que havia feito durante as horas posteriores à caída do vagão, agora me parecia disfrutar de um calor tropical. Pela primeira vez havia claudicado e concordara a descer ao refeitório pela escadaria. Geir havia insistido. Johan o havia ajudado a descer minha cadeira pelos três degraus antes que eu tivesse tempo de reunir forças para protestar. Talvez estivesse demasiado cansada. Talvez no fundo tivesse vontade de descer. Sentar-me a uma mesa. Comer de uma maneira normal, em companhia de outras pessoas. E havia ligado para casa. Não disse grande coisa, mas liguei.

Nefis se alegrou. Os amigos de Nefis nunca entendem como consegue me aguentar. De vez em quando os vejo, claro. Nefis os convida para a casa. Organiza jantares. Também comemora os natais com tanta ostentação que é fácil esquecer que é muçulmana. No último Natal eram tantos em torno à mesa extravagantemente decorada que a ceia recordava a um plano de *Fanny e Alexander*. Eu posso conviver com

isso. Apenas abro a boca, e faz tempo que os amigos de Nefis deixaram de se dirigir a mim exceto para me dizer o indispensável, frases vazias. Mas estou ali. Sentada presidindo a mesa, escutando, comendo e olhando para Nefis, vendo como está feliz. Sempre vou cedo para a cama. Quando adormeço com o murmúrio das conversas vindas da sala de jantar, sei que os amigos de Nefis não entendem o que ela vê em mim. Mas eu sei.

Desde o dia que a conheci em uma terraza de Verona, quando eu fugia de uma tristeza que acreditava que me custaria a vida, não tive nenhuma dúvida sobre Nefis e eu. Quando anos mais tarde levei uma bala nas costas e perdi a mobilidade, e só tinha forças para rechaçar aos poucos amigos que me restavam, retive Nefis. Era a ela a quem queria ter ao lado da minha cama de hospital. Ela era a única pessoa à quem permitia ir me ver ao centro de reabilitação Sunnaas, aonde em vão tentava recuperar certa mobilidade; só com ela queria regressar para casa.

Há quatro anos, no final do inverno me despertou em plena noite. Era a minha primeira saída do hospital, dois meses depois do acidente. Havíamos tido uma noite muito bonita. Agora ela chorava em silêncio e cheia de culpa. Estava grávida. Desde a primeira noite em que ficamos juntas eu havia me oposto a ter filhos uma e outra vez, e havia lhe explicado que não queria que uma criança tivesse uma mãe como eu. Ninguém deve ter uma mãe como eu, e desde então não houve nem sombra de dúvida: não teríamos filhos. Mas acabou que sim. Naquela noite me limitei a sorrir na escuridão. Creio que agradeci. Ficou impossível dormir. Nunca me senti tão feliz. Nunca duvido de Nefis, Ida e eu. Em tempos como os que correm, talvez não seja ruim.

A saudade é um sentimento que conheci muito pouco. Salvo quando era criança e tinha saudade de tantas coisas que nunca sabia realmente do quê. Esta saudade era distinta, como um buraco doce e quente no estômago que quase me fazia sorrir.

— Parece que vai adormecer com a comida na boca, disse Berit.

— Também não é para tanto, murmurei.

— Café, disse Geir colocando na minha frente uma xícara de café. Nem havia me dado conta de que havia se ausentado. — Beba.

Rodeei a xícara com as mãos. O calor me fez bem. Soprei com cuidado e bebi. Roar Hanson havia estado me olhando de rabo de olho durante toda a refeição. Estava sentado com seus colegas do comitê da Igreja estatal duas mesas além de nós no refeitório. Cada vez que eu lhe devolvia o olhar, ele descia o dele. Maldisse internamente Magnus Streng, que havia se empenhado em mostrar o meu passado policial da primeira vez que me tratou. Se não o tivesse feito, ninguém saberia. As perguntas. As preocupações. E essa irritante curiosidade pelo que Roar queria me contar. Não tinha nenhuma dúvida de que queria me confessar algo.

Veronica e Adrian já eram inseparáveis. Haviam tentado em vão conseguir uma mesa isolada para eles, mas como precisavam aproveitar todas as cadeiras, tiveram que se sentar com outros. Eu não havia trocado palavra alguma com o rapaz desde a caída do vagão. Era evidente que estava envergonhado, e eu me sentia demasiado esgotada para convencê-lo do contrário.

Muitos haviam tentado se sentar à mesa de Kari Thue. Ainda que tenha enchido quando ela a ocupou, muitas pessoas arrastaram suas cadeiras até ali e puseram os pratos sobre os joelhos. Só podia adivinhar o tema de conversa. Falavam em voz baixa, e todos pararam de nos olhar deliberadamente. Berit encolheu os ombros e deixou o guardanapo na mesa.

— Não acho que Kari volte a tentar algo.

— Não esteja tão certa disso, disse. — Ainda que não possa conseguir refúgio em algum apartamento, não descarto que exija que se feche algum de nós.

— Uma pessoa inteligente, esta Kari Thue. Muito inteligente. Magnus Streng voltou a encher o copo quase até em cima. — Mas não está muito bem da cabeça, adicionou, levantando o copo para brindar.

— Uma combinação muito perigosa, diria eu. Já vi o filme dela, *Livrai-nos do mal*. Fascinante. E você, Hanne? Viu?

— Não.

— Infelizmente é boa. Aparentemente muito confiável. Muito pouco Michael Moore, por assim dizer. O problema é... Sorriu amplamente quando lhe puseram diante a sobremesa. — O filme é desprovido de ética, tanto em seu método como em seu conteúdo.

Eu não me sentia em forma para uma conversa desse tipo.

— Não creio que queira seguir falando disso, disse Magnus Streng, chamando um dos garçons. — Seria possível repetir este maravilhoso doce de morango?

Apalpou o estômago e voltou a apanhar a colher.

— Sabe...? As pessoas como eu não damos medo à gente. Que eu me lembre, sobretudo encontro... Curiosidade. Silêncio também, claro. Quando era menino podia ser complicado esse silêncio que caía como uma capa de vidro sobre mim cada vez que me movia fora da minha esfera habitual. Às vezes me sentia como um queijo em uma queijeira. Não que tenha cheirado como um... Esboçou um sorriso seco e prosseguiu: — Curiosidade silenciosa! Isso é o que a maioria sente ao ver alguém como eu.

O guardanapo que havia metido no pescoço da camisa estava a ponto de cair. Voltou a colocá-lo em seu lugar, e me olhou ladeando a cabeça.

— E repugnância. Algumas vezes repugnância. Com certeza deveria ter protestado. — Mas medo não, se apressou a adicionar. — Animosidade não, e nunca medo. Exceto, claro, o medo de ter um filho como eu. E sabe por quê?

Ninguém se sentiu tentado a adivinhar.

— Não somos suficientes para dar medo a alguém, disse depressa, acentuando cada palavra. — As pessoas de baixa estatura não constituem nenhuma ameaça. Puro e simples. Na medida em que continuemos existindo, claro. Como sabemos, existem métodos para nos eliminar muito antes que a maioria política de nosso país nos considere seres com alma...

Sem dúvida, alguém de nós deveria ter dito algo.

— De maneira que rapidamente seremos, suponho, um fenômeno para os livros de história. Não uma ameaça. Em troca, nossos amigos ali...

Fez um gesto apontando à mulher do hiyab e o seu acompanhante. Eram os únicos que tinham uma mesa de quatro só para eles. Comeram tudo o que lhes puseram na frente sem dizer palavra, nem entre eles nem com o garçom.

— Um casal muito bonito, disse Magnus Streng com um sorriso. — Um aspecto normal, em todos os sentidos. Um pouco de pigmentação, uma prenda exótica na cabeça, e outro nome de Deus, isso é a única coisa que os diferencia de nós na realidade. Mas é suficiente. E por quê?

Nenhum de nós respondeu.

— Porque são muitos. Porque cada vez existem mais ao nosso redor! O medo, damas e cavalheiros, é a miúdo uma questão de quantidade, da mesma maneira que nenhum de nós temos medo ao ver zumbir uma abelha, mas entramos em pânico quando chega o enxame.

— Bem, sem dúvida um enxame é muito mais perigoso que uma abelha, murmurou Geir.

— Não necessariamente! Magnus Streng se inclinou para frente. — Pergunte a um apicultor. À voz da experiência. *Pergunte a um apicultor!*

Eu custava a ver semelhança entre uma abelha e um muçulmano, e então enchi o copo de água.

— O pior... Prosseguiu Magnus Streng aceso, — É que se comecemos a ter medo do enxame, olhamos com suspeita para cada abelha que se aproxima! E se teremos medo das abelhas, acabaremos por ter medo de cada inseto voador de nossa fauna. E isso, amigos, é o que se chama coletivismo. É um assunto perigoso. Creio que Kari Thue, que veem ali sentada, é uma mulher à quem picaram um par de vezes. Kari Thue é uma mulher assustada. Olhou-a com algo parecido à compaixão.

— Preciso falar consigo!

Quase dei um pulo com o susto. O homem de negócios cujo nome era incapaz de me lembrar se inclinou sobre Johan. Aquele homem continuava agarrado ao seu notebook. Perguntei-me se o levava para a cama. Tinha uma meia melena ruiva e espessa com mechas claras que seria bonita se não fosse muito velho para essas tolices, e, além disso, obeso. A combinação de pele lisa, papada muito marcada e esse penteado juvenil lhe conferia uma aparência suave, quase feminina. E se pretendia que os demais não escutássemos o que dizia, estava errado. Sussurrou tão alto que poderiam ouvi-lo sem problemas a várias mesas de distância.

— Fale, disse Johan sem levantar o olhar da comida.

— Aqui não. Preciso falar consigo. De verdade.

— Então terá que esperar. Estou comendo.

— É importante. Venha.

Já não sussurrava. Agora sua voz tinha uma nota ambígua e ameaçadora. Endireitou-se, e seu rosto adquiriu uma expressão que talvez pudesse surtir efeito na sala de reuniões de um conselho de administração, mas que ali era cômica.

— Quero fazer uma oferta, disse. — Uma oferta especialmente lucrativa. Johan riu entre dentes e deixou a colher no prato.

— De acordo. Em que consiste essa oferta?

— Venha. Saiamos daqui.

— Como vê, estou comendo.

— Já acabou. Venha.

— Não. Quero mais café. Além disso, acabo de decidir. Não quero falar consigo. Nem agora nem depois. Na realidade, estou muito bem aqui. Vá embora.

— Um milhão, insistiu o homem. — Poderá ganhar um milhão de coroas. Johan começou a rir. Limpou a boca e olhou de rabo de olho ao homem de negócios.

— A isso eu chamo de oferta, disse com um gesto de aprovação ao mesmo tempo em que se levantava lentamente. — Uma oferta que merece ser estudada. Obrigado pela comida, amigos. E pela conversa.

Disse-nos adeus com a cabeça a cada um de nós, e estendeu a mão para Magnus Streng. Enquanto a estreitava o médico olhou-o surpreso.

— Nos veremos em seguida, disse Johan antes de se virar e seguir o homem do notebook.

— Steinar Aass, disse Magnus Streng com uma careta quando os dois haviam desaparecido de nossa vista. — Não é exatamente um homem com quem convenha fazer negócios.

Ao ouvir esse nome todas as peças se encaixaram. Steinar Aass era o que os jornais chamam de um mago das finanças. O homem havia sido processado uma dezena de vezes por cometer todo o tipo de infrações financeiras, mas nunca havia sido condenado. Isto podia se dever a que fosse objeto de perseguição e com certeza observante da Lei. Outra explicação poderia ser a desgraçadamente célebre falta de pessoal e recursos da unidade de crimes financeiros. Não obstante, no ano anterior o jornal de economia *Dagens Næringsliv* estivera a ponto de pilhar Steinar Aass em um artigo de sete páginas. Haviam seguido o fluxo de dinheiro de um grupo de delinquentes desde a Noruega até enormes inversões imobiliárias na América do Sul. O dinheiro havia efetuado uma ou duas rotações com ajuda de Steinar Aass e seus amigos ao longo da costa atlântica, antes que fosse sacado milagrosamente da lavadora como capital legal.

— Safado! Exclamou Geir. — Tem razão! É ele!

O garçom deu a volta à mesa e serviu café a todos. Notei o efeito da cafeína. Já não me pesavam tanto os olhos. As dores nas costas, que me haviam perturbado durante horas, desapareceram. Magnus Streng parecia considerar antes de colocar a mão sobre o braço do garçom e dizer:

— Seria possível conseguir um copinho de conhaque, senhor? À noite me serviram um saboroso Otard, que cairia muito bem. O homem sorriu e concordou.

Como havíamos nos acostumado a sua insólita figura, sorrimos para Magnus Streng. Inclusive Mikkel e sua gangue haviam parado de olhá-lo com esse sorriso brincalhão que antes dedicavam ao homem miúdo. Unicamente Kari Thue conservava sua tosca expressão, olhasse para quem olhasse. Exceto para Mikkel, claro. Descobri que ela não dissimulava mais. Pelo contrário, havia começado a lançar olhares até a nossa mesa. Era-me difícil adivinhar por quem tinha mais interesse. Mas, não sorria.

— Lá estão meus colegas, disse Magnus interrompendo meus pensamentos. Fez um gesto com a cabeça até a mesa em que estavam sentados os demais médicos. — Preciso dizer que foram excepcionalmente amáveis.

Eu não via razão alguma para dizer que os outros sete médicos haviam sido amáveis. Os que haviam abandonado seus aposentos permaneceram todo o tempo juntos ou haviam mergulhado em suas leituras. Dois deles usavam notebooks e haviam aproveitado a estadia forçada na alta montanha para se preparar para um congresso que, segundo entendi, já havia começado. Depois de curar feridas e lesões na primeira tarde, haviam dado praticamente baixa da pequena sociedade de Finse 1222. E apenas os havia visto trocar uma que outra palavra com Magnus Streng.

— Deixaram todo o cenário para mim, disse Magnus com voz suave. — E isso é algo pelo qual ficarei eternamente agradecido. Olhe, aqui está nosso amigo de volta.

— Três milhões, disse Johan com um amplo sorriso antes de sentar.

— Foi rápido, assinalou Geir. — Já tem *três milhões*?

— Não. Claro que não quero fazer negócios com um tipo como ele. Sentia curiosidade, isso é tudo.

Olhou fixamente o copo de conhaque que puseram diante do doutor Streng. O garçom olhou-o interrogante, e ele concordou com a cabeça.

— Queria saber que serviços poderiam ter tanto valor. Quando me disse o que queria, regateei o preço até triplicá-lo, e depois comecei a rir.

— E o que ele queria? Perguntou Magnus Streng com o nariz enfiado na grande taça. — Que o tirasse daqui? Johan olhou-o surpreso.

— Sim... Queria me dar três milhões de coroas pra levá-lo até a cidade mais próxima ligada por autoestrada até Oslo. Disse-me que deveria estar na América do Sul antes de sábado porque sua filha pequena está gravemente doente. Quando me neguei, de repente todos os seus filhos estavam mortalmente doentes. Isso tampouco lhe serviu! Creio que se trata de um dinheiro doente de morte...

Ainda que continuasse com interesse na conversa, ao mesmo tempo não perdia de vista aquele casal que já não sabia muito bem se era. Haviam se colocado a falar entre eles, se inclinando um para o outro, alterados e aparentemente em desacordo sobre algo.

— Três milhões, disse Berit incrédula. — Isso teria sido legal? Quero dizer, teria podido receber semelhante soma?

Todos menos eu olharam para Magnus Streng, que estava adquirindo o status de enciclopédia ambulante, pois parecia saber de tudo. Era como se ninguém se lembrasse de que Geir Rugholmen era advogado.

— Bem, respondeu Magnus estalando a língua. — Neste país teremos liberdade de contrato. Se esse homem pagasse por vontade própria, provavelmente seria legal. Se tivesse tido que reclamar o dinheiro, isso talvez tivesse atentado contra a dignidade. Como no jogo de pôquer e outras apostas. Então, se negou?

— Sim. Claro.

— Mas teria conseguido? Teria sido possível chegar a Haugastøl nestas condições meteorológicas? Johan encolheu os ombros.

— Sim, sempre e quando a moto tivesse aguentado, o que não é nada certo. Fiz muito poucas viagens longas com um frio tão extremo como este. É totalmente desnecessário correr esse risco. Eu não corro nunca riscos desnecessários. Além disso...

Todo o mundo ao redor da mesa continuava com interesse na conversa entre Johan e Magnus. Eu tentava escutar ao mesmo tempo o que se dizia entre os dois estrangeiros. Meu ouvido captava alguma que outra palavra, mas não pude reconhecer a língua. Sei o suficiente de turco para ao menos identificá-lo. Tampouco era árabe; Nefis já havia começado a ensinar Ida nesta terceira língua, para que mais adiante a criança fosse capaz de ler o Corão sem intromissões inoportunas, como me disse com um sorriso irônico.

— ... Além disso, Steinar Aass não teria aguentado nem dez minutos, prosseguiu Johan. — Chegaria a Haugastøl com um homem morto.

A mera ideia parecia diverti-lo. Serviram-lhe o copo de conhaque e deu um pequeno gole. Continuava exibindo um amplo sorriso, como se acabasse de passar a alguém gato por lebre.

— Perdoe...

O curdo, ou talvez deva dizer o homem a quem eu havia tomado por curdo, acabava de se levantar. Acercou-se vacilante de nossa mesa e olhou primeiro para Berit, em seguida para Geir e em seguida de novo

para Berit. Depois dedicou um tenso sorriso para Magnus Streng e para Johan. De mim se esquivou de todo. Duvidei um pouco e me perguntei se me equivocara ao pensar que ele não sabia que eu o havia visto sacar uma arma.

— Peço me desculpem por perturbá-los, disse. — Mas poderíamos minha mulher e eu pedir algo?

Falava tão bem o norueguês que no principio não entendi o que dizia. Apenas tinha acento; a não ser por seu aspecto e sua antiquada roupa o teria tomado sem mais por um norueguês. Era-me um pouco embaraçoso não ter notado isso antes, após mais de vinte e quatro horas no mesmo hotel.

— Claro que sim, respondeu Berit. — De que se trata?
— Gostaríamos...

Tocou o bigode e olhou para a mulher, que continuava sentada à mesa. Às vezes ela levantava a vista, mas só um instante, antes de baixá-la de novo, de uma maneira que, levando em conta o que eu havia observado antes, parecia deliberadamente humilde.

— Gostaria que nos transferissem para o edifício de apartamentos, pediu o homem em voz baixa.
— Compreendo, disse Berit franzindo as sobrancelhas.

Todos, exceto eu, olharam até Kari Thue.

— Posso entendê-lo, prosseguiu Berit amavelmente. — Mas temo que seja impossível. As duas entradas estão fechadas pela neve. Além disso... Vacilou, e olhou para Johan. Ele fez um gesto negativo quase imperceptível com a cabeça, — Devo dizer que não seria prudente deixar sair alguém nestas condições meteorológicas. É certo que ontem colocamos uma corda entre as duas entradas, mas há horas que desapareceu debaixo da neve. De modo que... Encolheu os ombros, como se lamentando, — Não pode ser.

— É muito importante para nós, insistiu o homem.

— Como já disse, eu compreendo, mas não pode ser...

— E se forem sob nossa responsabilidade? A única coisa que precisamos é de ajuda para retirar um pouco de neve da entrada...

— Então eu os deteria, disse tranquilamente Johan. — E se fosse necessário, os prenderia. Não há nada o que discutir a respeito. Ninguém pode sair. Ninguém. Entendido? O homem engoliu saliva. Voltou a tocar o bigode. Demorou uns segundos em fazer um gesto de assentimento e dizer:

— Certo. Lamento tê-los perturbado.

— Compreendo muito bem que não queiram estar aqui, murmurou Berit quando o homem havia voltado ao seu lugar. — Se nós não podemos suportar Kari Thue, para eles deve ser muito pior.

Todos os que estavam em torno da mesa deram mostras de estar de acordo. Eu não. Não acreditava que o homem armado tivesse medo de Kari Thue. Pensava que nem sequer lhe seria desagradável estar no mesmo aposento que ela. Ao contrário, a agressão de Kari Thue na noite anterior parecia ter reforçado o papel que ele gostaria de desempenhar. As razões pelas quais ele e a mulher do hiyab queriam se mudar para o edifício de apartamentos eram muito distintas. Queriam estar na mesma casa que os passageiros do vagão secreto. Não sabia por quê, mas algo começava a se esclarecer.

* * *

Roar Hanson era um enigma ainda maior. A ceia havia terminado, como Magnus Streng declarou entre risadas, depois de um florido e prolixo discurso para agradecer pela comida. Eu queria dormir mais que nenhuma outra coisa. Geir e Berit haviam tentado uma vez mais me convencer para que aceitasse uma cama de verdade. Como éramos muitos menos que no dia anterior, inclusive poderia dispor de um quarto individual. Neguei-me.

E quanto a ceia acabou, deixei que me levassem de volta à recepção subindo os três degraus. Cada vez que as pessoas tomam o controle de

minha cadeira me sinto como um bebê em um carrinho. A última coisa que desejo é me sentir como uma criança pequena. Fora terrível quando fui uma. Em outras palavras, me era intolerável a ideia de que alguém me subisse um andar inteiro. Berit desistiu por fim e sugeriu trocar um dos sofás curtos do Milibar por um mais longo do Salão Azul. Assim ao menos poderia me deitar.

Aceitei e agradeci o oferecimento, mas tive que esperar que a recepção ficasse vazia para poder me acomodar. Uma coisa era dormitar um pouco na cadeira com gente ao redor e algo muito distinto deitar à vista de todo o mundo. Sentada em minha cadeira e tentando dissimular meus contínuos bocejos, me sentia como uma anfitrioa cansadíssima após uma exitosa ceia da qual ninguém queria ir embora. No geral, o ambiente havia melhorado bastante. Com certeza tinha algo que ver com o álcool que havia sido servido. Depois de tudo o que havia acontecido nesse dia, suspeitava que inclusive os bebedores mais moderados haviam esvaziado os copos mais de uma vez. Mereciam.

— Poderia...? Pisquei. Ali estava de novo Roar Hanson.
— Sente-se, disse não tão amavelmente como antes.
— Por que mentiu? Perguntou.
— Não menti.
— Sim, negou que Cato tivesse sido assassinado.
— Não, não fiz isso. Depois de que tivesse... Mostrado suas suspeitas, perguntei por que, em sua opinião, havia sido assassinado. Não neguei nada de nada.

Sentou-se, indeciso. Parecia estar tentando reconstruir a conversa que havíamos mantido justo antes que a garota vestida de vermelho anunciasse a gritos o seu macabro achado na recepção de mercadorias. Devia ter boa memória, porque seu olhar era menos acusador quando suspirou, se inclinou para frente com os braços sobre as coxas e começou de novo:

— Eu sei quem matou Cato, disse em uma voz apenas audível. — E me atormenta ter essa informação.

Trabalhei mais de vinte anos na polícia. Nunca contei, mas como a maior parte desses anos prestei meus serviços nos homicídios, creio não exagerar se disser que participei de mais de duzentos casos. Em quase todos eles aparecia um tipo como Roar Hanson. Alguém que afirmava saber. É frequente que seja o próprio criminoso que tenta ficar imune às acusações; uma tática tão estúpida que deveriam colocar uma nota de advertência contra ela em tudo o que se possa usar coma arma homicida. Ainda não conheci nenhum agente que não olhe imediatamente em direção ao que disse saber. Além disso, as pessoas deveriam se lembrar do oitavo mandamento: Não levantarás falso testemunho, nem mentirás.

Mas Roar Hanson não dava a impressão de estar levantando falso testemunho. Ao contrário, apresentava todos os sintomas da aflição. Tinha a pele úmida e de um cinzento doentio, e o cabelo tão engordurado que se agarrava no crâneo. Tinha os olhos avermelhados e lacrimosos, ainda que eu não soubesse dizer se chorara ou não. Nesse momento deixou cair a cabeça entre os ombros. Qualquer outra pessoa lhe teria dado uma palmada nas costas. Em troca eu me afastei um pouco.

— Deveria ter feito algo naquele momento. E se calou.
— O quê? Perguntei no tom mais indiferente possível.
— Deveria ter...

De repente endireitou as costas e passou o dorso da mão pelos lábios. Não lhe serviu de muito. Continuava tendo uma espessa secreção branca nas comissuras da boca.

— Foi quando nós dois trabalhávamos na Agência de Informação. Cato era... Conteve a respiração, como se precisasse tomar impulso. — Não entendo como não informei sobre o ocorrido então, por que não fiz nada. E Margrete... Não se pode viver com algo assim. Eu não podia saber, claro, mas parecia tão... Impensável que ele fizesse... Você é policial, não é? É verdade o que dizem?

A Agência de Informação. De que? De carne e aves? De frutas e verduras?

Eu não sabia do que estava falando esse homem. Parecia-me que estava a ponto de entrar em uma espécie de psicose paranoica; de repente se colocou a olhar ao redor como se tivesse medo de que alguém o atacasse. Como as pessoas mais próximas se encontravam a vários metros de distância e, além disso, estavam ruidosamente ocupadas em uma emocionante partida de Trivial Pursuit, tudo era um pouco cômico. De vez em quando se dava um forte golpe no ombro machucado. Já que sua história não tinha nem pé nem cabeça, decidi mentir.

— Sim, disse. — É verdade o que dizem. Trabalho na polícia. Pode falar comigo sem medo.

— Acredita em vingança?

— Como? Roar Hanson se aproximou ainda mais. Notava no rosto pequenas lufadas de seu podre alento. Não pisquei, e tentei não desviar o olhar. — O que quer dizer? Perguntei.

— Acha que é ético vingar uma grande injustiça?

Enquanto buscava a resposta que ele desejava ouvir, vi que Adrian se aproximava em nossa direção. Havia descido tanto o gorro que não podia lhe ver os olhos. Como fazia tempo que me havia dado conta de que ele e Roar Hanson não se adoravam precisamente, levantei uma mão para avisá-lo de que se mantivesse a distância. Não serviu de nada.

— Que merda faz aqui sentado? Adrian deu um empurrão em Roar Hanson no ombro. E antes que eu tivesse tempo de protestar, o rapaz prosseguiu: — Não moleste a Hanne, certo?

— Adrian, disse, severamente.— Não está me molestando! Saia daqui!

Era muito tarde. Roar Hanson se levantou depressa, como um idoso. Piscou um par de vezes, e seu rosto adquiriu uma expressão de

equilíbrio e controle. O sorriso que logrou esboçar era tão tenso que os dentes lhe desapareceram entre os lábios.

— Não, me apressei a dizer. — Não deve...

Não me fez caso. Não lhe tirei o olho até que desapareceu escadarias acima.

— Por que fez isso? Disse a Adrian tentando não mostrar a raiva que sentia por dentro. — É a segunda vez que interrompe... Que atrapalha uma conversa minha com esse homem!

— Mas eu... Acreditava que...

Há só umas horas Adrian havia se comportado como um menino chorão. Quando entrou apressadamente na sala para brigar com o clérigo, havia recuperado algo do carácter mal-humorado e agressivo com que se disfarçava. Agora parecia outra vez completamente desamparado, incapaz de entender a minha ingratidão.

— Mas... Tartamudeou, — Mas... Acreditava...

— Acreditava? No que você acreditava? Que sou incapaz de me defender por mim mesma? O que tem contra esse homem? Fez-lhe algo? Você fez algo a ele? Eram demasiadas perguntas para Adrian. Foi embora sem pronunciar palavra.

Quando volto a vista atrás, penso que se o jovem não interrompesse a desconexa confissão de Roar Hanson talvez teria se salvado a vida de um homem. Mas isso eu não sabia então, claro. E afortunadamente para Adrian, devo adicionar. Estava tão furiosa com o rapaz que nem sequer prestei atenção para onde ia.

* * *

Vento Fresco

NA ESCALA DE BEAUFORT - VENTO FRESCO

Velocidade do vento: 10,8 – 13,8 m/s.
É muito trabalhoso se mover em direção contrária ao vento. A ventania reduz a visibilidade a menos de um quilômetro. Custa muito ter o rosto desprotegido durante um tempo longo.
Não se devem passear com esquis pela montanha com ventos desta intensidade ou intensidades maiores.

TENTEI DORMIR. Talvez tentasse com demasiada insistência. Durante várias horas desejara que chegasse o momento de ficar só na recepção. Berit me trouxera um edredom e uma almofada, e eu contava em adormecer antes da meia-noite, depois de que os três alemães, muito contra a vontade e realizando ruidosos protestos, foram enviados à cama pelo pessoal. A partir das dez não se servia álcool. Mikkel e sua gangue se entretinham jogando livros de bolso molhados em cerveja ao crepitante fogo da lareira do Salão Azul. Antes que três empregados chegassem correndo para impedir, tiveram tempo de provocar uma considerável quantidade de fumaça cinzenta e amarga. De imediato foi cortada a cerveja deles.

Não conseguia adormecer. Estava cômoda. O sofá tinha a dureza desejável e a largura suficiente para que pudesse me virar sem demasiado esforço. A roupa da cama cheirava a cloro e a maçã. Fechei os olhos, mas as imagens que se moviam pela retina me mantinham acordada.

Não só havia decidido deixar repousar o assassinato de Cato Hammer até que o tempo melhorasse e a polícia pudesse se encarregar deste simples, ainda que trágico, caso. Também havia conseguido convencer Berit, Geir e Magnus Streng de que essa suspensão temporária era a única coisa sensata a fazer. Conviver com um assassino já era terrível, e não convinha aumentar o perigo assustando-o sem necessidade. Porém não conseguia parar de pensar no caso.

Ainda que me irritasse, havia começado a pensar em Cato Hammer com uma espécie de benevolência, sem entender por quê. Há muito que havia deixado de sentir empatia com as vítimas de assassinatos, só porque tinham sido objeto de um crime. Inclinei-me sobre demasiados cadáveres. Encontrei-me com demasiados mortos que estando vivos se lançavam diretos e com os olhos abertos, à perdição: avaros, depravados e sem pensar mais do que neles mesmos. Em troca, os antecedentes das vítimas sim, podem despertar a minha compaixão. Chamem de grau de culpa do próprio morto, por muito politicamente incorreto que soe. Durante muitos anos coloquei todo o meu ser no trabalho. O assassinato de um membro de uma gangue com um monte de delitos violentos em seu currículo merecia exatamente o mesmo esforço de minha parte que o crime de estupro e assassinato perpetrado contra uma criança de onze anos. Mas reservava meus sentimentos para uns poucos. Que cada vez eram menos, devo admitir.

Cato Hammer havia sido um tipo arrogante, um provador chato, uma pessoa que jamais havia suportado. Em circunstâncias normais teria podido esquecer o homem e me centrar no crime, o que neste caso havia decidido não fazer. E, no entanto, havia algo nele. Era incapaz de me esquecer de seu rosto quando jazia na ilha da cozinha, sem alma e desnudo, ainda que não literal, ao menos metaforicamente. O assombro dos olhos mortos era tão genuíno, a expressão de surpresa tão marcada, que a ideia de que Cato Hammer havia visto Deus ao final desse branquíssimo e luminoso túnel ainda me obcecava. Bobagem, claro.

Sentimentalidade irracional devida ao fato de que já não trato com mortos. Sem dúvida, a visão de Cato Hammer assassinado havia me

afetado. Esse homem não havia feito dano a ninguém além de si mesmo. Ao contrário de Kari Thue. Esperava com uma assombrosa veemência que fosse ela que tivesse matado Cato Hammer. Ao pensar nisso sentia uma alegria cálida e envergonhada. Não havia nenhuma razão para suspeitar que Kari Thue fosse uma assassina. Mas Nefis não suporta essa mulher.

No demais, existe muito pouca gente que Nefis não goste. Nefis é turca, lésbica e mestre em matemática, e por causa disso tem uma atitude pragmática ante a maioria das coisas da vida. Ao mesmo tempo, mantém uma profunda fé infantil, uma certeza da presença divina que está com ela a tanto tempo que não se deixa diminuir por conhecimento ou inteligência. É estranho, claro, e nos primeiros anos discutíamos às vezes sobre isso, porque eu tenho um grande problema com esse tipo de irracionalidade. Quando por fim me dei conta de que no fundo tudo se devia a que Nefis havia tido uma infância digna de ser recordada, compreendi que não devia me imiscuir.

Para Nefis, o Islã é o severo amor de seu pai, o ruído dos sapatos de seus irmãos e das risadas nessa casa-palácio onde se criou. O Islã são os abraços de reprovação, as lamentações e o perdão de sua mãe. A fé é para Nefis a proximidade das três irmãs e tudo o que é bonito e digno; os avós no campo, o aroma dos livros na grande biblioteca de seu pai, e as vozes cantoras dos muezins nos minaretes. Para Nefis, Alá é a força que fez com que seu pai a ignorasse, mas que após mais de dois anos de maldições e rechaço, ao final se deu por vencido; depois de tudo, uma filha lésbica é também um dom de Deus, e ele não seria capaz de ignorá-la para sempre, ainda que ela amasse uma mulher e, além disso, tivesse começado a apreciar vinhos estranhos. O pai de Nefis tem dezessete netos, mas Ida é a menor, a única com os olhos azul celeste e o cabelo da avó materna. O amor que sente por ela é infinito, e também a adoração que lhe rende. Tudo isso é a fé e a religião de Nefis.

Para mim, Deus é alguém que nunca me olhou. Se existisse, jamais teria permitido que os primeiros dezoito anos de minha vida fossem como foram. Quando por fim tive forças suficientes para romper

totalmente com a minha família, com a minha neurótica, esnobe, preconceituosa, acadêmica e pseudoreligiosa, além de muito norueguesa, família, tampouco vi rastro do Senhor. A única coisa que encontrei foi a resignada e triste segurança de ter feito o certo. Romper com a família é a liberdade que mais custa. Equivale a romper com partes de você mesmo. Cortar partes de você mesmo.

Kari Thue anima a essas coisas. Pisa com sapatos cheio de cravos por terrenos delicados. Dá aos mais jovens possibilidades cujas consequências não são capazes de avaliar. Para Kari Thue, o Islã é uma camisa de força da que é necessário sair correndo, e desdenha mulheres como a minha Nefis. Põe-me furiosa. Mas isso não convertia Kari Thue em assassina. Ao menos não automaticamente. Retorci-me no sofá.

Já não havia razão para me preocupar pela questão de quem se alojava no apartamento de Trygve Norman, no último andar do edifício de apartamentos. Após os tremendos acontecimentos do dia, estávamos definitivamente separados dos passageiros do misterioso vagão especial. Berit havia me assegurado que os dois homens da Cruz Vermelha se ocupariam de que ninguém chegasse até o guarda armado colocado no corredor escuro e estreito ante o apartamento isolado. Se não fosse pelos dois curdos, não teria me preocupado mais com tudo aquilo.

Era impossível encontrar uma boa postura para dormir.

Ainda que aparentemente o curdo havia se resignado a não se mudar para o outro edifício, eu não estava muito convencida de sua sinceridade. Teria me sentido muito mais tranquila, se tivesse sabido o papel que esses dois desempenhavam em todos esses segredos. Se eles eram caçadores ou guardas, quero dizer. Devia parar de pensar. Queria dormir. Abri os olhos.

Era como se o som do vendaval tivesse mudado. O vento continuava furibundo e ruidoso, mas me parecia que os golpes já não chegavam com a mesma força e frequência de antes. Como não haviam tapado totalmente o buraco da parede oeste, o ar do interior tinha uma

nova frescura, uma corrente de ar gelado que não desaparecia por mais estufas e lareiras que acendessem. Berit havia dito que o temporal começaria a amainar no dia seguinte à noite, talvez já à tarde. Tive a impressão de que a mudança já havia começado. Tentei escutar o monótono ruído do vendaval, como se de uma canção se tratasse, uma canção que contaria como tudo iria melhorar e acabaria bem. Pensei em Ida, e adormeci. Justo antes de adormecer, notei que Adrian voltara. Deitou no parapeito e se cobriu com uma manta, como na noite anterior. Não me restavam forças para falar com ele.

* * *

— *Hanne! acorde!*

Não sabia onde estava. Fazia muito tempo que não dormia tão profundamente. A viagem de saída do reino dos sonhos foi longa e tortuosa, e durante vários segundos tentei enfocar o homem que estava de joelhos com uma mão em meu ombro, sussurrando:

— Precisa acordar!
— O que aconteceu? Murmurei por fim. — Que horas são?
— Três. São quase três horas.
— Estou dormindo.
— Roar Hanson desapareceu.

Tentei me levantar. Por sorte, Geir havia aprendido a lição e não tentou me ajudar, ainda que eu devesse parecer bastante aturdida.

— Roar Hanson, repeti mecanicamente. — O que quer dizer com "desapareceu"?

Por fim havia consegui me levantar. Geir se sentou no sofá em que eu estava deitada, e se inclinou para frente.

— Divide o quarto com Sebastian Robeck.
— Seb... De quem está falando?

Voltei a me deitar sobre as almofadas. Agora que por fim havia me agarrado de verdade ao sono ele não queria me soltar.

— Pouco importa quem seja. Simplesmente é alguém daquela comissão. Dividiam o quarto. Mas quando Sebastian Robeck se levantou há meia hora, descobriu que a cama de Roar Hanson estava vazia. Ninguém dormira nela. Roar não chegou a se deitar.

— Em outro quarto, murmurei. — Deitou-se em um quarto para ele somente. Após a caída do vagão, ficaram livres alguns quartos e...

— Isso é o que eu também sugeri. Mas esse tipo, esse Sebastian disse algo que...

Agitei as mãos para que se afastasse um pouco para atrás. Tinha a língua seca e entumecida, e procurei um chiclete em meu casacão.

— O que ele disse? Perguntei em voz baixa enquanto esfregava os olhos com ambas as mãos. — Adrian ainda está dormindo? Geir deu uma olhada até os janelões e confirmou com a cabeça.

— Roar Hanson disse algo, sussurrou. — Ontem à noite, justo antes que fossem dormir, disse ao seu companheiro de quarto que precisava se ocupar de um assunto, mas que só demoraria um quarto de hora. Pediu... De repente levantou a vista. — Lá vem ela, sussurrou, assinalando.

Berit Tverre se aproximava sigilosamente. Retirei o edredom de cima de mim e tive tempo de me sentar na cadeira de rodas antes que ela e seu acompanhante chegassem até o sofá. Por sorte, havia me deitado com a roupa. O aroma a ranço que desprendia o meu corpo sem lavar me fez retroceder com a cadeira quando o homem me estendeu a mão. Viu-a descer, encolheu os ombros e se apresentou. Eu murmurei meu nome.

— A que vem tudo isso? Perguntei movendo energicamente a cabeça, ainda que não servisse de muito. — Não entendo tanto drama. Estamos em plena noite e como restaram muitos quartos livres, pode...

— Me pediu que o esperasse, respondeu Sebastian em uma voz tão alta que tive que pedir silêncio. Quando prosseguiu, o volume de sua voz havia descido consideravelmente: — Disse que precisava se ocupar de um assunto, ou se encontrar com alguém, ou talvez tenha dito que precisava dar um recado. Não me recordo muito bem. Mas o curioso é que... Que me pediu que o esperasse. Só demoraria um quarto de hora mais ou menos. Perguntei-lhe por quê, e ele se limitou a repetir o mesmo: devia esperá-lo.

— Mas tinha intenção de ir a alguma parte? Por que pediu que o esperasse, se você iria se deitar?

— Sim, sim. O homem coçou uma axila e no nariz apareceu uma ruga de descontentamento. — Me pediu que não adormecesse. Que ficasse acordado até que ele voltasse.

— Por quê?

— Não sei.

— Perguntou a ele?

— Sim, e então me rogou ainda com maior insistência que o esperasse acordado.

— E o que aconteceu? O homem se retorceu.

— Adormeci. Estava esgotado. A última frase disse em tom de lamento, quase contrito.

— Não vejo que tenha cometido algum crime.

Tentei reprimir um bocejo. Saltavam-me as lágrimas. Apanhei a garrafa de água da mesinha e bebi um gole. Engoli o chiclete ao mesmo tempo.

— O que faremos? Perguntou Geir. — Começamos a procurá-lo? Fez-se silêncio.

— Esperaremos, disse por fim Berit. — A última coisa que devemos fazer agora é despertar a todos, antes que tenham dormido o suficiente. Provavelmente Hanson estará dormindo em outro quarto. Talvez tenha voltado e visto que Sebastian estava dormindo, e como queria ler um pouco se enfiou em outro quarto a fim de não incomodá-lo.

— Os quartos livres estão fechados com chave? Perguntei. — Quero dizer, é preciso ir até a recepção para apanhar a chave? Berit sorriu resignada.

— Não, desistimos ontem. Tudo está aberto. Temos entregado montes de roupa de cama limpa. As pessoas precisam fazer a cama se querem mudar de quarto. Para nós é mais fácil, claro, mas nos tira algo do controle. Mas não podíamos...

— É muito sensato, apontei. — Estou de acordo consigo. É muito provável que o desaparecimento de Roar Hanson tenha uma explicação natural...

Calei-me. Os demais me olharam. Os três sabiam que eu estava mentindo. Todos nós pensávamos o mesmo. O fato de que mais um membro da comissão da Igreja estatal desaparecesse durante a noite, em estranhas circunstâncias, quase exatamente vinte e quatro horas depois de que um colega fora assassinado, era suspeito, para não dizer algo pior. Além disso, imaginei que eu não era a única pessoa que havia reparado na instabilidade emocional de Roar Hanson. Sebastian Robeck e eu sabíamos que o clérigo poderia ter quebrado uma janela e saltado ao frio infernal por vontade própria. Ou algo pelo estilo.

— ... Esperaremos antes de dar o alarme. Se acordarmos as pessoas agora, temo que isso provoque uma catástrofe ainda maior do que... Não consegui finalizar a frase. Tampouco alguém tentou me ajudar. — Por que não nos vemos aqui às...? Eram três e dez. — Às seis? Não, melhor às seis e meia. Nessa hora a maior parte das pessoas ainda estará adormecida. Prosseguiremos então. De acordo?

Ninguém protestou. Foram para seus respectivos quartos e me deixaram sozinha. Voltei a me deitar. Adrian estava na mesma postura em que havia se acomodado há três horas. Antes que me desse tempo de temer a insônia, caí em um torpor profundo e sem sonhos.

É estranho o que as pessoas conseguem fazer.

* * *

Vento Forte

NA ESCALA DE BEAUFORT - VENTO FORTE

Velocidade do vento: 13,9 – 17,1 m/s
Com o vento contra é preciso se inclinar para frente sobre os esquis fazendo muita força com os bastões, inclusive em terreno plano. Pode ser difícil se manter de pé com as rajadas de vento.
A ventania reduz a visibilidade a umas poucas centenas de metros. Custa muito se orientar no terreno.
Esquiar pela montanha com este forte vento constitui uma prova muito dura para a maioria.

O RELÓGIO INSISTIA em que era de manhã. Seis e vinte, marcavam os ponteiros fosforescentes do relógio de pulso. Meu corpo protestou energicamente. Quando o monótono e mecânico som tentou me puxar do sono estava tão tonta do que quando Geir havia me despertado umas horas antes. As costas me doíam. Da região lombar descia um fogo que era absorvido por uma dor que na teoria não deveria sentir. Por um instante me perguntei se havia recuperado a mobilidade. Nesse caso, seria um milagre de proporções bíblicas. Uma bala de grosso calibre havia me partido em duas a medula espinhal, entre as vértebras onze e doze, e não havia a mais remota possibilidade de recuperação. Tentei me levantar. Ainda que no princípio o sofá parecesse uma boa solução, não havia aguentado a noite. Em casa temos uma cama de cento e vinte mil coroas, feita em Auping especialmente segundo o peso e a altura de Nefis e minha. Inclusive essa maravilha

pode me causar problemas. Nesse momento duvidava de se alguma vez voltaria a levantar e sentar. Consegui a duras penas.

— Comecemos pelos quartos que sabemos que estão vazios, disse Berit em voz baixa. Ao descobrir que Adrian desaparecera franziu o cenho.

— Saiu há um momento, murmurei. — Não sei para onde.

— Geir já começou a busca, disse Berit. — E o tal Sebastian insiste em ajudar. Vamos ver se temos sorte. Oxalá apareça em algum quarto.

— Quantos aposentos têm aqui? Seu sorriso era de resignação.

— Mais do que queria agora. Primero verificarão nos desvãos, nos quartos do sótão, laboratórios e salas técnicas. Se tivermos sorte, as pessoas dormirão hoje até tarde. Depois de tudo o que aconteceu ontem, quero dizer. Se estiverem tão cansados como eu, dormirão até o meio-dia! Quem sabe encontraremos Roar Hanson antes dos hóspedes despertarem.

Eu estava pensando o contrário. Se encontrássemos o pastor em um quarto que não fosse dormitório, o estado que estaria me dava calafrios. Como duvidava que esse homem tão desequilibrado tivesse se entregado a uma aventura amorosa, dadas às circunstâncias, continuava aferrada à esperança de que tivesse encontrado um quarto para dormir sozinho. Nesse caso, seria difícil encontrá-lo sem despertar as pessoas.

Berit alisou o rabo de cavalo que havia feito com um grosso elástico azul. Esse movimento tinha um ar de desamparo, algo infantil que contrastava estranhamente com o rosto forte e os olhos intensamente azuis e diretos. Falava de nós como hóspedes. No transcurso destas dramáticas trinta e seis horas, só poucos de nós encontráramos um momento para agradecer Berit e aos demais empregados pela ajuda. Certamente muitos haviam comentado como era boa a comida, mas a maioria das pessoas estava tão obcecada por elas mesmas e seu destino de vítimas de acidente, que ignoravam estes cuidados. Alguns se queixavam das camas, outros permitiam aos cachorros descer ao Salão Azul, ao qual na realidade não deveriam ter acesso. Um casal de uns cinquenta anos havia conseguido o aplauso de muitos, quando se queixaram de que a

oferta de diversão era pobre; faltavam peças na maior parte dos jogos e havia muito poucos baralhos. Quando a risonha jovem da loja sugeriu que essas coisas podiam ser compradas, a mulher fechou a boca profundamente ofendida; ela não pedira para sofrer um acidente na alta montanha e não tinha nenhuma intenção de gastar um cêntimo por causa disso.

Berit já estava com umas olheiras profundas. Durante a noite havia adquirido um ar cansado, quase triste. Pelo que pude ver, só haviam obrigado a pagarem na loja e no Milibar. Não se falara em cartão de crédito para cobrir a estadia ou alimentação, nem se exigira garantia alguma. Os empregados haviam trabalhado de sol a sol, dezoito horas diariamente. Até então, haviam agido como pastores de almas, enfermeiros, garçons, muro de lamentações e assistentes. Magnus Streng era o único que, desde que entrara no edifício se contorcendo, e começara a tratar de feridas e entalar ossos quebrados, não havia deixado de comentar que Finse 1222 devia ser o hotel mais encantador do país. Éramos uma panda de mal-agradecidos. Realmente éramos noruegueses, ao menos a maioria. E, no entanto, Berit Tverre continuava nos chamando de hóspedes. Dedicou-me outro sorriso antes de atravessar a sala em direção à escadaria. Pelo que pude ver, se dirigia ao andar de baixo.

Escutei a ventania. Estava certa de que o vento havia amainado durante a noite. Já não arremetia com a mesma fúria. Era como se por fim tivesse entendido que as casas de Finse podiam suportar golpes, ficar enterradas debaixo da neve e sofrer sérios danos, mas nunca seriam vencidas. Os edifícios que rodeavam a pequena estação de estrada de ferro, entre as montanhas de Gallingskarvet e Hardangerjøkulen haviam sido construídos em uma época em que as coisas não corriam tão depressa e por gente que conhecia a montanha e os caprichos dos deuses do tempo, mais do que aos seus próprios filhos.

Para minha surpresa, reparei em que a parte inferior dos janelões que davam para o lago Finse estavam cobertos de neve compacta. Não podia saber a distância certa, mas imaginava que no verão teria uma

altura de três ou mesmo quatro metros até o chão. Talvez mais. Do outro lado da parte superior dos janelões, a neve girava com uma força centrifuga descontrolada, farrapos esbranquiçados iluminados de dentro e recortados contra a ainda escura manhã. O tempo não melhorara; estávamos a ponto de ser enterrados pela neve. Já não restavam superfícies de parede onde o vento pudesse bater. Até agora, a neve havia se acumulado em enormes montes que se erguiam a um par de metros das paredes que davam para o lago. Pensei que tinha algo a ver com o vento e com o calor que o edifício despendia; havia fossos de ar entre nós e os aterradores montes de neve. Agora esses fossos estavam a ponto de se encherem. Ao redor do edifício havia pousado um manto de neve, que nos protegia contra os piores ataques. Só no edifício anexo, que fora construído na ladeira e era a parte do hotel mais alta, continuavam soando as já conhecidas batidas nas paredes. Não sabia se deveria ficar aliviada ou apavorada. Não tinha ideia de quanta neve podia cair do céu nem a quantidade que este havia decidido enviar.

* * *

Ninguém apareceu.

Berit se deixou ver, mas pelo demais, fiquei só na recepção. O cozinheiro e seus dois ajudantes já estavam na cozinha. De vez em quando ouvia ruídos de metal e outros sons que se misturavam com o monótono rugido de fundo do vendaval. Dava-me fome. Mas, além disso, ainda estava cansada e morta de sono. Estou acostumada a me levantar às seis da manhã, mas nesse momento me sentia como se fosse ao meio-dia. Bocejava sem parar e os olhos se enchiam de lágrimas. Por isso não reparei no cachorro que apareceu na recepção, só notei um movimento difuso, uma sombra amarelada no chão. Antes que tivesse tempo de secar os olhos com o dorso da mão, o cachorro estava já entre as escadarias e o Milibar, onde eu estava sentada em minha cadeira de rodas, sem entender o que estava a ponto de acontecer

.

De repente desapareceram todos os sons. Ouviu-se o ruído de um interruptor da luz. Era como se meu corpo não tivesse energia para

alimentar todos os sentidos. Era mais importante ver, e eu via. Todo o episódio durou no máximo três ou quatro segundos, mas de novo tive essa sensação de captar tudo. Absolutamente tudo. O animal que vinha até mim não era o cachorro português, nem o assustadiço setter. Tampouco era o poodle, que, por certo, não havia voltado a ver desde a primeira tarde. Como sempre fico sentada, tenho uma perspectiva da existência diferente do resto dos adultos. Também em um sentido literal. Às vezes pode ser muito valioso. Vejo coisas que outros perdem. Ainda que eu também perca coisas que os outros veem. Em muitos sentidos vejo o mundo tal e como o vê um menino.

Os pitbull terriers não são muito grandes. Um macho adulto pode chegar a pesar uns trinta quilos, mas como não existe nenhum padrão da raça, as variações são enormes. De qualquer maneira, é uma raça proibida na Noruega. Ainda assim, como acontece com outros cachorros de presa, também podem passar por outra raça, e no país existem muitas. O exemplar que corria a toda velocidade até mim parecia mais um monstro que um cachorro. Tinha o tórax maior que as patas, e de sua enorme boca saía a língua mais longa que vi em alguma criatura vivente. Não sei por que, mas soube imediatamente e por instinto que as manchas negras em seu curto pelo marrom eram de sangue. Quando o animal se encontrava a cinco metros de mim, vi que dos dentes jorrava uma baba cor rosa que sacudia cada vez que suas patas dianteiras golpeavam o chão. Seus olhos eram incolores, claros como o gelo, com nuances quase imperceptíveis de azul muito claro. O animal dava a sensação de poder ver e ser cego ao mesmo tempo. Tinha o olhar fixo em mim, como se eu estivesse sentada ao final de um túnel escuro e não houvesse nada mais à frente. Por sorte havia outras coisas.

De repente pude ouvir de novo: um estalido e surdo som de algo mole e compacto que caiu ao chão. Ainda que tudo o que mais tarde li sobre cachorros de presa e seu comportamento, mostrava que o cachorro não deveria ter se distraído nem um momento, este sim o fez. Não afastou o olhar de mim, mas ao girar levemente a cabeça perdeu o ritmo e resvalou sem cair totalmente. A única coisa que eu desejava nesse momento era poder usar as pernas. Compreendi que só poderia me

defender levantando os pés e chutando no momento em que o cachorro desse o último salto. Se o animal se aproximasse do meu rosto, estava perdida. Então pus toda minha concentração e força nessa tarefa impossível: levantar os joelhos e estirar as pernas diante de mim no momento preciso.

Não aconteceu nenhum milagre. Eu continuava sendo paralítica, tal e como serei até o dia em que morrer. E não podia entender de onde havia saído Mikkel. Estava a um metro de mim, e tinha a besta por baixo. Com o braço direito agarrava o pescoço dela, e tinha o cotovelo arqueado sobre a laringe. A esquerda, fechada em um punho para evitar os dentes do animal, puxava o focinho para cima com grande força; então Mikkel fez um movimento repentino e violento. As cervicais do cachorro se romperam com um barulho como de carne. As patas arranharam o chão em espasmos um par de vezes e por fim Mikkel se levantou, chutou o cadáver com o pé e murmurou:

— Cachorro de merda. Eu inclinei o corpo para a esquerda e vomitei.

O rapaz não fez gesto nenhum para me ajudar. Não me ofereceu água, nem me perguntou se podia fazer algo por mim. Aparentemente, pensava em deixar o cachorro onde estava, se virou e disse:

— Creio que o pássaro quebrou. Tive que saltar por cima do mostrador e o quebrei. Levantou um pouco a cintura da calça e foi embora.

No chão da recepção jazia um pássaro invernal destroçado; um triste monte de desalinhadas plumas brancas. Era o amigo do corvo dissecado que continuava com as asas abertas e os olhos mortos contemplando a sala. O som que distraiu o cachorro deve ter sido o de quando o pássaro caiu ao chão. Pareceu-me estranho que eu só tivesse ouvido esse golpe suave em vez do vendaval Mikkel. Perguntei-me o que estaria esse jovem fazendo do outro lado do mostrador, onde só tinha acesso o pessoal, escondido na primeira hora da manhã e sem delatar a

sua presença. Mas nesse momento não tinha forças para pensar. Mikkel, o rapaz do lenço na cabeça, havia me salvado a vida.

Berit chegou correndo. Ao ver o cadáver do cachorro, parou e levou as mãos à cabeça. Nesse momento me dei conta de que estava chorando. Provavelmente não de compaixão por essa besta amarela com o focinho manchado de sangue e espuma vermelha nas grossas mandíbulas.

* * *

Haviam encontrado Roar Hanson após a terceira porta que abriram à sua procura. Por sorte Berit estava presente, porque era a única que sabia que esse afastado quarto do sótão servia de guarida provisória para o raivoso cachorro. Seu dono, um homem de uns quarenta anos, que desde o acidente havia se mantido afastado dos demais, ia ver o animal a cada duas horas. Ele mesmo havia se ocupado da limpeza do quarto, e segundo Berit, parecia ser um tipo responsável e decente. O cachorro ficava preso por toda a noite, desde que seu sono se deitava até que se levantava. Por sorte, ainda não havia se levantado.

Roar Hanson estava morto, mas não era o pitbull que o havia matado. Ainda que por um momento pudesse parecer que sim. Ao menos, havíamos aprendido algo. O corpo de Roar Hanson não foi trasladado à cozinha, nem ao almoxarifado de víveres ou a outros lugares onde as pessoas pudessem vê-lo. No momento, o morto jazia envolvido por uma lona, coberta por sua vez de gelo e neve, em um quarto fechado à chave e com cadeado, umas tantas portas além do lugar onde havia sido encontrado. Para esse mesmo quarto também haviam transportado, ao abrigo da escuridão da noite, o corpo de Cato Hammer. Haviam retirado o cadáver do cachorro da recepção, e não tinha me interessado em saber para onde o levavam. Limparam e organizaram o quarto em que ficara junto com o cadáver do clérigo. O dono do cachorro tinha a sua própria chave. Já que ia levar um bom susto por não encontrar o cachorro no lugar, ao menos não encontraria

com um quarto manchado de sangue e papel de jornal rasgado. Eu continuava mareada e com mal-estar geral.

* * *

— Creio sinceramente que nos encontramos em um conto de Roald Dahl, disse Magnus Streng, que parecia agitado, quase eufórico. — Examinei a fundo o cadáver, e acho...

Inspirou e deixou sair o ar lentamente pelo grande buraco entre seus dentes incisivos. O diminuto aposento se encheu com o assovio abaixo. Berit Tverre havia nos deixado usar a sala contigua à recepção. Segundo entendi, o cozinheiro havia se negado a que usássemos outra vez a cozinha. Não o reprovava. O aroma de corpos sem lavar era realmente desagradável nesse pequeno aposento onde se amontoavam de forma caótica três mesas, várias máquinas, estantes e pastas de arquivo. Ainda que muito poucos passageiros conseguisse trazer do trem roupa e artigos de higiene, para a maioria não deveria ser impossível se manter limpos. Era como se todos nós tivéssemos nos deixado enganar pela história segundo o qual na alta montanha é permitido cheirar mal. Magnus Streng agitava os braços entusiasmado. Em sua camisa se viam grandes círculos de suor marcados por uma coroa de sal corporal seca e cinzenta.

— Fascinante! Gritou aplaudindo. — Um relato vivo!

Eu devia ser a única pessoa que entendia o que queria dizer, apesar de que também era a única que não havia visto o cadáver de Roar Hanson. Berit havia trazido um pacote de papel de escrita. Magnus Streng apanhou uma folha limpa e desenhou uma pessoa adulta com tanta rapidez que a caneta arranhava sobre o papel. Fez o torso muito grande e quase não deixou lugar para as pernas.

— De qualquer maneira os pés do homem são pouco interessantes, disse ao mesmo tempo em que desenhava um círculo no estômago da figura, bem debaixo das costelas e em cima do umbigo. — Aqui,

devemos nos centrar nesta parte! Sabe que... Colocou a tampa na caneta para usá-la como uma ponteira, tão pequena como ele mesmo. — O cachorro só lambeu o cadáver. Limpou-o lambendo, por assim dizer. Não é que eu entenda algo de cachorros... sorriu, quase engraçado, — Mas já li alguma coisa. O *canis famíliaris* é um ser fascinante. Um cachorro domesticado, sim, mas continua tendo muito de lobo. Em distintos níveis, claro, mas este exemplar da espécie pitbull é como se sabe um cachorro de presa.

— O dono disse que era um cachorro mestiço, interrompeu Berit.

— Cruzado, pitbull... Só um teste de DNA pode mostrar a diferença. Este era tão grande que eu me atrevo a insistir nisso. Bateu a caneta contra o papel. — Os cachorros de presa são cachorros de briga. São irascíveis. Muito irascíveis. Um corpo forte, umas mandíbulas imensamente poderosas. Porém, de vez em quando vemos fotos muito ternas destes cachorros cuidando pacientemente de crianças pequenas, inclusive de recém-nascidos! Crianças que puxam a orelha de seu cachorro e que ainda assim estão tão seguros como no colo de sua mãe!

Olhou a todos os presentes, um por um, para confirmar que haviam visto fotografias desse tipo. Não teve resposta.

— Estes cachorros constituem perigo para outros cachorros, o que pudemos ver ao chegar ao hotel. Quando os animais mais pacíficos viram a essa besta amarela mostrar os dentes, ficaram em pânico.

— Onde vai parar com este discurso? Geir colocou cara de descontentamento. Tinha barba de três dias. — Se o cachorro não matou Roar Hanson, por que perdemos tempo falando dele?

— Tenha paciência, disse Magnus Streng amavelmente. — Estou tentando traçar uma linha do tempo. E para fazer isso preciso entender o que realmente aconteceu. E você pode me ajudar neste ponto.

— Eu?

— Sim. Que fez ao abrir a porta?

— Do quarto onde se encontrava Roar Hanson?

— Sim.

— Eu... Geir olhou para Berit. A mulher encolheu os ombros. — Berit me disse que o cachorro parecia perigoso e que tivesse cuidado.

Em seguida entreabri a porta. Um milímetro. Vi Roar Hanson. Jazia sem vida no chão, e em seguida soube que estava morto. Ninguém se deita com...

— E o cachorro?

— O cachorro? Grunhiu e enfiou o focinho na fresta da porta. Para sair, suponho.

— E teve medo, disse Magnus. Geir franziu o cenho e o olhou sem entender. — Ficou assustado, não é? O médico se dirigia a Berit. Ela tentou ocultar um sorriso, mas não disse nada.

— Latia de um modo horrível , exclamou Geir. — Mostrava os dentes!

— E o que fez?

— Vi que essa maldita besta... Tinha manchas de sangue, merda! Achava que havia matado o Hanson! Estava apavorado!

— Compreendo, disse Magnus em tom tranquilizador. — Mas o que *fez*?

— Abriu a porta, disse Berit lentamente. — Quando o cachorro quis sair, Geir lhe deu um chute. Um chute muito forte.

— Ah! Disse Magnus levantando o dedo indicador. — Trocou o chip da besta! Com esse certeiro golpe conseguiu... Interrompeu-se a si mesmo e olhou para Berit. — Sabe como se chamava o cachorro?

— Muffe. Com certeza estava muito cansada, porque comecei a rir. Os demais me olharam como se não estivesse bem da cabeça.

— Muffe, repeti, incapaz de parar de rir. — Um pitbull!

— Mas era um bom cachorro, disse Magnus ofendido. — Muffe não era perigoso! Ao menos não para as pessoas. Estamos ante um dos parentes mais próximos do lobo, que passa várias horas na companhia de um cadáver, e não se serve! Lambe o sangue, se deita a seu lado e se suja ainda mais de sangue. Mas não come! Era um animal amigo do homem, nosso pequeno Muffe.

— Talvez estivesse sem fome, disse Geir em tom azedo.

— Talvez. Mas acontece que quando você lhe dá um certeiro golpe, acaba a paciência dele, já em princípio muito reduzida. O animal se assusta, se irrita, lhe dói o pontapé, dói muito, mas em lugar de atacar, que é seu verdadeiro instinto, foge. Já na recepção, o cachorro vê Hanne. Se o animal tivesse perdido as estribeiras por completo teria

saltado ao pescoço dela... Fez-me um gesto com a cabeça antes de se voltar de novo até o papel. — Nunca saberemos. Talvez Muffe só procurasse consolo.

— Não dava essa impressão, murmurei.

— Vá ao ponto, disse Geir, que cada vez ficava de pior humor.

— Isto, disse Magnus, apertando a caneta contra o círculo vermelho do desenho, — Isso é um profundo corte causado por uma arma assassina com a que, para dizer a verdade, nunca topei. Claro que não foi o cachorro que a causou. O orifício de entrada é, como vemos... De repente pareceu cair na conta de que nós não podíamos ver nada além de um desenho muito mal feito, — Ou melhor dizendo: depois de ter examinado ao morto posso afirmar... Prosseguiu Magnus, — Que o orifício de entrada é muito grande. De fato, uns oito ou nove centímetros. Em seguida, para dentro, a lesão diminui. De forma cônica. O fígado estourou. É um órgão com muito sangue. E se rebenta, a situação fica extremamente crítica.

Ficou sério, antes de recuperar o entusiasmo:

— Claro que não posso estar completamente certo, pois a patologia não é a minha especialidade. Além disso, as vísceras têm, como se sabe, a irritante capacidade de se mover. E, no entanto, tudo indica que a arma assassina tenha esta forma.

Apanhou uma folha nova e desenhou uma pirâmide. Uma pirâmide pontiaguda.

— Uma lança, sugeriu Geir.

— Não, não, não! A razão pela que posso dizer com relativa segurança que a arma tinha esta forma é que dei a volta ao cadáver. E encontrei...

De repente arrancou a folha na qual havia desenhado o homem. Primero a levantou para que todo o mundo a visse, em seguida mostrou-a a Berit, com o lado em branco para ela. Através da folha apareciam debilmente os traços da caneta vermelha e podia se ver o buraco

desenhado na zona do estômago, em cima do umbigo e debaixo das costelas à direita.

— Estamos vendo as costas do homem, disse Magnus muito sério. — Encontrei uma lesão. Aqui. A caneta assinalava mais ou menos o centro do círculo. — Como vemos, a arma não atravessou o corpo totalmente. Faltavam uns milímetros. A hemorragia neste lado indica que o objeto é pontiagudo, mas fino.

— Para não dizer cortante, intervi.

— Justo. Cortante e fino.

— Mas que demônios é isso? Perguntou Berit apontando o desenho da arma imaginária.

— Não sei, respondeu Magnus. — Tenho uma teoria, mas não posso saber.

— Disse... Algo relacionado com Roald Dahl?

— Mas neste caso não se trata de uma perna de cordeiro, comentei.

— Não.

— Pode ser que que fique nervosa, disse Geir resignado, — Mas preciso perguntar: *Perna de cordeiro?*

— É uma história, me apressei a falar. — Sobre uma mulher que mata o seu marido lhe dando um golpe na cabeça com uma perna de cordeiro congelada. A polícia chega, e enquanto procuram a arma assassina, ela a enfia no forno e depois a serve aos agentes. Simplesmente eles a comem. E não descobrem a mulher.

— Mas o que tem...?

— É um pingente de gelo, disse Berit depressa, apontando para o desenho.

— Sim! *Sim!*

Magnus levantou o punho.

— Genial! Uma arma homicida que desaparece *derretendo*!

— Não se pode saber, disse.

— Não, não posso saber. Já disse antes. Não é mais que uma teoria. Mas como outras teorias, pode se considerar provável se não se

encontrar nenhuma outra explicação, e as demais circunstâncias a apoiam. Que eu saiba, ninguém neste hotel encontrou algo parecido a isso. Deu um soco no desenho.

— Mas tampouco procuramos, protestou Geir; estava de muito mal humor, e parecia querer acabar a reunião o quanto antes. — Além disso, estou faminto. E sedento. E cansado. Berit suspirou e concordou com a cabeça.

Ninguém dos presentes parecia ter a capacidade de notar a gravidade da situação. Certamente, todos os acontecimentos desde a quarta-feira à tarde foram demasiadamente dramáticos, e talvez alguns de nós estivéssemos a ponto de ficar imunizados. A psique humana tem a bendita capacidade de excluir tudo o que não é capaz de digerir. Ainda assim, o assassinato de Roar Hanson constituiu uma mudança brutal de paradigma na situação de Finse 1222, e eu tinha a impressão de que os demais não sabiam o que fazer a partir de agora.

Berit e Geir estavam a ponto de caírem rendidos; Magnus, em troca, parecia estar se divertindo. Não com a morte de Hanson, mas com certos detalhes burlescos que aparentemente via no assassinato. A mim a teoria do pingente de gelo não me convencia. Em todo caso, não era muito importante. Tampouco o assassinato número dois seria fácil de resolver. Mais, com certeza; agora havia menos suspeitos que quando existia a conexão entre o hotel e o edifício de apartamentos. Ao cair o vagão, havíamos nos livrado do problema dos passageiros instalados no apartamento do último andar. Já não me preocupava com o que acontecia nesse outro edifício. Mas a julgar pela situação, nós, os do hotel, havíamos ficado com o assassino.

O assassino.

Era pouco provável que Cato Hammer e Roar Hanson tivessem sido assassinados por duas pessoas diferentes. Existiam diferenças preocupantes quanto ao método e as circunstâncias, algo que poderia indicar que me equivocava. Não obstante, as coincidências entre as duas vítimas eram tantas, que, ao menos no momento, eu estava convencida

de que se tratava do mesmo assassino. Havia apostado por que Cato Hammer era o único cuja morte o assassino desejava. Um erro catastrófico da minha parte.

— Sabemos algo mais do tempo? Perguntei.

— Achamos que melhorará um pouco nos próximos dias, respondeu Berit. — A partir desta tarde o vento amainará. Mas continuará nevando muito. E a ajuda não chegará antes de vinte e quatro horas, no mínimo.

— Que aborrecido, murmurei.

— Pode dizer o que quiser de tudo isso, disse Magnus alegremente. — Mas não que seja aborrecido!

— É um aborrecimento que tenhamos que descobrir o autor dos crimes antes que a polícia chegue, disse, desta vez em voz muito mais alta. — Também é um aborrecimento que nossa estratégia de deixá-lo em paz foi tão desastrosamente errada. Um aborrecimento muito grande que a família de Roar Hanson tenha perdido um marido e pai devido a um terrível erro de cálculo de minha parte.

Não sei o que me esperava. Talvez um leve protesto. Talvez uma tímida insinuação de que eu não era a única responsável. Talvez. Mas ninguém disse nada.

— Desde o principio disse que isso seria muito simples, disse Geir.

— Para a polícia sim. Eles têm pessoal, registros e, além disso, uma tecnologia tremendamente avançada. Têm computadores, equipes táticas e, o que não é pouco, autoridade para empregar meios de coação. A polícia tem, no geral, melhores condições para fazer o que lhes pagamos para que façam: investigar os casos criminais. Em troca eu só tenho... Procurei em minha bolsa, — Um telefone celular. É tudo o que posso utilizar para encontrar o assassino e evitar um possível terceiro assassinato. O que tenho é isso e uma fodida pressa. Berit tossiu ligeiramente.

— Não. Não tem... Disse. Primero olhei para ela e em seguida para o telefone. — Não temos mais a rede, adicionou em tom abatido. — A antena deve de ter caído com o vento. Johan me propôs tentar ir ao local

da Cruz Vermelha para apanhar o telefone via satélite, mas como não era absolutamente necessário, eu disse que não. Até agora.

— Tem a nós, interveio Magnus Streng, golpeando o peito. — Ao menos tem a nós, Hanne!

Tive vontade de me levantar e esmurrar a cara dele. Por sorte, não sou capaz de fazer coisas assim.

* * *

Ventania

NA ESCALA DE BEAUFORT - VENTANIA

Velocidade do vento: 17,2 – 20,7 m/s
Os ramos das árvores se movem com o vento.
É muito difícil esquiar e quase impossível levar os esquis ao ombro.
A ventania reduz a visibilidade para menos de cem metros. É impossível se orientar sobre o terreno.
Muito difícil seguir as pistas de neve, inclusive as muito bem marcadas. Não saia em excursão!

POUCAS VEZES me dera tanto prazer sentir a água quente no corpo como naquela manhã. Uma e outra vez molhava a mão na torneira e a colocava sobre os ombros, deixando que a água quase fervendo descesse livremente.

Berit Tverre estava começando a me conhecer, e eu não estava gostando muito. Porém, havia aceitado a sua oferta. Berit havia enchido dois grandes baldes de água e me trouxera uma cadeira com estrutura de aço e assento de plástico, três toalhas, uma esponja e um sabonete, sem me perguntar nada. Havia colocado tudo no banheiro das senhoras que não sem grande dificuldade eu havia utilizado anteriormente. Quando meia hora depois de acabar a nossa reunião e tomar o café-da-manha ela me pediu que a seguisse, neguei até que compreendi que ficaria furiosa se não fizesse o que ela me dizia. Ao chegar ao fim da escadaria abriu a porta do banheiro de senhoras e falou:

— Trouxe roupa limpa. É grande, mas servirá. Eu ficarei aqui fora vigiando a porta até que termine. Leve o tempo que precisar.

Havia uma cabine com lavabo e espelho com o espaço suficiente para que pudesse tirar a roupa, me sentar na cadeira de aço e me lavar. Sem ajuda de outras pessoas. A duras penas contive os gemidos de prazer. Não podia me lembrar da última vez que cheirara tão mal. Tinha a sensação de ter adquirido uma segunda capa de pele, com pegajosas manchas de suor. Fios cinzentos de sabonete e água suja corriam lentamente pelo meu corpo e desciam pelas pernas da cadeira até o chão. Não conseguia entender como havia me sujado tanto, pois não estivera em contato com outra coisa além da minha própria roupa. A água ia clareando pouco a pouco. O sabonete começou a fazer espuma, mas não conseguia parar de me lavar. A atadura da perna molhou e ficou rosa. Não importava. Nada mais importava, e adormeci ali sentada. Provavelmente só fiquei adormecida um quarto de segundo ou algo assim, porque despertei quando a esponja caiu ao chão com um barulho.

O número de habitantes de Finse 1222 haviam se reduzido a cento e dezessete. Em outras palavras: cento e dezesseis suspeitos, ainda que claro, os crianças estivessem descartadas. Tampouco acreditava que Geir, Berit ou Magnus estivessem implicados de alguma maneira nos assassinatos, mas pelos anos que havia trabalhado na polícia, sabia que quem tira conclusões precipitadas pode ter surpresas desagradáveis. Eu continuava esperando que tivesse sido Kari Thue. Não deveria tirar conclusões precipitadas. Se a teoria de Magnus Streng de que a arma assassina fora um pingente de gelo fosse correta, se reduziria em grande medida o número de suspeitos. Eu desejava um número mais baixo possível. Uma arma assim...

— Não pode ser um pingente de gelo, murmurei para a minha imagem no espelho.

E se fosse verdade? O gelo seria suficientemente duro? Um pingente de gelo não se partiria em dois ao encontrar a resistência da

carne e os tecidos humanos? Além disso, não seria muito fácil rechaçar um ataque com um pingente de gelo, mesmo para alguém tão física e psiquicamente débil como Roar Hanson? Kari Thue era uma anoréxica frágil e magérrima. Se Magnus tinha razão, deveria procurar alguém que fosse grande e forte, e que tampouco tivesse medo de cachorros furiosos. A pessoa em questão havia escolhido matar Roar Hanson em um quarto onde havia um pitbull. Ou, se o assassinato tivesse sido cometido em outro lugar e o cadáver transportado em seguida para o quarto do cachorro, o assassino devia de ser uma pessoa tão familiarizada com os cachorros de presa, que não se importara em colocar um cadáver sangrando lá.

Meus pensamentos voaram até Mikkel. "Motivo?", pensei esfregando as coxas com tanta força que a pele avermelhou. Até esse momento ninguém havia mencionado a palavra. Em nenhuma das conversas que havia mantido com Geir, Berit e Magnus, junto ou em separado, havia se falado de um motivo. Em nenhum momento desde que vi pela primeira vez o corpo morto de Cato Hammer na cozinha, ninguém havia se perguntado o que poderia estar atrás do assassinato. No transcurso da reunião realizada no pequeno aposento contiguo à recepção, onde Magnus Streng havia lançado com entusiasmo a sua teoria da água congelada coma arma assassina, ninguém havia perguntado a si mesmo nem aos demais o mais básico e decisivo: *Porquê?* Simplesmente não queríamos saber. Não precisávamos saber. Ao menos até esse momento.

Toda investigação policial moderna se realiza de forma exaustiva. Recolhem-se provas técnicas, se realizam evaluações táticas. Compila-se informação por todos os lados e em abundância; se monta um puzzle que deve ter muitos pedaços, e nunca muito poucos. Cada informação, por mínima que seja, pode ter importância, descobertas aparentemente insignificantes podem ser decisivas para a solução de um caso. Porém, existe um ponto de inflexão muito especial, esse contraponto decisivo em qualquer caso de assassinato: o momento em que o investigador compreende que conseguira a confirmação do motivo do crime. O motivo é o olho da fechadura do homicídio, e até esse momento eu não

havia feito sequer uma tentativa de encontrar essa fechadura, nem uma chave que a abrisse.

A água já não estava tão quente. Apanhei uma toalha e esfreguei até me secar. Gostaria de ter lavado também o cabelo, mas seria muito complicado. Tal como Berit havia antecipado, a roupa era muito grande. Mas estava limpa. Se tivesse podido andar, os jeans teriam caído, mas como estava condenada a permanecer sentada, não importava. A branca camisa de lã tinha um vago aroma de amaciante. A lã me picava nos braços de um modo agradável. Tentei limpar um pouco o ambiente. Impossível. O espaço era tão exíguo que a cadeira de rodas ficava encaixotada entre a parede, a porta e a cadeira em que estivera me lavando. O chão estava inundado de água. Cheirava a sabonete e a fechado, e até esse momento não havia me dado conta de que não se ouvia o bramido do vento. No banheiro, que era rodeado por outros aposentos, não havia janelas. Era completamente isolada do ruído exterior. Permaneci sentada com os olhos fechados uns instantes, desfrutando do silêncio. Em seguida coloquei a minha roupa em uma bolsa de plástico, coloquei-a sobre os joelhos e olhei ao redor antes de bater na porta fechada. Berit abriu-a.

— Obrigado, disse. — Milhões de obrigados. Creio que precisará passar o esfregão. Ela esboçou o sorriso mais cálido que havia visto em muito tempo. Berit Tverre era uma pessoa que gostava de ajudar aos demais. — As pessoas já estão levantando? Perguntei.

— Alguns. Não muitos. Até agora não precisamos dizer nada. Tudo está tranquilo.

— Quero confirmar a teoria de Magnus.

— Sobre o pingente de gelo?

— Sim. Como posso conseguir um? Estando todas as entradas fechadas, quero dizer. Berit coçou a nuca e começou a movimentar a cabeça de um lado para outro.

— Aqui deixaremos escapar todo o calor, disse. — Já o isolamento térmico do telhado permite isso. Formam-se pingentes de gelos gigantescos ao longo das calhas. Nos quartos do último andar bastará abrir a janela e apanhar. O único problema é que ao abrir a janela os

pingentes de gelos se quebram. Abrem-se para fora. Além disso, é muito provável que o vento deve ter levado a maior parte. Muitos dos estalidos que ouvimos deviam ser enormes pingentes de gelo golpeando paredes e janelas.

— Mas é possível... Perguntei, — Abrir as janelas com este tempo? Não o impedirão o vento e a pressão? E se conseguisse abrir, não...?

— Possível? Não sei. Com este vendaval... Nunca tivemos algo parecido.

Comecei a mover a cadeira em direção ao meu canto junto ao Milibar do outro lado da recepção. A bolsa com a minha roupa suja jazia pegajosa e úmida sobre minhas coxas. Berit se adiantou outra vez.

— Me dê a roupa. Quer que a mande a lavar?

— Não, muito obrigado. Deixe-a em qualquer lugar. Onde está Geir?

— Começou a procurar.

— Procurar o quê?

— O aposento de onde tiraram o pingente de gelo. Detive-me. — Se realmente foi assim... Prosseguiu, — Se alguém usou um pingente de gelo para matar Roar Hanson, se notará onde abriram a janela. Se não se quebrou, ao menos o aposento estará encharcado por causa de toda a neve que entrou em uns segundos. Esboçou um débil sorriso. — Nós também sabemos pensar, Hanne. Creio que foi a primeira vez que a ouvi falar o meu nome.

Antes que pudesse me aprofundar mais no assunto, Geir apareceu.

— Steinar Aass, disse tentando recuperar o ar. — Creio que é Steinar Aass! Inclinou-se para frente, apoiando as mãos sobre os joelhos.

— O que aconteceu? Perguntei.

— Pulou. Jaz debaixo da janela... Em cima... Da neve... Lá...

— Calma, disse Berit. — Não entendi nada. Geir endireitou as costas, inspirou duas vezes e recomeçou.

— O quarto número 205, disse apontando para o teto. — Conseguiu abrir a janela e pular para fora. Não é muito alto, e...

— O 205, repetiu Berit se dirigindo até a Taberna de Saint Paul. — Se tivesse conseguido abrir e saltar dali teríamos visto da...

Parou em um extremo da longa mesa. Eu a segui, vacilante. Era como se Berit não tivesse se dado conta até então de que a neve estava começando a tapar as janelas. Imaginei, não obstante se, que entre o edifício e os enormes montes de neve, continuava existindo o fosso, ao menos no ponto onde o edifício anexo se unia ao edifício principal. Berit trepou para o parapeito. Como me era impossível ver o que ela estava vendo, tentei ler o seu rosto. Não expressou nada até que fechou os olhos, inspirou e perguntou:

— Por que acha que se trata de Steinar Aass? Geir subiu e se colocou ao seu lado. Teve que se agachar, porque a janela não era bastante alta para ele.

— Há um homem estendido na neve, disse sem me olhar. — Dá a impressão de ter pretendido saltar para os grandes montes de neve a uns metros da parede. E fracassou, claro. O homem está em parte coberto de neve, mas como jaz justo onde o vento sopra com mais força, ainda podemos vê-lo.

— Está morto? Uma pergunta desnecessária.

— Bem morto.

— Como pode saber que se trata de Steinar Aass? Repetiu Berit. — Está de barriga para baixo e... E, além disso, de onde retirou essa roupa? Não é...? É o macacão de Johan!

— O macacão da moto de neve estava pendurado no quarto de secar a roupa, disse Geir. — Steinar Aass deve tê-lo apanhado. O capacete, os óculos e também as botas.

— De maneira que não se trata de um suicídio, intervi. Todos se voltaram para me olhar ao mesmo tempo. — Ninguém se veste de explorador polar se a sua intenção é morrer congelado. E quanto à altura, não era tanta para se matar. Além de que a neve amorteceria a caída. Mas ainda não respondeu à pergunta de Berit. Como pode saber que se trata de...?

— Olhe o que tem nas costas, interrompeu Geir.

— Bem, para mim é um pouco complicado...

— Um computador, assinalou Berit. — Esse maldito notebook que sempre levava com ele. Quando chegou do trem, me fixei na sua bolsa. Uma dessas que com dois movimentos se converte em mochila. Apoiou a frente no vidro da janela e ficou olhando com os olhos semifechados. — Uma bandeira argentina na tampa, murmurou. Tem razão. É Steinar Aass. Mas que demônios ele pretendia fazer? Por que diabos iria...? A voz sumiu.

— Ia fugir, conclui secamente.

— Fugir? *Fugir?* Sabia dirigir uma moto de neve? Sabia onde estava a moto? Não sabia que demoraria horas para escavar um canal para...?

— É o que se chama "hybris", disse. — Orgulho desmesurado. Uma característica típica de gente como Steinar Aass. Além disso, devia jogar muito. Se ficasse aqui perderia demasiado. Pelo que os jornais contam deste homem, estava metido em uma verdadeira trapalhada financeira.

Eu não sabia nesse momento como tinha razão. Umas semanas mais tarde, vários sócios de Steinar Aass seriam presos no transcurso de uma gigantesca ação policial em Buenos Aires. Esperava-lhes um longo processo judicial e uma estadia ainda mais longa na cadeia em umas condições que, comparando com a nossa prisão nacional de Ullersmo, esta pareceria um hotel cinco estrelas. Uma semana depois das investigações que foram efetuadas a cabo tanto na Noruega como na Argentina, o chefe da investigação policial norueguesa mencionou de passagem Steinar Aass em uma entrevista:

Tínhamos perguntas concretas para outro norueguês que poderia ter nos proporcionado mais informação sobre o caso de evasão de capitais que estamos investigando agora. Mas essa pessoa morreu em trágicas circunstâncias na catástrofe de Finse. Hoje seu caso é considerado de pouco interesse para a polícia.

Surpreendentemente, os guardiões da Lei haviam levado em consideração os familiares do defunto; neste caso, uma esposa brasileira e quatro crianças menores de dez anos. Mas em 16 de fevereiro ainda não sabíamos nada disso. Na única coisa que pensava então era no fato

de que tivesse morrido mais alguém, antes que o assassinato de Roar Hanson se desse a conhecer. Geir e Berit desceram do parapeito e se colocaram ante mim; calados, abatidos e com tantas perguntas que não sabiam por onde começar.

— Deixe-o onde está, disse. — Esperemos que a neve o cubra antes que alguém descubra o corpo. Ao fim e ao cabo, é preciso subir ao parapeito para vê-lo. E ninguém vai subir.

"Exceto o sul-africano", pensei. Mas não o havia visto desde a caída do vagão. Pensando bem, recordei que ele havia sido o único a sair quando eu havia pedido a palavra e todo o mundo havia se reunido ao meu redor. Talvez tivesse ido para o edifício de apartamentos antes que o vagão caísse. Talvez tivesse medo de Kari Thue e ficasse em seu quarto. Fosse como fosse, eu tinha outras coisas em que pensar.

Eram mais das nove da manhã, e rapidamente a recepção estaria outra vez cheia de hóspedes e novos rumores.

* * *

— Não era um pitbull, já disse! Era mestiço! Uma quarta parte amstaff e...

O dono de Muffe havia se levantado. Alguém, com certeza Berit, havia lhe mostrado o cadáver. O homem estava na recepção com o cachorro morto nos braços, discutindo com Berit, enquanto apelava para as pessoas que passavam por ali.

— Olhem o que fizeram! Olhem! Estava preso! Eu cuidava bem do meu cachorro e fiz o que me pediram!

Ninguém parecia se importar. Ao contrário, se alguns paravam ante o pobre dono do cachorro era mais para expressar alivio por ver a besta morta. O homem começou a chorar. Afundou o rosto na pele do cachorro e soluçava enquanto murmurava uma e outra vez o ridículo

nome do animal. Berit estava calada, muito quieta; por um instante pareceu cambalear. Levei minha cadeira até ela, sem saber muito bem que dizer ao desconsolado homem.

— Não pode ser, disse Veronica. — Quem fez isso?

Adrian e ela saíam da loja. O rapaz segurava entre os dedos indicador e médio uma garrafa de litro e meio de Coca-Cola. Estava mais desalinhado que nunca, e inclusive a vários metros de distância se notava o cheiro da bebedeira na noite anterior. Como não lhe permitiam comprar no Milibar, me perguntava se Veronica não teria trazido um bar portátil para a montanha. Sua voz era surpreendentemente grave.

— Que filho da mãe tratou o animal desta maneira?
— Elas, disse o dono chorando. — Elas!

Apontou com a cabeça para Berit e até mim. Levantei as sobrancelhas e apontei a cadeira de rodas sem dizer nada.

— Foi você? Perguntou Veronica olhando para Berit com cara de poucos amigos.
— Não, respondeu Berit engolindo saliva. — E, além disso, não tenho por que lhe dar nenhuma explicação sobre nada. Vá tomar o café-da-manhã. Já está servido.
— Eu vou quando tiver vontade, assinalou Veronica colocando uma mão sobre o corpo do animal.

O homem deu um passo para ela como se tivesse a secreta esperança de que essa jovem vestida de negro e com uma maquiagem absurda fosse uma bruxa, e que por arte de magia pudesse devolver a vida ao cachorro.

— Bonito cachorro, disse ela em voz baixa acariciando-o.
— Era o melhor do mundo, afirmou o homem.

Adrian não disse nada. Apenas pareceu notar a minha presença. Ele não se interessava pelo cachorro morto. Seu olhar estava fixo no rosto de Veronica, e havia se esquecido de descer o gorro. Tinha a boca entreaberta. Um fino fio de saliva vibrava entre seus lábios. Via-se que Adrian estava perdidamente apaixonado. Por alguma razão isso me preocupava, ainda que não precisasse me encarregar do jovem. O interesse que havia mostrado por mim no primeiro dia havia se desvanecido há horas; para Adrian não existia ninguém além de Veronica. Isso não duraria muito. Quando chegasse o resgate, levariam o rapaz para um centro de proteção de menores, onde alguém se ocuparia dele melhor que eu e o seu, no momento, grande amor. Ou ninguém se ocuparia dele, o que Infelizmente seria o mais provável. O rapaz não era minha incumbência, e nunca o havia sido. Ainda assim era incapaz de me desfazer de uma vaga preocupação, de um sentimento inquietante de que essa mulher anêmica e antissocial não fosse a melhor influência para Adrian. E também não gostava que a mulher o deixasse se embebedar todas as noites.

— Preciso falar consigo. Geir apareceu por trás; estremeci quando me deu um empurrão nas costas.

— Ele! Gritou o dono do cachorro. Foi ele quem matou Muffe! Veronica se virou de golpe, com seus frios olhos reduzidos a dois riscos marcados por uma grossa capa de pó negro.

— Sabe que isso é crime? Perguntou. — Neste país a legislação protege os animais, e você...

— Cale-se, resmungou Geir, se aproximando dela.

Ela não cedeu um milímetro. Adrian sorria tolamente.

— Eu não matei esse animal fodido, respondeu Geir. — E se o tivesse feito, pode estar certa de que teria sido por uma causa justificada. Além disso, neste hotel temos problemas mais importantes que um cachorro morto. Vão sentar, você e esse colega que anda consigo. Se armarem mais algum escândalo por este animal, eu...

O que faria ficou suspenso no ar. Não obstante, a ameaça surtiu efeito. Veronica mediu-o com o olhar antes de encolher os ombros com ar indiferente e ir para o refeitório. Adrian a acompanhou.

— Venha, disse Berit ao dono do cachorro, que continuava chorando. — Venha, vamos procurar um lugar onde deixar Muffe. Rodeou-lhe o ombro com um braço e o acompanhou para fora da sala.

— O quarto 207, sussurrou Geir, se inclinando para mim.

— Não era 205? Perguntei, algo desconcertada.

— Sim, Steinar Aass saltou do 205. Existem impressões muito claras de seus sapatos no parapeito, e um pedaço do macacão ficou enganchado em um prego. Mas no quarto 207...

Olhou ao seu ao redor e me fez um sinal para que me aproximasse mais do balcão da recepção a fim de não impedir a passagem das pessoas que começavam a sair de seus quartos.

— Alguém também esteve ali. Deixaram a janela aberta. O quarto está cheio de neve e gelo. Gelo, Hanne! Longos e grandes pingentes de gelo! Todos os que estavam fora da janela estão quebrados, ou pelo vendaval ou pela janela ao se abrir. Mas aparentemente, alguém conseguiu apanhar algum intacto. Não disse nada. — Pode ser que Magnus tenha razão, Hanne! Havia pingente de gelo no quarto 207! Não estariam ali se ninguém os tivesse colocado! Neve sim, e montes de neve. Mas gelo?

Eu continuava sem dizer nada. Tinha demasiados pensamentos na cabeça, demasiadas coisas para dizer. Cada vez descia mais pessoas dos quartos. Custava-me avaliar o ambiente. Alguns pareciam estar de bom humor, quase alegres; outros cabisbaixos. Duas das jovens da equipe de handebol tinham cara de ter chorado; ainda não eram adultas, a aventura na montanha já não era tão emocionante, ansiavam por suas casas. A mulher do trabalho de ponto não era capaz de decidir onde queria estar, ia todo o tempo da mesa à porta que dava à loja. Mikkel apareceu de repente na escadaria. Deu um olhar indecifrável em minha direção, antes de seguir até o refeitório sem dizer palavra. Um novo e

desconhecido medo me oprimia a garganta. Tossi. Os olhos se encheram de lágrimas, e os abri enquanto tentava respirar tranquilamente.

— Aconteceu algo? Sussurrou Geir.

— Não, respondi encontrando o seu olhar. — Mas preciso de um lugar onde fique completamente só. O escritório? Falta-me espaço e tempo para pensar. Certo?

— Claro que sim, respondeu empurrando minha cadeira até o balcão da recepção.

Não protestei, e coloquei as mãos inertes sobre o regaço.

* * *

Ventania Forte

NA ESCALA DE BEAUFORT - VENTANIA FORTE

Velocidade do vento: 20,8 – 24,4 m/s
A ventania não permite esquiar na montanha.
Inclusive com tempo limpo o esforço pode ser tão grande
que a única salvação é uma cova de neve ou uma cabana.

SISTEMÁTICA, pensei. Ainda que não tivesse ideia de como pensar sistematicamente nesse caos de impressões com o que todos nós lidávamos. Só sabia que precisava começar por algum lugar. Geir havia empurrado a minha cadeira até o escritório. Ali continuava o pacote de papel, e nas persianas de madeira ainda estava pendurado o desenho vermelho que Magnus havia feito do corpo morto de Roar Hanson. O grande buraco no estômago parecia uma boca aberta. Ainda que na realidade carecesse de base para retirar uma só conclusão, havia decidido que nos encontrávamos ante um único autor. Dada a situação em que nos achávamos, com um número relativamente reduzido de pessoas, e em um espaço de tempo de menos de quarenta e oito horas, descartei a possibilidade de dois assassinos atuando independentemente um do outro. Não obstante, a diferença de método me parecia preocupante. A teoria de Magnus de uma lança gelada continuava sem me convencer, mas, no momento, me servia de ponto de partida.

Ainda assim, era difícil entender por que alguém iria recorrer a um pingente de gelo como arma homicida quando ele ou ela contava com uma arma de fogo. Até então havia pensado que haviam matado Cato

Hammer com um revólver, mas também podia se tratar de uma pistola de grande calibre. Os curdos tinham armas de fogo. Eu não havia visto a dele, mas o gesto de sua mão até a cartucheira do ombro não deixava lugar a dúvidas. Ela também trazia um revólver. No principio, deveria suspeitar de ambos. Porém, por alguma razão não conseguia mantê-los muito enfocados; seus rostos se desvaneciam cada vez que tentava colocá-los no mapa de possíveis culpados que havia desenhado mentalmente. Antes chamava isso de intuição. Mas agora não podia mais confiar nela, claro.

Avancei com a cadeira até a mesa. A caneta estava em um prato de metal debaixo do papel. Retirei lentamente a tampa. Cato Hammer, escrevi na parte superior da folha. O nome me dizia tudo e nada. Letras vermelhas sobre o papel acinzentado. Tentei ver mais além da minha própria letra torcida. Um nome é um ícone. Antes conseguia fazê-lo. Houve um tempo que inclusive o fazia muito bem. Voltei a apanhar a caneta. Escrevi Roar Hanson debaixo do nome do outro pastor. Cada nome tinha quatro letras. Roar e Cato. Seis letras cada sobrenome, Hanson e Hammer. Coincidências. Eu não procurava coincidências. Procurava conexões.

Os dois eram pastores. Estudaram juntos na universidade. Tinham mais ou menos a mesma idade. Haviam trabalhado juntos antes, e trabalhavam juntos agora. Ainda que o fato de fazer parte de uma comissão que estudava a possível separação da Igreja do Estado talvez não fosse em si um trabalho. Melhor seria chamar de projeto, imaginei. Cato Hammer era conhecido em todo o país, extrovertido, gordinho e jovial, e um grande entusiasta de futebol. Roar Hanson era anônimo e cinzento; mais ou menos tão interessante quanto um mestre de xadrez regional. Arranquei a folha. Voltei a escrever os nomes, desta vez o de Roar Hanson primeiro. Precisava usar como ponto de partida quem conhecia melhor. Com Cato Hammer não havia trocado palavra alguma. A única coisa que sabia desse tipo era o que havia lido nos jornais ou visto na televisão. A maior parte dos personagens públicos se converte em bonecos de papel no caminho entre a realidade e a reprodução jornalística. Saber isso deveria ter me impedido de sentir

antipatia por Hammer. Mas como disse: tentar ser uma pessoa melhor já não me interessa mais. Não obstante, tive que reconhecer que conhecia um pouco melhor Roar Hanson. Se não fosse pelas constantes interrupções de Adrian, teria me inteirado de mais coisas. Ao pensar nisso tive um aumento de adrenalina. Tive vontade de sacudir o garoto. "Esqueça Adrian", me disse.

Roar Hanson descobriu algo. Ou melhor dito: achou que havia descoberto algo. O homem se movia pelo hotel como um espectro; encolhido e quase transparente de desespero. Era evidente que eu não podia saber se tinha razão em suas teorias sobre quem havia matado Cato Hammer. Seria muito mais fácil se tivéssemos conseguido concluir nossas conversas, pois Hanson estivera a ponto de dividir comigo suas suspeitas em duas ocasiões. Neguei-me a pensar em Adrian. O rapaz estava perdido de qualquer maneira. Não era meu problema.

Alguém bateu à porta. Não queria visitas. Não precisava delas.

— Entre, respondi.

— Está aqui, constatou Magnus Streng sem necessidade alguma. Em seguida se sentou no sofá que havia atrás da atestada mesa sem perguntar se incomodava.

— Pois é, estou aqui. Olhou com curiosidade o pacote de papel.

— Vai me deixar participar? Perguntou.

— Do quê?

— Deste laboratório de ideias... Porque isso é o que está fazendo, não? Pensando. Suspirei. Um pouco alto. — Hanne Wilhelmsen, minha apreciada amiga.

Disse apreciada. Seu tom de voz ficou muito mais sério, sem que soasse artificial, como se tivesse outro homem escondido dentro de seu corpo miúdo. Não entendia esse homem. Chamava-me de "Apreciada amiga" em que pese não me conhecer. Essas mudanças entre humorista e sabetudo, médico e palhaço, animador e agudo observador começavam a diminuir a simpatia que sem dúvida sentia pelo homem.

— Hanne Wilhelmsen, repetiu entrelaçando as mãos atrás da nuca. Cheirava a suor velho, o que, agora que eu estava limpa, era mais difícil de suportar. Sorriu como se entendesse, ainda que sem dizer. Pelo menos não baixou os braços. — Não conseguiu se decidir, disse sem afastar o olhar de mim. — Por um lado, é difícil me detestar. Meu... Meu aspecto a impede de pensar mal de mim. As pessoas, e me refiro às pessoas em geral, sentem simpatia pelos que estão expostos aos caprichos brutais e imprevisíveis da natureza. Sentir aversão por mim equivale a perder a ilusão de ser uma boa pessoa. Acredite, isso é algo que eu sei desde menino. Para dizer a verdade, é algo do qual tenho me aproveitado. Seu sorriso era amplo. Entre os seus dentes incisivos superiores caberia um dedo inteiro. — No fundo, você e eu somos muito parecidos, prosseguiu. — Nós dois somos diferentes dos demais, ainda que de diferentes maneiras. O que nos diferencia é...

Por fim retirou as mãos da nuca e se inclinou para mim.

— Sabe o que meu pai fazia quando eu era menino?

Eu não tinha ideia do que o velho Streng costumava fazer quando Magnus era menino. Meu interesse por saber tampouco era urgente.

— Todas as noites, depois do banho e antes de me deitar, segurava a minha mão e me levava ao seu escritório. Eu já tinha colocado o pijama. Um de flanela listrado que minha mãe havia cortado as mangas e as pernas. Sempre eram pijamas de flanela. Listados de azul e branco. Meu pai era um homem da velha escola. Em seu escritório me sentava sobre seus joelhos. Um homem enorme. Um amante da vida ao ar livre. Eu me sentia muito seguro sobre seus joelhos, enquanto ele folheava livros. Mostrava-me fotos. Formigas que com grande aplicação construíam seus formigueiros. Elefantes na Tailândia com enormes troncos colocados em perfeito equilíbrio sobre suas presas. Leões caçando e grotescas hienas procurando cadáveres na savana. Colibris voando silenciosamente sobre flores maravilhosas. Fechou os olhos. Seu sorriso mudou, como se olhasse para dentro de si mesmo.

Não entendia nada de Magnus Streng.

— Ficávamos assim sentados durante quinze minutos, prosseguiu, sem perder o sorriso, sem abrir os olhos. — Nunca mais, nunca menos. Em seguida fechava o livro e me acompanhava até a cama. Essa é a diferença entre você e eu.

Na realidade tinha razão. A mim ninguém me mostrava livros de animais antes de eu adormecer, e olha que o meu pai era catedrático de zoologia. Tampouco era capaz de me lembrar de algum pijama de flanela. De qualquer maneira, não tinha ideia de onde Magnus Streng queria chegar com tudo aquilo. Além de querer realçar que havia se criado com um pai muito bom. Dei-lhe imediatamente razão: essa era uma grande diferença entre nós dois.

— Meu pai falava pouco, continuou. — Mas a sua mensagem era claríssima: todos nós fazemos falta. Todos nós somos necessários nesta terra. Os pequenos e os grandes, os gordos e os fracos, os feios e os bonitos. Eu servia. Eu sirvo.

— Você não me conhece, sentenciei em tom cortante.

— Assim é, respondeu com um gesto da cabeça. — Tenho lido sobre você, mas ainda assim não a conheço. É verdade.

— Sabe o que é o Escritório de Informação? Seu sorriso se desvaneceu. Pareceu aturdido. Decepcionado, talvez, mas só por um instante. Em seguida voltou a se reclinar no sofá.

— Bem... Existe um Escritório de Informação para a Carne. Para frutas e Verduras também, acho. E se não estou errado, existe algo que se chama de Escritório de Informação para Ovos e Carnes. Também haverá uma para o pescado, suponho. E para... Por que demônios...?

— Cato Hammer poderia estar relacionado com algo assim em algum momento? Com uma espécie de encargo publicitário...? Algo desse tipo?

— Cato Hammer? Não, não, não! Claro, está se referindo à Agência de Informação! O Fundo da Agência de Informação. Isso é algo muito diferente!

Tentei me recordar da última conversa que havia mantido com Roar Hanson antes que Adrian chegasse. Magnus tinha razão. Talvez

tivesse dito a Agência de Informação, não Escritório. Ainda que essa diferença não significasse nada para mim.

— Cato Hammer trabalhou ali durante vários anos, assinalou com satisfação Magnus. —Hammer era um homem multifacetado. Era teólogo e economista. Essas combinações de carreiras já são mais comuns agora. Eu tenho um irmão que é médico e engenheiro. Não pode imaginar as vantagens que isso traz em nossos dias...

— O que fazem? Interrompi-o.

— Quem? Os do Fundo da Agência de Informação? Administram milhões. Literalmente, se não estou errado. Ao menos se trata de enormes somas.

— E quem é o dono... Ou para quem administram esse dinheiro?

— Para a Igreja, claro. Para a Igreja, a Igreja Norueguesa. Parte do problema de separar o Estado e a Igreja ficará precisamente no tema das propriedades. A fortuna. A Igreja é rica, Hanne. A Igreja é uma verdadeira mina de ouro! Como conseguiu a maior parte de sua fortuna como Igreja Estatal, repartir tudo levará a um grave cisma. Propriedades imobiliárias. Fundos. Edifícios eclesiásticos. Tudo isso pertence ao Estado? Em outras palavras: a você e a mim? Ou é da Igreja?

Jamais havia me ocorrido pensar que a Igreja fosse rica. Ao contrário; recordei de toda aquela polêmica que se montou em torno da restauração da catedral de Oslo antes do casamento do príncipe herdeiro. A julgar pelo que diziam os jornais, o edifício estava a ponto de cair devido à falta de dinheiro e abandono durante muitos anos.

— Ele era o diretor financeiro desse Fundo, explicou Magnus franzindo as povoadas sobrancelhas que se juntavam sobre o nariz. — Ou era auditor? Não... Não me lembro. Quando se converteu em pastor da paróquia de Ris começou a ser realmente... Conhecido pelo grande público, por assim dizer. Relinchou como um cavalo.

— Sabe se Roar Hanson também trabalhou ali?

— Não... Vacilou um pouco enquanto coçava atrás da orelha com o dedo indicador. — Para dizer a verdade, nunca ouvi falar de Roar

Hanson. O tal Hanson era um tipo anônimo. O pobre não tinha nada do encanto de seu colega.

Bateram outra vez à porta.

— O que aconteceu? Perguntei em tom arisco.

Havia pedido a Geir que me deixassem em paz, e ele havia me prometido manter todo o mundo à distância.

— Desculpe, disse Berit antes de entrar no local e fechar a porta atrás ela. — Mas aconteceu algo, algo que... Mexeu no rabo de cavalo.

— Não me diga que encontraram mais defuntos, murmurei.

— Não, é...

— E não me diga que tem mais pessoas dispostas a sair daqui por sua conta e risco.

— Não, respondeu. — Poderia dizer melhor... O contrário.

— O contrário? Reflexionou Magnus estalando a língua. — Quer dizer que alguém está tentando entrar? Começou a rir com vontade, ruidosamente, de um modo diferente de antes. Magnus Streng tinha um repertório de risadas que despertaria o ciúme de qualquer imitador.

— Sim. Olhei para Berit, em seguida para Magnus e de novo para Berit.

— Como?

Berit fazia esforços por não chorar, engolia em seco e respirava depressa, com a boca aberta. Em seguida passou o dorso da mão pelos olhos, tentou sorrir e disse:

— Alguém está escavando um buraco para chegar à entrada principal. De fora. Querem entrar. Em seguida gemeu um pouco e adicionou: — Ao menos é isso o que parece.

* * *

Berit, Geir e Johan haviam conseguido que os hóspedes se transferissem para baixo, para o Salão Azul ou a para a Sala Glaciar. Haviam inspecionado cada um dos cantos do hotel para ter a segurança de que todos, exceto os empregados, Geir, a Cruz Vermelha e eu permanecessem na parte de baixo do edifício anexo. Magnus Streng estava levando muito a sério o seu encargo de chefe de segurança, e nomeou em seguida Mikkel para subchefe. O jovem murmurou um tosco consentimento enquanto tentava ocultar a própria surpresa e algo que se parecia muito a orgulho em seu rosto. Não se informou a ninguém a verdadeira razão para transferir as pessoas. Geir inventou uma explicação sobre de se precisar reforçar o buraco ocasionado pela caída do vagão. Além disso, desde o incidente a estrutura da escadaria apresentava problemas, mentiu, e era necessário manter todo o mundo afastado até que os problemas estivessem controlados. Magnus gostava de seu papel. Eu podia escutar suas falas: Não havia razão alguma para preocupações.

Era uma grande mentira, e todo o mundo sabia disso. Desde o acidente só haviam aparecido razões para preocupações. Curiosamente, as pessoas aceitaram essa prisão provisória. Inclusive Kari Thue concordara em descer para o Salão Azul sem reclamar. É verdade também que fosse difícil saber o que ela pensava, e se apressou a ficar o mais longe possível dos dois muçulmanos. Em só quarenta e oito horas havia conseguido formar uma corte, cujos integrantes a seguiram até o canto mais afastado da porta, junto às janelas que davam à parte sul do edifício. Sentou-se em um sofá amarelo listrado, procurando ficar rodeada exclusivamente de amigos. Eu fiquei junto à escadaria que descia para a Taberna de Saint Paul para continuar próxima dos acontecimentos.

— Já não falta mais nada para acabar, sussurrou Berit com uma mão em meu ombro. — A julgar pelos sons, já se encontram muito próximos da porta. Segui-a com a cadeira até a entrada.

Fossem quem fossem os que retiravam a neve no exterior, estavam fazendo um bom trabalho. Desde que Johan havia decidido que seria

inútil, perigoso e desnecessário manter limpa a entrada, os quadrados de vidro da porta haviam ido se escurecendo conforme a parede de neve crescia. Agora voltavam a ter mais luz. Como a entrada era protegida por um sólido alpendre com bancos de cada lado, seria necessário cavar muito na parte exterior para esvaziá-lo.

Era mais de uma hora. O cozinheiro estava furioso por ter que prorrogar o almoço. Eu tinha a esperança que tivesse vontade de almoçar, inclusive depois daquilo.

— Deve ser alguém do edifício de apartamentos, murmurou Johan. — São os que estão mais próximos. E devem ter uma boa razão. Lá fora está a vinte e quatro graus abaixo de zero, e da última vez que olhei a força do vento, era de algo em torno de trinta metros por segundo. Continua nevando copiosamente. E bem, já quase estão aqui.

Fiz o que pude para me convencer de que a situação não era ameaçadora. Ao menos não para nós. Podia ter acontecido algo nos apartamentos, claro. Talvez uma revolta, algo parecido a esse motim que Kari Thue havia tentado organizar do nosso lado justo antes que o vagão caísse. Berit havia dito que havia comida de sobra no outro edifício, mas que se tratava principalmente de latas de conserva e alimentos não perecíveis que os donos dos apartamentos deixavam entre as visitas. Fosse como fosse, não parecia provável que as pessoas tivessem fome ao cabo de um par de dias, por muito pouco tentadora que fosse a comida. Ao menos não até o extremo de se lançarem a uma perigosíssima viagem entre os dois edifícios com o único fim de conseguir uma comida um pouco melhor.

— Aposto a que são os do apartamento do último andar, disse Johan bocejando. — Esses rapazes estão em forma. São muito fortes.

Os sons de alguém raspando estavam aumentando, quase tapavam o ruído da tormenta. Pude ver que algo se movia já no outro lado dos quadrados de vidro da porta. Algo escuro que contrastava com a luz

branca de cima. Alguém estava retirando neve da parte de baixo da porta.

— Olá!

O grito soou claro. Um homem. Atrás dele se moviam mais sombras, mas era impossível saber de quantas pessoas se tratava.

— Vou abrir a porta! Está bem? A voz se perdia entre o ruído dos golpes. Berit se aproximou da porta. Respondeu gritando:

— Quem são vocês?

— Deixe-nos entrar! Somos... A resposta se perdeu. Talvez se o vento a levasse, talvez assim o quis o nosso interlocutor.

O homem puxou a porta. Berit pensou um instante, olhando para Johan, que fez um gesto de assentimento com a cabeça. Ela apoiou o ombro na porta e empurrou. O vento irrompeu na sala e a neve se aglomerou na corrente de ar. Quando a abertura já era suficiente, o primeiro dos homens entrou e fechou imediatamente a porta. Em seguida se colocou na frente dela, como se quisesse evitar que os que ainda estavam fora o seguissem. Ou talvez quisesse nos impedir de sair. Ao menos parecia muito decidido, com as pernas separadas e os braços levantados, como um porteiro de um clube noturno muito solicitado.

Era muito alto e usava nas calças protetores de vento, botas enormes e um anoraque de montanha. Uma camisa de lã aparecia por baixo do anoraque. Estava coberto de pequenos flocos de neve. Respirou fundo e retirou o gorro, em seguida o lenço e empurrou para cima os óculos de neve. Olhou ao seu ao redor sem dizer nada. Pequenas rosetas de gelo haviam se agarrado ao rosto apesar do lenço, o gorro e os óculos de neve. Tinha o rosto delgado, mas suas feições eram muito marcadas, quase bonitas, debaixo do cabelo escuro e ondulado. Nas costas trazia uma mochila de excursionista. Deveria pesar mais do que indicava o seu tamanho, pois as correias se achavam profundamente enterradas nos ombros. Tentei entender o que estava acontecendo. Minha cabeça tentava encontrar uma explicação, uma conexão lógica em um processo

de pensamentos demasiado longo. Quando o homem me viu, ficou rígido, antes de esboçar um sorriso e dar finalmente um passo até mim.

— Hanne, disse com um respiro de alivio. — Nunca havia me alegrado tanto de vê-la como neste momento.

Ao reconhecer Severin Heger, me lembrei do dia em que levara o tiro. Talvez não fosse de estranhar. A última vez que havia falado com Severin, no fim de 2002, ele era chefe de seção na polícia de Bergen. Conhecia-o há vários anos. Fora colega de colégio de Billy T. e havia trabalhado no que então se chamava Serviço de Vigilância da Policia, situado no último andar da Delegacia da Rua Grøndsleiret 44. Ainda que não fôssemos amigos, havíamos nos visto de vez em quando durante quase vinte anos. Eu precisava de ajuda e ele me prestou para desmascarar o chefe da polícia judicial de Oslo, um assassino corrupto. Durante a prisão levei um tiro. Esse único projétil me destruiu o resto da vida. No julgamento posterior o promotor falou em tom dramático do ataque a sangue-frio a uma inspetora da polícia. Em troca eu pensava que o fato de que o corrupto chefe de polícia tivesse matado quatro pessoas inocentes com o fim de salvaguardar a sua posição e sua honra era infinitamente pior.

Foi condenado. E tem a culpa de que eu não possa mais andar. Ainda que em minha opinião a única culpada seja eu.

Agi descuidadamente. Billy T. tentou me avisar. Corria atrás de mim quando entrei em uma cabana do bosque de Nordmarka, onde sabíamos que se encontrava o suspeito. Estava esgotada. Aquela maneira de entrar foi idiotice. Havíamos ouvido o som de um helicóptero, os reforços já estavam chegando.

A psicóloga à que me obrigaram a ir quando por fim melhorei o bastante para falar com alguém, achava que eu havia me visto impelida por um desejo subconsciente de morrer. Creio que o chamou de "nostalgia da morte" O que é uma enorme bobagem. Não sonho em morrer. A vida não era o que eu esperava, mas a morte é, ao fim e ao

cabo, uma alternativa pouco tentadora. Havia trabalhado em excesso, fora negligente, e deveria ter deixado a polícia agir. De fato, me lembro de que isso foi a última coisa que pensei antes de entrar na cabana: Preciso deixar esta profissão. Já não é mais para mim. Aposentei-me. Em seguida veio Ida. Estou sempre com ela. Sempre tenho tempo para a minha filha. Tudo acaba tendo algum sentido.

Era muito mais difícil de alcançar que Severin Heger aparecesse de repente em uma tormenta apocalíptica em Finse. Quando por fim consegui entender o que havia acontecido, as ideias se aclararam. Minhas suspeitas do que se ocultava no vagão secreto e em seguida no apartamento do último andar podiam estar corretas. Tinham que ser corretas. Olhei de rabo de olho para a porta e ao pensar no tipo de pessoa que podia estar do outro lado fiquei com os nevos à flor da pele. Em seguida desviei a vista e olhei para esse homem alto com roupa de inverno.

— Alô, Severin. Simplesmente não pensei em coisa melhor para dizer. Nem sequer fez menção de me abraçar. Seu sorriso se desvaneceu com a mesma rapidez com que havia aparecido.

— Quem é o responsável aqui? Perguntou, ainda sem ar.

— Sou eu, respondeu Berit. Estendeu a mão e se apresentou. — Por que...?

— Preciso de uma parte do hotel isolada, interrompeu Heger. Sem trânsito. Berit o olhou com uma mistura de assombro e desgosto.

— Neste momento o hotel não está em condições de prestar um bom serviço, disse. — De maneira que estamos longe de poder satisfazer esses tipos de desejos e necessidades especiais.

No transcurso de dois dias com suas noites pudera observar Berit Tverre em quase todos os estados de ânimo. Até este momento nunca havia se mostrado irônica. Não encaixava com seu estilo eficiente. Severin abriu a boca para dizer algo, mas eu me adiantei:

— Por que veio aqui? O que aconteceu no edifício de apartamentos? Imagino que eram você e seus amigos que...

Dei um olhar à porta, onde através dos vidros se vislumbravam sombras se movendo. Não entendia por que os outros haviam ficado lá fora. Ainda que se encontrassem ao abrigo do vento no profundo fosso diante do hotel, devia estar fazendo um frio horrível.

— ... Viajavam no vagão especial, prossegui, — E estavam no apartamento do último andar. O que aconteceu?

Severin olhou a seu ao redor. Eu sabia exatamente o que ele pensava. Antes de responder demorou uns segundos em sopesar quanto teria que nos contar para conseguir o que desejava.

— Uma pequena... Revolução, disse em voz baixa e vacilante, como se quisesse conseguir um pouco mais de tempo. Ninguém disse nada, ninguém perguntou. Todo o mundo olhava fixamente para Severin Heger. — Morreu um menino, disse. — Um bebê.

— Atiraram em um bebê? Geir deu um passo até Severin. Parecia que ia vingar a morte do bebê nesse mesmo instante.

— Não! Não, não! A criança morreu esta noite. Pacificamente. Dormia ao lado da mãe, e quando ela acordou, a criança estava morta. Não havia indícios de violência, nada que indicasse outra coisa além de... Morte súbita de lactante. Encolheu os ombros, mais abatido que indiferente.

— Era uma criança rosa? Perguntei.

— Rosa?

— Estava vestida de cor rosa de cima a baixo?

— Sim. Sim. Quando aquela turma subiu... Desci para evitar que... Desci para falar com eles. Engoliu pesadamente antes de adicionar: — Sim. Era um bebê. Uma criança. A mãe perdeu por completo as estribeiras. Psicose aguda, acho. Foi como acender um fósforo em um depósito de gasolina. Bem é verdade que dois tipos que creio pertencem à Cruz Vermelha estavam a ponto de controlar a situação, mas nós achamos que o melhor seria escapar. Voltou a engolir, antes de repetir: — Era uma criança.

Eu não sabia que Sara e sua mãe estivessem no edifício de apartamentos. Para dizer a verdade, pouco havia pensado nelas, ao menos desde que o hotel perdera o contato com os apartamentos. Recordei o suave aroma de leite que vinha da roupa do bebê. Podia ver a carinha que chorava sem cessar em meu ombro justo depois do acidente, enquanto a temperatura descia e eu temia que estivéssemos morrendo.

— Recebeu um forte golpe em... Na cabeça, quando descarrilamos e aconteceu o choque. Ninguém pareceu entender o que eu estava dizendo. Talvez só tivesse pensado alto.

— Mas estão armados, disse Geir. — Não poderiam mantê-los à distância?

— Tínhamos armas, concordou Severin. — Mas eles também tinham. Machados, martelos, facas de cozinha. Ferros. Haviam se equipado Deus sabe aonde.

— Mas vocês tinham armas de fogo, insistiu Geir.

— Sim, mas na realidade não gostamos de dar tiros. É o equilíbrio do terror, sabe? O elemento dissuasório. Nossas armas são principalmente para manter a paz. Mas eles estavam completamente desesperados. Achavam que tínhamos médico, mais e melhor comida, que tínhamos... Passou os dedos pela testa, com um movimento quase imperceptível da cabeça. — Parece-me que iam abrir a porta a machadadas. E insistiam que tínhamos um membro da família real entre nós...

De fora se ouviram fortes golpes na porta. Severin se endireitou. Berit parecia cada vez mais cética. Geir olhava de rabo de olho para o policial com algo parecido à animosidade. Aparentemente, Johan era o único impressionado por Severin ter vindo dos apartamentos do hotel.

— A situação era tal que tivemos que... Ajeitou o casaco e olhou para o relógio. Voltou a começar: — Preciso de uma parte do hotel em que possamos ficar a sós.

Falava para mim. Como se de repente só estivessem duas pessoas presentes. Quando entendi o porquê, senti, desde a primeira vez desde

que ficara inválida, certa saudade do trabalho que havia desempenhado durante tanto tempo. Lembrei-me da cumplicidade entre colegas que eu mesma havia sentido e na qual havia tomado parte, ainda que durante anos fizesse o possível para romper com aquilo tudo. Severin Heger se fiava em mim. Eu não sabia se ele continuava na polícia de Bergen, ou se trabalhava no florescente mercado da segurança particular. Como acreditava saber o tipo de pessoa que Severin estava custodiando, imaginei que havia deixado Bergen e o trabalho policial normal em favor das partes mais secretas do serviço. Mas nesse instante nós dois continuávamos sendo policiais, e ele confiava em que eu o ajudaria, como ele havia me ajudado no dia em que estive a ponto de morrer.

— Precisa uma parte isolada do hotel, disse. — E acho que devemos fornecer.

— Mas quem são? Berit olhou para mim e em seguida para Severin. — Quem são eles? Por que eu iria...?

— Berit. Dê o que ele pede. Tentei falar em voz baixa. — Confie em mim. Por favor.

As sombras de fora haviam cansado de esperar. Alguns golpeavam a porta, e Severin teve que retroceder um passo para impedi-los de entrar. O olhar que me dirigiu era fácil de interpretar.

— O último andar da ala que dá para o lago Finse, sugeri rapidamente. — A partir do quarto 207. Seria possível?

— Não, se apressou a responder Berit. — São muitos. Muitos quartos. — Dirigiu-se a Severin, puxando o rabo de cavalo. Esse gesto era um sinal evidente de que estava pensando. — Podem ficar com o quarto do cachorro.

— O quarto do cachorro? Repetiu Severin.

— Sim. Quantos são?

— Quatro homens.

— De acordo. Teremos um quarto que até hoje ficava um cachorro. O limpamos a fundo nesta manhã, ainda que seja possível que continue cheirando a merda e talvez um pouco a sangue, mas está limpo. Poderá ser o refeitório do pessoal. Podem ficar com esse quarto.

— Quantas entradas têm? Perguntou Severin.

— Uma. Uma só porta. A janela está coberta de neve.

— Isso não basta. Precisamos...

— Peque ou largue. Tanto você como os que estão consigo serão benvindos nas mesmas condições que todos os demais aqui instalados. Eu jamais teria permitido algum trato especial, se não fosse porque Hanne me pediu. Não posso oferecer outra coisa a não ser o quarto do cachorro.

Olhei para Severin com um gesto quase imperceptível da cabeça.

— Podem fechar a porta, prosseguiu Berit. — Pode ser fechada por dentro. Temos mais chaves, mas essas eu guardarei. O que significa que poderei fazer uma visita a qualquer momento. Fornecerei comida e água. É tudo o que posso dizer.

— Será o melhor, opinei eu.

— Imagino que não querem que ninguém os veja, continuou Berit. — Nem agora nem depois. Então devem aproveitar a ocasião. Reunimos todos os hóspedes em outra parte do hotel. Podem descer agora ao sótão sem serem vistos.

Severin entendeu que não conseguiria nada mais. Concordou com a cabeça e abriu a porta. Entraram três homens. Usavam capas, tinham o rosto completamente tapados com óculos, lenços e gorros. Nenhum fez gesto para retirar algo. Todos traziam mochila, aparentemente tão pesadas quanto à de Severin. Inclusive haviam pensado nesse detalhe. Se alguém tivesse aparecido sem equipamento, teria revelado a diferença entre ele e os outros três. Se essa mochila fosse visivelmente mais leve que as outras, teria nos feito pensar que ao menos não continha armas. Tal como os quatro homens estavam vestidos e equipados nesse momento, era impossível saber quais eram os vigilantes e quem os vigiados.

Severin dirigiu um olhar interrogador a Berit, que já abria passagem apressadamente para a escadaria e fazia um sinal para os

recém-chegados para que a seguissem. O homem se deteve de repente e se voltou.

— Hanne, pediu. Aproximei-me dele com a cadeira e deixei que se inclinasse sobre mim. Quando começou a falar, tinha a boca tão próxima que as palavras me fizeram cócegas no lóbulo da orelha. — Estão aqui duas pessoas com aspecto árabe? Sussurrou. — Um homem e uma mulher? É impossível que estivessem no edifício de apartamentos. Ela usa um hiyab negro, ele um casaco marrom e...

Concordei com a cabeça. Ele se endireitou. Seu vacilo podia se dever a que tentasse me contar algo. Pela expressão de seu rosto não era possível saber se a confirmação da presença dos árabes era uma notícia boa ou ruim. Decidiu não dizer nada. Mas me fez um sinal. Cravou seu olhar no meu, um olhar que durou vários segundos e do qual não pude me esquivar. Em seguida piscou três vezes o olho e desceu correndo para o sótão seguindo os outros três. Creio entender o que havia querido me dizer.

Algumas horas mais tarde teria que confiar que havia interpretado corretamente. Inclusive deveria correr um risco enorme me baseando só nesse olhar, mas naquele momento, enquanto ouvia os passos das cinco pessoas descendo pelas escadarias, não sabia nada de tudo aquilo. Pensei na pequena Sara, esse diminuto bebê rosa que não existia mais.

* * *

Ainda que nunca ouvisse uma avalanche de neve na vida real, tenho uma clara ideia de como soa. Ao passar as noites vendo o Discovery Channel na televisão, que me habituei a fazer desde que tenho as costas destruídas e me levanto da cama nas horas mais intempestivas, aprendi muito sobre catástrofes. E também sobre avalanches.

Quando a voz de Kari Thue irrompeu na sala, me lembrei do primeiro aviso de chegada de uma avalanche. Normalmente não se vê

mais que uma greta estreita e aparentemente inocente na neve, mas o som já está lá; vem do mais profundo, de debaixo da neve, onde as massas já estão em movimento.

— Onde está Roar Hanson? Alguém viu Steinar Aass? O que aconteceu a Roar Hanson?

Talvez tivesse sido um erro reunir todos os hóspedes no andar de baixo do edifício anexo. Até então, ninguém havia se dado conta do desaparecimento do tímido pastor. Durante toda a manhã, as pessoas haviam se ocupado de suas coisas. A ausência de Hanson era muito menos chamativa que a de Cato Hammer. Que eu soubesse, Steinar Aass não havia ficado íntimo de alguém nesse tempo, e eu poderia afirmar que ninguém lhe dedicaria um só pensamento. Ao reunir todos em um só lugar, estariam mais protegidos contra o que pudesse aparecer pela entrada bloqueada pela neve. Por outro lado, seria mais fácil se darem conta das ausências de Roar Hanson e de Steinar Aass. Kari Thue foi quem descobriu tudo. Não só estava alerta como era ardilosa; essa mulher irritante era muito esperta e todo o tempo tentava diminuir a indiscutível liderança de Berit, Geir e Johan.

— Exijo uma resposta! Todos nós teremos o direito de saber! Onde estão Roar Hanson e Steinar Aass?

Kari Thue era aquela greta quase invisível na neve. Eu continuava sentada junto à entrada, e não me saía da cabeça a lembrança do bebê que havia voado pelos ares e aterrissado nos meus joelhos após o choque do trem. Sua morte havia me impressionado mais do que todos os acontecimentos desde quarta-feira à tarde. Sara não havia feito nem um ano e já morrera. Recriminei-me por não ter avisado aos médicos que a pequena podia ter sofrido alguma lesão, apesar de que, aparentemente, havia saído ilesa do forte golpe que dera contra a parede do trem. Talvez tivesse imaginado que a mãe se encarregaria de que examinassem a criança exaustivamente. De repente vi à mãe gritando comigo no trem. Seu desespero por ter deixado cair o bebê era tão grande que não

compreendia o que dizia. Eu deveria ter... Na realidade não sabia o que deveria ter feito, e isso me deprimiu ainda mais.

A explosão de Kari Thue havia desencadeado a avalanche. O volume de ruído subiu. No Salão Azul se viam cada vez mais pessoas falando e fazendo perguntas, se bem não que não soubessem a quem dirigi-las. Berit ainda não havia voltado do sótão, e não sabiam aonde haviam ido Geir e Johan. Dirigi minha cadeira lentamente até o barulho que aumentava. Mas teria preferido me refugiar na sala contigua à recepção e fechar a porta. Mas pensei em Magnus, a quem haviam encarregado de manter a ordem e a tranquilidade lá em baixo. Parecia estar com graves problemas.

Quando o homem me viu junto à escadaria que descia para a Taberna de Saint Paul, se levantou com muita dificuldade de um sofá vermelho e atravessou o aposento apressadamente. Apesar de minha tristeza pela morte de Sara e da certeza de que Kari Thue ainda iria colocar tudo muito pior, reprimi um sorriso ao ver um Magnus preso da agitação se aproximando da escadaria. Magnus Streng não fora feito para correr. E tampouco para subir e descer escadarias. Seus joelhos pareciam não funcionar, como se estivessem muito soltos para se mover normalmente. Por isso girava as pernas em rápidos semicírculos desde os quadris, como parodiando a um marchador. Seu peito deu um assovio. Tocou a garganta, tossiu e agitou a mão como desculpas.

— Asma, disse. — Infelizmente não trouxe os remédios. Não me incomoda nesta época do ano, de modo que...

— Sente-se, disse apontando para uma cadeira junto à mesa.

— Sim, disse sem ar. — É realmente... Muito...

Tentou humedecer os lábios antes de apanhar um copo d'água que alguém havia deixado sobre a mesa. Bebeu-o de um só gole.

— Ela vê tudo, gemeu. — Lembra-se de tudo. Estou convencido de que ganharia o campeonato mundial de jogo de memória.

O ruído vindo do andar inferior era tão grande que não respondi. Enquanto Mikkel e seu grupo não haviam sido senão irritantes e descuidados, o círculo que rodeava Kari Thue era muito mais ameaçador. Contava já com umas quarenta pessoas. A própria Kari Thue acabava de subir em cima de uma mesa de centro para apelar aos seus partidários, como uma carismática líder de seita.

— Estão nos escondendo coisas! Gritou colocando os dedos polegares nas correias da mochila com a qual devia dormir. — E me pergunto: quem decide realmente nesta situação, e com que autorização e direito? Disseram-nos que todos, absolutamente todos, tínhamos que vir aqui para baixo. Para que acabassem de tapar o buraco da parede, nos disseram, e também que revisariam a estrutura da escadaria. Mas onde estão Roar Hanson e Steinar Aass? Tem privilégios que os demais não têm? Somos diferentes deles?

— Que fazemos? Sussurrei para Magnus.

— Não... Sei... Muito... Bem.

Balançava entre uma palavra e palavra. Preocupava-me muito; a pele ficara acinzentada e úmida, e agarrava com tanta força o canto da mesa que os nós dos dedos ficaram brancos. Berit veio correndo.

Sob pressão prolongada algumas pessoas se derrubam, outras se aferram aos demais ficando como crianças, necessitados de consolo e mentiras tranquilizadoras. Também existem pessoas que paralisam. A vida me ensinou que é quase impossível prever como vão reagir as pessoas exposta a duras provas. Escolher soldados é uma arte, e Berit Tverre era uma mulher para se levar à guerra. Deteve-se em seco no último degrau antes da Taberna de Saint Paul. Captou a situação em poucos segundos. Primero se ajoelhou ao lado de Magnus. Sem lhe perguntar nada, sacou um inalador do bolso e o colocou na mão dele.

— Bricanyl, murmurou. — Eu também sofro de asma. Respire tranquila e profundamente.

Nunca esquecerei o rosto de Magnus Streng quando inalou avidamente as curativas micropartículas. Entrelaçou as mãos ao redor do inalador. Cravou os olhos em Berit, agradecido, enquanto grandes e pesadas lágrimas abandonavam lentamente as pestanas para correr até as comissuras de seus lábios. Quando Berit viu que Magnus já controlava a situação, levantou as mãos e gritou para o agitado gentio:

— Roar Hanson morreu. Também Steinar Aass. Sentem-se.*Sentem-se!*

Fez-se um silêncio absoluto. Foi inclusive como se até os deuses do tempo se assustassem, pois o monótono ruído do exterior parecia mais longínquo e apagado. Berit desceu rapidamente a pequena escadaria e atravessou a Taberna de Saint Paul. Parou junto à entrada do Salão Azul, onde haviam aberto totalmente a porta transformando as duas salas em uma só bem maior. Kari Thue continuava de pé em cima da mesa. A maioria dos presentes procuravam envergonhados um lugar onde se sentarem. Os donos dos cachorros haviam se colocado em um canto, onde aparentemente os três animais sobreviventes se faziam bons amigos. Não via o dono de Muffe, mas algumas pessoas estavam ocultas pelas paredes que dividiam os dois salões. Também havia gente sentada no Salão Glaciar. As portas duplas entre os dois salões estavam abertas para que todo o mundo pudesse ouvir o que se dizia. Adrian e Veronica deviam estar ali, pois não os via.

— Desça daí, ordenou Berit para Kari Thue. — Não tolero que trate os móveis dessa maneira. Desça! *Desça!*
Falava como se estivesse se dirigindo a um cachorro obstinado.

— O que aconteceu com Roar e Steinar? Perguntou Kari Thue sem fazer menção de obedecer.

— Como já disse, ambos estão mortos. Steinar Aass teve a estúpida ideia de querer descer da montanha por seus próprios meios. Morreu congelado. E Roar Hanson também morreu... Pouco se pode fazer por ele agora.

— Como morreu?

Precisava me esforçar para ouvir o que diziam. Pela primeira vez desde o acidente, me arrependi de não ter pedido uma rampa para ir da recepção ao edifício anexo.

— Desça já dessa mesa!

Berit tentou agarrar Kari Thue pelo braço. Mikkel, sentado no outro extremo do salão, se levantou vacilante. Parecia não saber o que fazer. Abriu passagem lentamente entre as mesas e cadeiras, e de repente começou a correr. Ao chegar junto de Kari Thue, parou e colocou as mãos nos quadris.

— Faça o que a senhora disse. Desça da mesa.
— Antes quero saber o que aconteceu, disse Kari Thue.
— Ouviu tudo o que precisa saber, assinalou Berit.
— Não. Já nos mentiu antes. Quero saber a verdade sobre Roar Hanson, e quero saber agora.
— Parece surda, disse Mikkel. — Desça daí. Esta senhora é quem decide, certo?

Kari Thue o olhou como se estivesse examinando algo que acabava de retirar do ralo do banheiro.

— Parece-me lembrar que estava de acordo comigo.

Mikkel se encontrava de costas para mim, mas pela postura de seu corpo era fácil adivinhar a expressão dele. Jogou a cabeça para trás e levantou os ombros, que pareciam mais largos.

— Puta, disse de repente, agitando a mão no ar como para afugentar a um inseto.

Deu meia volta e se afastou lentamente, murmurando algo que não consegui entender. Quando um par de seus colegas fizeram gesto de mão de se levantar e segui-lo, ele mandou sentarem de novo, muito

severo. Para o meu assombro, se sentou na escadaria bem diante de mim, no primeiro degrau.

— Puta, murmurou sem me olhar.

Kari Thue acreditava estar ganhando a batalha. E de alguma maneira era assim. Com renovada autoestima, olhou aos congregados antes de se dirigir uma vez mais a Berit.

— Dificilmente pode se dever a uma casualidade, que dois membros da comissão sobre a Igreja estatal morram no transcurso de umas horas. Já fora confirmado que Cato Hammer foi assassinado, ainda que tentassem nos enganar a respeito disso. O que é, por certo, uma violação de meus direitos e dos de todos os demais. Estamos fechados em um hotel da montanha por causa da neve. Encontramo-nos em uma situação extrema. Cada um de nós tem o direito de tomar decisões, com o fim de salvar a própria vida.

Falava inspirando e expirando, e o breve intervalo ficava muito mais dramático.

— Sempre dentro dos limites da lei, claro. Parece-me oportuno recordar que não nos encontramos em um barco. Você não é o capitão. Aqui não rege nenhuma das regras hierárquicas do mar. Colocou um dedo no ombro de Berit, que deu um passo para trás. — Não conheço nenhuma disposição legal que lhe confira o direito a tomar decisões por nós, prosseguiu Kari Thue. — Pelo contrário. Na ausência da polícia ou outra autoridade legal, corresponde a nós procurar as melhores soluções para sobreviver, razão pela qual posso...

— Mikkel, sussurrei. Deu meia volta e tocou com ar indiferente o lenço que levava na cabeça.

— O quê? Murmurou.

— Ajude-me a descer. Ajude-me a descer a escadaria.

— Sustento que... Repetiu Kari Thue, desta vez em voz mais alta, — Que com o indicador de mortalidade deste lugar, a informação sobre a causa destas mortes pode se considerar vital.

Em lugar de empurrar a cadeira com cuidado pelos três degraus, como haviam feito Geir e Johan, Mikkel a levantou comigo em cima, e desceu pela escadaria para me depositar no chão com suavidade e presteza. O rapaz era na verdade tão forte como parecia.

— Obrigado, sussurrei. Ele não respondeu.

— Do que morreu Roar Hanson? Gritou Kari Thue com voz ameaçadora para Berit.

— Tem razão! Respondi enquanto me aproximava das pessoas.

Kari Thue se sobressaltou. De novo parecia um passarinho; um ser nervoso, rápido e esperto que com certeza não tem inteligência suficiente para se alimentar bem. Berit me olhou, levemente aturdida. Gostaria de poder lhe contar o que estava pensando.

— Tem toda a razão do mundo, disse. —Tem todo o direito de saber do que morrem as pessoas por estes lados.

Parei a cadeira a uns três ou quatro metros da entrada do Salão Azul. Puxei o freio e coloquei as mãos em meu regaço.

— Steinar Aass morreu congelado, disse em voz alta. — Tal e como Berit acaba de informar. Quanto a Roar Hanson, tudo indica que foi assassinado.

A mulher que fazia ponto (Por fim havia notado que era um dos membros leigos da comissão da Igreja Estatal) começou a chorar, tapando o rosto com a fazenda do ponto sem acabar. Um homem se inclinou até ela para consolá-la. O murmúrio ia aumentando, e ao fim de uns segundos todos falavam ao mesmo tempo. Kari Thue parecia não saber muito bem o que fazer. Era como se o fato de que eu tivesse lhe dado razão a tivesse surpreendido tanto que perdera o equilíbrio, ao menos metaforicamente.

— Eu tinha razão, disse para o ar, sem escolher ninguém.

— E o que vai a fazer com isso? Perguntei.
— Como morreu...? De que maneira foi assassinado?

Nenhuma das duas estava falando muito alto. Tratava-se de uma conversa entre ela e eu, tal como eu pretendia. Porém, algumas pessoas começaram a pedir silêncio umas as outras. Queriam escutar.

— Não sabemos muito bem, respondi. — Mas o certo é que foi apunhalado com algum objeto pontiagudo.
— Com uma faca?

Dei-me conta de que ela piscava mais a miúdo do que antes. Ignorava se isso era sinal de insegurança ou algo completamente diferente e muito mais desejável.

— Não, respondi. Com uma faca não. O que pensa fazer, agora que recebeu a informação à qual, segundo você, tem direito?

Olhou ao seu ao redor. Já não gostava tanto de ficar de pé em uma mesa enquanto mantinha uma tranquila conversa comigo bem mais abaixo. Por outro lado, descer de seu improvisado palanque, tal e como Berit e Mikkel haviam exigido, constituiria uma derrota. No principio optou por uma postura intermediária e se sentou. Obviamente, era muito incômodo ficar sentada assim, como uma criança, com as pernas cruzadas. De maneira que foi se aproximando lentamente da borda. Ao final desceu para o chão. Mas não disse nada.

— Estou esperando, disse com um sorriso.
— Sim! O que faremos, Kari? O que faremos agora?

A que perguntava era uma de suas cortesãs, uma mulher cinquentona, com a pele bronzeada em um solarium. Era uma das primeiras que haviam aderido à congregação de Kari Thue já na primeira noite, depois do episódio com os curdos. Kari Thue continuava sem responder, se limitava a engolir saliva, e na sala se fazia tanto silêncio que podia se ouvir o som da saliva descendo pela laringe.

— Olhem, amigos! Olhem! Um dos rapazes de Mikkel havia se levantado. Estava muito próximo da janela. Agitou a mão, e repetiu: — O temporal! *Olhem!*

A porta de acesso se encontrava bloqueada, pois há muito tempo que estava completamente coberta de neve. Só se podia ver através da metade superior das janelas. A capa de nuvens havia se quebrado. Continuava nevando com muita intensidade, mas a luz que atravessava os flocos em redemoinhos era branca e intensa. Era como se o próprio sol quisesse nos recordar que continuava vivo lá em cima. Que não havia se esquecido de nós e que rapidamente venceria a esse monstruoso temporal que estava a demasiado tempo nos atormentando.

Kari Thue havia passado ao esquecimento. Tudo o que não fosse o tempo, ficara esquecido. Muitos se levantaram e se aproximaram das janelas, como se não fosse possível acreditar no que estavam vendo. Outros aplaudiram e riram, uns timidamente, outros alegremente. A mulher do trabalho de ponto secou as lágrimas vertidas por Roar Hanson e se pôs a gritar de alegria, histérica. Tudo isso não durou mais de um minuto. O céu fechou. A cinzenta escuridão voltou às janelas. A neve recuperou a sua cor suja e virou a ser um triste muro impenetrável. Um grande suspiro coletivo se elevou para o teto.

— A temperatura está subindo, disse Geir alegremente; eu estava tão concentrada que não o havia ouvido chegar. — Neste momento estamos com vinte e um graus abaixo de zero, e a velocidade do vento desceu para vinte e quatro segundos. É só um pequeno vendaval, amigos! Não é nada em comparação com o que tivemos!

Como muitos outros, olhei para Geir e em seguida para as janelas, e de novo para Geir. Era como se a fugaz visão de melhores tempos só tivesse sido uma quimera. Nada na monótona e limitada vista indicava que o tempo melhoraria a curto prazo.

— Que bom, disse tentando esboçar um sorriso. — Isso quer dizer que virão nos buscar?

— Bem... Sorriu amplamente. — Precisamos estar preparados para passar uma noite a mais em Finse. Mas se continuar melhorando, é provável que os primeiros já possam sair amanhã para a capital.

— Talvez, adicionou Berit, cética. — Não temos nenhuma experiência com estas quantidades de neve. Nem sequer sabemos como está a situação lá fora. A via férrea terá de reabrir, e, além disso...

— Sejamos otimistas, disse Geir. — Imagino que nos enviarão helicópteros depois de tudo o que passamos. Uma noite mais, e todos para casa.

Evidentemente nem lhe passava pela cabeça que a polícia quisesse intervir na decisão de nos deixar sair de Finse quando fosse fisicamente possível. Mas dada a situação, não encontrei razão alguma para lembrá-lo disso.

Ainda que o ambiente de euforia se apagasse quando as pessoas viram que a clareira sobre o lago Finse havia sido passageira, me pareceu que o otimismo de Geir havia se contagiado. Ninguém falava mais, nem da morte de Roar Hanson, nem da segurança dos hóspedes. As pessoas conversavam sobre tudo e sobre nada, e alguns já estavam apostando quando chegaria a Finse o primeiro helicóptero. As pessoas se dispersaram pelos distintos espaços de sofás e poltronas, e muitos foram ao Milibar apanhar uma xícara de café, à espera que começassem a arrumar as mesas para o almoço atrasado. Alguns dos garotos começaram a cantar.

Era incrível o comportamento desse grupo de pessoas que tinham acabado de saber que outra pessoa havia sido assassinada. Por outro lado, um tempo relativamente longo na polícia me mostrara que o ser humano tem uma capacidade incrível de se deixar distrair pelas boas notícias. Ninguém havia conhecido pessoalmente nem Roar Hanson nem Steinar Aass, exceto talvez a senhora que fazia ponto. Eu nem sequer estava certa de sua sinceridade quando chorara ao saber da morte do colega. Pois agora estava sentada bebendo café com grandes

quantidades de creme, enquanto olhava sem cessar para as janelas, com a esperança de que Deus voltasse a mostrar o seu poder.

Kari Thue havia sentado. Estava folheando com muito interesse um livro; nem por um instante acreditei que estivesse lendo. Os curdos deviam ter estado ali durante todo o tempo, mas eu não os havia visto até agora. Saíram apressados do Salão Azul, à caminho da recepção. Os segui com o olhar, mas eles não se voltaram, nem deram outro sinal de querer falar comigo ou com os outros. A mulher andava com a cabeça baixa, e o seu marido de ficção a segurava pelo antebraço com autoridade.

Magnus Streng se sentia obviamente melhor. Estava na recepção, onde falava em voz baixa com Berit, que de repente se inclinou até ele e lhe deu um cálido abraço. Tudo voltava ao que poderia parecer uma situação normal. E ninguém havia feito uma só pergunta referente à grande mentira: que havia necessidade de tapar melhor o buraco causado pela caída do vagão e que a escadaria precisava de uma revisão. Nem um só hóspede de Finse 1222 sabia que havia quatro homens desconhecidos, do vagão secreto do trem, sentados atrás de uma porta fechada com chave no sótão. Ninguém havia perguntado por que havia sido necessário meter todos no Salão Azul

.

Parecia uma sessão de magia. Agita-se dramaticamente uma mão para que ninguém se dê conta do que se faz com a outra. Neste caso a maga havia sido Kari Thue. Ela não sabia que o tumulto que havia organizado nos havia permitido receber aos homens do apartamento e escondê-los sem que ninguém se desse conta de algo. Na verdade o mundo quer ser enganado.

— Parece desanimada, disse Geir me dando um golpezinho no ombro. — Venha, vou ajudá-la a subir de novo à recepção! Eu não sabia muito bem se queria voltar para lá. Na realidade, não sabia o que queria. — Hanne! O tempo está a ponto de melhorar! Uma noite a mais, e casa. Era isso o que me desanimava.

— Não sei se suportaremos outra noite, disse em voz baixa, para que ninguém mais me ouvisse. — Precisamente são as noites deste lugar o que me apavora. Até agora não passamos nenhuma noite sem uma morte.

Geir piscou. Dava a impressão de querer dizer algo. Talvez umas palavras de consolo. Mas não aconteceu nada. Fez bem, pois eu tinha razão. Seguiu-me enquanto avançava lentamente pela sala até a escadaria que subia à recepção e me colocar ao lado do Milibar.

— Preciso de café, disse. — Grandes quantidades de café. Não penso em dormir até que nos resgatem. Da próxima vez que deitar será em minha própria cama.

* * *

Tempestade

NA ESCALA DE BEAUFORT - TEMPESTADE

Velocidade do vento: 24,5 – 28,4 m/s
Encontra-se muito raramente esta intensidade de vento ou intensidade ainda maior.
As árvores caem em cima dos cabos do telefone e da eletricidade.
Rangem as paredes de madeira.
O vento arranca as casas pequenas de suas fundações.

— Isto será suficiente, disse Berit deixando sobre a mesa uma garrafa térmica de três litros. — Leite?

— Em circunstâncias normais sim, mas como pretendo me manter acordada, tomarei só café. Talvez seja imaginação minha, mas creio que me faz mais efeito quanto mais negro é.

A mera ideia de que não dormiria até ao menos a tarde do dia seguinte me fazia sentir um grande peso na cabeça. Geir havia me sugerido que ficasse no pequeno escritório atrás da recepção e dormisse uma horinha. "Não matariam ninguém às três da tarde, com todo o mundo acordado", disse com um sorriso irônico. Com certeza tinha razão. Porém me neguei, ainda que tenha agradecido por poder usar o escritório. Uma hora no país dos sonhos me deixaria ainda mais sonolenta. Sabia por experiência que conseguiria me manter acordada durante vinte e quatro horas ou mais. Uma grande dose de cafeína seria, portanto mais útil que uma hora de sono.

— Precisa de algo mais? Berit estendeu as mãos como se pudesse me oferecer o que quisesse, enquanto eu tentava me lembrar de algo.

— Não, obrigado. É muito boa, Berit. Estou impressionada com a maneira como tem levado... Tudo.

— Realmente a montanha faz bem a você, interveio Geir com um grande sorriso e me dando um golpezinho na nuca antes de ir até a porta. — Deveria vir mais vezes! Fechou a porta atrás dele e Berit e eu ficamos sozinhas.

Eram duas e meia da tarde, e eu não conseguia entender a finalidade do que estava a ponto de começar.

* * *

Às vezes imagino que ainda tenho sensibilidade nas pernas. Nunca quis incomodar ninguém, me queixando de uma lesão da qual sou a única responsável, de modo que não falo dessa presunção de dor que às vezes me lembra de como é andar sobre duas pernas. Não que habitualmente tenha muita gente com quem dividir meus pensamentos. Pode se passar semanas sem que me relacione com alguém mais além de Nefis, Ida e a velha Mary, nossa funcionária. Essa é a vida que escolhi e nisso se converteu.

Agora estava ali sentada sem companhia, e me sentia só. Era muito estranho.

A ferida da perna me doía. Quero dizer que doía muito. Claro, estou consciente de que era minha imaginação, pois vi com meus próprios olhos as fotos dos nervos estraçalhados da minha região lombar. Uma papa, disse o médico enquanto olhava fascinado, as fotografias que haviam tirado enquanto me operavam. Do umbigo para baixo, minhas células não mandam mais o mínimo sinal para o cérebro. A comunicação está rompida para sempre: há muito tempo que aceitei essa realidade. Porém, agora me parecia notar uma dor da na ferida feita pelo bastão de esqui. Não como uma dor imaginária, mas como uma lesão real e dolorosa.

Era estranho me sentir tão só.

Cato Hammer devia ter muitos inimigos. Ainda que talvez não fossem inimigos exatamente. Era demasiado inofensivo para isso. Suas declarações eram mais irritantes que agudas. Ainda assim, estava certa de que muitos pensariam como eu pensava: o tipo era insuportavelmente egocêntrico em sua suposta preocupação pelos demais. Mas essas coisas não provocam assassinatos. O pacote de papel continuava no mesmo lugar da pequena mesa. A folha em que eu havia escrito os nomes dos dois assassinados continuava ali. Aproximei-me lentamente e apanhei a caneta vermelha. Abaixo dos dois nomes desenhei uma linha que dividia a folha em duas. Em seguida comecei a escrever mais nomes.

Einar Holter, o maquinista que nunca havia conhecido.
Elias Grav.
Steinar Aass.
Sara.

Gostaria de saber o seu sobrenome. Tal como estava o seu nome na folha, podia parecer que eu não gostava de crianças. O fato de não escrever o sobrenome era desrespeitoso, como se ela fosse menos que os demais. Como se fosse um cachorro. Ou um gato; sem parentes, como se não pertencesse a uma família de verdade. Rosenkvist, escrevi lentamente e com a minha melhor caligrafia. Sara Rosenkvist, Sara Ramo de Rosa. O sobrenome lhe caíra muito bem.

Quatro pessoas haviam morrido e não podia acusar ninguém de tê-las matado. O único culpado era o maldito vendaval. Einar, Elias, Steinar e a pequena Sara Rosenkvist. Arrancados da vida tão bruscamente como os assassinados. De um modo igualmente absurdo. Não obstante, quando nessa mesma noite, ou no dia seguinte ou, no pior dos casos, ao fim de dois dias, a polícia chegasse a este gelado lugar, se centraria nos dois primeiros nomes da lista de mortos em Finse, durante a tormenta do mês de fevereiro de 2007. Empregariam todos os seus recursos e forças, e ao cabo de um ou dois dias teriam o homicida

entre a espada e a parede e se assegurariam de que apodrecesse na cadeia durante os quinze anos seguintes ou mais. Qual era a diferença entre aquelas pessoas?

O que era pior? Que Cato Hammer e Roar Hanson tivessem perdido a vida, ou Sara que nunca cresceria? A morte de Cato Hammer ser uma perda maior para a sua família, ou fato de que os três filhos de Einar Holter não se lembrariam do pai quando ficassem mais velhos? Por que a sociedade empregaria todos os recursos de que dispunha para capturar e processar a pessoa ou as pessoas culpadas dessas duas mortes, enquanto que as demais vítimas seriam esquecidas pelos poderes públicos logo após terem sido enterradas? "Concentre-se", pensei, e bebi outro gole de café.

Olhei fixamente para o nome de Cato Hammer, e tentei ver o homem em minha mente. Em que pese os meus esforços para me lembrar dele vivo, uma e outra vez me vinha à cabeça a sua expressão de surpresa quando jazia morto sobre a bancada da cozinha. A reunião. De repente pensei nela, e no principio não entendi por quê. Fechei os olhos tentando recordar a primeira noite, quando ainda só havia morrido o maquinista, e todo o mundo parecia se sentir mais aliviado que assustado pelo acidente. Antes que Berit Tverre tomasse a palavra, vi Cato Hammer desaparecer por trás da coluna da recepção e me parecia mudado. Pouco antes transbordava de uma inoportuna alegria e irritante energia. Inclusive no duro enfrentamento com Kari Thue havia saído com um sorriso confiante. Precisamente por isso havia me chocado a seriedade que mostrara mais tarde. Como se estivesse triste. Ou assustado? Ao vê-lo desaparecer atrás da coluna, pensei imediatamente que era Kari Thue quem o havia assustado. Nesse momento não tinha nenhum motivo para reflexionar mais a fundo sobre a sua mudança de ânimo. Mas pensando agora, estava cada vez mais certa de que Cato Hammer continuava igualmente sorridente e contente após receber os inauditos impropérios de Kari Thue, que se seguiu a sua intromissão na discussão entre ela e o curdo.

Arranquei o papel e voltei a escrever o nome de Cato Hammer. Abaixo do nome, desenhei uma linha de tempo onde anotei as horas aproximadas da discussão e da reunião. Usei uma caneta verde para marcar o primeiro acontecimento, e uma preta para o segundo. Em verde escrevi "alegre, entusiasta e indulgente". Em seguida desenhei uma flecha para a direita, incapaz de precisar quando havia desaparecido o seu bom humor. Com a caneta preta escrevi "sério, possivelmente assustado". Após pensar uns instantes, adicionei um sinal de interrogação atrás da última palavra. Pelo que podia calcular e lembrar, entre ambos os acontecimentos havia se passado uma hora e meia. Kari Thue estivera todo o tempo na recepção. Cato Hammer havia se refugiado no salão da lareira, onde teve lugar a oração e o torneio de bridge. Certamente eu adormecera, mas só uns segundos, ou talvez um par de minutos. Não tinha dúvida de que Kari Thue e Cato Hammer não haviam se falado durante o período que anotara na folha. Não fora Kari Thue que havia assustado Cato Hammer. Ao menos nesse momento. Devia ter sido outro ou outros. Havia muitas pessoas onde escolher. Além disso, a mudança de estado de ânimo de Cato Hammer não tinha por que estar relacionado com o fato de que fosse assassinado umas horas mais tarde. Não havia avançado nem um milímetro. Pousei a caneta, abatida. Soou um golpe ligeiro na porta, que em seguida se abriu.

— Atrapalho? Perguntou Magnus entrando na sala sem esperar resposta. — Está aqui? Não vi nenhuma razão para responder a alguma das duas perguntas. — Estou muito melhor, disse com um sorriso antes de sentar. — Esta Berit Tverre é verdadeiramente uma mulher fantástica. Tem solução para tudo! O que está fazendo?

— Tento pensar.

— Bem, bem. Isso pode ser difícil! Sobretudo em circunstâncias como as atuais.

— Sim, respondi, sem estar certa de quais circunstâncias ele se referia. Apanhou os seus enormes óculos e os colocou sobre o nariz.

— O que temos aqui? Perguntou. — Ah! Uma linha de tempo, imagino. Inclinou-se para frente com os olhos entornados. Em seguida

estalou a língua, aparentemente um de seus muitos vícios. — Então, você também notou?

— O quê? Perguntei.

— Esse... Sorriu e voltou a retirar os óculos. As lentes estavam tão sujas que tive ganas de me levantar e ir limpá-las. — A mudança de estado de ânimo de Cato Hammer, concluiu deixando os óculos sobre a mesa. — Alegre e ruidoso quando entramos no hotel. Sério e reservado quando voltou para assistir à reunião.

— Voltou? Vindo do salão da lareira, quer dizer?

— Bem... Passou ali a maior parte do tempo. Mas não todo. Eu ia e vinha, e... Agitou o dedo indicador. — Você e eu tivemos uma agradável conversa! Ofereci vinho, mas se obstinou em cumprir a promessa de se manter sóbria.

— Mas eu não fiz nenhuma promessa de...

— E em seguida desci até o salão da lareira. Hammer estava ali. Em plena forma, por sinal. O homem tinha um vozeirão. E de bom humor, acho. Um humor e entusiasmo um tanto excessivos. Mas em seguida nos deixou. Eu acabara de declarar seis de paus, e estava certo de ganhar a partida. Mais tarde, quando voltei à recepção, Cato Hammer não estava lá. Chegou justo antes que começasse a reunião. Mas esta casa tem um sem fim de aposentos, o homem poderia ter estado em qualquer lugar.

— Chegou a falar com ele em algum momento?

— Não. É curioso, mas não. Como mencionei durante nossa pequena... Inspeção do cadáver... Ele havia sido meu paciente. Algo que nunca teria confessado se o homem não estivesse morto. Sob estranhas circunstâncias, hei de adicionar. Tenho por costume não cumprimentar os meus pacientes quando topo com eles fora do consultório, se eles não se dirigirem a mim primeiro. É questão de discrição, simplesmente. Segredo profissional.

— E ele nunca o fez? Dirigir a palavra, quero dizer.

— Não. Nem sequer me cumprimentou. Talvez não me reconhecesse. Fingi um bocejo. Muito longo.

— Com certeza reconheceu, disse por fim, mordendo o lábio inferior com tanta força que notei o doce sabor de sangue na língua.

Magnus ladeou a cabeça e ficou absorto em seus pensamentos. — Alô, disse.

No nariz apareceu um profundo vinco. Inspirou como se fosse dizer algo, mas decidiu guardar o pensamento que havia estado a ponto de dividir comigo.

— Alguém poderia me perguntar, disse por fim, — Por que me fixei precisamente na mudança de humor de Cato Hammer.

Os olhos dele me fascinavam. Seu estranho aspecto desviava a atenção desses olhos que na realidade eram bonitos e de um azul quase índigo.

— Então eu pergunto, disse. — Por que se fixou precisamente na mudança de humor de Cato Hammer?

— Então eu conto, respondeu com um sorriso. — Porque sei algo dele. Assenti com a cabeça e esperei. — Sei que o bom humor de Cato Hammer, esse compromisso entusiasta com as suas obrigações que mostra em público, essa... Pôs-se a brincar com os óculos enquanto procurava as palavras, — Essa incrível tolerância e aceitação de quase tudo e todos... Prosseguiu. — Sei que isso tudo não era verdadeiro. Poderia se dizer que era um homem atento. E responsável, no sentido de que era capaz de sentir remorsos. Mas não sei se realmente era uma pessoa boa... Com o dedo indicador coçava o queixo, onde uma barba incipiente havia começado a formar estranhos desenhos na pele. ... Para dizer verdade, não estou totalmente convencido que fosse.

Perguntei-me se devia dizer algo ou esperar que prosseguisse.

— Com essas coisas é preciso ter muito cuidado. Muito cuidado. Olhou-me de repente, como se dirigisse a advertência para mim. — Em julgar os outros, quero dizer. Sobretudo partindo de uma base tão fraca. Cato Hammer veio ao meu consultório três, talvez quatro vezes, até que compreendi que todos aqueles males indeterminados de que se queixava, na realidade era a expressão de uma psique transtornada. Muito

transtornada. De maneira que o enviei para outro médico. Esboçou um amplo sorriso. — Mas tudo isso já lhe contei antes.

— Por que duvida de... De sua... Bondade?

— Posso usar esta xícara?

Apanhou uma xícara de café suja. Eu ignorava de quem era, de modo que me limitei a dar de ombros. Ele a colocou debaixo da garrafa térmica e a encheu até em cima.

— O que quer dizer ser uma boa pessoa? Perguntou ao mesmo tempo em que colocava os olhos em branco como dando a entender a banalidade da pergunta. — Fazer o bem? Ou já que os seres humanos sentem uma enorme preocupação por si mesmos e a sua descendência, será mais uma questão de reconhecer as deficiências e lamentar os defeitos? Reconhecer que não conseguimos ser bons, quero dizer? É a bondade, em outras palavras, a definição de nossa vontade de lutar permanentemente contra o ego, ou só pode se chamar de bom o que venceu os seus próprios interesses egoístas?

Não o acompanhava. Talvez estivesse demasiado cansada. Ou talvez o que estava dizendo me parecesse um monte de besteiras.

— Não sei na verdade, murmurei. — Mas o que acontecia com Cato Hammer?

— Havia feito algo ruim, respondeu Magnus se endireitando.

Sua voz havia mudado de tom. Agora era mais grave e me falava diretamente, não mais a si mesmo ou a um interlocutor imaginário e muito mais filosófico que eu.

— O quê?

— Não sei, respondeu secamente. — Nunca tratamos desse tema. Mas era um homem atormentado. Em um par de conversas com ele, me dei conta de que o esmagava um intenso sentimento de culpa. Isso indica que ao menos tinha consciência. Mas não fez nada para remediar.

— Como pode saber?

— Boa pergunta.

Reclinou-se no sofá segurando a xícara de café com ambas as mãos.

— Tive a impressão, disse, e pareceu buscar as palavras antes de continuar, — A inequívoca impressão de que havia incorrido em uma ação condenável. Como era um personagem midiático, você, eu e todo o mundo saberíamos se ele tivesse se declarado culpado de algo assim. Inclusive teria saído nas manchetes dos jornais se recebesse uma multa por excesso de velocidade. Trata-se de uma dedução. De pura dedução de minha parte. Ele nunca pagou por seus pecados. E apesar de tudo, mostrava essa fachada de energia e amor pelo próximo. Há algo que não encaixa. Algo que não encaixa definitivamente. Por essa razão notei a seriedade que havia se apoderado dele quando chegou à reunião. Era quase... Olhou de rabo de olho para a folha de papel com as minhas anotações, — Angústia. Parecia assustado. Pode retirar o ponto de interrogação.

— Avareza e traição, ouvi dizer a mim mesma.

— Como?

— Foram as palavras... Algo que me disse Roar Hanson. Veio me ver por duas vezes antes de ser assassinado. Era óbvio que queria me contar algo... Disse-me que sabia quem era o assassino.

— O quê?*O quê?*

O café salpicou-o quando largou a xícara na mesa com grande violência.

— Contou-lhe quem havia assassinado Cato Hammer?

— Não está me escutando, respondi. — Disse que ele sabia quem havia sido. Não me contou. Nas duas ocasiões... Fomos interrompidos.. Só de pensar em Adrian, me arderam as faces.

— Mas o que quer dizer com... Avareza e traição? Suas mãos desenharam grandes vírgulas no ar.

— Isso foi o que me disse. Disse que... Fechei os olhos. Sempre lembro melhor com os olhos fechados, — Que a traição pode ser

perdoada, mas a avareza não. Espere, acho que foi o inverso. Existe perdão para a avareza, mas não para a traição, disse. Ou algo pelo estilo.

— Eu acreditava que havia perdão para tudo, murmurou Magnus.

— Isso eu disse também. Exatamente isso. Na primeira vez que ele veio me ver foi antes de que as pessoas soubessem que houvera um assassinato. Aparentemente, todos acreditaram na história do derrame cerebral. Roar Hanson, em troca, estava convencido de que o homem havia sido assassinado.

— Estranho. Muito estranho.

O café surtia efeito. Notava que estava mais estimulada, atenta. Ainda que parecesse absurdo, me sentia muito bem. Há muito tempo que não falava com alguém que me permitisse relaxar tanto quanto Magnus Streng. Sua amável insistência e sua inoportuna amabilidade eram qualidades que eu normalmente teria rechaçado. Mas havia começado a acalentar a ideia de convidá-lo para jantar em minha casa. A ele e a sua mulher, talvez, no caso de que fosse casado. Quando tudo aquilo tivesse terminado. Quando por fim pudesse voltar para casa, para tudo o que era meu. Claro que não chegaria a convidá-lo. Não havia levado ninguém em casa em muitos, muitos anos. Quem tinha amigos era Nefis, não eu. Já não mais se queixava disso, mas ficaria encantada se eu convidasse alguém.

— Acha, disse com um sorriso, — Acha que gostaria...? A pausa foi muito longa.

— Que gostaria de...?

— É casado? Perguntei.

— Sim, respondeu entusiasmado. — Há quarenta e um anos.

Após um rápido cálculo mental, lhe dei no mínimo sessenta e dois anos. Com certeza tinha mais. Parecia mais jovem.

— E tenho três filhos fantásticos, prosseguiu muito satisfeito puxando uma carteira de enormes dimensões do bolso interior. — E cinco netos. Até agora. Minha filha mais nova está grávida de gêmeos, de modo que rapidamente Solfrid e eu teremos sete.

Da carteira apanhou um pequeno envelope de plástico com muitas divisões, e que em cada divisão continha uma foto; da esposa, dos filhos, dos netos. No Natal, na comemoração do dia nacional, em uma noite de verão junto ao mar. Me passou-as. Eu as folheei lentamente. A última era uma foto de toda a família junta. Filhos com seus cônjuges. Netos de todas as idades e, no meio, os orgulhosos avós: uma mulher grisalha de bonitas feições, com o braço ao redor do torcido e anormal Magnus Streng. Minha expressão deve ter me traído, ainda que fizesse todo o possível para não mostrar nada mais além de amabilidade e um atento interesse.

— É um problema hereditário, disse tranquilamente. — Acondroplasia. Mas não significa necessariamente que meus filhos o herdem. Como a minha mulher não tem, existem umas cinquenta por cento de possibilidades de cada vez. O destino me tratou bem, permitindo que meus filhos nascessem normais. Tampouco quero dizer que minha vida tenha sido muito complicada, mas neste ponto não sou muito diferente dos demais. Desejo o melhor para os meus filhos.

Tinha três filhas. As três eram bonitas, com o cabelo longo, sorriso cálido e estatura normal. Pareciam com a mãe, que devia medir ao menos trinta centímetros a mais que ele.

— Desejava de todo coração que nascessem normais, disse, quando lhe devolvi as fotos.

— Claro, murmurei. — Imagino que todos nós sejamos assim.

— Não necessariamente, respondeu ele. Não disse nada mais a respeito. — Tinha começado a me perguntar algo, disse.

— Não.

— Sim. Disse: Acha que gostaria? Gostaria de quê?

— Ah, bom. Acha que gostaria...? Acha que Roar Hanson sabia realmente quem matou Cato Hammer?

— Não tenho ideia. Não fui eu quem falou com ele.

De repente já não mostrava mais nenhum interesse. Só indiferença. Levantou-se e acabou o café. Em seguida, deixou a xícara na mesa com mais força do que a necessária também desta vez, e foi até a porta.

— Só uma coisa mais, disse, com o fim de retê-lo. — Não acha estranho que tanta gente conhecesse Cato Hammer anteriormente? Olhou-me fixamente, com o rosto totalmente inexpressivo. — Não é estranho? Prossegui. Geir o conhecia da diretoria do clube de futebol Brann. Berit o havia visto antes em Finse. Você o teve como paciente. Não são estranhas coincidências?

— Imagino que podem se considerar assim, disse encolhendo os ombros. — E se acha que isso nos converte a todos em suspeitos, melhor para você. Eu, de minha parte, diria que isso mostra o evidente: Cato Hammer era um homem ativo. Um tipo social e enérgico que conhecia muita gente. Agora preciso de um copo de algo mais forte. Ainda que seja um pouco cedo para isso. Obrigado e adeus.

Desta vez nem sequer fez ruído com a porta. Às vezes sou uma idiota. Na realidade sou muitas vezes.

Podia me limitara fechar a porta e abandonar os demais à sua sorte. Talvez acabasse por fazer isso mesmo. Ainda que as janelas do pequeno escritório estivessem completamente tapadas pela neve e eu não podia estar certa de nada, o tempo me parecia igualmente desolado e inalterável como nas últimas quarenta e oito horas. Mas o ruído do vento já não era tão forte. E o fato de que a temperatura subia, deveria ser um bom sinal. De qualquer maneira, o vendaval não podia durar eternamente. Procuro estar em dia a respeito da situação climatológica, e as visões terríveis do esquentamento global podem espantar as pessoas menos medrosas do que eu. Ainda assim não havia ouvido ninguém dizer que em um breve prazo de tempo as montanhas da Noruega seriam açoitadas por contínuos furacões. Em algum momento cessaria o vendaval. Nesta noite. Ou no dia seguinte. Ou talvez no domingo.

O nome de Cato Hammer em letras vermelhas sobre o papel branco parecia ter ficado fosforescente. Pisquei, movi a cabeça e voltei a

encher a xícara de café. O pecado de Cato Hammer datava de muito tempo atrás. Deveria ter feito algo verdadeiramente ruim. Roar Hanson estava muito desequilibrado, talvez próximo de uma crise nervosa. As pessoas exaltadas podem dizer coisas muito estranhas. Suas desconexas e incoerentes histórias estavam cheias de tormentos religiosos, e hei de admitir que não teria feito muito caso, se não tivesse contado com a informação que Magnus Streng havia me dado, sobre o histórico médico de Cato Hammer. Havia demasiadas coisas que encaixavam, já não tinha dúvida alguma. Mas não me ajudavam muito.

"Acredita em vingança? Acha que é ético vingar uma grande injustiça?" Ao fechar os olhos, me lembrei das palavras de Roar Hanson. Dissera-as assim, literalmente, em nossa última conversa; foi como me lembrei da sua voz aguda e exaltada: "Acredita em vingança?". O fato de formular essa pergunta precisava significar que ele mesmo tinha dúvidas a respeito. Ao menos havia entendido o plano. O que por sua vez sublinhava a gravidade do que em sua opinião era culpado Cato Hammer. "Avareza e traição", dissera. A avareza está relacionada com dinheiro. Com bens. Com o deus dinheiro. A avareza é um pecado mortal para os católicos. Mas não provoca muita reação em uma sociedade na qual ninguém mais se estremece por ela, e talvez até desperte aqui e ali alguma aprovação. Apanhei a caneta vermelha e escrevi "Avareza" sobre a linha do tempo. Traição? Obviamente se és avarento podes trair alguém.

Talvez Roar Hanson quisesse dizer que a vítima da avareza de Cato Hammer se encontrava em Finse. Se eu estava certa, Cato Hammer não devia ter se dado conta até várias horas depois de chegarmos ao hotel. Que estranho. Imaginei-o pelas salas e salões do edifício, cumprimentando e conversando a torto e a direito. Em seguida eu havia reparado que Cato Hammer era o que melhor havia formado uma ideia do grupo, ainda que tivesse errado com a mulher do hiyab. O enfrentamento entre Kari Thue e Cato Hammer fora aproximadamente as quinze para as oito. Então já estávamos há várias horas em Finse 1222. Pelo menos muitos de nós. Os últimos não haviam sido resgatados do trem antes das cinco, mas em todo caso Cato Hammer

tivera ocasião de conhecer à grande maioria antes das oito. Ainda assim estava de muito bom humor. Se Roar Hanson tinha razão, de que entre nós havia ao menos uma pessoa com motivos para matar Cato Hammer, por que a própria vítima não sabia? Ao menos não soubera antes da reunião, que teve lugar as dez. E tampouco era certo que a sua mudança de ânimo tivesse algo a ver com isso. Mas no momento decidi supor que tinha alguma relação.

Peguei na folha de papel e amassei-a. Em uma folha limpa escrevi: "O assassino não se deixou reconhecer imediatamente". Em seguida fiquei um tempo contemplando o texto. "Assassino. Autor do crime", pensei. Também poderia se tratar de uma mulher. Talvez. Nesse caso teria que ser forte. Matar com um pingente de gelo exigia força, além de técnica, ainda que jamais tivesse parado para pensar de como se utilizaria água congelada para matar. Não precisaria ser exatamente um pingente de gelo. Mas havia muitos indícios de que fora um pingente de gelo. Mas se o homicida dispunha de uma arma de fogo, a maneira mais simples de matar, por que não a havia empregado de novo? Se mataram Roar Hanson com um pingente de gelo ou qualquer outro objeto com forma de lança, por que não haviam lhe dado um tiro? Meti a mão no bolso lateral da cadeira e apanhei a caixa de Paracetamol. Tomei três comprimidos com café.

Cato Hammer foi assassinado ao ar livre, Roar Hanson no sótão. Geir acreditava que o assassinato fora cometido no quarto dos cachorros. Não havia nenhuma marca de sangue diante da porta. De fato, todo o sangue estava concentrado onde Berit e ele encontraram o cadáver. Um fora. Outro dentro. A ferida da perna continuava doendo. Não entendia. Surpreendi a mim mesma tentando levantar a perna. A única coisa que os lugares dos crimes tinham em comum era que ficavam afastados. O risco de se encontrar alguém lá fora, em plena noite e com semelhante vendaval, ou em um quarto fechado com chave onde havia um pitbull, era mínimo. Sobretudo se o assassino havia observado a frequência com que o dono do cachorro visitava o animal. Mordi a caneta com tanta força que arranhei o metal.

"Ambas as vítimas foram voluntariamente para o matadouro", escrevi; em seguida coloquei uma vírgula após a última palavra e adicionei novas: "Ambas as vítimas foram voluntariamente para o matadouro, no lugar do encontro...". Não podia ter acontecido de outra maneira. Cato Hammer havia concordado em sair do hotel para se encontrar com alguém apesar do frio, o que significava que tanto o assassino quanto Cato Hammer queriam que o encontro fosse levado a cabo em um lugar discreto. Mais ainda assim era difícil entender por que Roar Hanson havia concordado com algo assim. Era óbvio que temia esse encontro, pois havia pedido insistentemente ao seu companheiro de quarto que o esperasse acordado. Perguntava-me o que teria feito Sebastian Robeck se tivesse acreditado e não tivesse adormecido. Imaginei que a explicação estaria em algo que eu não podia entender: a religião.

A religião.

Bobagem. Não podia entender por que esse homem havia ido se encontrar com alguém que segundo ele havia matado Cato Hammer, sem nenhum tipo de proteção, em um quarto do sótão onde ninguém poderia ir em sua ajuda. Queria dar uma oportunidade ao assassino? Penitência ou perdão? A caneta estava ficando sem tinta, e chiava enquanto eu escrevia. "Roar sentiria simpatia pelo autor do crime?" Talvez eu tivesse razão. Talvez no interior de Roar Hanson ainda houvesse suficiente vocação religiosa para assumir o papel de guia espiritual, por mais estúpido e ingênuo que parecesse ser tentar salvar um assassino.

Depois de que o vagão caíra sobraram cento e dezoito pessoas no hotel. Desde então haviam chegado quatro hóspedes secretos, mas estavam fechados no sótão e não deveria contar com eles. Já que tanto Steinar Aass como Roar Hanson estavam mortos, e eu continuava me considerando inocente, o número de possíveis culpados havia se reduzido para cento e quinze. E se retirasse todos os menores de quinze anos, sobravam noventa e sete. Noventa e sete suspeitos. Muitos. Se me guiasse por estas vacilantes conclusões, baseadas nos métodos e lugares

de ambos os crimes, precisaria procurar uma pessoa forte, rápida, com acesso a uma arma de fogo e cuja história pudesse despertar a empatia de um pastor da Igreja. Além disso, a pessoa em questão deveria sentir um ódio muito grande para matar Cato Hammer, e ter uma vontade de sobrevivência suficientemente forte para assassinar Roar Hanson a fim de não ser descoberta.

Estava indo muito longe, claro. Muito pouco profissional de minha parte. Os curdos tinham armas de fogo. Mikkel era forte e ágil. Sem dúvida Kari Thue tinha uma personalidade que a fazia capaz de odiar. Quase todos teriam despertado a compaixão de Roar Hanson, ao menos em um dia ruim. Não conseguia resolver esse caso. O melhor seria me ocupar de meus assuntos, cruzar os dedos e esperar a polícia.

Mas, decidi ir em busca de Adrian. Queria saber o que havia lhe dito Roar Hanson quando eu, irritada porque o rapaz me trouxera batatas fritas com sabor de pimenta, não havia captado por que ele tratava com tanta agressividade o pálido pastor com uma branca secreção nas comissuras dos lábios. Ao menos o tempo passaria mais rápido.

* * *

Por uma razão ou outra me senti decepcionada com o que vi ao voltar à recepção. Kari Thue e Mikkel falavam em voz baixa, sentados à longa mesa. A recepção estava tão cheia de gente que não notaram a minha chegada. Suas cabeças se tocaram em um gesto de cumplicidade do qual não gostei nada. Kari Thue estava sentada na cabeceira da mesa, Mikkel de costas para mim. Claro, não devia me intrometer. Que Mikkel tivesse me salvado a vida e além disso começasse a se comportar de um modo quase decente não o convertia em uma pessoa com a qual se pudesse contar. Ao contrário, ocupava um dos primeiros postos na minha lista de suspeitos de ter matado Cato Hammer e Roar Hanson. É verdade que a lista era muito longa e que não tinha mais indícios contra o jovem que sua força e agilidade, ainda assim Mikkel, o do lenço, não era meu amigo. De repente se levantou tão bruscamente que a cadeira

caiu. Não consegui ouvir o que disse, mas o gesto do dedo foi muito claro. Sorri. Kari Thue apanhou apressada um livro, e em seguida pareceu tão imersa na leitura que comecei a duvidar do que acabava de ver. Mas continuei sorrindo. Mikkel estava tomando algumas importantíssimas decisões em sua vida.

* * *

— Adrian. *Adrian!*

O rapaz nem sequer se dignou a se voltar para mim. Estava sentado com Veronica no chão entre a porta da cozinha e o armário de estilo rústico. Não reconheci o jogo que os mantinha ocupados. Havia um monte de cartas espalhadas pelo chão formando um estranho desenho, algumas delas para cima. Veronica tinha muitas mais cartas na mão que Adrian, o que me pareceu desagradável, mas uma acertada imagem da relação entre eles. Já não a via tão jovem como no princípio, e me parecia muito estranho que pudesse obter algum prazer ao estar com um rapaz de quinze anos. Ainda que, melhor dizendo, não fosse prazer o que sentia. Talvez ele fosse útil. Ou talvez necessário; a atitude de Veronica com o próximo fazia com que eu parecesse uma pessoa alegre, sociável e aberta. Adrian era o único de todos os passageiros do trem acidentado que desde o primeiro momento não havia evitado esse ser vestido de negro.

— Adrian, repeti quando já estava ao seu lado. — Preciso falar consigo.

— Esqueça, grunhiu.

Certamente Adrian e eu havíamos tido nossas diferenças, mas o rapaz devia ser hipersensível se pensava que nossas brigas justificavam esse comportamento. A única explicação que me veio foi a de que Veronica o tivesse colocado contra mim.

— Vamos, disse tranquilamente. — Preciso falar consigo, de verdade.

— Mas eu não quero falar consigo.

A mulher estudava as suas cartas. Colocou uma dama de copas no chão, antes de apanhar duas das que estavam para cima. Dois ases. O rapaz maldisse com veemência, e colocou um sete de espadas em cima da dama.

— O que estão jogando? Perguntei. Nenhum dos dois me respondeu. Fiquei uns minutos observando esse jogo que se me parecia cada vez mais absurdo.

— Vai ficar aí muito tempo? Perguntou-me Adrian sem me olhar.

— Sim, respondi. — Ficarei aqui sentada até que esteja disposto a falar comigo.

— Tome, bufou, colocando com violência o ás de paus sobre o nove de ouros que Veronica acabara de jogar. No momento que o rapaz ia apanhar as cartas, Veronica colocou uma mão sobre a dele.

— Espere um pouco, disse com essa voz grave que contrastava tanto com o seu frágil corpo. — Olhe! Colocou quatro duques um após outro no chão, deu um leve sorriso e apanhou todas as demais cartas.

— Paris, disse ela.

— Merda! Exclamou Adrian. Joguei muito cartas durante toda a minha vida, mas esse era o jogo mais idiota e incompreensível que havia visto. — O que quer? Murmurou Adrian levantando com dificuldade.

— Falar consigo. A sós. Já no trem o rapaz cheirava mal. Agora, o aroma que desprendia desse corpo era tão desagradável que franzi o nariz e retrocedi.

— Não tenho quarto, sabe? E tampouco banheiro, certo?

— Que bobagem! Você mesmo escolheu dormir no parapeito da janela. E ainda que não queira um quarto, nada impede que tome uma ducha. A qualquer momento.

— Não tenho roupa limpa, murmurou o rapaz. — Não sei para que vou tomar banho então.

— Venha comigo, disse aproveitando que se sentia tão envergonhado que não podia se negar.

O cheiro era tão forte que não podia suportar a ideia de me fechar com ele no pequeno escritório. Em lugar disso me dirigi até o pequeno refeitório, que continuava vazio. Kari Thue já não estava sentada à mesa. Fiz um gesto até uma das cadeiras. Adrian se sentou, mal-humorado e reticente.

— Está bem? Perguntei colocando a minha cadeira tão próxima de seus joelhos que não poderia se levantar sem me empurrar. Fez uma careta que seguramente significava que me ocupasse de meus próprios assuntos. — Adrian, não sei o que fiz para aborrecê-lo tanto assim. Você decide com quem quer ficar aqui, mas dentro de pouco virão nos buscar. Quando isso acontecer, não creio que Veronica possa ajudá-lo tanto quanto eu. Eu sou...

— Está me chantageando?

Por um instante me olhou nos olhos. Estava a ponto de começar a chorar. A boca tremia e de repente deu um soco ao ar com a mão direita. Não acho que fosse sua intenção me alcançar, mas me golpeou o joelho com força.

— Desculpe, disse retirando a mão apressado. — Não era minha... Desculpe, certo?

— Não importa. Não sinto nada.

Perguntei-me como seria o seu cabelo debaixo daquele maldito gorro. Como se tivesse lido o meu pensamento, retirou-o e o colocou sobre os joelhos, antes de começar a coçar energicamente a cabeça com os entumecidos dedos de ambas as mãos.

— O que quer? Murmurou por fim recolocando o gorro de lã.

— Por que se aborreceu tanto com Roar Hanson, Adrian?

— Era um asqueroso!

— O que tinha de asqueroso?

— Não viu por quê? Aquela boca repelente! Cheirava mal, e... Repensou e olhou para chão. — Deu em cima da Veronica.

— Isso já me disse. Que idade tem Veronica?

— Vinte e quatro. Esse pastor era um porco que gostava de garotinhas.

— Não me parece que Veronica seja uma criança, com vinte e quatro anos. Se o homem tinha esse tipo de preferências, temos aqui um montão de jogadoras de handebol de quatorze anos.

— Elas não têm nem peitos!

— Por isso mesmo, disse secamente. — Se realmente Roar Hanson preferisse jovens muito jovens, gostaria delas sem peitos. Mas não era o caso, Adrian. Não teremos nenhuma base para afirmar isso. É muito esperto para acreditar nessa merda.

— Mas ele deu em cima da Veronica! É verdade! Eu vi. E ela não era a única que achava esse tipo repugnante. Duas mulheres do salão da lareira também o mandaram para o cacete.

— Com essas palavras?

— Não exatamente, mas também deu em cima e elas mudaram de lugar várias vezes. O quê... Quê... Não encontrou o palavrão apropriado.

— O quê ele lhe disse? Perguntei enquanto continuava pensando.

— O quê me disse? Mas se eu não falei com esse tipo!

— Sim. Ontem de manhã. Depois que esteve na loja para me comprar batatas fritas e a Coca-Cola. Disse que se afastasse da bebida, ou algo assim. Não ouvi muito bem, porque estava distraída com as batatas sabor pimenta, do qual não gosto.

Adrian estava sentado imóvel, com o olhar perdido. Era como se o esforço de lembrar o confundisse. Talvez não estivesse totalmente sóbrio; pareceu-me que cheirava um pouco a bebida. Na primeira manhã havia suspeitado que Veronica trouxera bebida. Com certeza me equivocava. Pelo que pudera observar, a jovem não bebia. Sempre estava com uma garrafa de água com gás, inclusive à noite.

— Não me lembro, disse ajeitando o gorro. — Mas com certeza que não disse para me afastar da bebida.

— Sim, disse..

— Me disse: Fique longe.

— Fique longe? Isso foi tudo?

— Sim.

— Fique longe como que: saísse do caminho dele?

— Não exatamente. Seu corpo se moveu para frente ao dizer essas palavras, e eu retrocedi na cadeira.

— Que estranho que eu não ouvisse, disse desconcertada. Adrian fez uma careta de indiferença.

— Não tenho a culpa de que escute mal. Deu por terminada a conversa. Como não podia se levantar estando eu sentada tão próxima, tentou me empurrar.

— Espere um pouco, disse. — Tenho mais perguntas.

— Mas eu não tenho mais respostas.

— Por que dorme no parapeito, Adrian? Enrubesceu visivelmente. Na pele lisa de seu rosto apareceram umas pequenas manchas rosadas.

— Dá no mesmo, certo?

— É porque Veronica não o quer em seu quarto, não é? Agora estava com todo o rosto vermelho.

"Ao menos Veronica tinha uma espécie de decência", pensei, se nunca havia tocado no garoto. Colocava claros limites aos sonhos dele.

— Parece, sussurrou Adrian tossindo, — Parece-me bem ficar próximo de você, ao menos à noite.

Essa resposta foi tão surpreendente que não pensei noutra coisa a não ser sorrir. Seu rosto ensombreceu. E quando mais uma vez tentou se levantar, deixei. Havia mentido sobre o que Roar Hanson havia lhe dito, mas não conseguiria arrancar nada mais. Ao menos no momento.

Como outros experimentados mentirosos, havia se movido muito próximo da verdade, o que fora muito inteligente, mas Adrian havia me proporcionado mais uma peça do quebra-cabeça, sem notar que só me fazia falta um pedacinho de céu para formar os contornos da paisagem final. Além disso, comecei a entender por que mentia. Não era algo agradável, mas se eu estivesse certa, ao menos estava a caminho de alguma solução. Uma espécie de meta, talvez.

Mas ainda não sabia muito bem.

Eram cinco e cinco da tarde, e ainda faltavam quase duas horas para o jantar. Sentia-me faminta e entupida de cafeína. Estava farta de café, de mim mesma e de meus pensamentos incoerentes. Quando Adrian se levantou e se foi, tive a sensação de estar me aproximando de algo, mas já não estava tão certa. Em todo caso, me faria bem uma pausa. Fui com a cadeira até o Milibar. Meus únicos acompanhantes eram os curdos. Para começar era difícil entender por que não se retiravam para o seu quarto. Nunca falavam com ninguém. As pessoas não se dirigiam a eles. Entre eles, trocavam de tempos em tempos uma ou duas palavras, e sempre em uma língua que eu era incapaz de identificar. Unicamente durante o jantar da noite anterior havia observado algo que poderia se chamar de uma verdadeira conversa. Agora haviam se sentado, cada um com seu copo d'água, no sofá amarelo que na realidade pertencia ao Salão Azul. Ainda que eu havia deixado muito claro que não pensava em dormir, Berit havia colocado o sofá ali. "Se você pensar melhor", disse com um sorriso antes de prosseguir o seu caminho.

Um dos ajudantes do cozinheiro saiu pela porta giratória da cozinha com uma grande porção de bolinhos recém-feitos. Fiquei com água na boca, literalmente. O cozinheiro me sorriu e ofereceu um bolinho antes de deixar a porção sobre a mesa da máquina de chocolate quente e voltar velozmente à cozinha. Apanhei dois.

— Delicioso, murmurei sorrindo para um homem de pele escura. Os bolinhos estavam tão quentes que fumegavam. O homem concordou com a cabeça, mas não se levantou para apanhar um. A mulher tinha quase sempre o olhar baixo, só de tempos em tempos olhava de rabo de olho ao seu ao redor.

— O vendaval está a ponto de diminuir, disse enfiando os dentes no segundo bolinho. O vento amainou e a temperatura subiu. O homem fez um gesto apenas visível. A mulher continuou inalterável.

Os alemães passaram a caminho do edifício anexo. Estavam fartos. Um dia e uma noite no meio de um furacão havia sido espetacular, uma

experiência única que lhes daria muito que falar. Mas o terceiro dia de isolamento já nada era novo ou emocionante. Seu desassossego não seria menor, agora que Berit havia reduzido a venda de cerveja. As torneiras não seriam abertas antes das seis da tarde. Era a terceira vez em menos de vinte minutos que via os três mudarem de lugar sem motivo aparente.

Levando em consideração todos os acontecimentos desses dois dias, o ambiente que se respirava no hotel continuava me surpreendendo. Cada vez que acontecia algo as pessoas demoravam menos para se tranquilizar. De fato a maioria parecia se irritar, mas havia se adicionado uma espécie de paciência à irritação. Uma resignação ante o estado de coisas, uma silenciosa convicção de que tudo voltaria ao seu lugar se aguentássemos outras vinte e quatro horas na montanha. O breve vislumbre do tempo atmosférico normal que havíamos visto sobre o lago Finse havia contribuído, claro, ainda assim me fascinava como os hóspedes se distanciavam aparentemente de suas terríveis experiências e do fato de que duas pessoas tivessem sido assassinadas. Tinha a sensação de ser a única que temia a noite que nos esperava; a única que se inquietava ante o fato de que o assassino continuasse solto, sem que pudéssemos saber se tinha planos de agir mais uma vez. E que os membros sobreviventes da comissão da Igreja estatal tivessem recomeçado o torneio de bridge seria um pouco de mau gosto. Por outro lado, a todos caía bem um pouco de paz e ordem.

Não via Kari Thue em nenhum lugar, menos mal. Mikkel e sua gangue haviam voltado a tomar posse da Taberna de Saint Paul, onde escutavam música um tanto adormecidos. Mikkel estava sentado com as pernas em cima da mesa e um notebook sobre os joelhos. A julgar pelo ruído mecânico que fazia e os movimentos bruscos sobre o teclado, estaria ocupado em algum game de corrida.

— Escutem todos, por favor!

A voz de Berit havia se fortalecido desde que há duas noites atrás havia nos comunicado que não tínhamos nada a temer. Agora era

ouvida em todas os lugares, inclusive os jovens na Saint Paul despertaram sobressaltados de sua letargia e se inclinaram para frente.

— O vento amainou um pouco e a temperatura subiu para dezenove graus abaixo de zero. Não existe nenhuma possibilidade de que venham nos resgatar ainda hoje, mas acredito que deveríamos nos preparar para sermos evacuados amanhã. Já que também está nevando menos que os últimos dias, peço voluntários para abrir caminhos na neve. Na entrada principal já temos...

Desejei ser a única que havia notado a vacilação. Só os que estávamos embaixo sabíamos que a parte da entrada havia sido escavada nessa mesma manhã.

— ... Johan limpou a entrada principal nesta manhã, quando o vento começou a diminuir, prosseguiu após uma pausa para respirar. Gostava de Berit cada vez mais. — Mas é preciso ampliar o acesso. Além disso, devemos deixar livres todas as saídas de emergência. Até agora deixamos que a neve as cobrisse, o que é totalmente proibido. Os que estejam dispostos a dar uma mão que se encontrem com Johan, que está na garagem de esquis. Podemos fornecer roupas e botas.

Três homens se puseram de pé de um salto. Uma das jovens da equipe de handebol, levantou educadamente a mão.

— Eu também posso?

— Só adultos. Berit sorriu. — Continua fazendo mal tempo. Muita agradecia de qualquer maneira.

Mikkel fechou o notebook e o pôs em cima da mesa. Em seguida se levantou e colocou o dedo indicador no peito de dois de seus fornidos subordinados. Estes se levantaram sem reclamar e o seguiram em direção da garagem de esquis. Nenhum dos três se dignou a me olhar ao passar ao meu lado.

— Imagino que não deva me candidatar a colaborar neste trabalho, disse Magnus com um leve sorriso. Colocou-se ao meu lado, mas não sentou. — Gostaria de ter uma conversa consigo. Olhou de rabo de olho ao casal muçulmano, que continuava aferrado aos seus copos d'água e não havia tocado nos tentadores bolinhos. — A sós, adicionou com um murmúrio.

Os curdos não fizeram gesto de sair. Que continuassem ali sentados nesse ambiente tão pouco amável que os havia rodeado, desde o acidente de trem, só podia significar uma coisa: Havia interpretado corretamente Severin Heger quando me olhou nos olhos demasiado tempo antes de descer correndo atrás de Berit e se fechar no sótão. Ao menos isso era o que eu esperava.

— Vamos até o escritório, disse me afastando lentamente do Milibar.

— Nesta manhã me perguntou pelo Fundo da Agência de Informação, disse Magnus Streng. Estive pensando nisso.

Havia apanhado três bolinhos da cesta ao sair do Milibar e me deu um. Devorei-o em quatro dentadas. Nem sequer os de Mary poderiam competir com aqueles. Os bolinhos eram deliciosos, tinham algo que devia de ser doce de framboesa e creme de baunilha oculto na massa como uma deliciosa surpresa. Observei Magnus com grande interesse.

— Me lembrei de algo, disse engolindo um pedaço do bolinho. — Algo que aconteceu no Fundo da Agência de Informação. Não me lembro exatamente quando, mas no mínimo terá uns oito anos. Na época Cato Hammer trabalhava ali.

— Como sabe disso?

— Porque... Pelo forte e anguloso queixo desceram marmelada e creme. — Foi ali onde as pessoas começaram a prestar atenção nesse homem, disse olhando ao redor em busca de algo com que se limpar.

— Eu não, apontei, lhe dando uma toalhinha úmida que guardava no bolso lateral da cadeira. Encolheu os ombros ao mesmo tempo em que desdobrava a toalhinha.

— Bem. Talvez você não. Mas que eu me lembre, esse caso foi... O seu debut nos meios de comunicação, por assim dizer.

— Que caso? Perguntei um tanto impaciente.

— Aquela malversação de fundos, disse se limpando depressa por debaixo do queixo.

— Cato Hammer responsável de malversação de fundos? *Malversação de fundos?*

— Eh, não! Pare o carro! Fez uma bola com a toalhinha e a deixou ante ele sobre a mesa. Foi uma funcionária. Uma mulher com problemas psíquicos; entrelinhas podia se ler que se tratava de uma tragédia. Um caso de cleptomania combinada com obsessões religiosas e debilidade mental. Ao menos isso é o que se falou. Entrelinhas, como disse.

— Uma má combinação, comentei levantando as sobrancelhas. — Mas que demônios Cato Hammer tinha a ver com isso?

— Colocou-se como porta-voz do assunto ante os meios de comunicação. Pode imaginar que aquilo seria uma bomba para a Igreja. A Igreja do povo, o dinheiro do povo. E não se tratava precisamente de centavos. Se não me lembro mal, eram uns três milhões de coroas. Algo assim. Muito dinheiro. Desde então na Noruega temos assistido a um monte de casos de corrupção e roubos dos bens comunitários diariamente. Mas isso aconteceu em uma época em que casos dessa índole eram ainda muito raros.

— Ou em uma época em que o descoberta desses casos era ainda pouco frequente, corrigi.

— Com certeza, concordou . — Cato Hammer se ocupou de tudo. Devia ser um diretor, tal como se disse quando falaram daquilo, só que não me lembro. Ao menos admitiu tudo, não em seu nome, mas no da instituição. Desculpou-se profunda e sinceramente pelo ocorrido e prometeu uma exaustiva investigação da organização para se assegurar de que nunca mais voltasse a acontecer algo parecido. Enquanto isso mostrou uma grande preocupação e respeito pela pobre mulher. Protegeram a sua identidade, seu nome jamais se fez público e ao final o caso caiu no esquecimento.

— Caiu no esquecimento? Não houve nenhuma investigação?

— Imagino que sim. Mas a mulher estava gravemente doente, e é provável que a imprensa não quisesse mexer...

Começamos a rir ao mesmo tempo, ele muito ruidosamente e durante um bom tempo.

— Não, disse secando as lágrimas. — Algo deve ter saído na imprensa. Mas já lhe disse que foi há quase dez anos e não me lembro dos detalhes. Mas de Cato Hammer recordo perfeitamente. Um par de jornais da capital publicaram em seguida artigos sobre ele, e foi convidado a vários programas de televisão. Em menos de uma semana ostentava a imagem do chefe atento e considerado. Um magnífico representante da mensagem de amor da Igreja, o tal Cato Hammer. Foi mais ou menos na época na que os obscurantistas da Igreja do Estado saíram à luz para vetar os pastores homossexuais. Cato Hammer era exatamente o que a Igreja do povo precisava, em uma época em que as pessoas começavam a abjurar em sinal de protesto. Dócil, amável e adequadamente simples. Foi nomeado pastor alguns uns meses mais tarde.

— Que memória você tem.

— Treinei-a desde a minha mais terna infância! O cérebro é um músculo, sabia? Não literalmente, claro. Mas vale a pena mantê-lo em muito boa forma! Estalou a língua satisfeito e apanhou a folha de papel amassada em forma de bola que estava sobre a mesa.

— Traição e avareza, murmurei.

— Como?

Levantou a vista, com a mão sobre a bola. Acabava de apanhar uma xícara de café vazia e tentou encestar nela a minúscula bola. Não conseguiu, mas não se deu por vencido.

— São palavras de Roar Hanson, disse. — Relacionou-as com um episódio ocorrido no Fundo da Agência de Informação. Mas não parece que... Pelo que contou não parece que Cato Hammer...

— Fosse culpado nem de traição nem de avareza, concluiu ele aproveitando uma brevíssima pausa. — Bem ao contrário, diria eu.

— A menos que... Calei-me.

— A menos...?

— Nada. Lembra-se...? Lembra-se de como se chamava essa mulher?

— A culpada? Não. Riu brevemente e encestou por fim a bola de papel dentro da xícara. — Tudo tem um limite, disse. — Inclusive a minha memória! Não posso me lembrar de um nome que nunca veio a público! Voltou a se concentrar nesse pequeno jogo que havia inventado.

Veio-me à cabeça uma ideia, mas não fui capaz de captá-la totalmente. Além disso, alguma coisa estava diferente, e isso me distraía. Algo havia mudado radicalmente.

— Escute, disse em voz muito baixa, ladeando a cabeça.

— Sim? Respondeu Magnus amavelmente, me olhando. — O que devo escutar?

— Algo que já não está, respondi. Reinava um silêncio quase absoluto.

O som do vento ainda conseguia atravessar as sólidas paredes do hotel, mas já havia desistido da tentativa de destruir Finse 1222. O barulho soava longe e atenuado, como se não fosse mais conosco. Estávamos sãos e salvos aqui dentro, atrás de umas paredes que estavam há mais de cem anos dando cobertura aos seres humanos. O estranho e torcido edifício havia sido testemunha de muitas idas e vindas durante quase uma eternidade, e aparentemente não havia sofrido grandes danos. Desta vez havia ficado bem próximo da destruição. Os danos demorariam a serem reparados. Mas esse hotel situado na estação mais alta da estrada de ferro entre Oslo e Bergen havia resistido ao furacão, fim para o qual fora construído e pelo qual nós havíamos nos salvado. Magnus e eu ficamos calados durante vários minutos, enquanto sentíamos como amainava o vento. As janelas do pequeno escritório estavam completamente cobertas de neve. Não podíamos ver a mudança, só ouvi-la e captá-la com todos os sentidos que não fossem os olhos.

— Maravilhoso, murmurou Magnus em um tom eufórico, quase religioso. — Amanhã poderemos voltar para casa.

Suas palavras me arrancaram de uma embriaguez quase física. Um sólido chute de endorfinas havia me proporcionado uma desconhecida sensação de felicidade, simplesmente porque o tempo estava a ponto de melhorar. A sensação desapareceu quanto Magnus Streng começou a falar.

— O que aconteceu? Perguntou com voz preocupada e amável, quase carinhosa.

— Isto não será fácil, respondi.

— Desculpe, mas não entendi, disse ele com voz apagada. Uma profunda ruga lhe marcou no nariz.

— Não precisa pedir desculpas, me apressei a dizer. — É só que não vejo como poderemos sair daqui amanhã.

— Mas o vendaval... Disse, agitando o braço esquerdo. — Está diminuindo...

— A polícia não permitirá que nós possamos ir embora, disse.

— Não permitirão...? O que quer dizer?

— Entre nós existe um culpado de dois assassinatos. Seria um péssimo trabalho policial permitir que as pessoas saiam daqui sem terem verificado todas as pistas, interrogado a todos, e... Respirei fundo.

— As pessoas gritarão, disse Magnus sem levantar a voz. — Revolução. Motim. Ninguém neste hotel, exceto talvez você, eu e as pessoas de Finse, aceitarão que os prendam aqui...

— Exato, disse.

— E o que podemos fazer para remediar?

Morria de vontade de voltar para casa. As costas me doíam e não conseguia respirar fundo. Sentia como se uma pinça me oprimisse o peito; isso me lembrou do porquê de minha viagem no trem que terminou descarrilando: ia me consultar com um especialista norte-americano sobre esses problemas que sofria.

— Não sei, respondi sem alento. — Mas ao menos servirão mais rapidamente o jantar.

Magnus Streng se levantou e deu a volta à mesa. Em seguida segurou minha cabeça entre as mãos grandes e chatas e me deu um beijo leve e fugaz na testa. Sem me soltar o rosto, olhou dentro dos meus olhos.

— Hanne Wilhelmsen, disse com ar risonho. — Uma pessoa com o seu apetite não pode nunca ir mal de verdade. Venha, vamos convencer Berit de que nos sirva um pequeno aperitivo. Não consegui uma bebida antes, quando tanta falta me fazia. Agora cairá muito melhor.

Quando abriu a porta e passou diante de mim em direção à recepção, não me pareceu que caminhasse se contorcendo.

* * *

Estou muito acostumada à comida tradicional. Quando recebi o tiro, deve ter se operado uma mudança drástica de em meu metabolismo, porque perdi vários quilos, e desde então me mantenho magra, apesar de um apetite que às vezes pode irritar tanto aos demais como a mim mesma. Mary é uma verdadeira maravilha na cozinha. Porém, nunca havia tomado uma sopa de couve-flor tão boa como a que foi servida como primeiro prato em Finse 1222 na sexta-feira 16 de fevereiro de 2007. Pequenos pedaços de couve-flor, a verdura mais aborrecida e insípida de todas as que são utilizadas na cozinha norueguesa, flutuavam em uma sopa tão saborosa e rica que me perguntei como era possível que algo tivesse tanto sabor.

— Uma sopa incomparável, disse Magnus pedindo que lhe servissem mais. — O ar da montanha abre o apetite, acho. Meus cumprimentos ao cozinheiro uma vez mais. Piscou um olho ao garçom, que lhe devolveu um sorriso.

Deixei a colher. De novo havia deixado que me descessem pela escadaria a fim de jantar no refeitório. Em geral havia aceitado mais ajuda das pessoas durante as últimas vinte e quatro horas, do que em todos os quatro anos anteriores somados. Berit, Geir e Johan também estavam sentados à mesa. Como no dia anterior. Já estávamos criando rotinas.

— E que aspecto tem tudo no exterior? Perguntou Magnus entusiasmado. — Já podem avaliar os danos? Geir e Johan haviam passado fora as últimas horas. Pareciam extenuados; Geir comia meio adormecido.

— É estranho, disse Johan sorvendo ruidosamente a sopa. — Estranhíssimo. A maior parte dos edifícios desapareceu.

— O furacão os levou? Perguntou Magnus expectante.

— Não. Ainda devem estar ali. Abaixo da neve. Geir olhou abobado o prato.

— Pelo visto neste ano não virá nenhuma família passar as férias de inverno aqui. Gostaria de deixar que o verão faça o trabalho de retirar toda a neve. O que seguramente significa que teremos que esperar até agosto. Bocejou longa e desinibidamente. — Conseguimos desenterrar a máquina limpa-neves, prosseguiu. — Esse jovem, Mikkel, é um fenômeno. Amanhã poderemos começar a limpeza da plataforma. Já quase não neva. O vento ainda atrapalha, mas amainou muito.

— Ao Ferrocarril Nacional Norueguês, espera um trabalho do cacete para reparar as vias, murmurou Johan. — Mas esse não é meu problema.

— Isso significa, perguntou Magnus limpando meticulosamente a boca com um enorme guardanapo, — Que nos retirarão daqui de helicóptero? Johan concordou com a cabeça.

— Imagino que os primeiros serão evacuados amanhã na primeira hora.

Eu continuava estranhando que ninguém lembrasse do fato de que haviam se cometido dois assassinatos.

— Que ambiente se respira no edifício de apartamentos? Perguntei.

— Não sei, respondeu Johan com um sorriso torcido; se inclinou para frente e murmurou, — Levando em conta o que disse aquele tipo... Sobre a situação de lá, me pareceu mais seguro deixar que continuem isolados um pouco mais. Só nos faltaria que essa panda interrompesse no hotel. Quando fui ao depósito da Cruz Vermelha para apanhar o telefone via satélite pude ver que não fizeram nenhuma tentativa de retirar a neve para sair. Tampouco fizeram para entrar, por certo. Riu entre dentes e sacudiu a cabeça.

Magnus olhou aturdido ao seu redor. Johan devia ter se esquecido de que o médico miúdo era o único da mesa que não sabia nada dos quatro homens do sótão. Quando Berit viera nos dizer que alguém estava retirando a neve para entrar no hotel, ele estava também no escritório, mas ninguém lhe havia dito de quem se tratava. Nem perguntara. E tampouco o fez agora.

— Todo bem? Perguntou sorrindo o garçom para Magnus, que no mesmo instante recuperou a sua habitual jovialidade.

— Estou desejando que chegue o prato seguinte, disse se servindo de mais vinho.

— Apanhou o telefone via satélite? Perguntei a Johan tentando não parecer muito interessada. — Isso significa que já podemos nos comunicar com o mundo exterior?

— Assim deveria ser, reconheceu. — Mas ainda não consegui que funcione, e não entendi muito bem por quê. Mas conseguirei antes que caia a noite, com certeza. E, em todo caso, não é tão importante assim, pois os serviços de resgate sabem que estamos aqui.

Pelo rabo do olho vi Veronica entrar no refeitório. Adrian a seguia, balançando o rabo como de costume. A jovem parou, olhou ao seu redor e se sentou em uma mesa livre. Adrian se inclinou para ela. Ela lhe sussurrou algo ao ouvido. O rapaz assentiu com a cabeça. Veronica olhava fixamente para a mesa. A negra melena estava pendurada como uma cortina sobre o rosto, e não levantou a vista até que Adrian se virou

e sentou na cadeira livre. Agora não teriam que se preocupar em dividir a mesa com companhia indesejável.

A jovem havia passado mais maquiagem. Perguntei-me se era na verdade tão pálida ou se utilizava algum tipo de maquiagem de teatro. Na primeira noite seu aspecto havia tido certo estilo, ainda que absurdo, mas agora já não o controlava mais. A linha negra ao redor dos olhos já não estava tão nitidamente desenhada. Tinha o cabelo engordurado e já se via mais claramente a raiz castanha. Havia recuperado a camisa que havia emprestado a Adrian. Enquanto respondia às perguntas do garçom, tocava ansiosamente no logotipo do clube de futebol Vålerenga que estava sobre o estômago. Dava rápidos golpes. Ainda usava as meias vermelhas de Adrian. Veronica nunca trazia uma bolsa. Estranho.

No meu caso tenho vários bolsos em distintos lugares da cadeira de rodas, fazendo com que seja desnecessário eu carregar uma bolsa. Além disso, rara vez uso maquiagem. Quando podia andar, me ajeitava somente com os bolsos do casaco. As mulheres que se maquilam não podem andar sem bolsa. Kari Thue, por exemplo, nunca soltava aquela ridícula bolsinha com correias a modo de mochila. Segurava-a como se estivesse custodiando as joias da coroa. Olhei para a mesa onde haviam se congregado ela e seus partidários. Das cinco mulheres ali sentadas, quatro tinham bolsas que estavam penduradas do respaldo da cadeira ou colocadas aos pés de suas donas. Kari Thue havia deixado a dela sobre os joelhos. As mulheres levam muito a sério as suas bolsas. Ao menos quase todas. Mas Veronica não.

No meu prato havia um pedaço de carne de cervo. O molho era de uma cor marrom-escura, quase vermelha. De onde o cozinheiro teria conseguido aspargos frescos durante o vendaval era um enigma. Apanhei um com os dedos e o saboreei.

"Não estou entendendo", pensei, comendo-o depressa, tal como se deve comer um bom aspargo. Veronica tivera uma bolsa. Chupei os meus dedos, um por um. Tinha sabor de manteiga com um leve toque de parmesão. No bolso esquerdo trazia a lista de Adrian, a relação de

cinquenta e tantos passageiros e da bagagem que haviam trazido do trem. Pouco havia voltado a pensar nesses papéis desde que os vira pela primeira vez. Coloquei as folhas sobre os meus joelhos e as desdobrei. A bonita letra era fácil de ler. Agora sabia mais de meus companheiros de viagem, do que quando há dois dias atrás havia pedido ao rapaz que me fizesse a lista, e me surpreendi uma vez mais com a sua capacidade de observação.

Mulher magra com pouco cabelo e voz horrível: bolsa marrom-clara, quase amarela, que pode levar como se fosse uma mochila. Não parece pesar muito. Garoto. Ela o controla todo o tempo! Tipo gordo com cabelo engordurado. Maleta de notebook. Bandeira argentina na tampa.

— O que tem aí? Perguntou Magnus Streng. — Provou este molho, Hanne? Creio que é de amoras. E...

Apenas escutava. Meus olhos percorriam as folhas. Aqui está. Veronica. Era uma das seis pessoas anotadas por Adrian com nome. Veronica. Uma jovem genial com roupa gótica e camisa do Vålerenga: bolsa negra a tiracolo. Não é grande, mas um tanto pesada. Acho que traz uma garrafa (espero isso!)...

— A comida está esfriando, disse Berit apontando meu prato com o garfo. — Coma!

— Se tivesse algo valioso, disse dobrando cuidadosamente a lista antes de colocá-la no bolso, — Aqui, no hotel, quero dizer. Levaria consigo? Em uma bolsa, por exemplo? Ou o teria deixado em algum lugar? Escondido?

— Tenho armários que posso fechar á chave, respondeu Berit com um sorriso. — Tenho inclusive uma caixa forte. Por que me pergunta?

— Claro, disse tentando não parecer impaciente. — Mas e se fosse um dos hóspedes?

Berit colocou um grande pedaço de carne na boca e não respondeu até tê-lo mastigado e engolido.

— Creio que o teria escondido. Depende um pouco do tamanho, claro. Separei os dedos indicadores uns vinte e cinco centímetros. — Bem, não sei. Andar de um lado a outro com algo assim traz certo risco. Pode ter deixado nalguma parte. Imagino que é mais fácil roubar algo de uma bolsa do que de um esconderijo em um quarto do hotel. Por outro lado, aqui é muito fácil entrar nos quartos. Se pretender roubar, quero dizer. Contamos com a honradez da gente, e aqui na montanha funciona muito bem. Pode ser... Alguém a... Alguém roubou algo?

— Não. É uma ideia que me veio à cabeça. Nada, na realidade. Teria uma lista de todos os hóspedes? Com nome e endereço, quero dizer?

— Sim. Imagino que haverá algo a cobrar... Sorriu como se desculpando, antes de prosseguir. — A estadia e as refeições... Imagino que a companhia de seguros pagará, a do Ferrocarril Nacional Norueguês ou a de cada hóspede. Não sei. Por causa disso anotei os nomes.

— Pode me dar uma cópia dessa lista?

— Bem... Não sei se...

— Por favor. Pode ser muito importante.

Berit olhou para Magnus e em seguida para Geir, como se eles, em seus papéis de médico e advogado respectivamente, pudessem esclarecer se a lista estava sujeita a algum tipo de segredo profissional. Nenhum dos dois disse nada. Eu nem sequer estava certa de que imaginassem do que estávamos falando.

— De acordo, disse ela por fim. — Depois do jantar.

— Só uma coisa mais, disse, desta vez sussurrando. — Acha que poderia descobrir o que Kari Thue ia fazer em Bergen? E essa gente que a rodeia no trem, se já se conheciam antes. Se se dirigiam ao mesmo lugar, quero dizer.

— Você não pode perguntar?

— Não gostam de mim.

— E tampouco de mim!

— Mas na sua posição poderia camuflar a pergunta. Poderia dizer que...

— Certo, murmurou com a comida na boca. — Verei o que posso fazer. Em nossa mesa se fez silêncio.

Também Veronica e Adrian comiam em silêncio. Adrian molhou um pedaço de pão no prato de sopa, colocou-o na boca e esvaziou o copo de Coca-Cola antes de ter terminado de mastigar. Embaixo da mesa os pés vermelhos de Veronica se mexiam sem parar. Olhei-a durante tanto tempo que talvez tenha se dado conta. Levantou a vista de repente. Eu desviei os olhos para outro lado e vi que Kari Thue estava me olhando fixamente, e com muita menos discrição da que eu havia mostrado a Veronica. Mikkel, em quem não havia reparado até esse momento, vinha lentamente até nossa mesa. Em meio da sala vacilou, deu outro passo mais até nós e em seguida acelerou, deu a volta e correu para a escadaria que subia à recepção. Os dois jovens mais fortes de sua gangue voltaram a se sentar, vacilantes, à mesa, justo atrás de Kari Thue, como se não se atrevessem a seguir Mikkel sem a sua permissão.

Magnus Streng era insaciável. Comia sem parar. Gostava do homem. Gostava muito, mas não sabia muito bem por quê. Não conseguia entendê-lo. Era inusualmente amável e extrovertido, mas também tinha uma tendência muito particular a se ofender, como se levasse a si mesmo muito a sério. Inclusive em algumas vezes dava a impressão de estar apaixonado por si mesmo, ou ao menos de ficar encantado com seu intelecto superior e seus impressionantes conhecimentos e memória. Em um momento podia parecer malicioso, como quando havia sido incapaz de ocultar a esperança de que o povoado de Finse fosse destruído pelo furacão. Ao mesmo tempo mostrava interesse e preocupação por outras pessoas, e uma compreensão pela vida dos demais que me comovia. Magnus Streng era um homem que podia ser profundamente sério, uma qualidade bastante rara em nosso tempo.

Nesse momento pediu mais comida. A gordura do molho pousava como vaselina ao redor de sua grande boca. Tive que afastar o olhar

dele. Geir Rugholmen, em troca, era uma alma simples.

"Face value", dizem os americanos de gente como ele. De todos os adultos de Finse 1222, talvez era a única pessoa de quem poderia afirmar com toda segurança que não havia matado os dois clérigos. Geir era um homem bom, capaz de passar por alto muitas coisas e que dizia o que pensava. Imaginei que mentiria muito mal, simplesmente porque não veria o sentido de fazê-lo. Geir Rugholmen pouco se importava com que os demais achassem do que era e do que dizia. Era simples. Nada complicado. As pessoas assim não cometem assassinatos. Estava convencida disso.

Berit Tverre era mais difícil de entender. Mudara no transcurso desses dias. Mudara tanto que pouco a reconhecia da noite em que entramos no hotel, fora de temporada, exigindo atenção, comida, cama, segurança e proteção frente a um furacão que ela mesma temia. Do qual sentia pavor, para dizer a verdade. Suas mudanças eram tão radicais que me inquietavam.

Enquanto os demais comensais davam boa conta do prato principal e da sobremesa, eu olhava ao meu ao redor. Meus companheiros de mesa conversavam e sorriam, aliviados ao pensar que rapidamente tudo terminaria e as águas voltariam ao seu curso. Deixei vagar o olhar por um grupo de pessoas das quais jamais esqueceria. A senhora do trabalho de ponto fazia ponto. Os donos dos cachorros olhavam o relógio pensando em seus animais, que estavam presos na recepção, dando longos olhares até nossos fumegantes pratos. As jovens jogadoras de handebol riam como fazem as adolescentes, e os alemães pareciam contentes de que os tivessem deixado beber cerveja e cantar canções de taberna das quais os outros riam envergonhados. Os membros da comissão da Igreja estatal estavam sentados a uma mesa aparte, alguns bebendo vinho, outros água; a senhora do ponto tinha um copo diante de si com um líquido que poderia ser whisky. Ou talvez suco de maçã. Talvez tivessem tanto medo quanto eu. Mas todos dissimulavam muito bem. Encontrava-me mais próxima de saber com segurança quem havia matado Cato Hammer e Roar Hanson.

Porém, um dos muitos problemas era que a conduta das pessoas nem sempre encaixava com as minhas teorias, o que dava lugar a outras ideias sobre relações e causas. Eu deveria descartar essa ideia que entrara em minha cabeça durante as últimas horas. Deveria ter voltado a começar do zero. Mas não estava disposta a isso. Ao menos no momento. Outro problema ainda maior, era que o tempo havia começado a mudar. Através da parte superior das janelas do refeitório pude ver que havia parado de nevar totalmente. Tinha pouco tempo. Além disso, havia perdido o apetite. Era incapaz de me lembrar da última vez que havia deixado no prato boa comida, mas nessa ocasião não consegui comer um só pedaço do estupendo assado com molho de amoras e acompanhado de aspargos, aspargos que o cozinheiro teria conseguido Deus sabe aonde.

"Oxalá o furacão tivesse durado um pouco mais", pensei enquanto o garçom levava para a cozinha o meu prato quase intacto.

* * *

Tempestade Violenta

NA ESCALA DE BEAUFORT - TEMPESTADE VIOLENTA

Velocidade do vento: 28, 5 – 32, 6 m/s
As autoestradas e vias férreas ficam bloqueadas.
Caos na rede de telefones e de eletricidade.
Os bosques ficam arrasados.

— A sua primeira pergunta eu respondo que não. À segunda, aqui tem a resposta por escrito.

Geir me deu uma folha, deixou uma jarra de cerveja sobre a mesa, se sentou em uma cadeira que havia arrastado de outro lugar e alisou a barba, que já lhe cobria as faces, espessa e escura, com franjas grisalhas junto às comissuras dos lábios. Em seguida, colocou na boca uma respeitável quantidade de rapé. Não sabia muito bem o que Geir estava esperando. A mim ele já não fazia falta. Talvez tivesse lido a mensagem de Severin Heger, mas não necessariamente. Em todo caso não teria entendido nada, de modo que não tinha por que me preocupar. Só um nome. Um nome e uns quantos dados em uma folha branca de papel.

Margrete Koht. Nascida em 14.10.1957. Falecida em 07.01.2007. Condenada em 1998 por malversação de um total de 3.125.000 coroas norueguesas. Incapacitada para cumprir a condenação na prisão, foi internada no hospital psiquiátrico de Gaustad desde a data da sentença até a sua morte. Então Margrete era o seu nome.

Durante a última conversa que tive com Roar Hanson, ele falou de uma mulher. Eu tentava me lembrar do seu nome, da mesma maneira que tentava me lembrar de tudo o que havia dito e feito Roar Hanson. Ele tinha a chave do assassinato de Cato Hammer, estava convencida disso. Eu havia falado com ele e o havia visto entrar em uma verdadeira agonia nas últimas vinte e quatro horas de sua vida, e tinha esperança, apesar das interrupções de Adrian e das vacilações do próprio clérigo, de encontrar pistas e respostas no que ficara dele em minha memória.

Mas não havia conseguido me lembrar do nome da mulher. Havia mencionado de passagem, para em seguida desaparecer nos disparates desconexos do homem a respeito da Agência de Informação, que eu achava que era uma agência que se ocupava de carnes e verduras. "Foi quando nós dois trabalhávamos na Agência de Informação.". Lembrei que a voz lhe tremia ligeiramente: "Cato era... Não entendo como não informei sobre o ocorrido então, por que não fiz nada. E Margrete que... Não se pode conviver com algo assim. Eu não podia saber, claro, mas parecia tão... Impensável que ele fizesse...".

E quanto vi o nome escrito no papel me lembrei do que Roar Hanson havia dito. Palavra por palavra. Fechei os olhos e vi claramente a figura dele. Nervosa e encolhida. Olhares vigilantes em todas as direções. Enquanto falava, se dava golpes no ombro machucado, um exercício de penitência medieval por um pecado que nem sequer era dele. Talvez não entendesse assim. Havia falado da traição e da avareza de Cato Hammer, mas estava igualmente aflito por sua própria culpa, por ter omitido dar a voz de alarme sobre algo que eu já acreditava saber.

— Não tem nada para fazer? Murmurei sem levantar a vista da folha. — Retirar neve, desenterrar casas. Algo assim.

Já eram nove e meia da noite de sexta-feira. Na recepção se ouviam risadas e música a baixo volume. Um dos amigos de Mikkel tinha alto-falantes em seu iPod, e pela primeira vez desde o acidente, as claras diferenças entre os grupos do trem estavam a ponto de se apagar. Mulheres de meia idade dançavam risonhas para comemorar o fim do

mal tempo. As adolescentes de quatorze anos se sentaram com a gangue dos lenços. No final, tive que advertir Berit de que os jovens estavam a ponto de embebedar duas jogadoras de handebol. A comissão da Igreja estatal havia se dissolvido provisionalmente, e seus membros se dispersaram por todos os salões, relaxados com seus copos. A viúva de Elias Grav foi a última em que prestei atenção antes de me refugiar no escritório, farta de tanta alegria. Ela continuava sob o choque causado pela morte do marido, mas ao menos havia saído de seu quarto para pedir educadamente algo para comer. A sempre sorridente jovem da loja lhe rodeou o ombro com um braço e a acompanhou até o refeitório.

Johan ainda não havia conseguido colocar em funcionamento o telefone via satélite, de maneira que não me restava outra alternativa. Tive que pedir ajuda a Severin. Quando horas antes, nesse mesmo dia, o havia visto correr atrás dos outros nos caminhos do sótão, havia decidido me esquecer de toda essa história do misterioso vagão do trem. Simplesmente não era da minha conta. Os assassinatos de Cato Hammer e Roar Hanson era uma história diferente à desses homens que a todo custo queriam se manter afastados dos demais e que com certeza não sairiam de seu esconderijo até que Finse estivesse praticamente vazio. Quando todos tivessem saído, em helicópteros Sea King, trens, veículos ou o que fosse, os quatro homens do sótão sairiam para finalmente serem transportados ao seu destino, seguramente ao amparo da escuridão. Eu havia decidido arquivar todo esse assunto na seção de coisas que não me interessavam. Mas em seguida precisei dele.

— Está irritada? E eu que acreditava que havia melhorado. Segurava a jarra com as duas mãos. Com o dedo indicador desenhava figuras no vidro da jarra, enquanto o girava lentamente.

— Não estou irritada, apontei, sem levantar a vista do nome da mulher à que, se minhas suposições eram corretas, Cato Hammer havia traído tão vilmente. Esbocei um sorriso para encerrar o assunto e adicionei: — Foi fácil?

— Não sei o que lhe dizer. Deu outro gole na cerveja. — Primero não queriam abrir. Tive que manter uma longa conversa com esse seu

colega através da porta. E quanto a armas, disse rotundamente que não. Eu tampouco entendo o que você...

Levantei a vista de repente e lhe dei um olhar admoestador. Deixou a jarra na mesa e me mostrou as palmas das mãos.

— Não vou perguntar. Prometo. Mas não demorou muito em encontrar a resposta à sua pergunta. Ao menos nesse ponto estava disposto a ajudá-la. Ao final passou essa folha por uma fresta pequenininha. Mostrou um centímetro com o polegar e o indicador, — Antes de fechar a porta. Uma vez mais levantou as mãos e se calou.

— Ele tem aparelhos hipermodernos, murmurei. — Com certeza é o melhor equipamento de comunicação que existe. E no outro extremo desse equipamento tem gente com acesso a todo tipo de informação. Dados. Registros. Tudo. Eu sabia que se Severin concordasse em me ajudar, tudo iria muito depressa.

Não estava muito certa de que estava falando com ele ou se só estava resumindo a situação para mim mesma. Havia encontrado a lista de nomes que Berit havia me proporcionado, dei uma vista d'olhos em um de meus companheiros de viagem. Um dos hóspedes de Finse tinha um nome que não me ajudava a chegar à meta. Mas já havia percorrido um bom trecho do caminho.

O suficiente, esperava. Dobrei todos os papéis e os coloquei no bolso lateral, onde guardava a lista de Adrian. Na mesa havia um diário meteorológico. Berit havia me olhado algo surpresa quando o pedi, mas me dera uma cópia sem reclamar. Um dos empregados havia registrado os dados do furacão desde quarta-feira pela manhã até esse momento. Encontrei o que precisava. Em seguida dobrei também essa folha para guardá-la com todas as demais. Infelizmente, Berit não havia conseguido descobrir o motivo da viagem de Kari Thue a Bergen. Suspeitava que havia esquecido de perguntar.

— Hanne, disse Geir.

— Sim?

— Confia em mim?
— Sim.
— Quero dizer, confia realmente em mim?

Olhei seus olhos cinzentos. Ou castanhos. Ou entre cinzentos e azuis. Na realidade, era difícil de dizer. Concordei com a cabeça. Era verdade. Confiava em Geir Rugholmen.

— Então poderia me dizer algo sobre esses tipos do sótão, disse. — Depois de tudo o que tivemos que aguentar, creio que mereço.

— Você não merece nada, objetei. — Só uma medalha por sua valentia. Um prêmio por sua luta contra o furacão. Uma condecoração por ter suportado dois dias e duas noites. Dois dias que com certeza serão três. Riu tanto que o rapé escapava por entre os dentes incisivos.

— Não quero nada disso. Só quero saber o que se passava naquele vagão. O quê...

— Não sei, respondi, e era a verdade.

— Bobagem, disse ele.

— Não. Não sei. Mas tenho uma clara ideia a respeito.

— Que ideia é essa?

— Fuma? Perguntei. — Tem cigarros? Deu uma olhada pela sala, algo aturdido.

— Berit vai ficar...

— É verdade. Esqueça. Estou convencida de que estão transportando um terrorista para Bergen.

— Um terrorista? Mas que... Que merda irá fazer um terrorista em Bergen?

— Não sei, respondi. — Também em Bergen temos prisões e instalações militares, sabia?

— Transportá-lo para onde? E por quê? O que a faz pensar que temos um terrorista em território norueguês? E por cima no... No trem de Bergen!

— Deveria abaixar a voz, sussurrei. — Dividir minhas teorias consigo não significa que todo o hotel venha a saber.

— Saber? Todo o hotel? Mas se todo o mundo neste lugar sabe do fodido vagão secreto! E todo o mundo poderá contar o que quiser

quando sair daqui... Calou-se um momento para tomar ar.

— Se você soubesse... Disse em voz baixa, — O que as autoridades podem inventar em questão de histórias falsas... Termina quase por acreditar nelas, inclusive quando sabe de toda a verdade. Eu mesma já pude comprovar, Geir. Não falei mais nada.

Na primavera há dois anos ocultei em minha casa durante vários dias a presidenta dos Estados Unidos. Essa absurda situação acabou quando ela matou com um tiro um agente do FBI. Nessa mesma noite a história foi modificada, simplificada e transmitida ao público de um modo que me horrorizou. Mas me senti impressionada. Continuávamos sendo só um punhado de pessoas que conheciam a verdade sobre a visita da presidenta norte-americana a Oslo, e assim seria para sempre.

— Acredite, me limitei a dizer. — Neste instante vários especialistas bem pagos e ainda melhor equipados, os chamados spins doctor's, estão inventando uma história que toda esta gente... Apontei com o polegar acima do ombro para a recepção, — Vai engolir sem sequer mastigar.

— Mas e eu? Eu poderei dizer o que quiser agora que...

— Como já disse, interrompi-o, — Confio em você. Além disso, quase ninguém acreditaria na sua história.

— Minha história, repetiu. — Por agora não tenho nenhuma história. Por que acha...? O que a faz crer que se trata de um terrorista? Aqui?

Continuava muito agitado. No pescoço latejava uma veia azul, e seu rosto havia adquirido uma tonalidade vermelha muito diferente ao que tinha quando estivera várias horas fora, no meio do vendaval.

— A envergadura do assunto, disse. — A loucura...

"E que o próprio ministro de Assuntos Exteriores estivesse envolvido", pensei, mas não disse. A única razão que me ocorria para o fato de que tivessem o número de telefone do ministro, era a de inspirar confiança no caso de uma crise, quando dependiam cem por cem de

serem acreditados sem mais perguntas. Precisavam de uma autoridade com uma voz que as pessoas reconhecessem.

— A loucura... Geir voltara a incorrer em seus maus hábitos. Começava as suas frases repetindo o que eu acabara de dizer.

— Não lembra de que já falamos disso? Perguntei. — Na frente da câmara de congelamento. Chegamos à conclusão de que deveria se tratar de um preso de alto risco. Que além disso tinha poder para impor condições. Não se recorda?

Ele tirou da boca a bolinha de rapé e a jogou na lixeira. Em seguida limpou a mão nas calças e bebeu o restante da cerveja em grandes goles.

— E você me disse que era uma estupidez transportar um preso de trem, assinalou Geir, reprimindo um arroto. — Que isso seria um pesadelo para a polícia. E que deveriam ter planejado a viagem prevendo todo o tipo de eventualidades, como vendavais e apagões. Possíveis rotas de evasão, ao longo de todo o trajeto entre Oslo e Bergen. Assenti com a cabeça. — Mas um terrorista... O homem continuava incapaz de pronunciar a palavra sem parecer que acabara de engolir uma mosca. — Na Noruega?

— Souhaila Andrawes, observei secamente. — Uma das terroristas mais procuradas na década dos setenta. Morou vários anos em um bonito apartamento de Oslo com seu marido e filhos, antes que a encontrassem. E muitos acham que o iraquiano Mulla Krekar é um hóspede de honra neste país. Mas ninguém conseguiu encontrá-lo ainda. Bem, eu não vou tomar partido... Endireitei os ombros a modo de conclusão.

— Isso é diferente, murmurou Geir olhando ao redor em busca de algo mais para beber. — Vou apanhar outra cerveja. Quer alguma coisa?

Sim, a verdade era que sim. Gostaria de tomar uma taça de um bom tinto.

— Água mineral com gás, respondi. — Farris azul com cubinhos de gelo, por favor.

— Volto em seguida. Não vá embora. Eu não pensava em ir a lado nenhum.

Geir tinha razão. O caso de Mulla Krekar era diferente. Não imaginava que continuasse residindo legalmente no reino muitos anos depois que as tentativas de encontrá-lo fracassaram. Mulla Krekar havia dado muita dor de cabeça a sucessivos ministros responsáveis pela política estrangera, mas não constituía um grande perigo para ninguém. Ao menos não em nosso país. Entendia o ceticismo de Geir. Eu também estava cética. Mas a teoria do terrorista era a única que tinha sentido. Todo o assunto era tão grande, tão espetacular e tão desnecessariamente perigoso que não podia imaginar que as autoridades norueguesas se lançassem a algo assim a menos que...

— De modo que continua aqui, constatou Geir, deixando os copos na mesa antes de fechar a porta. — Estive pensando.

"E você acaba de cortar o fio dos meus pensamentos", estive a ponto de dizer. Bebi e notei a frescura do copo úmido. Os cubinhos de gelo tilintavam e se quebravam. O vendaval já estava tão longe que inclusive podia ouvir o suave borbulhar do gás no copo.

— Sabe? Disse Geir se acomodando. — O que disse não é nenhuma bobagem. Os terroristas têm mais possibilidades de negociar que outros presos. Muitas mais. Possuem informação sobre futuros ataques a civis, de células terroristas, sobre... Além disso... Seu olhar adquiriu uma expressão pensativa, como se estivesse investigando algo dentro da espuma da cerveja. — Os norte-americanos são malucos, disse em voz baixa.

— Eu não diria que...

— Imagine o problema que se criaria... Disse Geir para o ar, deixando o copo de cerveja sobre a mesa sem beber, — Se se detém um terrorista na Noruega, ou em território norueguês. Por exemplo, um terrorista que entra em uma embaixada norueguesa e solicita asilo político. Ou as tropas norueguesas no Afeganistão recebem... Entende o que quero dizer?

Agora estava muito animado, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos. A respiração cheirava a cerveja e rapé, e pensou uns segundos antes de tomar impulso e prosseguir, acentuando cada palavra:

— Não falo de um idiota que disparou um par de tiros na sinagoga de Oslo. Falo de um terrorista de verdade. Um dos que atacam os americanos. Um ao que todo o mundo quer prender! Um que tenha participado em algum ataque a interesses americanos. De repente se reclinou na cadeira com os braços cruzados sobre o peito. — Nunca o teriam, disse em uma voz surpreendente baixa.

— Eu...

— Não poderia! A Noruega não poderia extraditar um terrorista para os Estados Unidos ainda que pensasse que os americanos tinham razões justificadas para processá-lo. Não poderíamos entregá-lo ainda que tivéssemos vontade! Os americanos são nossos aliados mais próximos há uns sessenta anos, mas, com certeza não poderíamos extraditá-lo... Uma situação muito delicada para ambas as partes.

— Porque lá existe a pena de morte por terrorismo, disse depressa.

— Sim! Sim! Deu um soco na mesa. — E por isso teremos...

— Os Estados Unidos poderiam se comprometer a não aplicá-la, interrompi-o. — A Noruega só extradita presos para países com pena de morte se antes receber garantias de que a dita pena não será aplicada.

— Mas...

— A Noruega confia nos Estados Unidos, disse levantando a voz. — É claro que extraditaria... Um importante membro do Al-Qaeda, por exemplo. O Al-Qaeda já matou muitos norte-americanos. Tem direito a exigir a extradição, merda!

Agora era eu a que levantava a voz. Não sei qual dos dois se surpreendeu mais, se Geir ou eu. O homem esboçou um débil sorriso. Agarrou o copo. Bebeu um gole.

— Duvido que os americanos tivessem feito tal promessa, disse, após uma incômoda pausa. — E então tudo fica mais complicado. Mas não discutamos. Para mim esse é o ponto chave.

— Qual?

Por causa de tudo o que havia acontecido nos últimos dias, eu havia me esquecido de que Geir Rugholmen era advogado. Para mim era um homem da montanha. Um personagem local com roupa velha de montanha, um homem de Finse. Como tal o havia conhecido. Como tal gostava.

— Achava que se dedicava a assuntos imobiliários, disse em um tom mais azedo do que era minha intenção.

— Sim, respondeu colocando mais rapé. — Mas minha mulher também é advogada. Trabalha com assuntos muito diferentes dos meus. Suas palavras traziam implícito um convite. Eu deveria perguntar em que trabalhava a mulher dele.

— E quais são os outros pontos? Perguntei.

— Se partimos da ideia de que tem razão, assinalou empurrando o rapé com a língua, —E realmente temos um terrorista no sótão...

Quando disse essas palavras começou a rir. Seu riso parecia mais que nunca o de uma mulher.

— Desculpe, disse levantando uma mão. — Mas isso é... Sacudiu a cabeça e engoliu saliva para se acalmar. — Bem, prosseguiu com ênfase depois de tomar impulso outra vez: — Se verdadeiramente se trata de um terrorista, o que mais deve temer não são as autoridades norueguesas, nem intensos interrogatórios ou a uma difícil viagem pelas montanhas...

Eu estava certamente esgotada, e a verdade é que tenho um nervo auditivo destruído, mas começava a pensar que sofria de alucinações auditivas. Desde que o vendaval amainara, havia notado um leve zumbido nos ouvidos, como se o som do vento e dos torvelinhos de neve tivesse se agarrado aos meus tímpanos para sempre. Mas esse bramido profundo e monótono que ouvia ao longe não tinha nada a ver com as condições meteorológicas. Engoli saliva e abri a boca até que me doeram os ouvidos. Geir fez como se não notasse.

— Nosso amigo terrorista deveria temer os americanos, disse enquanto massageava a nuca. — Não só eles têm umas feias histórias referentes a eliminações fora de seu próprio país, mas também...

— Isso foi durante a guerra fria, disse. — Tudo era diferente durante a guerra fria, e deveríamos nos mostrar mais compreensivos...

— Hanne! Geir deu outro soco na mesa. O copo de cerveja que continuava meio cheio virou. Ele se levantou rapidamente e deu um salto para trás para não se molhar. — Merda. Merda! O que aconteceu?

— A mim? Mas se eu não virei nenhum copo...

— É a embaixadora dos Estados Unidos na Noruega? Não lê as notícias? Não sabe que os americanos sequestram pessoas em outros países para em seguida prendê-los nesse campo infernal que eles têm? Se for verdade que se trata de um terrorista que foi preso ou que pediu asilo em território norueguês, quem deve temer é aos americanos! Eles não se importariam muito de...

Com o canto da mão limpou a cerveja derramada, que molhou o chão. Um aroma doce, a malte e álcool, se estendeu pela sala.

— Não estranharia que esses malditos ianques tivessem algum homem no trem, exclamou furioso. — Ou mais de um. Se essa sua disparatada teoria for verdade, entendo muito bem por que o terrorista insistiu em viajar de trem. Um ataque ao Ferrocarril Nacional Norueguês seria mais difícil de encobrir que um acidente de avião. Um só tiro num avião e todos morrem. Mas para matar todos os passageiros de um trem teriam que... Merda! Tinha a parte dianteira da calça de esqui molhada. — Não trouxe outra roupa além desta, reclamou. — E não tenho vontade de passar cinco horas escavando... Agora o som de fora era mais forte. O zumbido havia se convertido em uma barulhosa vibração.

— Silêncio, disse. Está ouvindo? Estava de pé, com as pernas muito separadas, como se tivesse se urinado. A expressão de seu rosto se modificou, fechou os olhos e abriu a boca.

— Um helicóptero, disse fascinado. — Estão chegando! Já havia esquecido da calça molhada.

Afastei todas as minhas teorias sobre terroristas e ataques americanos no estrangeiro. Fiquei pensando que a história do prisioneiro secreto, era uma amostra de como pequeno estava o mundo agora. Inclusive em Finse, um povoado norueguês na montanha, dentro da Noruega profunda, onde o trem percorre vales tão noruegueses, pois então ali, em plena tormenta de neve, isolados em um edifício de madeira ao estilo do antigo romanticismo nacional, inclusive ali, havia penetrado o mundo exterior. Com a presença do terrorista a vida nos lembrava que o mundo já não era algo longínquo e desconhecido, mas que estava aqui, conosco, e nós fazíamos parte dele, quiséssemos ou não. Mas não queria pensar no terrorista. Preferia pensar em Cato Hammer e Roar Hanson.

* * *

— Chegaram! Chegaram!

Um alegre alvoroço havia se apoderado da recepção. As pessoas aplaudiam e riam, como se viajassem em um avião charter que acabara de aterrissar na pista. Alguns brindavam, outros começavam a apanhar suas coisas, como se esperassem ir para casa ao cabo de uns minutos. As adolescentes já estavam colocando a roupa de rua: ninguém queria perder o espetáculo do enorme helicóptero aterrissando sobre uma espessa capa de neve.

— Não conseguirão aterrissar, disse Johan.

Havia se colocado junto à janela, próximo da longa mesa, para ver as luzes que se aproximavam. Agora o helicóptero voava muito baixo e depressa. Os refletores se moviam de um lado para outro acima dos enormes montes de neve. O belo espetáculo dos pedacinhos de gelo brilhando à cegadora luz azul e branca despertaram gritos de admiração em algumas senhoras mais velhas. Quando a máquina alcançou o telhado e a perdemos de vista, não teria mais de vinte metros de distância entre o teto e o helicóptero. O edifício inteiro tremeu, mas

desta vez o barulho não alertava de um perigo ameaçador. Esse ruído chegava como um desejado consolo; um retorno daquela vida que na realidade era a nossa, muito longe de Finse e de um furacão que ainda não sabíamos que havia sido batizado com o nome de Olga. Todos os que haviam acompanhado a chegada do helicóptero correram para a saída. Inclusive Adrian parecia animado. Deixou Veronica sentada só junto à porta da cozinha, com aquelas ridículas cartas espalhadas pelo chão. O rapaz falava em tom animado com uma das jogadoras de handebol; parecia ter se esquecido de que normalmente era altivo.

— Não conseguirão aterrissar, repetiu Johan.

Uma voz metálica se mesclou com todos os demais sons, e os que ainda não haviam alcançado a porta, se detiveram.

— Aqui fala a polícia. Repito: fala a polícia. Vamos deixar em terra três agentes. Por favor, se mantenham afastados. Repito: se mantenham afastados. Johan respirou aliviado, enquanto corria para a porta.

— Afastem-se! Gritou. — Todos para dentro! Longe da porta! Todos para dentro!

Os jovens protestaram energicamente. Um par de homens começou a brigar meio de brincadeira meio a sério ao lado da loja, e Mikkel teve que intervir. A senhora que fazia ponto começou a chorar uma vez mais, com voz alta e estridente. Berit chegou correndo da cozinha.

— Calma, por favor!

Berit havia se convertido em outra pessoa no transcurso dos últimos dias. Havia adquirido uma força maior que a de Johan, apesar da superioridade física do homem da montanha. De uma amável diretora de hotel com uma maneira agradável de ser, Berit passara a ser na chefa de Finse 1222

.

— Agora vamos nos acalmar, vociferou paradoxalmente com um sorriso. — Vamos todos nos sentar no Salão Azul ou na Taberna de Saint Paul. Vamos!

As pessoas se tranquilizaram. Encolhiam-se de ombros e se olhavam de rabo de olho. Ninguém disse nada e todos se encaminharam para dentro, enquanto retiravam gorros e casacos. Alguns arrastavam os pés irritados, outros se moviam com a cabeça alta e atitude arrogante, como se chegara a confirmação que tinham razão em algo que a mim me escapava.

— Aqui fala a polícia! Gritou de novo a voz metálica. — Por favor, permaneçam dentro durante a operação de aterrisagem. Repito: todo o mundo deverá permanecer dentro.

Kari Thue não se encontrava na recepção. Pensando bem, não a havia visto desde o jantar. Não era de estranhar, na realidade, já que eu havia passado a maior parte do tempo no escritório, sem ver mais ninguém além de Geir Rugholmen. Mas essa ausência me inquietava um pouco. Severin havia avisado à polícia. Na carta que Geir conseguira entregar com grande esforço, eu pedia que além de investigar quem havia malversado os fundos da Agência de Informação no final da década de noventa, comunicasse às autoridades competentes que em Finse 1222 não só havia se cometido um assassinato, como fora informado antes que fosse cortada a comunicação com o mundo exterior, mas sim dois.

As pessoas se dirigiam ao edifício anexo, enquanto as pás do helicóptero enviavam profundas vibrações ao interior do castigado hotel. A decepção ao descobrir que o helicóptero não havia vindo apanhá-las, que a volta a casa se adiava, a vergonha de ter deixado se entusiasmar e se alegrar sem razão... Refletia-se nos rostos que desfilavam ante mim sem me olhar. Parei no meio da sala, esperando.

* * *

Ainda que um dos policiais me fizesse um gesto quase imperceptível com a cabeça ao passar ao meu lado a caminho do Salão Azul, nenhum pareceu me reconhecer. Quando os vi, dois homens de trinta e tantos anos da polícia de Bergen e um homem mais velho da KRIPOS, a Brigada Central da Policia Judicial, o coração me doeu. Recordou-me que em outros tempos eu fizera parte de algo muito maior e diferente da minha atual vida na Rua Kruse, com Nefis, Ida e Mary. Durante muito tempo tivera a sensação de que aquela noite fria e dramática no fim de 2002 não só era o fim de uma época, mas também que essa ruptura com a polícia assinalava o principio de algo novo. Algo desejado. A lesão me permitiu ter uma nova vida para a qual tinha forças suficientes, uma vida onde raramente ficava assustada e nunca cansada.

Quando vi esses três polícias falarem entre eles em voz baixa, em uma linguagem breve e concisa que haviam aprendido a interpretar, e com olhares que só eles entendiam, me perguntei se havia enganado a mim mesma. Esses anos de silêncio, esses dias que ficaram muito mais longos, as noites solitárias ante a tela da televisão, todos esses meses que iam se amontoando um sobre outro lentamente, quando as únicas recordações da passagem do tempo eram a comemoração do Natal e os maravilhosos aniversários de Ida. Seria realmente isso o que desejava?

Havia pensado que trocava uma vida por outra. Depois dos dias em Finse, senti que na realidade havia trocado uma vida ativa, laboriosa, por uma existência de contínua espera. Passava as noites esperando que os demais despertassem. Durante o dia esperava Nefis voltar da rua, e Ida voltar do jardim-de-infância. Esperava em companhia de livros, filmes e jornais, e deixava que o tempo passasse sem me preocupar realmente com nada mais. Esquecera-me dessa criança que rapidamente necessitaria muito, muito mais que essa infinidade de tempo que eu podia lhe oferecer, em nosso pequeno universo fechado. Geir se aproximou por atrás e me colocou uma mão no ombro.

— Teremos que acabar a nossa conversa mais tarde, disse em voz baixa.

Notei o calor de sua mão através da camisa. Fechei os olhos e tudo deu voltas de puro cansaço, de abatimento, de tanto recordar Ida e Nefis, mas também, tive que reconhecer com má vontade, uma vida diferente. Os polícias sabiam quem eu era. Não me conheciam, mas sabiam quem era. Um deles apenas havia dado um olhar em minha direção, mas nesse olhar havia uma espécie de respeito. Reconhecimento, talvez. Nesse momento se virou o mais velho dos três. Berit havia me dito que pertencia a KRIPOS. Estudou-me um instante sem mudar de expressão, antes de levar dois dedos à testa com um leve movimento da cabeça. Iam se reunir no edifício anexo. Eu também.

Ainda não tinha certeza de quem havia matado Cato Hammer e Roar Hanson. Mas imaginava de quem havia suspeitado o próprio Roar Hanson. Quando por fim caí na conta, não me era difícil encontrar indícios que apoiavam a teoria do clérigo assassinado. E já possuía muitas provas de que ele tinha razão. Mas não eram suficientes. Poderia dividir minhas ideias com a polícia. Isso era o que eu deveria fazer. Poderiam usar o meu testemunho tal como deve se tratar um testemunho, como parte de um processo sistemático, analisando fatos e especulações, provas técnicas e deliberações táticas, rumores, histórias e observações precisas. Levaria algum tempo.

Um tempo difícil para todos os que se hospedavam no hotel e para os que trabalhavam nele, para Berit e sua gente. E para mim. Queria ir para casa. Talvez devesse deixar Roar Hanson tentar solucionar o seu próprio assassinato.

— Poderia ir apanhar uma xícara de café? Pedi a Geir. — A maior xícara que consiga encontrar.

— É tarde. Não deveria...?

— Café, repeti com um sorriso. — Preciso aguçar a minha matéria cinzenta.

— Como achar melhor, disse, e em seus lábios rachados pelo frio e com as comissuras manchadas de rapé não se desenhou nem o mais leve sorriso.

Talvez não tivesse sido tão engraçada como pretendera.

* * *

Das outras casas do povoado de Finse sepultadas na neve ainda não havia saído ninguém. Deviam estar esperando um sinal. Além disso, era tarde e continuava fazendo um frio glacial. E quanto as pessoas do edifício de apartamentos, o pessoal da Cruz Vermelha havia escavado a neve e ao sair havia entrado em contato com Johan. Após uma breve conversa com a polícia, ele havia comunicado às pessoas que no momento ficariam onde estavam. Aparentemente, haviam conseguido recuperar o controle depois da rebelião, e a polícia desejava se ocupar de uma coisa de cada vez. Um edifício por vez, melhor dizendo.

Fechei os olhos e imaginei como estaria a paisagem lá fora: ninguém recordava de já ter visto uma capa de neve tão espessa. O furacão Olga havia deixado atrás de si um povoado ferroviário que já não era nem povoado nem ferroviário: a maior parte dos edifícios estavam invisíveis e as vias do trem haviam desaparecido. E debaixo de tudo aquilo, debaixo de um número inimaginável de flocos de gelo, debaixo desse manto gigantesco de ar e água que se estendia de Hallingdal a Flam, de Hardanger a Hemsedal, debaixo de tudo aquilo haviam pessoas, diminutas como formigas, que ainda não ousavam crer que tudo havia passado e que já podiam sair de novo para o mundo.

Esperava que me retirassem à luz do dia. Queria ver tudo. Abri os olhos.

Em Finse 1222 reinava uma atmosfera de descontentamento e expectativa ao mesmo temp. A maioria mostrava claramente a sua decepção pelo fato de que o helicóptero não tivesse iniciado a evacuação. Por outro lado era como se os dois assassinatos, que as pessoas haviam ignorado, porque não podiam suportar a ideia de terem um assassino entre elas, de repente, ao aparecerem os investigadores policiais, tivessem se convertido numa crua realidade. Os três polícias trouxeram consigo uma sólida autoridade que criou uma espécie de segurança; chegavam à

montanha enviados pela sociedade de fora, onde haviam regras, leis e ordem. A polícia estava ali, o tempo havia melhorado e nada mais era realmente perigoso. Ao meu redor, as pessoas se atreviam por fim a reconhecer o que haviam experimentado e como haviam vivido os últimos dias. Foi emocionante.

Os vi chegar.

Kari Thue e seus seguidores andavam com passo firme, em fila indiana, com ela na frente. Sentaram-se no fundo do salão. A gangue de Mikkel não era igualmente disciplinada; entraram um por um arrastando os pés, o menor com um cigarro na boca. Idosos, jogadoras de handebol, homens com notebooks sob o braço, Johan, Berit e os alemães, todos passaram ante mim a caminho do edifício anexo para escutar o que as autoridades tinham para dizer. Por fim chegou o próprio Mikkel. Como de costume, apenas me olhou.

— Mikkel, chamei. — Posso perguntar uma coisa? Encolheu os ombros e deu um passo indiferente até mim.

— Que coisa?

— Porque ia a Bergen? Para que ia lá?

— Para um concerto. Marom 5. Perdi, claro. Foi ontem. Virou-se e continuou andando.

— Mikkel! *Mikkel!* Virou-se vacilante. — Venha aqui. Por favor. Deu dois passos para trás. — Você conhecia Kari Thue antes daqui?

— Um pouco, disse um muito depressa. Agora estava decidido a prosseguir seu caminho, assim me dei por vencida.

Adrian e Veronica continuavam sentados junto à porta da cozinha e o grande armário pintado de verde. Jogavam seu estranho jogo e nem sequer levantaram a vista quando a senhora da comissão da Igreja estatal que fazia ponto pisou o valete de paus.

— Me permite? Perguntou Geir colocando a mão na cadeira de rodas.

Concordei com a cabeça e o homem me desceu com cuidado os três degraus. O casal de muçulmanos foram quase os últimos a chegar.

— Pare um momento, disse em voz baixa a Geir, — E vamos deixá-los passar.

As pessoas se apertavam no Salão Azul. Os curdos se sentaram muito próximos das janelas, ao lado da pequena meia parede que separava a sala da Taberna de Saint Paul, em um sofá que no momento só eles ocupavam.

— Adrian, venha! Gritei por cima do ombro. — E você também, Veronica.

Na verdade formavam um estranho casal. Já não me surpreendia tanto que Veronica tivesse escolhido esse rapaz ao entrar no hotel. De alguma maneira se pareciam: dois seres descarrilados e intransigentes que se negavam a ser como os demais, e que os demais ignoravam. Mas não havia esquecido do que Adrian dissera de Veronica na primeira vez que o rapaz interrompeu a vacilante tentativa de confissão de Roar Hanson. Lembrava muito bem, pois quando ele disse pensei que mentia. Veronica continuava sentada no chão junto à porta da cozinha. Havia recolhido as cartas e estava embaralhando-as com a elegante indiferença de um jogador de pôquer.

— Você também! Gritei.

Pela primeira vez desde que a conhecia, Veronica parecia insegura. Por um lado desejava demonstrar sua independência, por outro, era bastante esperta para entender que pareceria uma criança rebelde se não se portasse como os demais. A polícia havia chegado, e havia dado uma ordem. Todo o mundo obedeceu. Ela também, após pensar um pouco. Durante as últimas vinte e quatro horas, Veronica me lembrara um gato em várias ocasiões. Agora se levantou do chão com movimentos suaves e contínuos. Deslizou pela sala em atitude alerta, dando um pequeno rodeio, como se estivesse buscando a sua presa. Até esse momento não

havia me dado conta de que trazia a bolsa em bandoleira; era uma bolsa negra de tamanho médio que eu não havia visto antes. Mas estava na lista de Adrian.

— Aí não, me apressei a dizer ao ver que se dirigia para Adrian. Fiz um gesto em direção contrária para onde estava indo. — Lá! Você também, Adrian. Sentem-se junto à lareira. Naquele sofá. Tem lugar. Apontei para o casal de muçulmanos.

Por sorte, os dois jovens fizeram o que eu disse. Na realidade não esperava que fosse tão fácil. O policial mais jovem me olhou cético; parecia que ia dizer algo, mas no final não abriu a boca.

— Meu nome é Per Langerud, começou o agente mas velho tossindo enquanto tapava a boca com a mão. — Antes de tudo queria expressar a minha... Imaginei que custava a encontrar a palavra adequada. — ... Empatia, disse por fim, — Minha empatia por essa difícil situação onde vocês se encontraram nestes últimos dias. É muito compreensível que queiram retornar para suas casas o mais depressa possível.

Um murmúrio de satisfação se expandiu pelo salão. Alguns aplaudiram timidamente.

— Disse o mais depressa possível, prosseguiu Per Langerud elevando a voz. — Isso quer dizer quando tivermos concluído o trabalho de investigação mais necessário e imediato. Quanto mais dispostos a colaborar se mostrem vocês, mais depressa faremos nosso trabalho. Mas temo que não poderão sair daqui até amanhã à tarde. Talvez não...

— Amanhã à tarde? Gritou Mikkel se levantando. — Nem de brincadeira! Eu sairei daqui logo que nascer o dia.

— Eu também, interveio a senhora do ponto. — Quero ir para casa! Preciso ir para casa. Meu gato está só, e eu não deveria ter...

— Não precisamos aceitar isso, falou Kari Thue, e no mesmo instante apoiou-a um dos homens de negócios mais velhos que não havia se separado dela nas últimas vinte e quatro horas. — Que direito

tem de nos reter aqui quando já seja viável sair? Só podem me reter se tiver motivos razoáveis para suspeitar que cometi algum ato ilegal, ou que não...

— Silencio! Gritou Per Langerud; Sua voz havia mudado de barítono a baixo. — Posso afirmar que temos direito a...

— Nem de brincadeira , exclamou de repente Adrian, se levantando da cadeira e dando um passo ameaçador até o policial. A situação era cômica; o rapaz pesava cinquenta quilos a menos e no mínimo era trinta anos mais jovem que o policial. — Nem sequer sabemos se são policiais de verdade, bufou. — Eu sairei daqui amanhã ainda que...

— ... Seja esquiando? Perguntei em voz alta. — É isso o que quer? Colocar uns esquis emprestados e ir caminhando até a cidade?

Os policiais mais jovens haviam se aproximado de Adrian. Fiz um sinal para que o deixassem. Retiraram-se vacilantes e se sentaram na parte este da sala, na ponta de uma cadeira, prontos para intervir. Várias das adolescentes choravam, algumas inclusive soluçavam. A senhora do ponto havia voltado a enterrar o rosto em seu trabalho, que quase perdera com os mucos e as lágrimas.

— Permanecerão no hotel enquanto as autoridades quiserem, disse em voz muito alta. — Ainda que seja só porque não haja nenhuma possibilidade de saírem daqui por seus próprios meios.

A implacável lógica desse simples raciocínio teve o seu impacto. As adolescentes limparam as lágrimas. Mikkel se sentou. O silêncio era tão absoluto que se podiam ouvir as agulhas quando a mulher da comissão da Igreja Estatal recomeçou freneticamente; de repente deixou a camisa a meio fazer sobre a mesa.

— Agora vamos escutar o que a polícia precisa dizer. A minha voz tremia, mas não sabia se era de nervos ou de raiva. Com certeza por ambas as coisas. Ainda que não me sentisse nem raivosa nem angustiada. Só cansada. — E ninguém sairá daqui até que a polícia nos diga que já podemos.

Per Langerud passou a mão pelo peito, como se as grossas bolinhas de seu velho casaco de lã fossem desaparecer com um par de escovadelas. Adrian tinha razão quando dissera que aqueles homens não pareciam policiais. Langerud usava uma calça esporte muito apertada e umas meias cinzentas de lã, que pelo contrário, ficavam muito grandes e que constantemente caíam sobre as altas botas de montanha. Os agentes mais jovens pareciam prontos para assistir a um campeonato de esquis na elegante estação invernal de Geilo. Os dois usavam anoraques caríssimos, e as botas também não eram baratas. Não eram artigos que pudessem comprar com o salário de policial. Talvez os tivessem mandado à loja para adquirir um equipamento apropriado para a expedição à montanha, e eles haviam aproveitado bem.

Langerud voltou a passar a mão pelo peito. Com o dedo indicador tentou puxar um pouco as apertadíssimas calças. Em seguida observou os nós dos dedos e balançou a cabeça como se estivesse ouvindo um estranho som que ninguém mais era capaz de ouvir. Quando todo o mundo começou a se sentir francamente incomodado, um sorriso condescendente se desenhou em seu rosto quadrado. Abri a boca.

— Desculpe, disse em voz muito alta. — Desculpe, inspetor-chefe... Arrisquei-me com o título. Tive sorte. Virou-se para mim, estranhado, irritado e curioso ao mesmo tempo. — Poderia... Poderia falar consigo um momento?

— Comigo?

— Sim.

— Fale!

— Poderia se aproximar um pouco?

Voltou a franzir a testa em um gesto que expressava mais sentimentos dos que eu podia captar. Provavelmente pensou que o mais simples seria escutar o que eu tinha a dizer. Talvez também o mais sensato. Ao menos se aproximou, e quando lhe fiz um sinal com o dedo indicador se inclinou para frente e aproximou a orelha de meus lábios. Cheirava a loção após barba e café.

Quando terminei de dizer o que precisava, ele se endireitou lentamente. Já não me custava ler a mente dele. Sabia exatamente o que estava pensando: duvidava. O que eu havia lhe pedido se afastava muito do procedimento comum de uma investigação de assassinato. Se tivéssemos tempo para pensar, é provável que descobríssemos que o procedimento nem sequer era legal. Ao menos havia muitas razões para questionar eticamente o que estava lhe pedindo. Ele devia responder que não. Tanto a sua idade quanto o cargo mostravam que Per Langerud era um policial experiente e capaz. Por isso concordou.

Quero dizer: Concordou com a cabeça. Muito breve e quase imperceptivelmente, mas deu o seu consentimento. Deu-me permissão para tentar e se virou tão de repente que suspeitei que queria evitar de me contagiar com as suas dúvidas.

— Se me permitem... Comecei a dizer para as pessoas ali congregadas que se aproximavam da minha cadeira, — Formular primeiro umas perguntas. Antes que a polícia comece a fazer o que precisa fazer e todos nós possamos ir para casa.

Três policiais, uns quantos empregados do hotel e membros da Cruz Vermelha, um grupo de jovens vestidas de vermelho e com rabo de cavalo, crianças com seus pais, alguns médicos, Kari Thue e Mikkel, Magnus e a senhora que fazia ponto, os alemães e o resto dos passageiros do trem acidentado, todos olhavam para mim e só para mim. Vi desprezo e curiosidade em seus ávidos olhares, expectativa, impaciência, indiferença e talvez algo parecido com medo, mas não no rosto que eu gostaria de ver.

De repente não soube que dizer. O silêncio era muito estranho. Ainda me zumbiam os ouvidos, mas esse eco em meus tímpanos da tormenta passada era a única coisa que podia ouvir no espaçoso salão. Aquelas pessoas explodiriam a qualquer momento; protestariam, exigiriam que se fizesse algo, que se dissesse algo. Se não me apressasse, ao fim de uns segundos teria perdido a oportunidade.

— Por que está usando as meias vermelhas de Adrian? Perguntei olhando para Veronica. Alguns riram baixinho. A maioria ficou em silêncio. Uma fina ruga dividiu em dois a testa da jovem.

— Ele me emprestou, respondeu lentamente.

— Como? Poderia falar um pouco mais alto?

— Ele me emprestou. Tinha os pés frios. Sua expressão deixava poucas dúvidas do que pensava sobre mim. Sua voz, que antes já era excepcionalmente grave, ficou ainda mais grave. — Adrian tinha frio e eu lhe emprestei a minha camisa, adicionou. — Eu tinha os pés frios e ele me emprestou as meias.

— Mas não ao mesmo tempo, disse. — Ele lhe pediu a camisa emprestada já na primeira tarde, ou ao menos antes de deitar. Você pediu as meias no dia seguinte.

Veronica tinha o olhar cravado em mim, mas dava a impressão de não ver nada. A fina ruga de sua testa havia desaparecido, e ela voltara a ser uma pessoa com rosto inexpressivo e uma palidez de morte.

— Você é que está dizendo, afirmou, colocando o cabelo atrás da orelha. Do fundo do salão me chegou claramente um bufar cheio de desprezo.

— Kari Thue, disse em voz alta, — Entendo que esteja impaciente. Você não se interessa nem com as meias nem com as camisas emprestadas. Mas vou aproveitar a ocasião e perguntar também algo a você. Poderia ter a amabilidade de se levantar? Enxergo muito mal daqui. Não houve reação. — Certo, disse. Imagino que me ouça. Como sabia que na madrugada em que Cato Hammer morreu o vendaval amainou um tempo ao redor das três?

Ela continuava imóvel. Não podia vê-la, mas de repente imaginei uma lebre, uma cria de lebre marrom que se aperta aterrada contra o chão, pensando que pode se fazer invisível. A inquietação se propagou ao seu redor.

— Fiz uma pergunta!

— Mas eu não sabia que o vendaval amainou perto das três, disse Kari Thue, ainda sem se levantar. — Como pode afirmar que eu...?

— Quando começaram a correr os rumores sobre a fuga de Cato Hammer, você apresentou a teoria de que alguém havia roubado uma moto de neve, dizendo que o vendaval havia amainado justo nessa hora.

— Disse simplesmente que estava acordada as três, se apressou a dizer Kari Thue; Mas ainda não podia vê-la. — Estava acordada, o que não é estranho. E vi que o tempo havia melhorado.

— Certo, disse. — Estava acordada. E de fato nessa hora ventava menos. O que o diário do hotel corrobora. Levantou-se e sorriu triunfante aos seus partidários, quem lhe devolveram ao sorriso, um pouco preocupados.

— Exatamente. Então não entendo por quê...

— Porém disse que estava dormindo, interrompi. — Na manhã seguinte, ao descer à recepção, inclusive se queixou de que dormira profundamente. Em sua opinião era uma irresponsabilidade que Berit tivesse deixado os hóspedes dormir toda a noite. Poderíamos ter sofrido uma comoção cerebral, disse; deveriam ter nos despertado.

— Mas eu...

— Segundo todos os indícios, Cato Hammer foi assassinado ao redor das três. Estava adormecida ou acordada? Terá que escolher uma ou outra possibilidade, pois não podem ser as duas ao mesmo tempo. Quando mentiu? Na época ou agora? No fundo me sentia a gosto. Para dizer a verdade, estava me sentindo muito bem.

— Estava... Estava acordada. Mas foram só uns minutos, para... Tive que ir ao banheiro. Em seguida adormeci, e adormeci profundamente.

— Certo. Fiz uma careta de indiferença, antes de cravar o olhar em Mikkel. — Você também esteve no banheiro, não? As três da madrugada de quinta-feira. Ficou vermelho. Ficou muito vermelho.

— Fiquemos por aqui, disse. — Ao menos por agora. Mas poderia perguntar a todos. Quem estava acordado às três da madrugada de quinta-feira?

Um braço se levantou. Era um dos empregados, um rapaz de apenas vinte anos, que desde o acidente estivera quase todo o tempo em

uma das pequenas salas anexas à recepção.

— Fiquei de plantão naquela noite, disse. — Estive sentado no escritório toda a noite. Um dos médicos fez um sinal de querer dizer algo.

— Eu passei grande parte da noite acordado, disse, e adicionou, incapaz de esconder o sarcasmo: — Como alguns recordarão, fazia um vendaval muito forte, que me manteve acordado. Mas não me levantei da cama.

Outra mão levantada. E outra mais. Seguiram-se mais. Ao final pude constatar que trinta e duas pessoas admitiram terem ficado acordadas durante partes da noite, ou toda a noite. Todos eles, exceto o plantonista, haviam permanecido em seus quartos. A grande maioria dividia os quartos com outros, mas isso não constituía nenhum álibi. Ao menos Kari Thue tinha razão em uma coisa: após os tremendos acontecimentos da quarta-feira 14 de janeiro, a maioria havia dormido profundamente e não havia sonhado.

— E você? Perguntei olhando para Adrian. — Dormiu?

— Eu? O que aconteceu consigo? Merda! Mas se dormi... Não acabou a frase e recomeçou. — Dormi na recepção, a só uns metros de você, se lembra?

— E você? Perguntei a Veronica. — Pelo que entendi, foi a única que na mesma quarta-feira conseguiu que lhe dessem um quarto individual.

— Não consegui realizando algum truque, respondeu a jovem tranquilamente. — Ninguém queria dividir quarto comigo. Tive a claríssima sensação de que não sou o que se chama uma pessoa popular. Olhava-me diretamente nos olhos.

Não falou de Adrian. Não revelou que o rapaz ficaria encantado em dividir um quarto com ela e muito mais. Foi consideração de sua parte. Quase bondade. Adrian conteve a respiração. Em seguida soltou o ar depressa, enquanto tocava numa nova espinha junto ao nariz.

— Nesse caso vou me interessar por vocês dois, disse. O curdo me olhou assombrado.

— Nós? Perguntou passando o dedo pelo bigode. — Dormimos, claro. Acho que estamos mais ou menos na mesma situação que ela. Não se ouviram protestos quando deram um quarto só para nós.

A presumida esposa olhava para as mãos entrelaçadas, sem expressar nada. Passaram-se muitos segundos antes que fizesse algum gesto de mão para confirmar ou negar o dito por seu marido. Ouviu-se outra forte bufada de alguém sentado próxima da janela.

— Kari Thue, disse respirando fundo para poder controlar a voz. — Quer dizer algo? Tem algo que queira dividir conosco?

Per Langerud tossiu. Quase havia me esquecido do homem, apesar de que sua imponente figura se encontrava só a um metro atrás de minha cadeira. Girei um pouco a cabeça e o vi olhar quase imperceptivelmente para o seu pulso esquerdo.

— Dois minutos, sussurrei tapando a boca. — Dê-me dois minutos mais. Ainda que não soubesse se o meu pedido seria aceito ou não, levantei a voz dramaticamente e disse: — Kari Thue, o que está carregando na bolsa?

— Isso não interessa a você! Gritou.

— Não. Mas a polícia gostaria de saber o que tem dentro dela.

Langerud deu um passo até mim e me roçou muito levemente o ombro. Captei a advertência, mas não podia me permitir parar agora. Tampouco tinha vontade de fazê-lo.

— Se não tem nada para ocultar, não pode ser muito perigoso me contar o que carrega na bolsa. Jamais a deixa fora de suas vistas. É algo valioso? Ou é algo mais... Algo comprometedor?

— Não vou permitir isso! Havia voltado a levantar, e se apertava contra a janela, abraçada a aquela ridícula bolsa de mulher que parecia uma mochila.

— Ninguém... Ninguém tem o direito de mexer na minha bolsa!

No momento tinha razão. Ninguém ainda tinha direito de olhar as suas coisas. Por outro lado, eu havia formado uma ideia muito clara do que havia em sua bolsa. Provavelmente levava a todas as partes algum dispositivo eletrônico de armazenamento de dados. Uma memória USB, talvez. Há umas semanas atrás havia lido que Kari Thue estava acabando de escrever um livro baseado em seu trabalho no documentário **LIVRAI-NOS DO MAL**. O livro se intitularia **NOSSO REINO** e os meios de comunicação haviam prognosticado uma longa vida nas listas dos livros mais vendidos do outono seguinte.

Cada vez que Nefis se encontra a ponto de acabar um trabalho científico, tem pavor de perdê-lo. Existem pequenos dispositivos destes por todos os lados, em casa, no carro, no escritório, no sótão; caso aconteça um incêndio, roubo, desastre informático, ou guerra nuclear. Kari Thue além disso levava alguma outra coisa na bolsa. Algo que não queria que víssemos. Podia ser algo tão inocente quanto um maço de cigarros. Aparte de sua cruzada contra os muçulmanos, também se declarara contra o fumo, e quando foi promulgada a nova lei antitabaco havia desempenhado um papel nada insignificante na opinião pública. Um maço de cigarros em sua bolsa seria muito embaraçoso, claro. Ou talvez escondesse algo mais picante, como esses objetos que só se compram pelo computador e sem sair do quarto. Sua bolsa não era grande, mas suficiente. Supunha eu.

Com certeza levaria artigos de maquiagem. Um pacotinho de chicletes ou caramelos. Uma carteira, artigos para escrita, um pequeno pacote de Klenex. Imaginava que o conteúdo da bolsa de Kari Thue era típico de seu sexo, fora, quem sabe, de algo que a todo custo queria manter em segredo.

Não fizera outra coisa além de se deitar com Mikkel. Com certeza estaria apaixonada por ele. Ele havia passado parte da noite depois do acidente na companhia de Kari Thue, e havia mostrado certo interesse por essa mensagem messiânica que ela difundia. Mas agora tudo havia

acabado. A discussão que havia observado entre eles era com certeza uma ruptura definitiva. Não é que fosse muito bonito plantar alguém junto a uma mesa onde havia muita gente sentada, mas nada disso era crime. Kari Thue continuava de pé. As pessoas que a rodeavam olhavam com curiosidade para a bolsa que apertava contra o peito como se fosse um filho amado que alguém quisesse raptar. Seus grandes olhos estavam húmidos, poderia começar a chorar a qualquer momento. Permitiria que Kari Thue guardasse para ela os seus segredos.

Antes de conhecê-la pessoalmente, quero dizer, quando só conhecia essa dura e irreconciliável polemista da televisão, do rádio e dos jornais, depreciava-a. Agora só depreciava aquilo que ela defendia. Pela própria Kari Thue sentia compaixão. Tinha medo constantemente, e não sabia. Também eu tive uma vida em que sempre andava angustiada e não entendia o que acontecia. O medo fazia me esconder dentro de mim mesma. Em Kari Thue o medo gerava raiva; uma raiva irreconciliável e inflexível que machucara várias pessoas. Quando Cato Hammer aparecera assassinado, eu havia desejado que fosse ela a autora do crime. Meu desejo de machucar essa mulher, de vê-la cair, humilhada e destruída, era tão imperioso que estive a ponto de acreditar que ia conseguir. Gente como Kari Thue me dá raiva. Mas ela não havia assassinado ninguém.

— Sente-se, disse tranquilamente.

Olhou-me incrédula. Alguém próxima dela riu entre dentes. Continuava agarrada a sua bolsa. Tremia o queixo e mordera o lábio inferior, mas não se atreveu a sentar.

— Pode sentar, repeti. — Ninguém vai olhar a sua bolsa.

As pessoas olhavam para mim, em seguida para ela, e de novo para mim, como se estivéssemos jogando tênis.

— Adrian, disse, e os olhares foram imediatamente para o novo jogador. O rapaz não respondeu. — Ontem de manhã... Prossegui, —

Ontem de manhã eu estive falando com Roar Hanson. Disso você se lembra. Adrian se reclinou no sofá demostrando muito pouco interesse pelo que se dizia. — Interrompeu-nos, disse. E Roar Hanson lhe disse algo. Você respondeu que ele se ocupasse dos seus assuntos, e não de forma muito educada. Disso você se lembra, não é Adrian? *Adrian?*

Coloquei toda a minha energia na voz. A senhora que fazia ponto soltou um gritinho de susto, mas Adrian continuou impassível. Puxava com indiferença um chiclete que em seguida voltava a colocar na boca. Prossegui:

— Pareceu-me ouvir Roar Hanson lhe dizer: "Fique longe da garrafa, é perigosa" O que, claro, era uma coisa muito estranha. Mas Roar Hanson também era um homem estranho. Ao menos depois da morte de Cato Hammer. Não me entrava na cabeça por que ele se preocupava com a sua relação com a garrafa, ainda que havia lhe visto beber um par de vezes. Como a muitos outros, aliás. Mas hoje perguntei o que ele disse exatamente. Cada vez mais estava convencida de que havia escutado mal. Não entendia por que havia reagido de um modo tão agressivo ante alguém que o aconselhara em voz baixa que se afastasse da garrafa.

— Não penso em continuar escutando essas bobagens, disse Adrian se endireitando de repente. — Vou embora.

— Você não se mexa!

Langerud deu um passo até o rapaz. Adrian retornou vacilante ao sofá. Por um instante, pareceu calcular as possibilidades de se levantar novamente e começar a correr. Eram muito poucas. Com a maior indiferença que foi capaz de mostrar, se reclinou novamente no sofá.

— Hoje me disse que ele pediu que se afastasse, lembrei. — Foi então que entendi o que ele disse realmente. Por que... Deixei vagar a vista lentamente pelos congregados. — Sou um pouco surda. Não é um grande problema, mas detesto não ver as pessoas com quem estou falando. Se me distraio um instante (E isso aconteceu durante essa conversa da qual estou falando), nem sempre entendo toda a frase. Não

obstante, com certa experiência e capacidade de associação, consigo corrigir isso. Mas nem sempre.

Um impaciente murmúrio se propagou pelo salão. As poucas crianças presentes começaram a ficar nervosas. Os pais tentavam acalmá-los como podiam, e notei que a grande maioria parecia sinceramente interessada na continuação.

— É quase como palavras cruzadas, prossegui olhando para Adrian. Contou-me que as primeiras palavras que ele disse foram "fique longe". Insistiu em que isso foi tudo o que ele disse, mas sei que foi algo mais. Já que "fique longe" não tem muito sentido se não se diz algo mais. Alguns riram baixinho. A senhora do ponto deu sonoras gargalhadas. — ... De modo que comecei a fazer associações. Acabou sendo fácil. O que Roar Hanson disse quando você se aproximou foi...

— Você não pode saber o que ele disse! Gritou Adrian. — Está surda, merda! Você mesma disse! Não pode... Veronica não havia se movido, era como uma boneca de cera. Nesse momento colocou uma mão delgada sobre a coxa do rapaz, e ele se calou imediatamente.

— "Fique longe dela, é perigosa." Eu disse em voz muito alta e muito depressa. — Isso foi o que Roar Hanson falou antes que você respondesse: "Que se foda" E ao falar isso olhava para Veronica.

Ninguém dizia nada. Ninguém se movia. Era como se todos quisessem analisar o meu raciocínio por sua conta, fazer uma dupla comprovação e descobrir se seria possível se equivocar dessa maneira. Estavam imersos em seus pensamentos, moviam a boca sem emitir nenhum som, saboreavam as palavras, o ritmo das frases, e por fim chegaram à conclusão que o que eu havia dito tinha alguma lógica. A sala continuava em silêncio. Inclusive as crianças compreenderam que algo decisivo estava a ponto de acontecer, pois ficaram quietas e caladas a lado de seus pais.

— Estava com as meias molhadas, disse olhando para Veronica, — Por isso pediu emprestado um par a Adrian na manhã seguinte. Foi o próprio Cato Hammer quem insistiu em sair. Assustou-se tanto quando

foi falar com ele, que queria se afastar o máximo possível para que ninguém pudesse ouvi-los. Foi encontrá-lo antes da reunião. Contou para ele que a sua mãe havia morrido há pouco, e que queria falar seriamente com ele. Calei-me um momento e tive a sensação de que todo o mundo havia deixado de respirar.

Após a morte de Cato Hammer havia custado muito a entender como haviam conseguido que ele saísse com esse frio. Quando por fim compreendi que ele é que devia ter sugerido, comecei a intuir a verdade.

— Não se afastaram muito, prossegui. — Talvez ficassem logo abaixo do telhado. Ele estava a dois passos da parede. Você não usava sapatos. A maior parte das pessoas andava de meias, depois que secaram o chão. Ir buscar as suas botas no meio da noite teria sido correr um risco desnecessário. Assim saiu de meias. Quando voltou a entrar, haviam se enchido de neve. A neve derreteu e as meias ficaram molhadas. Os olhos de todos pousaram nas meias vermelhas de Veronica.

— Tudo isso é uma fodida mentira! Gritou Adrian. — Não estavam molhadas! Veronica não me pediu as meias por isso. Tinha os pés gelados, merda! Algo normal e comum... Ficar com os pés gelados! Uma vez mais a jovem colocou uma mão sobre a coxa do rapaz.

— Não foi assim, objetou.

— Sim, insisti. — Mais ou menos.

Agora não tinha o rosto tão pálido. Pareceu-me distinguir um suave tom rosado nos pômulos. Sua boca se retorceu em um leve sorriso, quase imperceptível.

— Mas evidentemente não basta um par de meias, manifestei. — Chama-se Veronica Larsen, não é? Ela se limitou a me olhar. Com o mesmo sorriso de Mona Lisa. — De fato se chama Veronica K. Larsen, prossegui, sublinhando o K.. — Ao menos assim figura na lista dos passageiros do trem de Berit Tverre. Imagino que o K vem de Koht, que era o sobrenome de sua mãe.

Veronica fez um leve gesto negativo com a cabeça. Aproximei a cadeira; queria dar a impressão de estar farta. Com certeza exagerei, porque algumas das jogadoras de handebol riram entre dentes. Só três metros separavam a minha cadeira de Veronica Koht Larsen. Parei e freei.

— Não existe nada mais fácil no mundo que descobrir o nome de alguém, disse em voz baixa, olhando-a fixamente nos olhos. — Seria uma bobagem não...

— É sim, me interrompeu. — Meu outro sobrenome é Koht.

— Sua mãe era Margrete Koht, afirmei.

Agora falava só com ela. Baixei a voz. Com o rabo do olho vi muitos se inclinarem para nós, alguns com a mão atrás do ouvido para ouvir melhor. Eu não os ajudei, pelo contrário: baixei ainda mais a voz.

— Ela trabalhava no Fundo da Agência de Informação. Ali foi cometido um crime de malversação de fundos. Em 1998. Um gravíssimo crime que arranhou sobremaneira o nome da instituição. Sua mãe foi acusada, e mais tarde condenada. Tenho uma forte suspeita de que ela não era culpada. Enganaram-na, ou talvez a... Convenceram-na a que se declarasse culpada. Culpada de algo que não havia feito.

Creio que piscou. Não posso estar certa disso; eu mesma tinha os olhos secos e piscava constantemente. Mas creio que ela moveu ligeiramente as pálpebras.

— Trazia uma arma de fogo no trem, prossegui, — Circunstância que levará a polícia a pensar que o assassinato de Cato Hammer foi premeditado. Mas por agora deixemos este tema.

Adrian estendeu os braços e berrou:

— Já chega! Hanne! Veronica não... Hanne!

— Chega você! Exclamou Veronica com voz dura. — Cale-se já, Adrian!

Ele a olhou boquiaberto antes de voltar a sentar. Foi como se o ar lhe saísse lentamente pela boca aberta até que o delgado corpo do rapaz ficou convertido em uma espécie de cartucheira flácida.

— Está errada, disse Veronica sem afastar o olhar do meu.

— Atirou em Cato Hammer, disse. — Levava a arma em sua bolsa, que até agora vem escondendo no quarto. Adrian notou que havia algo dentro da bolsa quando chegou ao hotel. Algo não muito grande, mas pesado. Tinha a esperança de que se tratasse de... Adrian gemeu. Eu mudei de ideia e concluí: — Adrian achava que era algo muito diferente.

Veronica nem sequer apanhou a bolsa. Estava com ela ao seu lado, no extremo do sofá, comprimido entre a sua coxa e o braço do sofá. Não deu um olhar para a comprometedora bolsa. Nem sequer um leve tremor da mão. Continuava ali sentada, quieta e silenciosa como sempre, com um sorriso enigmático. Isso eu não esperava. Comecei a suar.

— É a única que dormiu sozinha, apontei. — A única, exceto os empregados. Poderia ter escondido a arma no quarto, e em seguida fechar este com chave, mas lhe pareceu mais seguro colocá-la na bolsa e esconder tudo. Para dizer a verdade, creio que lhe custou muito voltar a apanhar o revólver depois de matar Cato Hammer. Não gostava... De olhá-lo.

Agora piscou de verdade. Uma minúscula ponta de sua língua molhada e rosada percorreu o lábio inferior.

— Mas não creio que foi isso o que a impediu de usá-la de novo, prossegui. — Foi algo muito diferente o que a fez matar Roar Hanson com um pingente de gelo; em seguida explicarei por que não usou a arma de fogo na segunda vez.

— Um pingente de gelo?

— Um pingente de gelo!

A palavra correu pelo salão como uma faísca. No principio era murmurada, mais a frente em voz alta, em seguida gritada com incredulidade e entusiasmo, com dúvida e grandes pontos de exclamação. Um pingente de gelo!

— Não entendia o pingente de gelo, prossegui em voz baixa, enquanto Langerud fazia valer a sua autoridade e mandava todo mundo se calar. — Uma arma estranha. Difícil de manejar. Exige certa habilidade, sobretudo precisão e flexibilidade. Mas me lembrei de algo que Adrian havia dito...

O rapaz estava chorando. Havia retirado o gorro e o pressionava contra o rosto a fim de afogar esses humilhantes soluços. Tinha vontade de consolá-lo. Queria segurá-lo em meus braços, embalá-lo e dizer que havia voltado a ter má sorte. Gostaria de sussurrar em seu a ouvido palavras de consolo e afirmar que algum dia encontraria uma pessoa adulta em quem confiar. Algum dia. Agora não poderia ajudar Adrian. Talvez ninguém pudesse ajudar Adrian.

— Hanne Wilhelmsen... Per Langerud me colocou uma mão no ombro para me despertar.

— Perdão, murmurei.

— Talvez devêssemos...

— Não, disse. — Não!

— Creio que isso já...

— Adrian me contou que é faixa preta de tae-kwon-do, interrompi-o, fixando uma vez mais a vista em Veronica. — Achei que mentia. Ou que você havia mentido a ele. Mas é verdade, não é?

— Sou faixa preta, segundo dan. "Vem daí seu autodomínio", pensei, e inspirei fundo.

— Se se pode matar com um pingente de gelo, apontei, — Precisa ser alguém que pratica artes marciais. Além disso, é uma grande amiga dos cachorros. Uma vez mais a sua língua roçou velozmente o lábio. — A única vez que se preocupou com alguma coisa que não fosse Adrian foi quando o cachorro morreu. Muffe. Estava irritada. Falou de leis,

regras e cadáver, e mostrou uma grande compaixão pelo dono. Um estranho interesse levando em conta a atitude negativa que manteve com todos os demais. Não lhe custaria nada entrar para ver o pitbull preso. É das pouquíssimas pessoas do hotel que teria se atrevido a isso. Talvez a única, exceto o próprio dono. Ao menos eu acho isso. Sorri brevemente e me dei conta de que me custava respirar.

As pessoas não estavam mais tão silenciosas como antes. Não porque não tivessem interesse no meu absurdo interrogatório a portas abertas, uma clara violação dos direitos de Veronica, que, nesse momento, carecia totalmente de rigor. Quando alguns começaram a sussurrar entre eles e outros deixaram de se preocupar em falar em voz baixa, quando as conversas correram de um extremo ao outro do salão e aumentaram de volume, foi porque as pessoas já estavam convencidas. Veronica Koht Larsen, a jovem que ficava sentada junto à porta da cozinha; essa pequena figura que dava medo, vestida de negro, que sempre estava acompanhada por esse rapaz estranho e sujo, era uma assassina. Era tão sensacional que seria impossível permanecer em silêncio. Era uma vivencia tão impressionante que precisava ser compartilhada com outros para ser real. Eu não sabia o que fazer.

A opressão no peito ia aumentando e de novo senti a dor na ferida da perna, que na teoria não podia sentir. Fechei os olhos e trinquei os dentes no instante em que Veronica Koht Larsen se levantou do sofá azul. O murmúrio acabou. Ninguém se moveu. Tampouco Veronica. Sem que nos déssemos conta havia pendurado a bolsa no ombro.

— E alguém poderia me dizer, perguntou tranquilamente, com uma voz melodiosa e clara, — Por que diabos iria utilizar um pingente de gelo coma arma, se todos agora sabem que levo um revólver na bolsa?

Quando o helicóptero havia chegado, a maior parte dos hóspedes havia pensado que a estadia em Finse 1222 havia chegado ao fim. Muitos foram apanhar suas coisas em seus quartos. Veronica foi um deles. Pensava que iria para casa e havia apanhado por fim a bolsa. Agora acabava de meter a mão nela, com um movimento quase imperceptível.

— Boa pergunta, exclamei em voz muito alta, consciente de correr um risco inadmissível. — Uma boa pergunta. Quer respondê-la você mesma?

— Vamos terminar, disse em tom tranquilizador Per Langerud, se aproximando de Veronica com uma mão estendida. Agora vamos nos acalmar e...

— Quieto! A jovem nem sequer levantou a voz.

Eu tinha razão. Era um revólver, não uma pistola. E estava apontando para mim. Veronica se movia de lado lentamente. Alguns gritaram, eu fechei os olhos. Quando voltei a abri-los, Veronica estava deitada no chão. O curdo, o homem de bigode que eu pensava que fosse curdo, tinha um joelho nas costas do delgado corpo da jovem, e lhe imobilizava os braços com uma mão. A mulher do hiyab também estava ajoelhada, empunhando com ambas as mãos um revólver que apertava contra a testa de Veronica.

Per Langerud deu um forte grito, e atrás de mim ouvi alguém correr. Não entendi o que gritavam, mas respondi:

— Não façam nada! São dos nossos! Não toquem neles! Os três policiais pararam imediatamente. — Deixem-na se levantar, disse, levando a minha cadeira até Veronica.

A mulher colocou a arma na cartucheira e se apoderou do revólver da jovem. Com movimentos seguros e experientes abriu a arma e lentamente se colocou a dar voltas no carregador.

— Vazio, disse com voz apagada. — Está sem munição.

— Exatamente, eu disse. — Vazio.

Havia arriscado muito. Demasiado, mas havia ganho. Estava tão certa de que o revólver não tinha balas que havia arriscado a vida de outras pessoas. Talvez fosse melhor que me mantivesse afastada da polícia. Mas não havia nenhuma outra razão lógica para utilizar um

pingente de gelo coma arma homicida se se dispunha de um revolver. A menos que a arma estivesse quebrada ou sem munição. Veronica só havia trazido uma bala para o trem de Bergen. Não precisaria perguntar por que, pois me lembrava de outro caso, em outros tempos, em outra vida. Um homem só tinha duas balas em um carregador com capacidade para nove. A explicação: havia roubado a arma.

No carregador havia só duas balas. E as duas me alcançaram.

Veronica havia roubado um revólver com a munição que precisava. Eu não sabia se havia planejado matar Cato Hammer no trem ou em Bergen. Isso já não tinha importância, porque o matou aqui, em Finse, e quando Roar Hanson ameaçou-a com a revelação, ela já havia ficado sem balas. Mas teve uma ideia. Veronica era uma mulher esperta, e o detalhe da arma que derrete teria sido admirável em outras circunstâncias. Na teoria, quero dizer.

* * *

Veronica permanecia sentada no sofá, imóvel, com os braços algemados às costas. Os três policiais estavam esvaziando o Salão Azul. Havia necessidade de afastar as pessoas de Veronica, de tudo o que havia acontecido, e os três representantes da ordem deviam estar se perguntando como explicariam aos seus superiores o que acontecera. Adrian continuava sentado no Salão Azul, como um boneco de trapo esquecido por uma criança à quem já não importava. Havia parado de chorar. As lágrimas haviam desenhado largos sulcos no rosto sujo. Tinha o nariz vermelho e inchado e os olhos semifechados.

— Vá, disse. — Vá já, Adrian. Em seguida irei falar consigo, certo? Levantou-se, apático, e deixou que Berit o levasse pela mão para a recepção. Veronica nem sequer o olhou. Mas olhou para mim.

— Minha mãe nunca foi criminosa.

— Não diga mais nada, disse. — Conseguirei um bom advogado. Não diga nada mais até então.

— Ela era demasiado religiosa. Pela primeira vez mostrou sinais de pura agressividade. — Cato Hammer estava há vários anos enfiando a mão na caixa, mas quando se deu conta de que as coisas estavam ficando feias, conseguiu... Convencê-la para que assumisse toda a culpa! Ele sabia que antes de mais nada ela protegeria a Igreja. A Igreja era tudo para a minha mãe.

As palavras agora saíam aos borbotões. Algumas frases soavam mortas e monótonas até que de repente elevava a voz e recalcava determinadas palavras. Era como se algo tivesse se quebrado dentro desse frágil corpo; precisava falar.

— A Igreja e eu: isso era tudo o que minha mãe tinha neste mundo. Teria feito o que pudesse por qualquer uma das duas. Mas quando a minha necessidade de ter uma mãe entrou em conflito com a necessidade de proteger a Igreja, eu fui a parte perdedora. Cato pronunciou longos sermões sobre os perniciosos efeitos de que um de seus diretores financeiros fosse preso por malversação de fundos, toda a Igreja se...

— Veronica, interrompi. — Falo sério; não diga nada mais agora.

— Wilhelmsen tem razão, interveio Langerud. — Após organizarmos tudo, a levaremos para Bergen. Ali lhe indicarão um advogado, claro.

— Minha mãe não era mais que uma secretária, prosseguiu Veronica com o olhar perdido, como se não tivesse ouvido nenhum dos dois. — Uma secretária profundamente religiosa, que estava autorizada a assinar cheques e tinha acesso a um monte de dinheiro. Que ela jamais tocou! Uma secretária algo atormentada, com problemas nervosos, e uma fé cega em Deus. Tanto Ele como Cato Hammer... Traíram-na... Por que... Por que... Apareceram lágrimas em seus olhos, mas a voz continuava firme. — Eu não podia acreditar que ela tivesse feito aquilo, disse. — Roubar dinheiro... Em que teria gasto? Confessou. Ninguém parou para pensar que a única coisa que a polícia conseguiu encontrar foi uma conta bancaria recém-aberta com oitocentas mil coroas. Em seu desespero por terem descoberto a fraude, Cato lhe deu o dinheiro. Ela disse ter gasto o resto. Nunca acreditei. Nunca tivemos muito dinheiro.

Em seguida caiu... Doente, e a internaram. Eu só tinha quinze anos. Quinze anos! Respirava trabalhosamente. — Cumpriu quase dez anos de condenação em um hospital em Oslo. E jamais revelou a ninguém que expiava a culpa de Cato Hammer. A casa da minha infância foi vendida para cobrir a reclamação do Fundo. Quando por fim morreu, em janeiro, encontrei uma carta entre seus papéis, uma carta que havia escrito em 1998. Tinha o meu nome escrito no envelope. Quando a li, decidi...

— Cale-se já, disse. — Langerud, faça algo. O homem grande se colocou de joelhos diante dela.

— Não podia permitir que Roar Hanson destruísse... Ele disse que ia... Disse...

— Veronica, pare já, insistiu Langerud. — Certo?

Ela deixou vagar o olhar, como se não o visse. Ele lhe colocou com cuidado a mão direita ao redor do queixo, e a obrigou a olhá-lo.

— Cale-se! De repente lhe deu um ligeiríssimo tapa. Aconteceu com tanta rapidez que se tivesse piscado eu o teria perdido. — Entendeu? *Entendeu?*

— Sim, respondeu Veronica Koht Larsen. — Entendi tudo. Oxalá tivesse entendido tudo há muito tempo. Se tivesse entendido quando tinha quinze anos...

Não terminou a frase. Já havia confessado dois assassinatos com premeditação, ainda que eu nunca o contaria a ninguém. Mas Langerud não podia pensar como eu: a jovem havia falado demasiado. Por outro lado, a partir desse momento Veronica não diria nada mais em vários meses, mas isso ninguém podia saber quando se levantou depressa e rigidamente do sofá.

Já não me recordava a um gato. A mulher que seguia obedientemente Per Langerud através dos espaçosos salões do edifício anexo de Finse 1222 não se movia mais com agilidade, não deslizava. Seus passos eram curtos, e se voltava repentinamente para um lado e outro para manter o equilíbrio. Tinha a cabeça baixa.

* * *

Furacão

NA ESCALA DE BEAUFORT - FURACÃO

Velocidade do vento: a partir de 32,7 m/s
Se passar por cidades haverá uma catástrofe natural que poderá levar várias vidas humanas.

— O rapaz virá comigo, disse.

Berit estava fazendo listas das pessoas que iam ser evacuadas juntas e em uma determinada ordem. Por fim havia se decidido que as pessoas começariam a sair do hotel nessa mesma noite. De qualquer maneira ninguém iria pregar olho, e o vento havia amainado. Já não havia motivos para reter as pessoas. Muito ao contrário. Quanto mais rápido se esvaziasse o hotel, mais rápido poderiam começar os trabalhos de reparação. Johan havia conseguido ajuda para retirar a neve da plataforma. Haviam desenterrado os tratores em um tempo recorde. Muitos hóspedes haviam se unido ao trabalho com pás e um entusiasmo infantil. A julgar pelos que entravam com o rosto vermelho e as mãos geladas, a plataforma parecia uma enorme piscina, uma pista de hockey sobre gelo. Os cabos ao longo da via continuavam enterrados, e já não tinham corrente.

Agora os helicópteros poderiam aterrissar. Esperava-se o primeiro a qualquer momento.

— O rapaz virá comigo, repeti. — E gostaria de ser a última a ir embora.

— Então não irá antes de amanhã, disse Berit.

— Está bem, respondi avançando com a cadeira pela recepção, que já havia ficado quase vazia.

Alguns estavam fora, outros haviam se retirado aos seus quartos, se não para dormir, ao menos para se recuperar um pouco após todo o ocorrido. Desde a chegada da polícia já não se servia mais álcool, e a maioria compreendera que os preparativos e a evacuação levariam algum tempo. Como a evacuação estava a ponto de começar, isso agora era a única coisa que importava.

Adrian havia se sentado a certa distância dos demais, junto à porta da cozinha. Ninguém se fixava nele. Estava ali sentado desde que o haviam trazido do edifício anexo. Não fazia nem dizia nada. Limitava-se a ficar ali sentado, com a testa apoiada nos joelhos encolhidas e abraçando as pernas, enquanto balançava o corpo de um lado para outro, imperceptivelmente. De repente apareceu ao meu lado o curdo que não era curdo.

— Sou Thomas Chrysler, se apresentou; esboçou um amplo sorriso e me estendeu a mão. — Um espetáculo impressionante o que fez lá em baixo.

— Thomas Chrysler, repeti docilmente, pensando que alguém deveria ter inventado algo melhor ao dar ao homem uma identidade falsa. — Do Serviço de Segurança da Policia, não?

Deu um rápido olhar ao seu redor. Ninguém poderia nos ouvir. Ainda assim não respondeu. Abaixo do hirsuto bigode se via uma dentadura uniforme.

— Só queria perguntar, disse em lugar de me responder, — Como podia estar certa de que Clara e eu enfrentaríamos Veronica Larsen? Colocou os dois ao nosso lado. Disse que se sentassem ali, Veronica e o garoto.

— Eu os vi quando caiu o vagão de trem, disse. — Vi sacarem as armas. Entornou os olhos. Escrutou-me uns segundos antes de esboçar outro largo sorriso. Seus dentes eram realmente muito brancos e regulares.

— Mas não podia saber que nós...

— Um momento, disse levantando uma mão para detê-lo. — Tinha muitas razões para pensar que eram dos bons, sabe? Um passarinho havia... Bem, ainda que não havia me cantado no ouvido exatamente, mas havia me dado um olhar que me fez compreender que vocês eram de confiar. Paremos por aqui. Encantada em conhecê-lo, mas agora preciso ajudar esse garoto. — Ah, só uma coisa mais... Agora fui eu quem girou a cabeça. — Imagino que a sua missão era vigiar os passageiros do trem, adicionei, afogando um bocejo. — Trabalhavam com identidade falsa por que se alguém tentasse matar o terrorista... Entornou os olhos um pouco mais. Suas pestanas eram tão longas que caíam sobre as pesadas pálpebras.

— Terrorista? O sorriso se converteu em uma gargalhada cordial. — Não custodiamos nenhum terrorista, disse ainda sem levantar a voz. — Tratava-se de uma manobra! Uma simulação. Acreditou que...? Não, não! Era uma simulação. Muito realista, para dizer a verdade, sob condições muito exigentes.

Estava mentindo.

Precisava ser uma mentira. Não podia ser verdade que todo aquele pesadelo, tudo o que havia acontecido em torno do vagão secreto, todos os rumores e desgostos, a rebelião no edifício de apartamentos... Não podia se tratar de um simples simulacro. Eu não podia ter perdido tanta energia nisso, em um simulacro, quando desde o principio deveria ter me centrado nessa única pergunta vital desde a primeira noite: Quem matou Cato Hammer?

— Simulação de quê? Engoli saliva, tentando manter a voz em um tom neutro.

— De transporte em trem de presos de alto risco. Você mesma disse que... Uma vez mais aquele olhar experiente passeou pela sala. —

Vivemos em uma nova época com novos desafios. Você mesma mencionou um deles. Piscou o olho direito. As pestanas se enredaram de um modo que o gesto foi mais cômico que cúmplice.

— Vá, disse em voz baixa. — Por favor, me deixe em paz.

— Vamos, disse retrocedendo um passo. — Não era minha intenção...

— Vá embora.

— Certo, certo.

Havia voltado a sorrir. Colocou o casaco, apanhou um pacotinho de chicletes do bolso e me ofereceu.

— Não, obrigado. Quero ficar só.

— Então só me resta agradecer este encontro, disse e começou a andar. — E lhe desejar uma boa viagem de volta para casa.

Havia avançado uns três ou quatro metros quando se voltou.

— Uma coisa mais, adicionou mastigando freneticamente. — Ontem à noite, durante o jantar, me dei conta de que se perguntava qual era o idioma que Clara e eu falávamos. Não respondi. Nem sequer o olhei. Levei minha cadeira lentamente até Adrian. — Esperanto, disse rindo. Nenhum dos dois fala árabe suficientemente bem. O esperanto é algo que muito pouca gente conhece e soa bastante estranho.

Sua risada era autêntica. Não pretendia brincar comigo. Estava tão contente quanto eu de que tudo tivesse acabado e de que fossemos para casa. Porém, naquele momento poderia tê-lo matado. Não queria voltar a vê-lo jamais. Uma simulação. Sentia-me enganada. Havia me deixado enganar de maneira idiota. E o pior era que me fazia sentir como uma idiota.

— Adrian, disse em voz baixa. Mas o rapaz nem sequer levantou a cabeça.

* * *

Já estávamos no sábado, 17 de fevereiro, e próximo da uma da tarde. Finse 1222 já estava praticamente vazia. Os grandes helicópteros haviam começado a transportar as pessoas às três da madrugada. Chegavam zumbindo como libélulas pelo sudoeste, recolhiam grupos de passageiros, e subiam antes de desaparecer no céu. Magnus Streng foi dos primeiros a partir, e me abraçou com tanta força ao se despedir que achei que ficara marcada para sempre. Deu-me seu cartão e prometi ligar.

— Um dia destes, disse. — Ligarei qualquer dia desses. Nunca ligaria para Magnus Streng.

Os mortos foram trasladados em um helicóptero à parte: o maquinista do trem, Elias Grav, os clérigos Cato Hammer e Roar Hanson, e o aterrado Steinar Aass, que havia sido suficientemente estúpido para acreditar ser capaz de vencer o furacão Olga. Só a pequena Sara com a sua roupa rosa de bebê pudera viajar com a mãe, envolta em uma manta de lã que a mãe apertava contra o peito enquanto chorava e se deixava conduzir ao helicóptero. E eu havia deixado que me levassem nos braços.

Algo que quase nunca acontecera desde que, depois de receber os tiros, havia melhorado o suficiente para me levantar da cama sem ajuda de ninguém. No transcurso de quatro anos, só havia me deixado levar nos braços em um punhado de ocasiões. Geir nem sequer me pediu permissão. Agarrou-me sem mais, de uma maneira tão ligeira que foi quase prazeroso, e me levou pelos artísticos degraus até o ar livre e a intensa luz do sol esbranquiçado pela neve. No lado este do edifício, muito próximo da estação coberta pela neve, Geir havia cavado um largo sofá e coberto de peles de rena e vista para o lago Finse.

Ondas congeladas de neve cobriam todo o lago. Da outra orla se elevavam as montanhas, às que Geir apontava enquanto dizia seus nomes sem que eu lhe pedisse. Berit aparentemente tampouco prestava atenção. Ela conhecia a paisagem, e se reclinou nas peles, fechando os

olhos atrás dos óculos de sol. Tinha a boca meio aberta. Parecia adormecida; uma despreocupada turista de inverno iluminada pelo resplendor gelado do sol. Eu olhava boquiaberta e fascinada a paisagem que me rodeava. Berit me dera um par de óculos de sol da loja, e não me deixara pagar. Fiquei com o aspecto de uma mosca, assim que tanto melhor. Era incapaz de entender como o branco podia ser tão branco. Quando retirei os óculos a fim de sentir a intensidade da luminosidade, a luz se cravou como uma faca em minha retina.

Contemplei com os olhos semifechados a grandiosa vista. A luz do manto de neve se fracionou nas lágrimas que se apossaram das minhas pestanas como pequenos prismas de água. Nesse canhão de luz me parecia que cada floco de neve dessa paisagem imensa tinha todos os matizes do arco-íris. Tudo o que me rodeava despedia pequenos raios coloridos que desapareciam antes que conseguisse captá-los. Geir falava e gesticulava, mas eu não ouvia nada. Estava surda a tudo menos às vistas. Era como se realmente pudesse escutar a luz solar cair ao chão e explodir nesse jogo de cor que me deixava sem ar. Tive que colocar outra vez os óculos de sol. Desapareceram os reflexos e de novo me encontrei olhando para a maravilhosa e branca paisagem da alta montanha.

Dali divisava acima da capa de neve o lado direito do pequeno castelo que Geir havia construído. Estávamos sentados ao abrigo da leve brisa que continuava nos mordendo as faces, e podia ver a improvisada pista de aterrisagem próxima dos trilhos do trem, o hotel e o edifício da estação. O penúltimo helicóptero estava a ponto de partir de Finse.

Veronica desceu os degraus cobertos de neve do hotel. Haviam retirado as algemas. Cada um dos dois policiais mais jovens segurava-a por um braço. Pela forma como cambaleava pela plataforma em direção ao helicóptero dava a impressão de precisar de todo o apoio que pudesse ter. Protegi os olhos do sol com a mão e olhei para o hotel. Per Langerud saiu do edifício de apartamentos com o sul-africano diante dele. Eu não havia voltado a pensar nesse homem desde que me convenci de que havia conseguido ir para o outro edifício antes que o vagão do trem

caísse. Exposto à intensa luz, o rosto do africano ficava mais escuro e indecifrável.

— Por que...? Murmurei, mas me interrompi. O homem estava algemado. Per Langerud o empurrou irritado quando o homem se deteve ante o imponente helicóptero. — Berit, disse murmurando.

— Sim... Ao menos não estava adormecida.

— Por que prenderam o sul-africano?

— O sul-africano? Berit se levantou para olhar. — Ah, esse. Não é sul-africano.

— Sim, ´é... Comecei .Então me lembrei que ninguém havia me dito que esse homem bem vestido e com um forte e cantado acento britânico fosse sul-africano. Eu simplesmente havia suposto.

— É norte-americano, indicou Berit se acomodando de novo entre as peles. Deixou escapar um suspiro, e se cobriu com uma manta de lã.

Norte-americano. Havia conseguido me enganar com um acento aprendido. Tentei lembrar o que Thomas Chrysler havia dito exatamente no transcurso de nosso breve encontro, quando tudo terminara e eu só pensava em me ocupar de Adrian. Suas palavras ainda me doíam: "Não era mais que uma simulação" Também me lembrei da exclamação de Geir Rugholmen no escritório, justo antes que chegasse o primeiro helicóptero. "Se se tratar de um terrorista que foi preso ou que pediu asilo em território norueguês, deve temer é aos americanos! Eles não se importariam muito..."

— Empreste-me o binóculo um momento, pedi a Geir.

O homem que havia tomado por sul-africano continuava tão impecavelmente vestido quanto antes. Com o binóculo pude ver as estreitas listras de seu terno. A gravata continuava igualmente perfeita, e os sapatos com os quais pisava a neve eram elegantes e estavam tão resplandecentes como sempre. Só havia mudado o seu rosto.

— Por que o prenderam? Perguntei baixando o binóculo.

— Por posse de armas, respondeu Berit com indiferença. — Ou por qualquer outra coisa qualquer, acho.

"De qualquer maneira não contariam a você", pensei. Olhei para Geir. Este não acompanhava o que acontecia lá em baixo, mas contemplava ensimesmado o lago Finse, murmurando algo sobre kitesurf. "Aí está, o seu ianque, Geir", pensei. "Tinha razão". Mas não disse nada. O sul-africano que não era sul-africano estava sendo a prova de que Thomas Chrysler, que com certeza não se chamava Thomas Chrysler, havia mentido ao falar de um simulacro que sem dúvida não era um simulacro. Não sabia o que pensar. O pulso acelerou e o aumento de adrenalina me obrigou a respirar mais depressa. Talvez estivesse furiosa. Ou talvez mais aliviada do que outra coisa. Ao fim e ao cabo, não errara. Como se isso significasse algo. Voltei a levar o binóculo aos olhos.

O americano entrou no helicóptero. Esteve a ponto de perder o equilíbrio, mas Langerud o agarrou forte pelo braço antes que caísse. Já dentro, Langerud o seguiu. As pás do helicóptero começaram a dar voltas lentamente, produzindo um ruído profundo. Berit se levantou, protegendo os olhos do sol com as duas mãos.

— O penúltimo helicóptero, assinalou. — Quando chegar o último será você a partir, Hanne.

— Precisará voltar em outra ocasião, disse Geir com um sorriso. — Ocupar-me-ei pessoalmente de levá-la de trenó ao pico de Finsenut! Sorri.

O helicóptero levantou voo depressa, como se não se atrevesse totalmente a se separar do chão. A neve se agrupava com tanta força que tivemos que tapar o rosto com as mãos e nos inclinar para frente. Por fim, quando a máquina subira uns cem metros, pude voltar a levantar o olhar até o céu. De repente o helicóptero acelerou e saiu disparado para o oeste, com dois presos e três agentes de polícia a bordo.

— Falei seriamente, insistiu Geir animado. — Venha um dia! Procurarei ter desenterrado meu apartamento então. Podemos levá-la na moto de neve. Johan tem um fantástico tiro de cachorros, podemos...

— O helicóptero seguinte vai chegar em seguida? Interrompi-o, enfocando o binóculo até o sudoeste. A última máquina Sea King já havia se afastado de nós mais de um quilômetro. Mas mais longe e algo mais ao sul um objeto escuro se aproximava pelo ar.

— Não, respondeu Berit vacilante. Chegará aproximadamente dentro de uma hora. Por quê?

— Olhe, disse lhe dando o binóculo. — Lá.

— Agora estou vendo, disse Geir entornando os olhos. — É um helicóptero. Voa baixo. Muito baixo.

Vinha direito até nós. Na metade do lago Finse, a uma altura de apenas cem metros acima dos montes de neve, se desviou para o oeste, descrevendo um arco até o pico de Finsenut antes de se aproximar da pista de aterrisagem diante do hotel.

— Mas está pintado de negro! Disse Geir através do ruído. — E não tem nenhuma marca, nenhuma matricula! Uma vez mais, a neve se agrupou e os infernais torvelinhos nos recordaram como o furacão havia arrasado tudo nos últimos dias.

— Dê-me o binóculo! Gritei para Berit, que me deu-os antes de se inclinar para frente e colocar o rosto entre os joelhos, tapando os ouvidos com as mãos.

No momento da aterrisagem, consegui deslizar até o extremo do pequeno castelo de neve. Apertei-me junto à parede, com a cabeça apenas aparecendo acima da borda. A neve me arranhava nos olhos, mas me senti melhor quando pude colocar os óculos. Via pouco mais que neve. Mas em um instante a vista limpou. Vi os quatro homens do sótão se aproximarem encolhidos do helicóptero, que obviamente não tinha intenção de desligar o motor. Era difícil distinguir as pessoas, mas o primeiro me parecia ser Severin Heger. O homem media quase dois metros, e suas costas eram mais largas que a dos demais. Nenhum estava mais usando aquela volumosa roupa, ainda que estivéssemos a uns

quinze graus abaixo de zero no exterior. O helicóptero devia estar aquecido. A neve e o vento não só me arranhavam os olhos, como também tinha a sensação de mil minúsculas flechas de vidro chocando contra o rosto. Havia retirado as luvas para segurar melhor o binóculo, e os nós dos dedos haviam ficado tão frios que temia que os dedos se quebrassem.

Severin já estava junto ao helicóptero. Deteve-se e endireitou as costas um pouco antes de agarrar o braço ao homem que ia atrás dele e ajudá-lo a subir a escadinha que alguém da tripulação havia colocado logo após a aterrissagem. Então me dei conta de que o homem que estava entrando no helicóptero nesse momento era o único que não levava mochila. Vacilou um momento antes de dar o último passo, olhando para todos os lados. Seu rosto encheu o campo de visão do binóculo o tempo justo para que não pudesse acreditar no que estava vendo. Talvez transcorresse um segundo antes que os torvelinhos de vento e neve voltassem a me impedir de ver os quatro homens e o helicóptero negro sem identificação.

Talvez meio segundo, talvez um e meio. Não podia ter visto o que acreditava ter visto. Não podia ser ele. O homem tinha uma barba longa e escura que formavam um vê invertida desde a boca. Os olhos que olhavam fixamente para o binóculo sem saber, eram muito escuros, com longas pestanas e uma expressão triste e indulgente. Seu aparecimento me causou uma tremenda impressão, quase paralisante, mas com certeza foi a boca o que mais me chamou a atenção. Era grande, com uns lábios inusualmente carnosos e bem formados. Seus dentes branquíssimos contrastavam estranhamente com os sinais de velhice de sua barba grisalha. Era um homem muito bonito, e eu era incapaz de assimilar o que acabava de ver. Ainda mais difícil me era entender por que os americanos haviam se contentado em enviar só um homem. Talvez não fosse assim. Talvez houvessem mais homens fora daquele ao que eu havia tomado por sul-africano. Só que ninguém chegara a descobri-los. Apertei os olhos para enxugar as lágrimas, e voltei a abri-los.

As pás do helicóptero roncaram. E ele levantou voo. Desafiei o frio e me obriguei a olhar dentro do caos de neve. Tudo era branco, e por um instante tive a sensação de estar cega. Respirei fundo e esfreguei as mãos geladas contra o rosto quando o helicóptero havia ascendido tanto que a neve já não me impedia ver. Não estava cega, mas me era impossível crer o que sabia que acabava de ver.

— Quem era ele? Perguntou Geir, quando o escuro helicóptero desapareceu por onde havia chegado, voando baixo e depressa. Em seguida o silêncio voltou à montanha.

— Não sei, respondi, e desejei mais que nenhuma outra coisa estar dizendo a verdade.

— Na realidade que não tenho ideia de quem era.

Fim

Considerações Finais

Nesta novela faço referência a algo chamado de Fundo da Agência de Informação. Por muito curioso que possa parecer, existe tal organismo. Agora, sei muito pouco desse Fundo, exceto o seu objetivo. Segundo entendi, não se conhece nenhum ato criminoso em relação a atividade de administrar os valores vinculados à Igreja estatal norueguesa.

Posso assegurar ao leitor que Finse 1222, o hotel onde se passa esta novela, segue lá, tão firme como as montanhas que o rodeiam. Tenho a impressão de que esse curiosamente inclinado e bonito edifício marrom ficará para a eternidade.

Quero agradecer por sua grande amabilidade a Merete Aarskog, Maren Skjelde e todas as demais pessoas de Finse 1222. Meu agradecimento mais caloroso aos meus familiares em Bergen, que nos transformaram em amigos de Finse. Um agradecimento especial a Hallgeir e Beate, Sara, Olemann e Philip, que com seu entusiasmo e generosidade permitiram a que pessoas costeiras como nós compreendessem sem dúvida que a vida na montanha tem muito a oferecer.

Ao menos tal como se vive em Finse!

Ferrocarril de Bergen, 28 de junho de 2007
Anne Holt

* * *